

Olimpíada  
DE LÍNGUA PORTUGUESA  
*Escrevendo o Futuro*

textos finalistas  
2016



Olimpíada  
DE LÍNGUA PORTUGUESA  
*Escrevendo o Futuro* 

textos finalistas  
2016

Parceria




Coordenação  
Técnica



Iniciativa



Ministério da  
Educação



Esta coletânea reúne os textos dos 152 alunos finalistas da edição 2016 da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.

Resultado da parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro foi fundamentada na metodologia, nas estratégias de atuação e na experiência das três edições do Programa Escrevendo o Futuro.

Com o objetivo de colaborar para a melhoria do ensino da leitura e da escrita, o Programa Escrevendo o Futuro desenvolveu, de 2002 a 2007, ações de formação continuada para professores das 4ª e 5ª séries da rede pública, a fim de orientá-los para a produção de textos dos alunos.

Em 2008, em sua primeira edição, a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro ampliou a participação para seis anos escolares e, a partir 2010, passou a trabalhar com professores e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, nas seguintes categorias:

- Poema (5º e 6º anos do Ensino Fundamental)
- Memórias literárias (7º e 8º anos do Ensino Fundamental)
- Crônica (9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio)
- Artigo de opinião (2º e 3º anos do Ensino Médio)



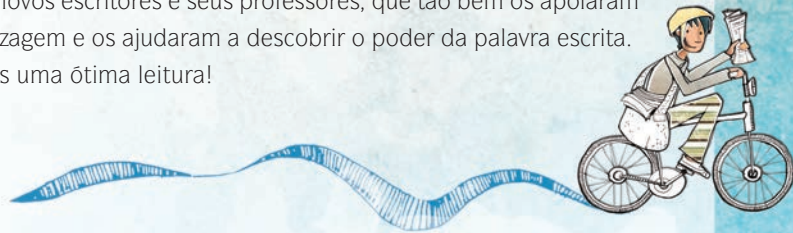
Para o ensino de cada gênero textual há um “Caderno do Professor”, acompanhado de Coletâneas de textos e de um CD-ROM que inclui a gravação de leituras em voz alta. Esse material compõe a “Coleção da Olimpíada”, enviada para as escolas públicas e disponível no Portal Escrevendo o Futuro <escrevendoofuturo.org.br> .

Com o objetivo de aprimorar o processo de ensino da escrita dos alunos, a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro oferece formação aos professores por meio de diversos recursos didáticos, de um ambiente virtual de aprendizagem (Portal), de cursos *on-line* e de encontros para a reflexão sobre as práticas educativas. Desse modo, pretende contribuir para uma prática pedagógica de melhor qualidade.

Valorizando a interação de crianças e jovens com os seus meios, a Olimpíada adota o tema “O lugar onde vivo”. Para escrever os textos, os alunos resgatam histórias, estreitam vínculos com suas comunidades e aprofundam o conhecimento sobre seus territórios. E isso contribui para o desenvolvimento da cidadania de todos.

Parabenizamos os novos escritores e seus professores, que tão bem os apoiaram no percurso de aprendizagem e os ajudaram a descobrir o poder da palavra escrita.

A todos, desejamos uma ótima leitura!



Nota: cada texto expressa a opinião de seu autor e não traduz a opinião dos realizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.



6

Poema

66

Memórias  
literárias



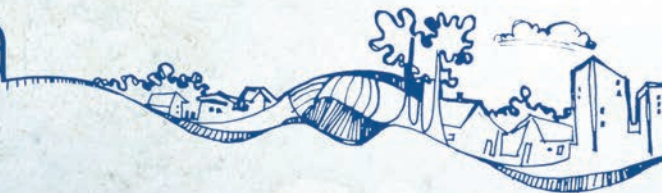
Crônica

146

Artigo de  
opinião

224

Poema





Os poemas que se encontram a seguir foram escritos por estudantes de 5º e 6º anos do Ensino Fundamental de diversos municípios do país, orientados por seus professores a se expressarem pela palavra escrita. Por semanas, em suas escolas, dedicaram-se a ler, ouvir e experimentar versos, encaixar rimas, criar ritmos, desenvolvendo atividades em que podiam analisar, selecionar e optar pelo som e sentido das palavras que queriam usar. Esses poemas ilustram sotaques, impressões, olhares e sensibilidades. Surgiram do gosto de brincar com as palavras e de construir textos que tinham por foco o lugar onde vivem. As crianças enfrentaram o desafio, transformando em linguagem poética o que vivem e observam. Por seu lado, os professores dedicaram-se ao estudo da Coleção da Olimpíada e, fundamentados em seus conhecimentos e experiência, encontraram os meios para incentivar e apoiar seus alunos nessa forma de escrever. Sinta-se, assim, leitor, convidado a imaginar cada rosto, cada voz e cada traço dos alunos-autores. Deixe-se encantar pelos textos! Essa será a melhor maneira de homenagear os jovens aprendizes e seus mestres.



# Poema

## Índice

- 10 Rio é ouro, é prata, é bronze! .....  
Aluno: Marcos Antonio Pereira Júnior
- 11 A triste canção da serra .....  
Aluna: Gabrielly Rocha Duarte
- 12 Canavial imaculado .....  
Aluna: Marielli Amorim Lima
- 14 Trinta e um dias de festa .....  
Aluna: Mayra Maria Alves da Silva
- 15 Tem gente que conta... .....  
Aluna: Ana Paula Martins de Paula
- 16 Marcas de um tempo .....  
Aluna: Mariele de Fatima Leszczynski Olenicz
- 18 Minha casa azul e rosa .....  
Aluna: Raquel Farias Glória
- 19 Dança sem fim .....  
Aluna: Laís de Novaes
- 20 Paraíso de verdade .....  
Aluna: Giseli Silva Andrade
- 21 As mil funções da Jabuticaba-Sabará! .....  
Aluna: Eduarda Duarte Viana
- 22 Sovaco da cobra .....  
Aluno: Angelo Raphael Albuquerque Ferreira
- 24 O gingado do Xixá .....  
Aluna: Gabrielle Lima e Silva
- 26 História preservada, natureza devastada .....  
Aluna: Ana Beatriz Vieira Batista
- 28 O mundo na terra das flores .....  
Aluna: Maria Clara da Silva Brito
- 30 Tico-tico, o cantador da minha terra .....  
Aluna: Ana Caroline Bonatto
- 32 Um pedacinho do céu .....  
Aluna: Hellen Gomes Apolinário
- 34 A valentia de um rio .....  
Aluno: Bruno Kawã Correia dos Santos
- 35 Minha vila é assim .....  
Aluna: Elisa Alves Falcão
- 36 Cidade de Ana .....  
Aluna: Ana Leticia Penha Gonçalves

- 38 Trem da saudade  
Aluna: Sandra Rosa dos Santos Pires
- 40 Escravo da liberdade  
Aluno: Vitor Lima Talgatti
- 42 Pitanga em versos  
Aluna: Millena Dzoba de Andrade
- 43 No terreiro lá de casa  
Aluna: Ingrid Bezerra Bessa
- 44 Guamá, pobre cidade rica!  
Aluna: Ana Catarina Pinheiro Montão
- 46 Gameleira resistente  
Aluna: Diana de Souza Pereira dos Santos
- 48 Meu lugar no mundo  
Aluno: Maykon Fernandes Spadari
- 50 Flor do Cariri  
Aluna: Gabrielle Alves Barbosa
- 51 Vida de pescador  
Aluna: Jucimara Silva Contreira Santos
- 52 Um lugar encantado no calor do semiárido  
Aluno: Gustavo Guerbet da Costa

- 54 Rabiscos e encantos  
Aluna: Yasmin Nentwig Komochena
- 56 A cidade mora em mim  
Aluno: Luiz Felipe Oliveira Salamargo
- 57 Da minha janela  
Aluna: Natália Godinho Amaral
- 58 O Paraíso das águas  
Aluna: Beatriz Româm Gouveia
- 59 O lar do meu agrado  
Aluno: Keven Santos de Araújo
- 60 No ponto das casinhas  
Aluna: Nicolly Ferreira Santos
- 62 Eta, distrito bom!  
Aluno: Anderson da Cruz de Souza
- 64 Um recanto de menino  
Aluno: Finelon Ferreira Figueiredo Neto
- 65 Alma sertaneja  
Aluna: Roseane de Brito Luz



## Rio é ouro, é prata, é bronze!

Aluno: Marcos Antonio Pereira Júnior

O lugar onde vivo  
É abençoado por Deus,  
E nas Olimpíadas  
Será também por Zeus.

No lugar onde vivo  
O morro do Corcovado  
É o Monte Olimpo.  
De lá, o Rio é mais bonito.

No lugar onde vivo  
Tem ouro a brilhar.  
O ouro é nosso Sol,  
Que a essa cidade vem iluminar.

No lugar onde vivo  
Tem a prata da Lua,  
Que se reflete no mar,  
E os cariocas vão admirar.

No lugar onde vivo  
O bronze é cor a conquistar,  
Nas peles das pessoas  
Através do sol e do mar.

O lugar onde vivo  
É ouro, é prata, é bronze!  
Nosso Rio é Olímpico,  
E eu o amo por isso!

O lugar onde vivo  
Vou sempre admirar.  
Espero que todos sintam  
A alegria que está no ar.

Professora: Isis Costa de Oliveira  
Escola: E. M. Tenente Góes Monteiro  
Rio de Janeiro (RJ)

# A triste canção da serra

Aluna: Gabrielly Rocha Duarte

A alegria de ser criança é  
a melhor coisa que há.  
Chamo os primos e os amigos  
pra brincar de piquear!

Brincando de amarelinha,  
pulando sem parar.  
Oito, nove, dez! Cheguei ao céu!  
É hora de voltar e ganhar.

Brincando na minha rua,  
junta tanta meninada!  
Coisa de bairro calmo,  
brincadeiras na calçada!

Coisa de bairro novo  
que agora está crescendo!  
E brincando é que se enturma  
e vai se reconhecendo!

Brincamos de ouvir histórias  
e causos de assombração.  
Isso torna arrepiantes  
as noites em Catalão.

Jogar beto e carimbada,  
soltar pipa lá no céu,  
a fila fica formada  
pra gente passar anel.

O pneu vira um balanço,  
a garrafa, uma bola.  
Brincamos de pega-pega,  
no caminho da escola.

Lá vem um redemoinho  
e nos transporta, como em Oz,  
pra mata dos pequizeiros  
que fica ao redor de nós!

As flores caem do ipê,  
são nossa estrada amarela.  
Brincamos de índio e bicho  
e corremos muito nela!

Mas eu tenho observado  
a mata diminuindo,  
o fogo tomando conta  
e os animais sumindo.

A fumaça já avisa  
que o cerrado está queimando!  
Vrumm! Vrumm!  
É a canção da serra elétrica  
desmatando!

Brincando, vi coisa triste:  
o cerrado acabar.  
Por que querem desmatar  
e destruir nosso lugar?

Serraram o cerrado!  
Serraram o meu lugar!  
Não vejo o lobo-guarã!  
Não vejo o tamanduá!

“Serra, serra, serrador,  
quantas tábuas já serrou?”  
Serraram o cerrado  
e a brincadeira se encerrou!

Professora: Vânia Rodrigues Ribeiro  
Escola: E. M. Nilda Margon Vaz  
Catalão(GO)

## Canavial imaculado

Aluna: Marielli Amorim Lima

Sente aí, meu caro leitor!  
Para os meus versos apreciar,  
É a história do meu povoado,  
Perdido na capital do Piauí.  
Começo com o som do facão,  
Que muito se ouve por aqui.

Tchap! Tchap! Tchap!  
Corta cana, tira cana,  
Eita vida cansativa!  
O sol que queima na testa,  
É pior que a dor e a fadiga.

Dia e noite, noite e dia,  
O que mais me chama a atenção:  
A labuta dos homens honestos,  
No seio da minha região.

Tchap! Tchap! Tchap!  
Corta cana, tira cana,  
Muito suor ainda vão derramar,  
Estes homens talvez não se importam,  
Precisam várias bocas alimentar.

Não é sempre que cortam cana,  
Não é sempre que tiram cana,  
São seis meses de fartura,  
E mais seis na amargura.

Seis meses comendo banquete,  
Seis meses vivendo de rapadura,  
Seis meses de barriga cheia,  
Seis meses com a fome dura.



Dia e noite, noite e dia,  
Vivenciando este sofrimento.  
Mas, quer saber? Eu assumo!  
Não canso de esse verde admirar,  
A imensidão desse canavial  
Que referencia o meu lugar.

Corre José! Esconde Mazê!  
É também lugar de brincadeiras.  
No canavial acontece de tudo,  
Não é palco só de tristezas.

Tem moça que lã se “adentra”,  
Para beijo do peão roubar.  
Tem até noivo escondido,  
Porque desistiu de casar.

Nesse canavial imaculado  
Tem até sonho de menino,  
De um dia a cana poder cortar.  
As gerações passam por ali,  
Não tem como escapar!

Em cada rua, em cada esquina,  
Tem sempre um beijo de despedida.  
O caminhão cedo buzina,  
E das casas surge o peão.  
“Tchau mulher”, “tchau meus filhos”.  
É mais um dia que se inicia.

**Professora: Cristiane Raquel Silvia Burlamaque Evangelista**  
**Escola: E. M. Campestre Norte – Teresina (PI)**

## Trinta e um dias de festa

Aluna: Mayra Maria Alves da Silva

É com muita satisfação  
Que apresento o meu lugar,  
Uma terra religiosa  
Onde adoro morar,  
Baixio, em Aracati,  
Estado do Ceará.

Dos doze meses do ano  
Aqui um é diferente,  
Eu falo do mês de Maio  
Que mexe com nossa gente,  
Trazendo os seus festejos  
Que deixam o povo contente.

Na abertura do mês  
O povo faz oração,  
Rezando a Nossa Senhora,  
Com a imagem em procissão,  
Por toda a comunidade  
Como manda a devoção.

Os moradores se organizam  
E preparam suas moradias,  
Para as noites de novenário  
Que acontecem todos os dias,  
Das crianças aos idosos  
A fê ali contagia.

Há missa na igreja  
E Primeira Eucaristia,  
O padre faz confissão  
O clima é de alegria,  
A nossa comunidade  
Fica toda em harmonia.

Temos para nossas mães  
Muitas comemorações,  
Os filhos emocionam  
Com belas apresentações,  
Homenagens que comovem  
Despertando emoções.

No dia 13 de Maio  
Tem festa tradicional,  
De Nossa Senhora de Fátima  
A padroeira local,  
Tem quermesse e comidas  
Nessa data especial.

Os jovens se movimentam  
Preparam coreografias,  
Figurino e teatro,  
Tudo para o grande dia:  
A noite da coroação,  
Em reverência a Maria.

Pro momento do evento  
Tudo é muito organizado,  
As crianças aparecem  
De anjinhos arrumadas,  
E o nosso interior  
É muito bem visitado.

A igreja é decorada  
Com linda ornamentação,  
Os fieis aplaudem em pé  
Cada apresentação.  
Degustam comidas gostosas  
E se divertem no leilão.

E assim nos despedimos  
Das nossas festividades,  
E esperamos mais um ano  
Para termos a felicidade  
De passarmos o mês em festa,  
Em nossa comunidade.

Professora: Ana Lourdes Ferreira de Almeida  
Escola: E. E. F. José Rocha Guimarães  
Aracati (CE)

# Tem gente que conta...

Aluna: Ana Paula Martins de Paula

Tem gente que conta...  
Que o nome da minha cidade  
Vem do pássaro biguã,  
O que me enche de serenidade.

Tem gente que conta...  
Que pra chegar até lá,  
No interior de Biguaçu,  
Temos que voar nas asas do biguã.

Tem gente que conta...  
Que há um cemitério

Embaixo da nossa igreja,  
Isso me tira do sério.

Tem gente que conta...  
Que um dia em Biguaçu  
Passava no meio da praça  
A extensa BR-101.

Tem gente que conta...  
Que na vila havia  
Pilares com alguma flor,  
Que durante a noite florescia.

Tem gente que conta...  
Que bem no meio da praça  
Havia uma biblioteca,  
Que coisa mais cheia de graça.

Tem gente que conta...  
Que dentro do casarão,  
Pessoas muito importantes  
Pisaram aquele chão.

Tem gente que conta...  
Que na praça passava um riacho,  
Foi coberto há muito tempo  
E ficou bem lá embaixo.

Tem gente que conta...  
Mas será que é verdade?  
De uma coisa eu tenho certeza:  
Biguaçu me traz muita felicidade.

Professora: Gisele Helena de Almeida  
Escola: E. E. B. Professor José Brasilício  
Biguaçu (SC)

## Marcas de um tempo

Aluna: Mariele de Fatima Leszczynski Olenicz

Convidei-me ao passado  
Abri um baú encostado,  
Dei asas ao pensamento.  
Num lugar de antigamente  
Vou saber daquela gente:  
Devagarinho fui chegando...  
Um rancho aqui, outro ali,  
Não cuidavam da hora,  
Nem sabiam do mundo lá fora.  
A saudade? Curava o tempo.  
Varria a solidão o vento.  
A lembrança era guardada,  
A alegria conservada.  
Viviam em rancho de costaneira,  
Nasciam com a parteira,  
E o remédio era da benzedeira.  
A luz naquele sertão  
Era da lua e do lampião.

Estradas e carreiros  
Feitos a machado e facão.  
Todos viviam no maior sacrifício,  
Sô da terra o ofício...  
Povo sem maldade, sem falsidade...  
No aconchego da noite adormeço.  
Atropelada pelo imprevisto  
Regresso ao presente.  
Abro a janela contente!  
“A manhã lava o rosto,  
Boceja o sol...”  
No lugar onde vivo,  
De tudo o que reví,  
Vejo ainda resquícios por aqui.  
Nativo daqui é o caboclo,  
Que em qualquer peleia dá o troco,  
Aguenta o repuxo.  
Sua casa é acolhedora e sem luxo.



Conta causo de cócoras, cospe no chão,  
Fuma palheiro... É bem maneiro!  
Aqui a tardinha é aquela algazarra:  
É da criançada fazendo farra.  
Pega-pega, amarelinha, dança... Tudo no chão.  
Viciados? Só no chimarrão.  
Enquanto com a cuia descansam,  
Nas crianças prestam atenção.  
Terra vermelha do milho, soja e feijão...  
Há ainda muita mata,  
Natureza farta.  
Se você for bem quietinho,  
Avista ainda passarinho  
Saboreando o araçá, o jarivã...  
Pouco mais pra lá o chuãã, chuãã...  
E das cachoeiras, despencando das pedreiras.  
Lá no pinheiro,  
Uma grande zoeira:

É a gralha azul,  
Bicando a pinha pra comer o pinhão.  
“Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiã;”  
Não sô no verso do poeta,  
Mas aqui ainda há.  
Quando chega a primavera  
Na mata e beira de estrada  
Cheiro, cores, flores...  
É uma pintura em aquarela!  
Do ontem, minha cidadezinha pouco prosperou,  
Mas quem aqui morou, gostou, aprovou...  
Caso você venha para cã,  
Não deixe de “chegã”.  
Não tem porteira, da rodovia fica na beira.

**Professora: Julieta Maria Cartelli Simon**  
**Escola: C. E. E. F. M. N. P. José de Anchieta**  
**Santa Maria do Oeste (PR)**

# Minha casa azul e rosa

Aluna: Raquel Farias Glória

Minha casa é de madeira  
Pintada de azul e rosa  
Ela é bonita, é faceira  
No Rio Negro é a mais vistosa

No lugar onde vivo,  
vivo com minha avó  
Seu passatempo preferido  
É jogar o dominó  
Mas não posso me esquecer  
De falar do meu avô  
Que sabe tudo da floresta  
Para mim ele é doutor

Das brincadeiras que mais gosto  
A melhor de todo o mundo  
É jogar a pedra n'água  
E ir buscar lâ no fundo

Muitas frutas encontramos  
Espalhadas por aqui  
Às margens do Rio Negro  
Eu desfruto o açaí  
Mas não posso esquecer  
Pois tenho que admitir  
A que eu mais aprecio  
É o delicioso buriti

Tudo isso acontece  
Na minha casa azul e rosa  
Não me canso de falar  
No Rio Negro é a mais vistosa  
De onde vejo o tucano  
E também o boto rosa

Professor: Jackson de Moraes Oliveira  
Escola: E. M. Bom Jesus – Manaus (AM)

# Dança sem fim

Aluna: Laís de Novaes

O vento assovia  
As canas escutam seu sinal  
E já começam a dança,  
A dança do canavial...

Cana ao redor das usinas  
Terra ao redor das casas  
Estradas cheias de carros  
Cinzas após as queimadas.

Nessa dança, há quem acorda  
com o canto do galo.  
Para crescer na vida,  
Segue seu rumo e tem seu lado.

Sua pele enrugada,  
Como a casca do limão,  
É sinal de que seu trabalho  
Rende pouco e sofre a mão.

Mesmo com todo esse cansaço  
Que carregamos no braço,  
A vida é feliz assim  
Porque somos de flor e aço.  
Da nossa doce cana  
Vem toda a energia  
Doce que anda e corre  
Pela cidade, nos contagia.

As nuvens chorando  
Nas verdes folhas da cana  
É alimento pra terra  
E reforço pra nossa gana.

E a dança continua...

As máquinas fazem barulho  
Dia e noite, noite e dia  
Braços cortam cana  
E comem boia fria.

Indústrias levam nosso açúcar  
Para todo lugar...  
O açúcar feito aqui, em Sertãozinho,  
Navega em alto-mar!

Professora: Fernanda Teixeira de Almeida Souza  
Escola: E. M. E. F. Professor José Negri  
Sertãozinho (SP)

## Paraíso de verdade

Aluna: Giseli Silva Andrade

Cidadezinha que me encanta  
Seu nome é Paraíso,  
Onde o sol ardente se levanta,  
Onde a Serra traz sorriso.

Neste lugar desde pequena  
Sou feliz e agradecida  
Pelas belezas naturais,  
Pelas histórias de vida,  
Pela serra, pelo córrego,  
Pela gente tão querida.

Queria voltar no tempo  
Para ainda contemplar  
Um pouco da paisagem  
Como só ouço contar,  
Uma serra toda verde  
Como um imenso pomar,  
Cheia de vida, cheia de brilho,  
Mas hoje o cinza toma o lugar.  
As queimadas vão destruindo  
Aos poucos vão se esvaindo  
As flores, os bichos...  
O verde fica a chorar.

O nosso Córrego Pernada  
Era lugar de diversão,  
Onde famílias inteiras  
Reuniam-se em comunhão.  
Vinham as lavadeiras,  
Pescadores de montão.  
Hoje é só a lembrança  
De uma paisagem modificada,  
A poluição e o progresso  
Daquilo deixou quase nada.

Mesmo assim sou feliz  
Em saber que minha cidade  
Guarda gente guerreira,  
Que sobrevive à maldade.  
Com olhar de esperança,  
Espera dias de bonança  
E de tranquilidade.

Minha serra, meu riacho,  
Referências de alegria.  
Águas sujas ainda lembram  
Toda aquela harmonia.

Estrondo, linda serra  
Mesmo com a devastação  
Continua imponente,  
Boa terra é o coração.  
E ao final de cada tarde,  
De lá se pode ver  
Toda a bela cidade  
Paraíso de verdade  
E o sol a adormecer.

Professora: Gilvânia Neiva Rocha Caldeira  
Escola: E. M. Irmã Julita  
Paraíso do Tocantins (TO)



# As mil funções da Jabuticaba-Sabará!

Aluna: Eduarda Duarte Viana

Blem, blem, blem!  
Assim acordo bem.  
As igrejas anunciam:  
– Já é dia!  
– Hora de acordar!  
Abro a janela do meu lugar.

Minha terra é Sabará  
“Pertin” de BH  
É Minas “uai”... É tão Gerais  
Terra da Jabuticaba-Sabará,  
Frutinha saborosa,  
Em versos, quero apresentar.

Das frutas da terra minha,  
A jabuticaba é a rainha.  
Das frutas da terra minha,  
A jabuticaba é a bruxinha.  
Dependendo das mãos,  
Mil funções exerce então!  
É magia nas mãos  
Da dona Flor,  
Faz doce, torta, licor,  
Tudo com muito amor!

É “dindin” na venda  
Do seu Zê  
Que usa jabuticaba  
Para fazer picolé!

É brincadeira de criança  
Ninguém se cansa  
Jabuticaba é bolinha  
A molecada fazendo guerrinha!

É comida de passarinho  
Pega a frutinha no pé  
Pega a frutinha no chão  
Meu Deus, é competição!

É festa em Sabará,  
Bem maneira, bem mineira .  
Tem bebida, tem comida,  
É “trem bom demais”!

Que proeza!  
Como pode?  
Uma fruta pequenina  
Ter tanta grandeza!

Blem, blem, blem!  
Assim durmo bem  
As igrejas anunciam:  
– Já é noite!  
– Hora de descansar!  
Fecho a janela,  
vou guardar Sabará.

Professora: Renata Juliana  
Silva Rocha Rosa  
Escola: E. M. Adão de Fátima  
Pereira – Sabará (MG)

## Sovaco da cobra

Aluno: Angelo Raphael Albuquerque Ferreira

Quem olha assim logo pensa  
Que é só mais uma invasão,  
Mas pra mim é um lugar  
De muita e muita diversão.

Esse lugar tem história,  
Que pra você vou contar.  
Quem me contou foi vovô,  
Morador antigo do lugar.

Meu avô Geô contou  
Que em 90 aqui chegou,  
Havia um igarapé de águas cristalinas  
Onde brincavam homens,  
mulheres, meninos e meninas.

As casas de madeira bem construídas,  
Pequenas, podia-se dizer,  
Mas abraçavam cada família  
Que nelas começavam a crescer.

Logo que aqui cheguei,  
Tomei um susto danado,  
Pois não acreditei no nome  
Com que o lugar foi batizado.


Quando pequeno pensava  
O porquê desse nome, então,  
Muitos riam de mim,  
Não entendiam a razão.

Deixei pra lá essa história  
E fui tratar de brincar,  
Conhecer um pouco de tudo  
Daquele divertido lugar.

Fui logo fazendo amigos.  
No meio da diversão,  
Brincávamos de muitas coisas,  
Só no igarapé que não.

Não era possível brincar,  
Nem hoje também é possível,  
Pois o igarapé do lugar  
Mais parece um depósito de lixo.

Hoje o que posso contar,  
Como morador do lugar,  
Que aqui sou muito feliz,  
Você pode acreditar.



E se em algum momento,  
Durante a leitura da obra,  
Você ficou curioso  
De por que Sovaco da Cobra.

Então leia as próximas estrofes  
Que você vai entender,  
Pois vou explicar direitinho  
Pra você não mais sofrer.

De início quero contar,  
Que se chamava oito de dezembro.  
Se tinha outros nomes antes,  
Não me contaram ou não lembro.

Rua José de Nogueira  
Foi o segundo nome dado,  
Esse é bem desconhecido,  
Bem difícil ser chamado.

Pra encurtar essa história  
E desenrolar essa corda  
O nome mais conhecido  
É mesmo Sovaco da Cobra.

Agora que você já sabe  
O nome da rua em que moro  
É esse: Sovaco da Cobra  
Lugar bonito que adoro.

Se pensar mais um pouquinho,  
Vai entender sopapo,  
Que cobra não tem axilas  
Nem tão pouco sovaco.

Então, comecei a entender  
Porque a chamam assim,  
Pois pra muitos não existe,  
Mas ela existe pra mim.

Pra finalizar essa história,  
Deixo aqui o meu recado  
Ame o lugar onde vive  
Seja lá como foi batizado.

Professora: Eliane da Silva Chaves  
Escola: E. E. Almirante Barroso  
Manaus (AM)

# O gingado do Xixá<sup>1</sup>

Aluna: Gabrielle Lima e Silva

São seis horas da manhã  
Amanhece em meu lugar  
De segunda a sexta-feira  
É preciso levantar.

Ladeira vai, ladeira vem  
Num eterno caminhar  
Por essas passarelas tão singelas,  
Percebo uma história singular.

Os chichás<sup>2</sup> que nos definem  
Estão por toda a parte  
Oh, como Deus é bom!  
Foi ele quem fez a arte.

Chichazeiro, árvore robusta  
De sombra graciosa e corpo elegante  
No outono suas folhas voam.  
Na primavera, as flores vibram  
como criança.

Como Xixá foi batizado  
Vilarejo tão pequenino!  
Esse foi o nome dado  
Uma brincadeira de menino.

Pra definir onde eu vivo  
Das feiras também vou falar  
Contar nestes meus versos  
Da cultura do meu lugar.  
A quinta-feira vem chegando  
É dia do pequeno produtor  
Tudo que o campo produz  
Ostentado com amor.

1. Xixá – primeiro nome da minha cidade.

2. Chichá – nome de árvore.

A “Feira da Lua”, na sexta, bajula  
Aos habitantes do Xixã  
O microfone anuncia:  
“É hora de comprar...”  
No palco ele apresenta  
A arte do meu lugar.

O domingo também tem feira  
O povo, pra lá e pra cá  
Tudo aquilo que faltou  
Pro almoço alegrar  
De linguiça a pê de porco  
As iguarias do Xixã.

São seis horas da manhã  
Amanhece em meu lugar  
De segunda a sexta-feira  
É preciso levantar...

**Professora: Fernanda Cristina Vieira**  
**Escola: C. E. José Pereira de Faria**  
**Itapuranga (GO)**





## História preservada, natureza devastada

Aluna: Ana Beatriz Vieira Batista

Minha terra não tem palmeiras  
Mas tem pássaros a cantar  
Os pássaros que aqui gorjeiam  
Em outras arvores vão pousar.

Quem visita minha terra  
Fauna e flora encontrará  
Exaltando a fauna brasileira  
O extinto Guataparã.

Destacando nossa flora  
Com elegância e beleza  
Abre alas a Avenida Jacarandã  
Representante da natureza.

Entre as celebridades  
Astuta e soberana  
Sempre de copas abertas  
A Rua Tipuanas.

A Rua Oleandros  
Tem beleza ornamental  
É como presente de grego  
Pois seu veneno é fatal.

Um aroma exala no ar  
Com perfume adocicado  
A Rua dos Jasmims  
Nos deixa aguçados.

No zumbido das abelhas  
Sempre aromática e estimulante  
A Rua dos Alecrins  
Se exalta por suas propriedades excitantes.

Ameaçada por sua nobreza  
E de uso medicinal  
A Rua das Cabreúvas  
Aromatiza minha terra natal.

Sempre linda e exuberante  
Símbolo nacional do país  
A Rua dos Ipês  
Está atrelada à minha raiz.

A Rua das Magnólias  
Lutou, relutou em vão  
A ganância humana  
Levou-a em extinção.

Nas minhas ruas  
Não há mais jasmims  
Nem magnólias, tipuanas  
Ipês, oleandros ou alecrins.

Tiraram nossas essências  
Acabaram com o aroma do ar  
Da fauna, poucas espécies sobraram  
Da flora, lembranças a preservar.

Nessa selva de pedras  
Só restaram as denominações  
Das ruas que retratam a história  
De lutas e glórias de sua nação.

Professora: Valdirene dos Santos  
Escola: E. M. E. F. Professora Andreia Sertori Sandrin  
Guatapar (SP)

## O mundo na terra das flores

Aluna: Maria Clara da Silva Brito

Florânia é um lugar pequeno  
Não há muito que se ver  
Mas pra falar a verdade  
Não vejo nas outras cidades  
O que aqui não possa ter

Florânia não tem um Cristo  
Em cima do Corcovado  
Mas tem um desses na praça  
Numa homenagem cheia de graça  
Ao saudoso Leonardo

Aqui também não tem  
A Basílica de Aparecida  
Mas tem um santuário  
Que guarda num relicário  
A Santa Menina querida

Nós não temos um relógio  
Famoso como o Big Ben  
Mas temos um na igreja  
Um dos únicos na redondeza  
E que marca as horas tão bem

Também não há uma torre  
Tão alta quanto a Eiffel  
Mas tem uma na igreja  
Que no topo com certeza  
Ficamos mais perto do céu

Na minha cidade não tem  
A festa do Senhor do Bonfim  
Tem a de São Sebastião  
Um santo de tradição  
Que nos livra do que é ruim

Não tem Palácio do Planalto  
Onde fica o presidente  
Mas há o Palácio das Flores  
Pintado com duas cores  
Onde fica o prefeito da gente

Não temos Museu do Louvre  
Com seu acervo gigante  
Mas tem a Casa de Cultura  
Que além da formosura  
Guarda um passado importante

Não temos Cecília Meireles  
Uma poetisa afamada  
Mas temos Gracinha Pereira  
Que faz verso de primeira  
E pelo povo é consagrada

Se eu for falar do que temos  
Lugar nenhum faz inveja  
Pois provo em um segundo  
Que o que tem pelo mundo  
Não falta em nossa terra

Professora: Judileide Silva Moraes  
Escola: E. M. Macaria Giffoni de Medeiros  
Florânia (RN)

## Tico-tico, o cantador da minha terra

Aluna: Ana Caroline Bonatto

Todo dia de manhãzinha  
Eu ouço um cantar suave,  
É meu despertador natural  
Toda tagarela, uma ave.

Abre o bico tico-tico  
O seu cantar contente  
Anuncia à vida do campo  
Que está na hora do batente.

O amanhecer aqui na roça  
É sempre uma grande festa  
Vaca... Porco... Galinha...  
Formam a grande orquestra.

Atrás de elegantes pinheiros  
Vejo o menino Sol surgir  
Curioso, para tudo enxergar  
E os verdes morros colorir.

O Jacutinga de águas ligeiras  
Serpenteia como uma cobra  
Casquinhos, jundiás, lambaris  
Fazem malabarismos de sobra.

Canta, canta tico-tico  
Avisa a toda criança  
Que está na hora do estudo  
E da polenta brustolada.

Lembra a toda gurizada  
Que depois podemos brincar  
Com bicicleta, bola, boneca  
E, também, na terra fofa rolar.

O agricultor prepara a terra  
Semeia... Semeia... A semente  
Milho... Trigo... Soja... Feijão  
Alimento de toda essa gente.



E nesse solo sagrado  
Tudo o que se planta cresce  
Com a água, o leite da terra,  
O nosso alimento floresce.

Tic, tic, canta, canta o tico-tico  
Nas ramas dos pés de frutas  
Jaboticaba, laranja, uva  
É o sabor da nossa luta.

A tarde dourada surge  
No verão calor demais  
Dá mais vida à natureza  
No verão com seu calor.

No frio e rigoroso inverno  
Saboreio um bom pinhão  
E ao lado do fogão a lenha  
Passa a roda do chimarrão.

Assim é Concórdia, 82 anos,  
A jovem senhora e gentil  
Destaque em qualidade de vida  
Localizada no sul do Brasil.

A noite é bordada de estrelas  
Algodão-doce voando no ar  
E a lua distante clareia  
Eu descanso no meu lar.

Fecha o bico tico-tico  
E encerra esse seu cantar  
Concórdia dorme segura  
A mão divina a nos abençoar.

**Professora: Helena Boff Zorzetto**  
Escola: E. B. M. Frei Cipriano Chardon  
Concórdia (SC)

## Um pedacinho do céu

Aluna: Hellen Gomes Apolinário

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
É o som das águas a te convidar,  
Para nessa cidade entrar...

Goioerê te nomearam,  
Águas claras, teu significado,  
Foram os caigangues que falaram  
Que assim seria batizado.

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
São as águas a te contar,  
O início desse lar...

Quando os pioneiros aqui chegaram,  
Só havia índios e mata fechada,  
Muitos animais caçaram:  
Paca, tatu e até onça pintada!

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
São as águas a prosperar,  
Com pessoas novas a chegar...

Por causa da terra produtiva,  
Muita gente atraiu,  
Tudo o que se planta cultiva  
E alimenta todo o Brasil.

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
São as águas a revelar  
O que nessa terra pode plantar...

Hortelã e café,  
Do algodão foi capital uma vez,  
Milho e soja até,  
Do trigo, talvez.

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
São as águas a gritar,  
O nome de falecidos...  
Que suas terras tiveram que deixar...

Algo mau, muito horrível,  
Ocorreu com uns pioneiros,  
Perderam suas terras, que terrível!  
Foram mortos pelos grileiros.

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
São as águas a te informar,  
Que juntos o povo começou a trabalhar...

Guerreiros e destemidos,  
Ruas, praças e casas construíram,  
Por todos ficaram queridos,  
E vossos desejos cumpriram!

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ...  
São as águas a te contar,  
Das pessoas que aqui vieram morar...

Essa cidade aumentou,  
Veio até gente de longe, para aqui habitar,  
E o povo daqui se multiplicou,  
Esse pedacinho de céu vamos sempre amar!

CHHHHUÁ, CHHHHUÁ, CHHHHUÁ..  
São as águas a te lembrar,  
Todas as dificuldades que ela já viu passar.

E hoje essa cidade,  
Se tem dificuldade,  
Sofre com dignidade,  
Pois sabe que está lutando  
Para seus filhos terem felicidade!

Professora: Andrieli Juremeira dos Santos  
Escola: C. E. E. F. M. P. Antonio Lacerda Braga  
Goioerê (PR)

## A valentia de um rio

Aluno: Bruno Kawã Correia dos Santos

Corre, corre  
Corre gente.  
Lá vem a água,  
A enchente...

Todo ano é assim  
No período chuvoso.  
Quando chove o rio sobe,  
Deixando o povo nervoso.

É só água escorrer,  
Para o Mundaú ficar valente.  
Dar cabeçada nas pedras,  
Levar tudo pela frente.

No momento de desespero  
Todos começam a gritar,  
Vendo a cidade alagada,  
Só Deus para nos ajudar!

Teve gente que perdeu casa,  
Todos os bens materiais.  
Mas a dor maior,  
É não ver os entes mais.

O cheiro da destruição  
Sempre atrai muita gente,  
A imprensa nacional  
Até mesmo o presidente.

A notícia se espalha  
E as doações vão chegando,  
Água, roupas e alimentos,  
Para os que estão precisando.

Com ajuda voluntária,  
Rio Largo vai se ajeitando.  
Uns com parentes e amigos,  
Outros na quadra se alojando.

Pois a vida continua,  
Temos que olhar para frente.  
A cidade é reconstruída,  
Mas a lembrança não sai da mente.

Chuã, chuã  
É só a goteira pingar,  
Que todos em desespero  
Começam a gritar.

Corre, corre  
Corre gente.  
Lá vem de novo  
A enchente...

Corre, corre...  
Corre, corre...

Professora: Maria Andreia dos Santos Silva Almeida  
Escola: E. M. E. F. Professora Rosineide  
Tereza Martins da Conceição – Rio Largo (AL)



# Minha vila é assim

Aluna: Elisa Alves Falcão

Vou contar uma história,  
Da minha vila emocionante,  
Que se chama Itaúnas,  
Um lugar lindo e brilhante.

Ela se localiza  
No Norte do Espírito Santo,  
Na cidade de Conceição da Barra,  
Que também tem seu encanto.

Minha vila tem muitas histórias,  
Mas só uma vou contar,  
Da antiga vila que foi soterrada,  
Que ficava entre o rio e o mar.

A areia foi trazida,  
Pelas asas do vento,  
Não veio de supetão,  
Demorou um bom tempo.

Dizem que foi praga,  
Ou dizem que foi o vento,  
Mas na verdade foi o homem,  
Que provocou o desmatamento.

A mata escondia a areia,  
Como nosso corpo esconde o coração,  
Protegendo a vila  
De tamanha destruição.

Do outro lado do rio,  
Uma nova vila surgiu,  
Trazendo lindas histórias,  
Encantando quem ouviu.

Itaúnas tem muitas riquezas,  
Tem a riqueza de amar,  
Tem o canto dos pássaros,  
E a beleza do mar.

Minha história não acaba aqui,  
Pela frente tem muito mais,  
Se você vier pra Itaúnas,  
Daqui você não sai jamais.

Professora: Eliane Cristina da Silva Fonseca  
Escola: E. M. E. F. Benônio Falcão de Gouveia  
Conceição da Barra (ES)

## Cidade de Ana

Aluna: Ana Leticia Penha Gonçalves

No meio do cerrado  
Perto do pequizeiro  
Perfume de mangaba  
Caminho de tropeiros.

Perto das gabiobas  
No meio das guarirobas  
A mula com a Santa Ana  
Resolveu parar a marcha.

Sinal de milagre  
A Santinha foi anunciar  
O nascimento de uma criança  
E o povoamento daquele lugar.

Lã vem Ana, Ana lã vem!  
Nhe nhe nhem, o choro de neném  
Da mama-cadela à singela capela  
Bela ela! Ela bela! À luz de vela!

O choro de Ana  
Melodia dessa gente  
Canção de conquista  
É uma pista  
De progresso potente.

O tempo passou...  
A Ana cresceu...  
E com ela o trem de ferro apareceu  
A locomotiva com vapores pipocantes  
Trouxe um montão de imigrantes.

Lã vem Ana, Ana lã vem!  
Flana para o oeste  
Viaja para o leste  
Anda para o norte  
Vaga para o sul  
Construindo maravilhas  
Debaixo do céu azul.

Lã vem Ana, Ana lã vem!  
Gosta da natureza  
Miquinhos no parque  
Ela preserva com certeza!

Lã vem Ana, Ana lã vem!  
Ana visionária!  
Ana centenária!  
Entre duas capitais!

Ana do futuro!  
Ana da logística!  
Ana que balança a saia.  
Não saia do DAIA,  
Nosso Distrito Agroindustrial.  
Fenomenal!

Ana orgulhosa  
Do seu cantinho contempla  
O tatu-bola  
A buzina do ônibus da escola.  
Desce um bocadinho  
A seriema! Pena, pena!  
O peão acena.  
Na indústria, depois da cerquinha  
A sirene grita, grita!  
O operário não faz fita  
Na cidade cosmopolita.

Lã está Ana, Ana na janela!  
Bela ela! Ela bela! À luz do sol!  
É como farol.  
Ilumina e encaminha.  
Ana das dores!  
Ana das flores!  
Ana de todos!

Professora: Patrícia Parreira da Silva  
Escola: E. M. Manoel Gonçalves Cruz  
Anápolis (GO)



# Trem da saudade

Aluna: Sandra Rosa dos Santos Pires

Piuiiĩ, Piuiiĩ... Lã vem o trem!

Piuiiĩ, Piuiiĩ... Lã vai o trem!

Olha sô que grande alegria, o trem chegou

Jã me trouxe companhia!

Todo mundo esperando na estação sorria

Era assim em Santana, minha cidade,

Onde isso acontecia.

Lã vai ele levando o homem em busca do pão,

Lã vem ele trazendo o minério preto em grão,

A esperança da criança de barriga vazia,

A fruta da feira no fim do dia

Tudo o trem satisfazia.

Piuiiĩ, Piuiiĩ... Lã vem o trem!

Piuiiĩ, Piuiiĩ... Lã vai o trem!

Os dentes do trilho tremiam, mas o apito chegava primeiro  
Corriam as crianças, ninguém queria ser o “derradeiro”!  
“será que meu amor veio?” Na estação todos os sonhos serenos  
Lá vai o trem e o coração ao meio.

Até que um dia, minha cidade foi entristecendo  
Não se ouvia mais o apito do trem o horizonte varrendo!  
Teria acabado a alegria, a melodia, a mais bela sinfonia?  
Deu no jornal, o trem se calou, o grão preto acabou...

Lá foi o trem e nunca mais voltou  
Não ligou para quem sua fome não matou,  
Se a notícia da filha não chegou,  
Se a esperança consigo levou.

Piuuuii, o trem partiu e só saudade deixou...

Professora: Gracimone do Socorro dos Santos Braga  
Escola: E. M. Piauí – Santana (AP)

# Escravo da liberdade

Aluno: Vitor Lima Talgatti

O escravo muito sofreu  
Antes da abolição  
Vivia sem liberdade  
Na época da escravidão

Buscando refúgio  
O quilombo surgiu  
Para abrigar o preso  
Que da senzala fugiu

Plaft plaft plaft  
O chicote cantou  
O pobre escravo com dor  
O seu corpo encurvou

Em nossa comunidade  
Fomos agraciados  
Há o quilombo “Os Pretos”  
Como são denominados

Conforme relatos do povo  
Tertuliano este quilombo fundou  
Era domador de cavalos  
E nisso se aperfeiçoou

Tertuliano dividiu os lotes  
Da Colônia Nova, em Terenos  
Às margens do rio Piraputanga  
Escolheu o seu terreno

Terto e Canuta  
Primos que se apaixonaram  
Na década de 30  
O matrimônio oficializaram

Sua residência, Chácara São Miguel  
Referência pela hospitalidade  
Era ponto final da jardineira  
Dentro da comunidade

Canuta, tecia algodão no tear  
Conhecia ervas medicinais  
Ganhou afilhados como parteira  
Tornou-se comadre de muitos casais

Na chácara onde moravam  
Construiu-se a Casa de Oração  
Chamada Vovó Canuta  
Deu início à Associação

Em outubro de 2005  
A Fundação Palmares reconheceu  
Os Pretos comunidade  
E o quilombo fortaleceu

O nome Os Pretos  
Não é preconceituoso  
Surgiu nos jogos de futebol  
Pra eles soa garboso

A prática desse esporte  
Virou uma tradição  
Todo ano se reúnem  
É o torneio da união

Plaft plaft plaft  
O chicote não mais cantou  
O ex-escravo se deu conta  
Da liberdade que tanto lutou.

Professora: Aline dos Santos Teixeira da Costa  
Escola: E. M. Antonio Sandim de Rezende  
Terenos (MS)

## Pitanga em versos

Aluna: Millena Dzoba de Andrade

Minha cidade tem pinheiros  
Que da semente vem o pinhão  
No frio anima a conversa  
Quentinho na chapa do fogão.

A mãe natureza por aqui  
Passeia bonita, bela e formosa  
Nos presenteou com cachoeira  
Para nós foi muito generosa.

No inverno tem geadas  
Que faz a grama congelada ficar  
Na primavera tem ipê-amarelo  
Que os olhos engordam de olhar.

Por aqui já passaram tropeiros  
Deixando o seu rastro e tradição  
Deles herdamos na panela  
A quixerada e o virado de feijão.

“Qué comprá balaio, compadre?”  
Bate o índio no portão  
Vendendo o suor do seu rosto  
Pois hoje, isto, é seu ganha pão.

“Oia lá o jacu do mato”  
É o pitanguense a prosear  
O chimarrão alegre passa  
Embalando o conversar.

Aqui sempre é costume  
Depois da missa na matriz  
Jogar conversa fora  
Na praça em volta do chafariz.

Pela manhã acordo cedo  
Trim...Trim...Trim... toca o despertador  
É mais um dia meu  
No lugar que escolhi com amor.

No centro do Paraná  
O céu vai encontrar  
Pitanga é bela e privilegiada  
É fruto doce de saborear.

Bonita e aconchegante  
Pitanga é assim  
Lugar de povo hospitaleiro  
Ela é tudo para mim.

Professora: Tânia Mara Gabriel de Oliveira Costa  
Escola: C. E. Dom Pedro I – Pitanga (PR)

# No terreiro lá de casa

Aluna: Ingrid Bezerra Bessa

No terreiro lá de casa  
eu aprendi a brincar  
de pés descalços no chão  
sem medo de me sujar  
e não troco o meu pião  
por um belo celular.

No terreiro lá de casa  
tem todo tipo de flor  
que intê na seca braba  
resiste a qualquer calor  
pois são plantadas com fé  
e regadas com amor.

No terreiro lá de casa  
tem o calor do sol quente  
a lua que ilumina  
a chuva que molha a gente  
e até nos tempos de seca  
nosso povo segue em frente.

No terreiro lá de casa  
digo: Oi, dona Maria!  
dou com a mão a seu Zé  
que responde com alegria  
oi pra lá e oi pra cá  
pense numa simpatia!

No terreiro lá de casa  
pulo corda e jogo bola  
e quando a fome aperta  
tem tareco e mariola  
brinco lá a tarde toda  
de manhã vou pra escola.

No terreiro lá de casa  
a vida é muito mais bela  
nem precisa ser modelo  
brilhando em passarela  
aqui qualquer um desfila  
o povo é quem brilha nela.

No terreiro lá de casa  
eu brinco de ser criança  
para sempre vou recordar  
cada dia na lembrança  
pros meus dias no futuro  
serem cheios de esperança.

No terreiro lá de casa  
também sou um aprendiz  
lá eu caio e lá levanto  
e carrego a cicatriz  
serão marcas da infância  
de alguém que foi feliz.

Professora: Sílvia Patrícia da Costa Oliveira  
Escola: E. M. E. F. Cazuya Bezerra  
Alto Santo (CE)

## Guamá, pobre cidade rica!

Aluna: Ana Catarina Pinheiro Montão

Às margens do Rio Guamã,  
No Estado do Pará  
Repousa a Terra do Tijolo,  
Nossa São Miguel do Guamã.

Este lugar muito explorado,  
Com riquezas próximas ao fim.  
Aqui temos seixo,  
Argila e caulim.

Minha cidade é pequena,  
Cabe na palma da mão.  
O que temos de grande  
É a atroz degradação.

Devemos nos unir,  
Cuidar deste chão.  
A natureza precisa de respeito,  
Carinho e atenção.

Este solo rico e abençoado,  
Com a exploração desmedida  
No seio desta terra querida.

De minha janela, triste observo  
O comboio que vai passando  
Dentro de caminhões e caçambas  
Nossos minérios vão levando.

A riqueza está indo embora,  
As crateras vão ficar.  
O que é isso meu povo amado!  
Tã na hora de acordar!



Que mundo nós queremos  
Para os filhos do Guamã?  
Escutai a voz da natureza  
Que vive a lamentar.

Clama e grita a sociedade  
Protegei meu solo sagrado  
Guardai o tempo e o povo  
Deste lugar tão amado.

Mãe Natureza, Mãe do Guamã.  
Geme de tristeza, vive a amargar.  
Sangrando no peito e na alma,  
Chora... Grita, a vida vai acabar.

Com fauna e flora destruídas,  
Fome e desventura hão de chegar.  
Grita em silêncio, pede socorro,  
Mas a quem vamos reclamar?

Ao homem?... Ah! O homem,  
Cheio de arrogância e vaidade.  
Dotado de sentimentos roucos e mudos  
Vai destruindo minha cidade.

Guamã, pobre cidade rica,  
Homens “traças” no poder  
Natureza agredida e sem qualidade de vida  
Como irei sobreviver?

Professora: Jandira Cristo dos Santos  
Escola: E. M. E. F. Raimunda de Oliveira Machado  
São Miguel do Guamã (PA)

## Gameleira resistente

Aluna: Diana de Souza Pereira dos Santos

Um canto bem escondido...  
A labuta aqui não é brincadeira,  
Perto do Beiju Molhado,  
Fica o Córrego da Gameleira.

Lugar de gente simples  
Que vive de plantação,  
Tem joelhos sofridos  
De tanto fazer oração.

O trabalho de catorze famílias,  
Agricultura de subsistência.  
Enfrentando uma estiagem,  
Gameleira tem resistência.

Cultivamos mandioca,  
Pimenta-malagueta,  
Pimenta-“biquim”,  
Pimenta-de-bode.  
Para enfrentar o mau-olhado,  
Um pé de comigo-ninguém-pode.

A pouca chuva aqui  
Tem abalado nossa fé,  
A represa quase seca  
Desabrigou tilápia e tucunaré.

Diminui a quantidade de água  
Prejudicou a lavoura de café.  
Na reserva ainda resta:  
Traíra, piaba e beré.

A terra rachando,  
Consequência da erosão,  
Mudando a paisagem;  
Lembrando o sertão.

Um forte sentimento  
Aperta meu coração,  
Chorei um rio de lágrimas,  
Adeus, minha lavoura de feijão!

Com tanto descontrole do clima  
Tio Carlos muda de profissão,  
No período de vacas gordas é vaqueiro,  
Na seca se torna pedreiro.

Ao grandioso eu quero pedir  
Pra mais vezes chover.  
Tenho esperança que a nossa represa,  
Novamente possa encher.

O verde de horta ressurgirá  
A orquídea e a margarida vão florir.  
As famílias da Gameleira,  
De novo voltarão a sorrir.

Dificuldade não derruba nosso povo.  
Apesar da pouca experiência,  
Sinto cada vez mais:  
Meu lugar tem essência!

Essência da beleza e da esperteza do sofrê,  
O aroma do jasmim,  
O canário cantando pra mim.

Professora: Noelma Nascimento Pinheiro  
Escola: E. E. E. F. M. Professor Elpidio Campos de Oliveira  
Montanha (ES)

# Meu lugar no mundo

Aluno: Maykon Fernandes Spadari

O Sol se espreguiça,  
Estica seus longos braços dourados  
Sobre o meu pequeno distrito,  
Insinuando com seu luminoso sorriso:  
– Schmitt<sup>1</sup>, você é tudo que eu preciso.

Bem lá de longe...  
Café com pão, Café com pão...  
O trem vem chegando,  
Acordando a população.

E, nessa bela orquestra,  
Blim-blém, Blim-blém...  
O sino da igreja se manifesta.  
Essa é nossa rotina:  
Despertamos, estamos em festa.

Inspiro o cheiro da manhã.  
Sol, trem, sino.  
É hora de aproveitar  
Minha vida, meu destino.

Abro a janela.  
O movimento na rua me detêm:  
Pessoas pra lá e pra cá.  
É o maior vaivém.


Agradeço imensamente  
Pela vida, por cada momento...  
Por poder vivenciar  
Todo esse encantamento.

Olho a praça, logo ali:  
Os bancos, a igreja, o jardim...  
Ela parece me chamar:  
– Venha, menino! Venha comigo brincar!

Saio correndo, admirado,  
Meus amigos a me esperar.  
Pega-pega, pique-esconde, futebol...  
Somos livres, como pipas no ar.

Aqui a vida é tão doce,  
Sinto o perfume no ar.  
Fuôôô...  
A sirene indica,  
As docerias estão a fabricar.

1. Engenheiro Schmitt – Distrito de São José do Rio Preto (SP)



Meio-dia: Blim-blém, Blim-blém...  
Corro para casa almoçar,  
É hora do banho também!  
Vou pra escola estudar.

Amigos, colegas, professores...  
Aulas, risadas, amores...  
Uóóó...  
O tempo passa apressado,  
Acabou, estamos dispensados.

O Sol vai desfazendo seu abraço.  
Blim-blém, Blim-blém...  
O sino da igreja anuncia:  
– É hora da Ave-Maria!

Caminho pra casa animado,  
O dia não terminou.  
Tenho tarefa pra fazer  
E muita coisa pra ler.

Vestida de prata,  
A Lua desponta...  
Por um minuto, com o Sol se encontra.  
Os dois se põem a dançar,  
Convidando cada estrela a brilhar...

Café com pão, Café com pão...  
Lá vem o trem...  
Trazendo a escuridão.  
Desacelerando meu coração.

É hora de deitar  
E eu rezo:  
– Senhor, obrigado pelo meu lar!  
Ainda que eu queira viajar  
E pelos mares navegar,  
Eu te rogo, meu Deus,  
Não permita que eu morra,  
Sem que eu volte para cá,  
Porque, nesse mundo, Senhor,  
Aqui é o meu lugar.

Professora: Márcia Nalu Pimenta de Andrade  
Escola: E. E. Padre Clemente Marton Segura  
São José do Rio Preto (SP)

## Flor do Cariri

Aluna: Gabrielle Alves Barbosa

Começo a fazer um repente  
em poesia popular  
não sinto dificuldade  
nas palavras que vou usar  
nesse ritmo gostoso  
apresento o meu lugar.

O lugar onde vivo  
às vezes me deixa perdida  
de um lado Pernambuco  
e de outro é Paraíba.

O português aqui presente  
forma o dialeto engraçado  
tem gente que fala de tudo  
é gíria pra tudo que é lado  
isso é a linguagem típica  
de fronteira de Estados.

Quando há uma confusão  
em Pernambuco houve uma  
“arenga”  
na Paraíba um “muido”  
um falar tão gostoso  
do meu povo tão querido.

Serra dos Cariris Velhos  
umbu, fruto típico da região  
deu origem a seu nome  
com muita apreciação  
Umbuzeiro cidade linda  
que enche meu coração.

Terra de grandes heróis  
isso não posso negar  
berço de Assis Chateaubriand  
que a comunicação fez brilhar.

Falando em brilhantismo  
outra estrela varonil  
doutor Epiácio Pessoa  
foi presidente do Brasil  
governo republicano  
umbuzeirense paraibano  
foi um homem tão gentil.

Não posso deixar de lado  
outro filho daqui também  
João Pessoa no passado  
procurou fazer o bem.  
como herói da nossa história  
isso não “NEGO” a ninguém.

Meu Umbuzeiro histórico  
muito belo e formidável  
do Planalto da Borborema  
e do clima semiárido.  
Com montanhas gigantescas  
erguidas em pleno ar  
paisagem de rara beleza  
que não canso de olhar  
541 metros de altitude  
Isso a nível do mar.

Na Estação Experimental  
empresa de gado leiteiro  
raça Gir especial  
e é daqui de Umbuzeiro  
responsável pela formação  
dos rebanhos da região  
e de outros Estados brasileiros.

Chego agora à conclusão  
não corro nenhum perigo  
que a Flor do Cariri  
é o lugar onde vivo.

Professora: Everalda Cabral Barreto  
Escola: E. M. Almirante Antonio Heraclio  
do Rego – Orobó (PE)

# Vida de pescador

Aluna: Jucimara Silva Contreira Santos

Vida de pescador não é fácil  
O Sol ainda está dormindo  
Quando começa a labuta  
Só quem vive da pesca  
Conhece bem essa luta.

Vida de pescador não é fácil  
Não é fácil não senhor  
Rema, rema, remador  
Pede ajuda a São Pedro  
O seu santo protetor.

Vida de pescador não é fácil  
Abandona a escola cedo  
Casa-se com a vizinha  
Mora num barraco apertado  
Feito lata de sardinha.

Vida de pescador não é fácil  
Chega a época do defeso  
É proibido pescar  
Para receber o benefício  
Tem que se cadastrar.

Vida de pescador não é fácil  
Marê enche, marê seca  
O relógio marca meio-dia  
Se o peixe não chegar  
A barriga fica vazia.

Vida de pescador não é fácil  
Tem que ter braços fortes  
E muita paciência  
As rugas desenham no rosto  
O mapa da experiência.

Vida de pescador não é fácil  
O balanço da canoa  
Para ele é um alento  
O sustento da família  
O seu único pensamento.

Vida de pescador não é fácil  
Ao chegar em casa cansado  
Descanso ele não tem  
Já é hora de voltar  
Vive nesse vaivém.

Vida de pescador não é fácil  
Não é fácil mesmo não  
Depois de tanto sacrifício  
A mercadoria é vendida  
Por qualquer tostão.

Aqui na minha terra  
Pescaria não é passatempo  
Não tem limite de idade  
Pescam velhos e crianças  
Depende da necessidade.

Quem nasce em São Cristóvão  
Não tem para onde correr  
Seu destino está traçado  
Se não tiver profissão  
É da maré que vai viver.

Professora: Irani dos Santos Carvalho  
Escola: E. E. Padre Gaspar Lourenço  
São Cristóvão (SE)

# Um lugar encantado no calor do semiárido

Aluno: Gustavo Guerbet da Costa

No Rio Grande do Norte,  
Ela está localizada:  
Mossoró é muito linda!  
É minha cidade amada!

De um povo trabalhador,  
Que vive sempre contente  
E traz no seu suor  
A esperança de muita gente.

Seu encontro com a natureza,  
Deus não se fez poupar,  
Mesmo com as dificuldades  
Ela está sempre a brilhar.

O clima é o semiárido,  
Clima seco e quente,  
Em nossas veias corre  
Um sangue muito fervente!

No pingo do meio-dia,  
O Sol é escaldante,  
Mostrando para toda gente  
Que sua luz é importante.

Rodeada pela caatinga,  
Nossa bela vegetação,  
É tanta beleza exótica  
Que atrai meu coração!

Cidade de fauna linda  
E exuberante flora também,  
Mas todos têm que cuidar  
Da bela cidade que têm!

De belezas naturais  
Mossoró foi presenteada,  
Seu parque municipal  
Embeleza a terra amada.

Tem o sal e o petróleo  
E muitas outras belezas,  
Pois Mossoró é gigante  
Diante de suas riquezas.



O Rio Mossoró  
Está muito poluído,  
Mas também é um lugar  
Que é muito conhecido.

Por amor à natureza,  
Do rio devemos cuidar,  
Pois limpo ele pode  
A muita gente encantar.

Aqui não temos praias,  
Mas um teatro municipal,  
Que é mais interessante:  
É uma atração cultural.

Aqui na nossa cidade  
Lampião também passou  
Mas derrotado, se deu mal,  
E nunca mais voltou.

Essa história é contada  
Por muitos de seus habitantes  
Que com orgulho exaltam  
Suas bravuras gigantes.

Cidade de povo valente  
Que mostra o acontecido  
No seu lindo Memorial,  
Com as imagens dos destemidos.

A bravura desse povo  
É característica marcante:  
“Cidade Libertadora”  
É o seu título radiante.

Temos um mar de cultura:  
É o corredor cultural.  
Diversão todos encontram,  
Para melhorar o astral

O que tem na minha cidade  
Nenhum lugar tem igual,  
Pois viver neste lugar  
É muito mais que genial.

Professora: Maria Elisabete Fernandes da Silva  
Escola: E. E. Disneylândia – Mossoró (RN)

## Rabiscos e encantos

Aluna: Yasmin Nentwig Komocheda

Pego meu lápis  
Numa folha risco,  
Traço,  
A história e encantos  
Do meu lugar!  
Vem comigo!  
Vou lhe mostrar.

Escute:  
Toc... Toc... Toc...  
Passavam mulas  
Numa peleja ligeira,  
Eia... Eia... Eia...  
Gritavam tropeiros.

Outra folha, novo risco,  
Novo traço.

Espie:  
Araucárias altas, exuberantes!  
Viravam casas,  
Abrigando imigrantes.

Folha nova, risco novo,  
Traço novo,  
Novo tempo.

Veja:  
Chuã... Chuã... Chuã...  
Na divisa do Paraná  
O rio de água negra e tagarela  
Embalando bagres e lambaris,  
Traíras e mandis!

Mais uma folha,  
Rabisco  
Com mais capricho!

Olhe:

No alto da colina  
Onde o céu quase termina,  
Como diáfana cortina  
Ao sol poente,  
Parece um castelo que espia,  
Vigia  
Rio Negro e sua gente!

Venha,  
Me dê sua mão,  
Vamos passear  
Neste precioso lugar:  
Seminário Seráfico São Luiz de  
Tolosa,  
Um parque ecológico todo prosa!

Ouçã:

Psui! Silêncio! Não assuste!  
Gambá de orelha branca,  
Tatu-galinha, cachorro-do-mato,  
Irara e capivara.  
Ratão-do-banhado  
Nos espreita apavorado!

Repare:

Tem mais bichos ali!  
Serelepe corre ligeiro,  
Bugio pula matreiro,  
Fugiu veado catingueiro!

Leia:

Nas folhas do chão,  
Se é inverno ou verão!  
Antes que o vento,  
Menino travesso,  
Vire cedro no avesso!

Corro meu lápis,  
Ainda há tantas folhas em branco,  
Tantos traços pra rabiscar!  
Tantos desenhos a fazer  
Para você apreciar:  
Minha vida, minha história,  
E encantos do meu lugar!

Professora: Juliana Wilczek de Oliveira  
Escola: E. E. F. Inácio Schelbauer  
Rio Negro (PR)

## A cidade mora em mim

Aluno: Luiz Felipe Oliveira Salamargo

A cidadela encantada  
Que de pequena, tem nada  
É enorme nas emoções

Corre nela um grande rio  
Rio manso, rio riso  
Alagando corações

Tem em si algo especial  
Algo que só ela tem  
Alegria acolhedora:  
Sua virtude principal

Acolheu Minas Gerais  
Que buscava trabalho e paz  
E o esforço valeu a pena  
Hoje é forte, grande e plena

Sou feliz em ser daqui!  
Um lugar tão importante  
Com seu aço imponente  
Esculpe histórias sem fim  
Mas não moro na cidade,  
A cidade mora em mim!

Professora: Tânia Maria Machado Bentes  
Escola: C. M. Professora Delce Horta Delgado – Volta Redonda (RJ)

# Da minha janela

Aluna: Natália Godinho Amaral

Abro a janela do tempo  
Vejo o meu aconchego  
Ainda ontem uma criança  
Toda cheia de anseios  
De latas d'água na cabeça  
De pés descalços no terreiro.

Abro a janela do tempo  
E o que vejo é uma menina  
Já crescida, menina-moça  
Sedutora, toda linda  
Transformou-se numa joia  
Joia rara, Turmalina.

Abro a janela do meu quarto  
Vejo rendas e bordados,  
Janelas vizinhas com cortinas  
Todas feitas de retalhos  
Fazem contraste com o meio-fio  
Branquinho de cal pintado.

Abro a janela do meu quarto  
Há namoradeiras na varanda  
São elas as bonecas de barro  
Debruçadas ou de mãos na cintura  
Espiondo o tempo, a cidade,  
Com toda a sua formosura.

Queria abrir minha janela  
E sentir as manhãs perfumadas  
Mas... Por aqui as carvoarias  
Têm deixado sô fumaça.  
É o progresso que cobre  
Os sorrisos pelas praças.

Abro agora minha janela  
Para te desejar, jovem amada,  
Que seu futuro se desenhe lindo.  
Voe livre no tempo, crie asas!  
Terra de uma “turma linda”  
Turmalina, minha casa.

Professor: Marcone Mendes da Conceição  
Escola: E. E. Lauro Machado – Turmalina (MG)

## O Paraíso das águas

Aluna: Beatriz Romám Gouveia

O Paraíso das águas  
é um lugar cheio de perfeição.  
Onde corre um riacho de águas cristalinas  
emoldurando as belezas da região.

O bom de viver aqui!  
É acordar com o gorjeio dos passarinhos  
ouvindo de longe  
o desconfiado sabiã  
deixando o ninho.

Estrada de terra vermelha  
rodeada de bela paisagem  
com suas árvores frondosas  
a eles prestando homenagem.

E a velha bica de madeira  
que jorra com força água no chão  
assimilando em seu jorrar  
o pulsar de um coração.

Velha bica de madeira  
sinuosa qual uma serpente!  
Feita para a água passar  
tão depressa... De repente.

Ela vai me iludindo  
com um suave barulhinho.  
E o seu destino final  
é ir traçando seu caminho.

Quantos peixes!  
Quantas águas!  
Quão sublime a natureza!  
Que andam em harmonia  
nesta perfeita beleza.

E na casinha branca que tem ao seu redor  
uma beleza contagiante  
como o canto do rouxinol.

Lugar de alegrias!  
Permeados de amor  
“Paraíso das águas”  
É um lugar encantador!

Professora: Joelma Luiz Rossales  
Escola: E. M. E. F. José Bonifácio – Bandeirantes (MS)

# O lar do meu agrado

Aluno: Keven Santos de Araújo

Cheio de encantos  
Rios, árvores, paz no coração  
E para enfeitar o povoado  
Esplendorosos pés de São-João

Belezas irrefutáveis,  
Melhor lugar não há  
Entrelaçado em Palmeiras  
É na Bahia que ele está

Próximo ao Morro do Pai Inácio  
Possui uma vista exuberante  
Podemos considerar então  
Um verdadeiro diamante

Do Morro do Pai Inácio  
Posso ver o meu lugar  
É uma vista mágica  
Que tem o dom de encantar

Ah como é bom  
Falar desse lugar  
Que com sua força  
Foi fácil me inspirar

Ouvi um dia um poeta  
Dizer apaixonado  
Cada vez que aqui retorno  
Mais aumenta o meu agrado

E assim ele dizia  
“Aqui possuímos afeto”  
E é por tudo isso  
Que todos sentem essa paixão  
Pelo meu querido lar  
Que se chama Campos de São João.

Professora: Adriana Teixeira Brandão  
Escola: E. M. de 1º Grau de Campos de São João  
Palmeiras (BA)

## No ponto das casinhas

Aluna: Nicolly Ferreira Santos

Vivo num lugar descrito pela moradia vertical.  
Em meio aos prédios mil, alguns cor de anil,  
Vivo no ponto das casinhas, no meu Brasil.

No ponto das casinhas tem de tudo um pouco  
E tem um pouco de tudo.  
Tem um vira-lata que quase nunca late.  
Mas quando eu bebo chocolate...


Tem um povo bem alegre  
Que adora dançar um reggae.  
Tem um baile chamado “Pancadão”  
Onde garotas rebolam e rebolam até o chão.

No ponto das casinhas  
Tenho muitas vizinhas.  
Algumas são caladas e bem trabalhadeiras.  
Outras falam demais e são tão fofaqueiras!

No ponto das casinhas, neste Conjunto Habitacional  
Tem muita gente, tem até gente internacional.  
Tem boliviano e tem nigeriano  
Que aqui chegam todo ano.

Essa gente ama comprar fruta na feira.  
No sábado só falta comprar a banca inteira!  
Fala uma língua esquisita,  
Mas alguém entende: é a dona Carmenzita.





No ponto das casinhas  
Tem deliciosas cocadinhas.  
São feitas por uma linda baiana  
Bem alegre e bem bacana.

No ponto das casinhas  
Tem muitas mocinhas.  
Elas gostam do sorvete sabor melão.  
Deste só na Rua Apóstolo João.

No ponto das casinhas  
Tem nossas vovozinhas.  
Elas oram com muita fé  
Na igreja da Rua Apóstolo André.

No ponto das casinhas  
As moradias são bem juntinhas.  
O cheiro do cozido se une ao do assado  
Bem na Rua Apóstolo Tiago.

No ponto das casinhas viver é sensacional,  
Pois vivo num enorme Conjunto Habitacional.  
Vivo em São Paulo, na região que mais cresce.  
Vivo no meio de tanta gente, no extremo da Zona Leste.

Amo viver na Cidade Tiradentes, bem no ponto das casinhas.  
Amo viver na Cidade Tiradentes, onde tem dessas coisinhas.  
Onde tem de tudo um pouco...  
Onde tem um pouco de tudo...

Professora: Inês Silva Dias dos Santos  
Escola: E. E. Fulvio Abramo – São Paulo (SP)

## Eta, distrito bom!

Aluno: Anderson da Cruz de Souza

Tem dia tão quente como fogo no oriente  
Há praça, há feira e pessoa que vende pê de bananeira  
Tem rua varrida, pessoa colorida e gente bem-vestida  
Tem carro que corre como foguete e garoto fera no *skate*.

No almoço, carne de boi, feijão na panela e arroz da Isabela  
E, de manhãzinha, tem pão com mortadela  
Na minha rua tem a vizinha encrenqueira e a moça rueira  
O moço cantor que tem um tambor.

A velhinha doente que mora de frente  
O menino carente que gosta de tridente.  
Tem matagal e bebezinho que toma mingau  
Também pobre e rico e às vezes circo.



Há enfermeiro e policial que salvam gente e até animal  
Tem professor e professora, diretor e diretora  
Tem prefeito, há governo e escola o dia inteiro  
Tem montanha, tem descida e a madrinha que chama de Dinda.

Tem jardim, Jardim e lojas de chapéu  
Tem banco, tem oficina e água cristalina  
Quem não conhece os rios e lagoas?  
E, no friozinho, café com broa?

Tem posto, tem restaurante, só não se cria elefante  
Tem quadra, tem cercado,  
Há carrinho de pastel e salgado  
É meu distrito Stella Dubois, como não amar?

Professora: Lívia Santos de Santana  
Escola: E. M. Everaldo Souza Santos – Jaguaquara (BA)

## Um recanto de menino

Aluno: Finelon Ferreira Figueiredo Neto

Sou poeta nordestino,  
Sô um toco de menino.  
Que faz versos pra falar  
Da terra mãe, meu lugar.

Na Chapada Diamantina,  
Nas bandas das minhas rimas  
Da Colônia de Itaetê  
“O sonho do bem querer”.

No canto das cachoeiras,  
O fluir das corredeiras.  
Na Colônia a verde pureza,  
Celebra nobre mãe natureza.

Desce abaixo o Rio Una,  
Águas turvas e misteriosas  
Umbuzeiro e mandacaru  
Colônia das palmas que afloram.

A meninada na pracinha  
Brinca roda e amarelinha  
De mãos dadas namorados  
Colônia, por ti apaixonados.

Galinha caipira e pirão  
Sabor de Colônia, sertão.  
A cocada de licuri  
Coisas das “cumade” daqui.

A carne seca na brasa  
O aimpim e milho verde  
No bule, café com leite  
Convida que se achegue.

O povo também se alegra  
Agosto tem festa popular.  
Do padroeiro São Lourenço,  
Mártir deste intenso lugar.

Segue a procissão na rua  
Colônia, a fé continua  
No rastro das flores e rezas  
A cultura o povo preza.

Com minha simples melodia,  
A alma em versos irradia.  
Colônia, poeta nordestino,  
Sô um toco de menino.

Assim canto a minha terra  
Escrevo com o coração,  
E ensino outras pessoas  
A amar meu doce chão.

Professora: Lucélia Silva Bispo Pereira  
Escola: C. M. de Colônia de 1º Grau  
Itaetê (BA)

# Alma sertaneja

Aluna: Roseane de Brito Luz

Moro longe da cidade  
Aqui não tem modernidade.  
A criançada ainda brinca,  
Olha que felicidade!  
Parece ate um paraíso  
Com sua paz e  
Tranquilidade.

A seca aqui é castigante,  
A chuva rara é emocionante.  
Quando chove nesse chão  
Começa logo a trabalhadeira.  
Todo mundo se anima  
Oh! Gente forte e guerreira!

Logo ao raiar do dia  
Já começa a correria.  
Todos acordam bem cedo.  
Eita, gente arretada!  
A peleja é muito dura  
E a vida, abençoada!

De manhã as donas de casa  
Varrem logo suas calçadas.  
Todo mundo acorda cedo  
Pra ir fazer caminhada.  
E logo, logo eu ouço  
O canto da passarada!

Mesmo em meio à correria  
A todos damos “Bom-dia!”  
Quando já de tardezinha,  
Tem sempre um café quentinho,  
Uma prosa animada...  
Coalhada e requeijão fresquinho!

Os frutos da região  
Delícias desse torrão.  
De sabores diferentes,  
Alguns só existem aqui.  
O umbu é um exemplo,  
Dos frutos do Piauí!

Cajuína e doce de buriti  
São típicos do Piauí.  
Feijão de corda e mandioca  
Huuuum! Olha o beiju de tapioca!  
Dá até água na boca  
Com tanta coisa gostosa!

Quando chega a internada  
Anima-se a passarada.  
A colheita é certeza  
De muita fartura na mesa.  
Brotando a esperança  
Na alma sertaneja!

Eu vivo aqui no sertão  
Pela seca castigada.  
É grande meu sofrimento  
Pra poder cuidar do gado,  
Mas vivo na honestidade  
E assim sou abençoada!

Professora: Rosa Luzia Ribeiro da Silva  
Escola: Unidade Escolar Lelia Silva Trindade  
Anísio de Abreu (PI)

# Memórias literárias



As atividades para a construção dos textos de memórias literárias formam vínculos fortes e humanizados. Para escrevê-los, os alunos são orientados a entrevistar uma pessoa mais velha de sua comunidade e a ouvir as histórias, impressões e experiências de vida que ela tem para contar. A narrativa traz uma visão de mundo particular, em geral distante da realidade dos jovens, alunos de 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, que são convidados a recriar o que ouviram, escrevendo um texto.

O lugar onde vivem é objeto para a reflexão do narrador e do entrevistador: daquele que lembra e daquele que pergunta para depois reconstruir o que foi contado. Nessa relação se estabelece um compromisso:

“Eu conto a minha história; você a salva do esquecimento”.

Esse compartilhar de experiências, num encontro entre gerações, está presente nos textos a seguir. Um encontro permeado de memória e de espaço de vivência comum, que constitui e reforça identidades.

Agora, você, leitor, poderá saborear as histórias escritas por alunos que foram conduzidos por professores numa viagem fantástica através do tempo!





# Memórias literárias

## Índice

- 70 Memórias inundadas no passado  
Aluna: Mariana Carla Hochwart
- 72 Meu vizinho nipônico  
Aluna: Amábile Vitória dos Santos
- 74 Desengavetando memórias  
Aluna: Leticia Geffer Wesseling
- 76 É só fechar os olhos e lembrar!  
Aluna: Yasmin Eduarda Alves
- 78 Nostalgia temporal  
Aluna: Karolayne Gomes Faria
- 80 Casinha de lembranças  
Aluna: Lorena Almeida da Silva
- 82 Paraíso às margens de um rio cristalino  
Aluno: Felipe Gabriel da Silva
- 84 Filhos da terra  
Aluna: Raíssa de Oliveira Santana
- 86 Gotas de alegria  
Aluno: Irley Alves Gomes
- 88 O dia em que a cidade parou  
Aluna: Vitória Luisy Lemos
- 90 O tempo e o vinho  
Aluno: Vitor Araújo Lengovski
- 92 Doces lembranças de outrora  
Aluna: Frediane Celestino da Silva Baleeiro
- 94 Sobre galhos, correntes e vagões  
Aluno: Nicolas Pereira Souza
- 96 Doce sabor de Terra Nova  
Aluno: Samuel Rodrigues da Silva
- 98 Se não fosse a copaíba...  
Aluna: Rissya Nogueira Vieira
- 100 Minha vida na fazenda  
Aluna: Tatiane Pereira Gonçalves
- 102 Pitanga, uma flor a desabrochar  
Aluno: Carlos Daniel de Souza Camargo
- 104 Lembranças... Doces e amargas lembranças  
Aluna: Sabrina da Silva Ferreira
- 106 De volta ao paraíso  
Aluna: Francelly Santos de Oliveira



108 O ouro branco de Veneza  
Aluno: Leandro Emanuel da Nóbrega Irineu

110 De Pirocaia a Montese  
Aluna: Vitoria Maria Xavier Rocha

112 O peso do ferro  
Aluna: Laysa Gilles Guidi

114 Imagens no calor da tarde  
Aluna: Ketlen Silva de Almeida

116 Nas cinzas da floresta  
Aluna: Samira de Oliveira Moura

118 Ferrovia da saudade  
Aluna: Maria Victória Alves dos Santos

120 Amor que não posso mais viver  
Aluna: Thayssa Paiva de Castro

A embarcação das lembranças  
na locomotiva da vida  
122 Aluno: Júlio César Pinheiro de Melo

124 Uma saudade chamada "Quitandinha"  
Aluna: Ana Rayssa Reinaldo do Nascimento

126 Uma rede, uma lembrança  
Aluno: Carlos Breno de Sousa Ponciano

128 Águas passadas  
Aluna: Alice Rodrigues Silvino

130 No tempo da lamarina  
Aluna: Tarciane Ferreira Dias

132 Andorinha de louça  
Aluna: Giovanna Lucciane de Assis Monteiro Resende

134 Mistérios da noite  
Aluna: Lorrane Leal Peçanha Aguiar

136 Janelas da vida  
Aluna: Dayane de Sousa Reis

138 Os olhos do vovô  
Aluno: Emerson Mosqueira

140 A chaminé das lembranças  
Aluna: Ana Clara Palacio

142 As lembranças que a luz não apagou  
Aluna: Bianca Paiva de Souza

144 Sabiás na chuva  
Aluna: Adélia Cristina Cordeiro Gonçalves

## Memórias inundadas no passado

Aluna: Mariana Carla Hochwart

Todos tem sua história e eu tenho a minha. Lembro-me daquele belo cantinho no oeste catarinense. Minha submersa Itá, minha casa, meus vizinhos, amigos e velhos conhecidos, enfim, daquele pacato e aconchegante lugar onde tudo prosperava. Meus olhos se enchem de lágrimas, quando me deparo com as fotos que reacendem em minha memória, momentos inesquecíveis do meu passado.

Lembro-me que com a construção da barragem houve muito sofrimento, não era cansaço diante da sua construção, mas sim, olhar para a velha Itá e saber que podia ser a última vez que veríamos aquelas rosas à beira da estrada perfumando nossas manhãs, aquele simbólico verde das árvores atraindo adoráveis pássaros que cantavam suavemente. As estradas eram de chão, por onde passavam muitas carroças e poucos carros.

Eu trabalhava na imensa construção da Usina Hidrelétrica de Itá, enquanto minha mãe e minha esposa arrumavam as malas e tentavam pegar o máximo possível daquela casa de madeira que parecia tremer diante do que iria lhe acontecer. O povo indignado, de lá não queria sair, e grandes protestos faziam para se defender dos respeitadas arquitetos que, em nome do progresso, planejavam e executavam a inundação das terras, casas, histórias etc.

E, dentro de pouco tempo, o que parecia longínquo se tornava real. A água chegava devagar e, aos poucos inundava a história dos itaenses. Amargurados e confusos pelo sofrimento, os jogadores da equipe Ser Cruzeiro resolveram fazer uma última partida de futebol entre amigos para celebrar a despedida daquele majestoso tapete verde que, por muitos anos, foi palco de conquistas e alegrias. Era uma mistura de sentimentos e emoções que pulsava no coração de todos. Aos poucos, a água, como se fosse uma torcedora fanática, foi tomando conta do campo e, carinhosamente, expulsando os atletas, foi com a água em seus joelhos que a partida acabou.

E, aqueles jogadores, que haviam passado vários de seus melhores momentos ali, olharam tristemente a água se apossando do campo, conscientes de que era o momento de se despedir, deixar para trás suas vontades e, entre risos e choros, foram abandonando suas recordações em direção aos seus novos lares.

Dessa mesma forma, aconteceu com nossas casas que, aos poucos, foram sumindo. Subimos no alto do morro e as vimos desaparecer lentamente, e um choro inundou de esperança nossos corações. Tudo foi invadido pelas águas do rio Uruguai, porém as torres da igreja se mantiveram fortes, travando uma dura batalha contra a inundação. Hoje, são as únicas lembranças concretas, que de certa forma, contam a história e testemunham que ali já existiu uma cidade.

Aos poucos, fomos nos reconstruindo, nos adaptando, dando formas ao nosso novo lar.

Preenchemos o vazio dos nossos corações humildes e fragilizados com toda essa mudança e, agora, nos deparamos com uma cidade enfeitada com flores e árvores. Pessoas desconhecidas aqui fixaram residência, porém, bem no meu íntimo, sei que por mais que tentamos substituir as belas rosas, o suave canto dos pássaros, as festas alegres daquele povo pacato, nada terá tamanha beleza como a minha velha Itá. Lembranças que insistem em reviver no meu pensamento. Tudo isso paira na memória de quem sentiu na pele essa mudança, e são as fotos, que aliviam nossa dor e preenchem nosso coração.

“Itá, onde eu estiver, estarei contigo, inundado pela saudade que tu me deixaste.”

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Clóvis Hochwart, meu pai, de 50 anos.)

Professora: Cristiane de Fátima Morais Zandonai  
Escola: E. M. E. B. Valentin Bernardi – Itá (SC)

## Meu vizinho nipônico

Aluna: Amábilie Vitória dos Santos

Domingo. Tarde de outono. Sento-me no piso fresco da varanda. Dia de brincar de avô. Um pouco de meninice me faz bem. Observo com ternura a minha netinha. Vejo-me refletida em seus singelos gestos e atitudes. Seu doce modo de saborear a vida me deixa enternecida. O som suave da canção, na voz do padre Zezinho (*Maria de Minha Infância*), vinda de um radinho lá da área de serviço, conduz-me ao passado.

Reencontro minha infância. Imagens confusas aos poucos vão se tornando reais. Na carroceria de um caminhão animais e pessoas, ocupando o mesmo espaço, ali ancoramos às margens do Rio Carajá. Plantamos nossos sonhos em forma de sementes no abençoado solo roxo do oeste paranaense. Adotei Ubiratã “lugar de gente feliz” como minha terra natal.

Aromáticas lembranças das primeiras plantações de hortelã. O tapete verde e cheiroso, com o tempo, foi cedendo espaço ao plantio de algodão, trigo, soja...

Nossas brincadeiras preferidas: a fazendinha com animais fabricados de legumes, alimentar as formigas com farelos de pão, o banho no Córrego Esperança. Quanta algazarra!

Doces memórias. A ceia de Natal depois da Missa do Galo, na cidade. Meu avô e seu “cumpade Mané”, por muitos anos, convidavam toda a nossa família e vizinhos para participarem dessa romaria. Locavam o possante veículo dos nossos vizinhos orientais. Os donos de uma relíquia: o caminhão. Único.

Cabine verde. Um luxo. Desempenhava funções essenciais no povoado. Na colheita, puxava os produtos do campo para cidade. Nascimento de um bebê, alguém se encarregava de chamar o japonês com o caminhão para buscar a parteira. Meu irmão bebeu querosene (susto), meu tio quebrou a perna (o caminhão nossa ambulância, o nosso pronto-socorro). Casamento na comunidade, que festança! Lá estava ele o pomposo caminhão “do japonês”, um carrossel em lindo estilo. Alguém falecia no povoado (que triste). “Funerária”? O caminhão do japonês conduzia o corpo à última morada. Nas eleições: o verdão nos aguardando.

Noite de Natal. Na carroceria, bancos de madeira acomodavam crianças e senhoras, os homens iam em pé acompanhando os movimentos do veículo. Cai não cai. Na cabine, às vezes, ia a senhora grávida ou de bebê de colo. O bom mesmo era sentir a brisa da noite beijar nossas faces, na carroceria. Adrenalina pura. Os sobressaltos provocados pelas crateras da estrada de chão eram as turbulências do nosso *airbus*.

A missa tinha início à meia-noite em ponto. Durava uma hora. Parecia uma eternidade. Eu amava os cânticos natalinos na voz do coral acompanhado pela freira em seu piano provençal. De repente “Noite Feliz”. Ufa! Estava terminando. Quase a hora da ceia.

Enfim a ceia. Lá na venda da esquina de frente a matriz, acomodados em umas poltronas de vime saboreávamos um picolé “cilíndrico” de leite, nas cores lilás, rosa ou branca. Sabor: felicidade. Recheio: sonhos. Os olhos brilhantes das crianças se deliciando com aquela abençoada ceia deixavam o meu avô e seu cumpade Mané orgulhosos e a sensação de dever cumprido. Na carroceria do possante, de volta aos nossos lares, o sacolejar ritmado me embalava. Eu adormecia.

O almoço natalino, as guloseimas, a sodinha com furinho na tampa, resfriada na água fresquinha da mina, não ofuscava as lembranças da ceia da noite anterior.

Eu, sempre arteira e curiosa fazia questão de espiar pela janela do quarto da minha avó, de longe, só um pouquinho. Ele estava na garagem. Agora descansando. Verde e imponente, o meu vizinho.

O papaguear das crianças me traz à tona e num sobressalto volto à realidade. Ufa... Inebriada em meus pensamentos não percebo o tempo passar, o sol já descambava no horizonte. O domingo se findava. Com seu olhar brejeiro, seu sorriso maroto aquela garotinha de 7 anos, minha neta, tenta ler (e lê) meus pensamentos: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. É, Fernando Pessoa, nisso somos bem parecidos. Nossa vida é uma constante viagem na busca pela felicidade. Mesmo que o meio de locomoção seja “na carroceria do caminhão... do japonês”.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Maria, 62 anos.)

Professora: Aparecida Torres dos Santos Barroso  
Escola: C. E. E. F. M. Cecília Meireles – Ubitatã (PR)

## Desengavetando memórias

Aluna: Letícia Geffer Wesseling

Guardo minhas memórias em gavetas, às vezes abro-as para tirar o pó do tempo. Algumas já estão tão empoeiradas que é melhor nem mexer... Mas hoje vou desengavetá-las...

A gaveta mais antiga guarda a minha infância. As brincadeiras eram saudáveis, não havia a tecnologia que deixou as crianças vazias de amizades reais... Subíamos em árvores, andávamos pelo rio, brincávamos de roda, esconde-esconde, de fazer e desfazer desenhos nas nuvens... Quando chovia, corríamos na valeta, e o barro, parecia que cheirava a chocolate. A amora preta tingia nossos lábios e na época de pinhão, nos reuníamos embaixo de um pinheiro e nos deliciávamos com a “sapecada”. Quando a noite chegava, o luar penetrava na humilde casa e nos convidava a descansar! Quantos sonhos!

Na gaveta mais vazia está o meu sonho mais triste: aprender a ler. Frequentei a escola só por seis meses, mal assino meu nome. Hoje os jovens têm tantas oportunidades e não aproveitam! Ah! Se fosse assim naquele tempo...

E as dificuldades começaram a tomar o lugar dos sonhos. Esta gaveta é a da minha adolescência e juventude! Quando o sol surgia no horizonte já estávamos longe e, na carroça, até hoje me lembro do “plouc, plouc...” das rodas de madeira nas curvas da estradinha que exalava o perfume da relva molhada pelo orvalho da madrugada. O dia começava lá na roça com enxada, foice, cortadeira e um arado puxado por cavalos. Plantávamos mandioca, batata-doce, abóbora, milho, feijão, arroz... Quando o sol tombava atrás da serra, voltávamos para casa. Moíamos o milho na jorna e tratávamos os animais. O banho era numa gamela e o jantar preparado no fogão de pedra. Dormíamos as três moças juntas numa tarimba com colchão de palha de milho. A coberta era a “perena” (acolchoado feito de pena de ganso). Nem dava tempo pra sonhar... e o galo cantava... era hora de recomeçar...

Em uma das minhas gavetas estão as lembranças daqui. A maioria das casas era de madeira e cobertas com tabuinhas. Meu pai contava que os pioneiros foram dois irmãos que adquiriram 714 alqueires de terra. “Você tem noção do tamanho disso? (Um alqueire equivale a 24.200 metros quadrados). Era um ermo sem fim! Terra pra dedê!” Sinto saudades de quando a natureza surgia cheia de cores e aromas. A curucaca se aninhava nos galhos dos pinheiros, a gralha azul fazia algazarra, as andorinhas chegavam para anunciar a primavera e quando o urutau cantava triste, era mau presságio... Em 1990, Santa Maria virou Santa Maria do Oeste, emancipou-se por meio de um plebiscito. As coisas foram mudando... Cortaram muitas árvores sem pedir licença. Os animais sumiram. A gralha azul se escondeu não sei onde, aquietou-se. “O mico não tem como fazer de cipó o fio de alta tensão e o tatu também não pode fazer buraco no concreto...” O “riozão” virou “riozinho”, está poluído, suas águas escorreram e escureceram... Até o jeito de viver mudou. As pessoas tinham mais tempo para jogar conversa fora e tomar o chimarrão com a vizinhança. Coisas que se foram... Hoje, a cidade é linda, mas de outro jeito...

Na gaveta mais cheia esta a maioria dos meus gostos e desgostos e a família que constituí. Casei-me ainda jovem com um homem trabalhador. Eu o ajudava na roça, cuidava da casa e aos domingos, enchíamos a carroça com os oito filhos (uma escadinha!) e íamos à igreja. Era sofrido, porém nada nos faltava. Mas meu marido começou a beber e um AVC deixou-o acamado por onze anos. Carreguei nas costas a responsabilidade de ser mãe e pai. E depois de quarenta anos de casados, ele se foi... Sofri a sua perda, apesar de tudo... “Não pensem que tinha ‘Bolsa Família’ ou algum tipo de pensão!” Os filhos mais velhos ajudaram a criar os mais novos e com a graça de Deus tudo se ajustou.

Foi muito bom desengavetar essas memórias para tirar o pó! Meus cabelos estão brancos, o tempo não tem dó da gente, ele passa. E digo mais: minha história ainda não acabou. A última gaveta está aberta para mais aprendizados. Já faz tempo que me aposentei e não posso me queixar da vida, apesar de “minha história ter sido escrita mais com a espada que com pena e caneta!”.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Rozalina Alves Tomen, 87 anos.)

Professora: Maria Julia Batista Mendes

Escola: C. E. E. F. M. N. P. José de Anchieta - Santa Maria do Oeste (PR)

## É só fechar os olhos e lembrar!

Aluna: Yasmin Eduarda Alves

É só fechar os olhos e lembrar! Naquele tempo a vida não era fácil, mas éramos felizes apesar das dificuldades. Morávamos em uma fazenda no município de Catalão. Papai era meeiro, plantava arroz, milho, feijão, engordava porco e criava galinha caipira. Tudo dividido meio a meio com o patrão que entrava com a terra e os recursos e papai com o trabalho braçal. Éramos ao todo sete filhos, uma escadinha como diziam, todos nascidos por mãos de parteiras. Nós, os meninos, frequentamos pouco a escola rural da região, aprendemos basicamente a ler e a fazer contas, papai dizia que era o bastante. As meninas ficavam em casa ajudando mamãe nos afazeres domésticos, aprendiam a cozinhar, costurar e bordar, eram preparadas desde cedo para o casamento, para serem as “Rainhas do lar”.

O caminho para a escola era um verdadeiro pomar do cerrado onde nos deliciávamos com frutas fresquinhas colhidas na hora: mangaba, bacupari, murici, gabiropa. Íamos brincando estrada afora, a natureza nos ofertava brinquedos de graça e em abundância, plantas nativas como lobeira era nossa bola e com os marmelos disputávamos quem conseguia jogá-los mais longe.

É só fechar os olhos e lembrar! Nossa casa era feita de pau a pique e barro batido, bem simples, mas cheia de amor por todos os cantos. No fogão a lenha, um caldeirão de feijão sempre a cozinhar para não azedar. Não existia luz elétrica, nossas noites eram iluminadas pela lamparina a querosene, pela lua e pelas estrelas. No quintal uma pequena moita de bananeira, um forno de barro e um trieiro que nos levava até o córrego manso e cristalino que passava a poucos metros da nossa casa. Era lá que mamãe lavava nossas roupas e os vasilhames.

A lida na fazenda começava bem cedo, antes do raiar do sol, ao primeiro canto do galo carijó. Mamãe preparava o café forte, socado no velho pilão feito com tronco de aroeira. Papai, os irmãos mais velhos e eu íamos para o trabalho na lavoura ou no roçado, mal conseguíamos erguer a enxada ou a foice. As vestimentas pareciam colchas de retalhos coloridas, tamanho número de remendos que mamãe colocava. Tudo era reaproveitado passando dos mais velhos para os mais novos.





Aos domingos reuníamos a criançada para tomarmos banho no córrego, era uma festança, subíamos em um ingazeiro e de seus galhos pulávamos nas águas límpidas do ribeirão, era “tchbum” atrás de “tchbum”. Depois, enquanto chupávamos os ingás, doces como mel, recebíamos a visita do balé de borboletas multicores que pousavam nas margens barrentas. – Ah! Obra-prima da natureza aquela visão! À noite, como não conhecíamos avião, quando um cruzava o céu estrelado, dizíamos que era “Rilimbimbim”. Até hoje não sei o que isso significava para nós.

É só fechar os olhos e lembrar! Consigo sentir o aroma da terra molhada pelo orvalho ao amanhecer, o alvoroço dos pássaros após um dia de chuva agradecendo a Deus a natureza exuberante que tudo nos dava. Tudo que plantávamos, colhíamos. Como eu era feliz naquele lugar!

Cresci, casei, tive três filhas, mas o progresso chegou e nos expulsaram de lá. Todas as terras da região foram vendidas para dar lugar a uma grande barragem. Mudei com esposa e filhas para a cidade, tive que me adaptar à nova vida.

Hoje, não sinto mais o cheiro da terra molhada e sim do asfalto seco, não ouço a sinfonia dos pássaros e sim o buzinar enlouquecido dos carros. As crianças não conhecem lobeira, bacupari, cutelo etc., fazem parte de uma geração informatizada, passam horas nas redes sociais e pouco brincam entre si.

Então, fecho os olhos e choro! Um choro doído, por ver meu pedacinho de chão transformado numa imensidão de água, a natureza perdeu para o homem, os pássaros foram embora, o córrego não existe mais e o pouco que sobrou do cerrado em volta pede socorro.

Sinto eclodir do meu íntimo lembranças de um tempo que não volta mais, são as memórias de um sertanejo que saiu da terra, veio para a cidade, porém a terra não saiu de mim, pois as lembranças estarão vivas em minha mente até o último fechar de minhas pálpebras.

É só fechar os olhos e lembrar!

(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Gerson Vieira dos Santos, 60 anos.)

Professora: Beatriz Bernardes Leite  
Escola: E. M. Nilda Margon Vaz – Catalão (GO)

## Nostalgia temporal

Aluna: Karolayne Gomes Faria

Falar sobre este lugar e principalmente sobre o cerrado mineiro é falar da infância. É remeter-me ao lugar exato onde nasci e cresci. Aquela casinha modesta de taboca, coberta com folhas de buriti tinha como moldura os ipês, jatobás, ingás, gabirobeiras... A ornamentação ficava a cargo da caliandra, dormideira, barbatimão, fedegoso, manacá, dama-da-noite e muitas outras espécies cujos perfumes se misturavam, exalando uma fragrância única, jamais encontrada nos jardins atuais. Ali era meu refúgio!

Lembro-me do meu avô com aquele cigarro de palha enorme na boca, voz rouca e já cansada contando histórias de terror e de grandes aventuras que me faziam enveredar por caminhos imaginários nunca antes galgados.

Minha mãe trabalhava muito. De manhã descia para lavar roupa no córrego, depois ia socar o arroz para o almoço. Eu e meus irmãos buscávamos gravetos para acender o fogão a lenha. Mamãe, ao mesmo tempo, preparava o almoço e a massa para fazer pão de queijo e biscoito. Depois tecia fios de algodão no tear, formando tecidos que se transformariam em vestimentas. Ela passava boa parte de seu tempo cosendo para nós e para alguns vizinhos. A vida era tecida devagar, sem pressa. Descansar era uma palavra que não existia no vocabulário dela. Quando pensava que era o fim da labuta diária, ajudávamos na confecção de vassouras que posteriormente seriam vendidas ou trocadas por outras mercadorias no armazém da cidade.

Mas para chegar até lá, só no galope de um bom cavalo. A noite vinha caindo e não esperávamos para procurar nossas camas. Sabe onde eu dormia? Em cima do batedor de arroz. O sono chegava mansinho, sereno... Nem mesmo um batedor me dava uma noite mal dormida. O resto era apenas sonhos!

Presenciei belezas incalculáveis. Vi enormes e belos cerrados que emparedavam estreitas estradas e obrigavam todos que passavam por ali a observarem curios, quero-queros, graúnas, rouxinóis, sabiãs... na eminência de descobrirem de qual deles vinha aquele som envolvente que nos convidava a cantar naquela melodia. Os córregos de águas puras, límpidas e cristalinas, verdadeiros berços de vida, que em todos os anos, em razão de demoradas chuvas, engrandeciam-se e transbordavam-se, transmitindo muita paz, calma e tranquilidade, vitais para nossas vidas.

Com o passar do tempo, as coisas mudaram. Umas, para melhor, outras, não. Alguns desbravadores de sertão vieram para nossa região em busca de nossas riquezas, entre elas, o cerrado. Vegetação predominante nessa área, agora grande parte estava sendo devastada e destinada à criação de gado. Depois daquelas famílias tão numerosas, ficaram os seus descendentes que trouxeram “desenvolvimento” para nossa região. As pessoas diziam que um tal de “progresso” estava chegando e que nossas vidas melhorariam. Sorrateiramente, nossos campos foram transformando-se em grandes terrenos canavieiros. Para que tanta cana? Pensei! A todo vapor, uma usina de açúcar, etanol e energia estava sendo construída. Mal podia acreditar no que ouvia. Em todos os lugares diziam: “Usina...!” “Usina...!”.

Não posso negar que ela mudou a vida de muitas pessoas, proporcionou empregos em várias áreas. Porém, há um desmatamento contínuo e um cheiro horrível vindo da vinhaça jogada nas terras a serem plantadas. Literalmente, são inúmeros os prejuízos: queimadas, agrotóxicos, animais mortos ou se refugiando em locais impróprios, árvores centenárias arrancadas, córregos com volume baixo de água e nossas vidas sendo destruídas.

Meu caminho mudou. Minha estrada agora é um carreador. O que era emparedada por árvores, agora é emparedada por canas. Um filme passa em minha memória e sinto as lembranças pousarem feito borboleta em meu pensamento. Sim, belezas ainda temos, mas não como as vistas por mim na infância.

Porventura há deserto em meio ao cerrado? É o que vejo neste exato momento por essas bandas.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Idorismar Ferreira de Faria, 51 anos.)

Professora: Graciely Andrade Miranda  
Escola: E. M. Odílio Fernandes – Frutal (MG)

## Casinha de lembranças

Aluna: Lorena Almeida da Silva

Das brincadeiras guardadas na minha casinha de lembranças, ainda faço de conta que arrumo uma realidade onde meninas e meninos viram pai, mãe, avós... Inventando a própria vida tranquila da cidade de Itaetê. Na terra do Poço Encantado, minha memória ainda se encanta com o poço de lembranças de uma infância levada pelo tempo e roubada pela tecnologia e o brinquedo que faz de tudo sozinho.

Repasso, com saudade, a vida de traquinagens da minha brincadeira predileta: a casinha, por sinal, muito incentivada pelos meus pais. Como funcionava? Disso me lembro de bem. Meu pai era o valente que entrava pela extensa mata em busca de madeira e também produzia o barro batido para pôr em pé minha “casinha”. Meus olhos desenhavam as portas e janelas com os pedaços de madeira e a minha alegria erguia as paredes com o barro batido. Lá do seu interior o cheiro da carne frita chamava a todos que passavam por perto, curiosos com o fogão e a chapa de ferro que mamãe me ensinou a usar. As panelas nasciam das latas de goiabada e de óleo de cozinha. Seu Merquides, meu vizinho, ficava na incumbência de colocar os cabos de madeira.

Se bem me lembro, dormia pedindo para o sábado chegar. Era o dia da feira, com certeza, seu Pedro e dona Isabel iriam trazer os ingredientes para ajudar no cozidinho. O pedaço de carne seca, um punhadinho de farinha, complementavam o almoço de bredo, berduêgua e outras folhas do quintal. Parece que foi ontem, o vermelho do fogo lambendo a panela.

Ainda guardo comigo o friozinho na barriga, do grande desafio de acender o fogo e cozinhar nossas “comidinhas”. Onde, onde, conseguir madeira? Na mata, era perigoso adentrar. Eis então que começa uma de nossas travessuras. Roubar vara no quintal de dona Liô, naquele tempo era comum, as pessoas cercarem seus quintais com varas bem entrelaçadas umas às outras. Recordo-me que dona Liô ficava uma fera ao perceber as falhas que deixávamos em sua cerca, fora as vezes que éramos flagrados com feixes sobre nossas cabeças. “Meninos lutridos, passem daqui!”

Nossa família se completava com os filhos da nossa imaginação, bonecos feitos de tijolos de alvenaria que comiam papinha vestidos nas roupinhas que neles colocávamos. Tudo tão lindo que de quando em vez meus sonhos ainda voltam lá. Sentados nas esteiras de palha estendidas no terreiro, saboreávamos nossas comidinhas. Mas, chega a hora de voltar.



Ainda ouço o barulho das panelinhas caiadas de carvão sendo areadas e as cinzas levadas pelas águas do Rio Paraguaçu, que nos dizia para não ter pressa e que o amanhã poderia ser tão lindo quanto o agora. Tudo feito com prazer e alegria. Colocávamos um punhado de areia sobre a bucha de São Caetano, encontrada facilmente nos quintais das casas e disputávamos para ver quem deixava as panelinhas brilhantes como a luz do sol. E ainda aproveitávamos para pegar piabas com saco de pano. Quantas piabas! Impossíveis de contar. E elas eram com certeza a nossa próxima comidinha.

O tempo passou e nossos brinquedos e brincadeiras ficaram apenas nas lembranças. Mas trouxe comigo os valores de uma família, os amigos, as responsabilidades que hoje são reais. O cuidado e o afeto aprendidos, jamais se apagarão da minha memória. A casinha da vida trouxe outros brinquedos e brincadeiras, celular, videogame, tablete, que mudaram as relações e a vida das crianças. Os pais pouco participam da vida dos filhos, os vizinhos não se encontram e o quintal se encurtou porque dá trabalho limpar.

As casinhas, hoje, são as salas das casas, manipuladas pela televisão e dependentes dos produtos que os pais têm que comprar, tornando-se adultos precoces.

Hoje, apesar da imensa saudade que sinto, tenho boas lembranças dos meus tempos de menina. Lembranças que se divertem brincando com a minha memória. Mas que besteira minha! Queria poder voltar ao passado e levar comigo pelo menos meu neto Ian, para viver esses doces momentos da minha casinha de magia e encantos.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Ana Maria Daltro Rangel, 54 anos.)

Professora: Joelma Queiroz Rego

Escola: Centro de Educação Municipal Flávio José de Oliveira – Itaeté (BA)

## Paraíso às margens de um rio cristalino

Aluno: Felipe Gabriel da Silva

– Como é viver às margens de um rio cristalino, beirando o paraíso?

Um chamado clama as memórias de um velho Paresí. Reascendem as chamas que iluminavam nossas noites frias de histórias vividas e contadas às margens do Rio Sacre, naquela aldeia das quatro cachoeiras paralelas; do rio cristalino em cor de esmeralda; de áreas verdejantes – um oásis em meio ao imenso cerrado em tempos de seca –; das histórias de Rondon, que em harmonia com o homem branco traçaram as linhas dos telégrafos nas terras do Utiariti; das missões jesuítas; do ritual de acendimento do fogo sagrado da tocha dos Jogos Pan-Americanos; dos ensinamentos do meu povo Haliti, onde vivem meus 192 descendentes.

Tempos bons aqueles, onde mesmo com as lutas e o sofrimento tudo era difícil, mas tinha seu valor. Poucas informações em documentos dessa época, a começar pela minha certidão, não sei ao certo quantos anos tenho, pois meus documentos foram feitos ao vento. Meus pais, nativos, não conheciam escolas, televisão ou geladeira, vivíamos em meio a um “mato grosso”, fechado, de difícil acesso, até começar a ser explorado pelo “homem branco”.

Na minha inocência, meu pai falecera, fiquei abalado, perdi minha história e as cores e estrelas ficaram mais escuras quando aquelas águas se abateram. Fui para um internato em Diamantino, uma espécie de igreja feita pelos missionários e pela comunidade, lugar muito bonito. Estudei até a quinta série, quando a madre superiora me chamou a atenção e disse que seria um padre, só ouvi isso, acho que ela também disse que era inteligente, mas, só pelo fato de fazer algo que não queria, fugi às escuras para minha aldeia. O vento contava mentiras demais e o fogo tomava forma e voz quando me via sentado com meus ancestrais.

Ao deixar os missionários vivia a ajudar na exploração de Rondon, aliás, mesmo para mim – nativo – aquelas matas verdes eram como labirintos; as árvores, como torres que ofuscavam meus olhos ao olhar para o céu e o belo sol fazia brilhar ainda mais aquelas copas verde-escuras que hoje quase não existem mais, num celeiro tomado por campos novos de produção de girassóis, a procura da beleza natural do passado.

Quando íamos fazer viagens, ou era a cavalo ou a pé, lembro-me do som de nossos pés tocarem o chão por horas e dias. Da aldeia até o rio que resplandece verde, seguíamos para vender artesanato em Diamantino e também íamos para a Igreja de São Pedro. Nós brincávamos, fazíamos festa, era uma animação imensa até a chegada do crepúsculo nos céus. E na época dos seringais, era extraído das árvores o látex, que na minha cabeça mais parecia leite fresquinho que tomava de manhã para trabalhar. Foi assim que em 1954, por vinte e dois longos anos trabalhei remunerado para o “homem branco” e não trabalho novamente, jamais. O som dos animais foi diminuindo, e eles seguiram longe, me guiando, vim construir meu cantinho aqui, à sombra de uma importante cidade; assim meu corpo e mente acompanhara o progresso, com muitas saudades do passado. A cidade cresceu. Foi depois de tanta coisa vista que voltei a acreditar e a traçar o caminho que me levaria à felicidade.

Assim como nossa etnia começou antes mesmo do surgir dessa jovem e promissora cidade, nomeando-a, nos integramos a ela, nosso país também começou muito antes de os brancos chegarem aqui. Na face dos desbravadores, tudo se perdeu, inclusive a nossa cultura, o nosso dialeto, artesanato, costumes... Mas a culpa também é do índio, que tem esquecido.

E, finalmente, após tantas despedidas, entendi o significado da vida, a honra de ser chamado de cacique, ser um velho índio que lutou a vida inteira, tendo momentos de luta e de glória.

Por mais que as crianças de hoje não sobreviveriam um dia no meu tempo, vejo um novo universo brilhar nos olhos delas, que agora carregam minha história e descendência com cuidado, pelas águas frias e brilhantes do Rio Sacre que logo desembocam no Rio Verde, pelo amarelo quente do sol, pelo azul do céu, o verde das matas e o brilho das estrelas na Aldeia Quatro Cachoeiras, meu grande clã.

– Como é viver às margens de um rio cristalino, beirando o paraíso?

– Sempre estive no paraíso...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Narcizo Kazoizase, 72 anos.)

Professora: Cássia Silva Matiolevitz  
Escola: E. M. 04 de Julho – Campo Novo do Parecis (MT)

## Filhos da terra

Aluna: Raíssa de Oliveira Santana

Não me esqueço do dia em que seguimos rumo a um lugar desconhecido. Na bagagem, vieram a ansiedade, o medo, a tristeza, as lembranças e a insegurança de um recomeço incerto. Não foi fácil deixar para trás personagens importantes que me guiaram durante os primeiros passos, mas era o momento de seguir viagem e escrever uma nova história no livro da vida.

A viagem seguia rápido e, a cada paisagem que corria pela janela, meu coração acelerava no compasso do motor do automóvel que nos transportava. Quando chegamos ao local de destino, olhei e avistei um horizonte infinito. O sol escaldante queimava nossos semblantes assustados. Pensei: será aqui a nossa nova morada? Não acreditava no que meus olhos avistavam: um lugarejo distante da vida urbana, carregado do tom avermelhado da terra batida, rachada pelo sol quente que atravessava aquele chão seco. No mesmo instante, lembrei-me da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, pois aquele cenário remetia-me às passagens da história de Fabiano e sua família, enfrentando a seca para sobreviver. Ao redor, uma paisagem sem fim acompanhava a terra desenhada pelas rachaduras que a seca esculpiu ao longo dos anos. A chuva e o vento, pelo visto, passavam a cada outono, pois sentia no ar o cheiro da terra seca ao respirar a poeira vermelha.

Minha família estava diante de uma nova vida e não sabíamos como viveríamos naquele lugar. Estávamos em um assentamento sem-terra, chamado Horto Guarani, localizado na cidade de Guataporã, no Estado de São Paulo, sem rumo e sem perspectiva de vida. Enquanto, para meus pais, era o começo de uma nova vida, para mim, era o fim de uma vida que mal havia começado. Não conseguia ver, naquele chão, nenhum rastro de ambição.

O tempo encarregou-se de transformar o fel causado pela mudança brusca de vida no mel que adoçaria uma nova jornada. Comecei a enxergar, no assentamento sem-terra, a esperança de seguir em frente. Aos poucos, pude ver que nossa família não era a única a se aventurar por terras antes desconhecidas; outras famílias já viviam nesse assentamento. Percebi que minha história misturava-se às memórias de todas as famílias que fincaram suas estacas naquela terra.



A convivência com os habitantes do Horto Guarani me fizeram perceber que aquela terra seca, batida e desprovida de vida era o sustento de muita gente. Era da terra que surgia a esperança de sobrevivência. Com a união dos moradores, muitas famílias começaram a preparar e cultivar a terra. O português Pero Vaz de Caminha estava certo: aqui tudo que se planta dá. Realmente, a esperança brotava da terra: as sementes começaram a germinar, lindos frutos e hortaliças começaram a rasgar timidamente o solo. O suor dos trabalhadores não só produzia o alimento de cada dia, mas era também a fonte de renda da maioria do povoado.

As famílias que chegaram naquele pedaço de chão fizeram da terra seca a terra-mãe. Os sem-terra eram, agora, os filhos da terra. A terra-mãe sustentava a vida de milhares de famílias que ali viviam. Aos poucos, a plantação, a produção carvoeira e a criação de animais foram estabelecendo-se como moeda de compra e venda da população Horto Guarani. Com isso, as conquistas começaram a chegar: os barracos de lona foram substituídos pelas casas de tijolos, poços artesianos foram construídos e maquinários foram comprados. O início do progresso chegava àquele lugarejo.

Toda a população Horto Guarani orgulha-se de suas conquistas. Um pedacinho de terra batida, rachada pela falta de chuva e fertilidade, carregada de sofrimento, porém, hoje, viva, esperançosa, fértil e responsável pela vitória de um povo lutador. Na memória, todos carregam uma lembrança em comum: a luta pela vida. A vontade de vencer moveu um povo que só tinha nas mãos a coragem e a dedicação. Deixar de ser sem-terra e transformar-se em filhos da terra não foi uma missão fácil, porém, os filhos da terra orgulham-se desse feito que os dignifica, por fazer da terra o meio de subsistência de uma população guerreira, mas esquecida em um pedaço de chão no meio desse “Brasilzão”.

(Texto baseado na história da família da aluna do assentamento sem-terra Horto Guarani, localizado na cidade de Guatapará, São Paulo.)

Professor: Diego Moreno Redondo

Escola: E. M. E. F. Professora Andreia Sertori Sandrin – Guatapará (SP)

## Gotas de alegria

Aluno: Irley Alves Gomes

Na aurora do dia, levanto, sento em minha velha cadeira e começo a me lembrar dos tempos de menina. Ah! Tempos de minha infância “que os anos não trazem mais!” Já dizia bem o saudoso poeta.

Era dezembro de 1937, eu tinha apenas sete anos. Nessa época, levantava cedo para ajudar minha mãe nos afazeres de casa. A primeira tarefa do dia era lavar roupa à beira do rio, não demorava muito para ver minhas duas irmãs e eu com grandes trouxas de roupas na cabeça, descendo inclinados barrancos ao encontro de nossa mãe, que já nos esperava impaciente e repisava as mesmas palavras: “Por que demoraram tanto?”. Durante o percurso, aproveitávamos para colher goiabas que ficavam nas árvores pelo caminho. Enquanto nossa mãe lavava a roupa, sempre dávamos um jeito de fugir para tomarmos banho no rio, que brilhava como espelho refletindo a luz do sol, admirávamos aquele espetáculo enquanto nos refrescávamos em águas tranquilas.

Quando o sol já estava tinindo de forte, colocávamos a roupa para quasar, ou seja, as roupas ficavam estendidas sobre o capim, para amolecer o sujo, mas, desviávamos nossa atenção para a fumaça dos troncos de embaúba, que nossa mãe utilizava para fazer fogo, anunciando que o almoço estava pronto. E à tardinha, era hora de ajudar meu pai a colher mandioca num grande roçado que ficava no fundo da nossa casa.

E assim, prosseguiam meus dias, nada mudava na rotina da minha vida dentro do seringal Santa Maria, às margens do rio Juruá. Porém, quando o céu escurecia e pesadas nuvens se chocavam umas nas outras, eu encontrava a alegria.

– Lã vem a chuva!

Era o que diziam as donas de casa correndo para tirar as roupas no varal, outras, por sua vez, erguiam grandes potes nas biqueiras da casa, armazenando a água da chuva. A meninada entusiasmada corria para o meio do terreiro, uma linda festa era organizada, onde todos esperavam que do céu jorrasse

suas gotas de alegria. Naqueles momentos, esquecia as tarefas e as dificuldades da vida. A menina que se escondia por debaixo dos afazeres de mulher, renascia, e mostrava-se tão viva como nunca. O barulho forte da chuva caindo sobre as folhas das árvores ressoavam aos meus ouvidos como o som da mais doce melodia.

Brincando de pira, nos transformávamos em belos pássaros de asas fortes, enquanto livres corríamos pelo terreiro enlameado. Mas, tudo era interrompido com os gritos de minha mãe, pois nossa casa estava alagando. Por ser velha e coberta de palha, não aguentava a força da chuva e, logo o teto... Quer dizer, as folhas de paxiúba estavam caindo sobre nossas cabeças. Enquanto para mamãe era uma tragédia, para nós era uma diversão, pois como em uma disputa todos corriam para pegar as cuias para aparar as goteiras.

Depois de resolver tudo, voltava para a festa que me aguardava no meio da floresta. A luz do sol encoberta pelas nuvens era substituída pelo radiante brilho que emanava do meu sorriso. Mas logo o sol aparecia, e junto com a chuva se ia minha alegria. E novamente, tudo voltava ao normal, até que a chuva viesse de novo, e mais uma vez, tudo se repetia.

Hoje, eu, Francisca de Assis, moro em Eirunepé, lugarzinho situado bem no coração da Amazônia, numa casinha ainda muito simples, mas, o teto agora de alumínio me dá a segurança de não precisar me preocupar com as goteiras, e, com 86 anos, estou presa num mundo de escuridão por não poder mais enxergar, por isso, estou aqui, ao lado de minha janela, com a esperança de ouvir mais uma vez as gotas que me fazem lembrar daquilo que não posso mais ver.

Assim, me entrego como uma flor se entrega quando a chuva cai, e envolvida pelas memórias daqueles ternos e alegres momentos de minha infância, tento meus problemas esquecer.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Francisca de Assis Azevedo, 86 anos.)

Professora: Anne Helen Vieira de Farias  
Escola: E. E. Francisca Mendes – Eirunepé (AM)

## O dia em que a cidade parou

Aluna: Vitória Luísy Lemos

Apesar de muito pequena, trago vivo na memória esse acontecimento. Tinha por volta de nove, dez anos. Era meados de 1945, anos difíceis. O mundo passava por uma guerra, a Segunda Guerra Mundial. Morava com meus pais na mesma cidade em que resido até hoje: Guariba, interior do Estado de São Paulo. Na época ela era bem menor, todos se conheciam, todo mundo sabia da vida de todo mundo e, nesse dia, a cidade parou.

De longe eu ouvia o soar abafado do apito do trem. Nessa noite, a lua estava baixa como se também quisesse presenciar o que estava prestes a acontecer. Já as estrelas, estas, brilhavam alto, iluminando o grande palco abaixo delas.

A estação ferroviária estava cheia. Havia homens, mulheres e crianças, todos à espera do trem. A maioria, descendentes de italianos falando alto e agitando os braços.


Olho ao redor e vejo minha tia Catarina. Mulher robusta, pele e olhos claros. Todos estavam tranquilos, mas ela não. Estava inquieta, andava de um lado para o outro da plataforma. A cada segundo olhava em direção ao grande relógio redondo, de ponteiros, pendurado. Também olhei e ele marcava dezenove horas e cinquenta minutos.

A velha estação, que na época nem era tão velha, lugar onde nossa cidade nasceu. Ao redor dos trilhos surgiu um povoado e naquele dia também a vida renascia para minha tia.

Por trás das palmeiras altas, que traçavam o caminho dos trilhos e da lua prateando o horizonte, o som da locomotiva e dos vagões vibrava e era, a cada instante, mais próximo.

As casinhas simples, vizinhas à estação anunciavam que a hora do jantar se aproximava. O cheiro da macarronada farta, com molho e queijo, invadiu o lugar fazendo minha barriga emitir um rugido estranho anunciando a fome que eu sentia.

Novamente um novo apito ressoou e me trouxe de volta à realidade. As mulheres que estavam no leito da estação correram para terminar de preparar a festa. Uma enorme mesa de madeira coberta com uma toalha bordada havia sido montada na rua mais próxima, uma rua de chão batido. De dentro das casas saíam pernas e aventais apressados trazendo travessas de macarronadas, polentas com frango, pães caseiros, broas.



Um filho de nossa terra retornava como o filho pródigo. Neto, meu primo, retornava da guerra, como herói. A essa altura minha ansiedade e a de todos ali estava muito alta.

Enfim, avistamos uma luz. A composição, aos poucos, diminuía a velocidade enquanto meu coração acelerava mais. O trem chegara ao seu destino. Minha tia correu ao encontro de seu filho. Uma cena comovente se instalou. Abraçaram-se forte como se um não quisesse mais deixar o outro. Um abraço de resgate, em meio às lágrimas. Pelo canto dos olhos pude ver, então, outras mães abraçando seus filhos. Filhos que não haviam ido à guerra, mas amor maternal não precisa de motivo para ser celebrado e sinto o aconchego do abraço de minha mãe. Porém, meu coração, nesse momento sente um forte aperto quando vi que algumas mães choravam, solitárias. Logo entendi o porquê. Seus filhos não tiveram a mesma sorte, não retornaram para casa nem iriam retornar, pois a guerra, “a maledeta guerra” como diziam os mais velhos, os havia levado. Alegrias e tristezas se misturam e eu tentava, em vão enxugar as lágrimas que insistiam em cair. Jamais esquecerei aqueles momentos.

Em instantes, tudo vira festa, dança e alegria. Com muita música, vozes altas e comida farta, celebramos aquele retorno vitorioso.

Não há uma só vez que ao passar pelo prédio da antiga estação não me lembre dessa cena. Hoje, tudo está muito mudado: os trilhos foram embora e já não cruzam mais a cidade e esta também cresceu e já não se conhece todos como antes, o asfalto cobriu o chão batido, porém as velhas lembranças e as saudades continuam. Estas, com certeza, levarei comigo.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Alda Cecília Frejuello Fino, 80 anos.)

Professora: Andréa Morato de Faria  
Escola: E. M. E. B. Gino Bellodi – Guariba (SP)

## O tempo e o vinho

Aluno: Vitor Araújo Lengovski

Cresci ouvindo o canto dos pássaros, o lento borbulhar do vinho novo fermentando no porão, o Minuano teimoso soprando gelado pelas frestas da nossa casinha de madeira tentando entrar, e meus olhos brilhavam de encanto ao ouvir as histórias que meu “nono” Luigi Valduga contava. Reunia todos os meus primos e eu, o menor de todos, ao redor do fogão a lenha, na varanda da casa ou embaixo das árvores.

Aquelas histórias, aqueles personagens ficaram mergulhados em minha mente querendo emergir, mas só ganharam corpo quarenta anos depois quando voltei a estudar e tornei-me escritor.

E por falar em histórias... Há uma que continua viva, e sempre conto aos turistas que vêm para Bento, é a da Capela das Neves que tem esse nome por causa da padroeira Nossa Senhora das Neves, imagem esculpida em madeira, trazida pelos imigrantes.

Segundo meu avô, a história começa no início do século passado, quando os moradores da Linha 6 da Leopoldina, pequena comunidade do interior de Bento Gonçalves que fica no caminho para o grande Vale dos Vinhedos, queriam construir uma igreja para a Santa. Pararam somente para a vindima. A uva estava madura e deveria ser colhida para encher as “pipas” de vinho e garantir a bebida pro ano.

Quando voltaram à obra, abatera-se uma longa seca sobre o vale, mal tinham o que beber. Não tiveram dúvidas: usaram vinho na argamassa no lugar da água. E hoje ela continua aqui rodeada de nostalgia.

Em minha história de vida, o vinho sempre esteve presente: no trabalho cotidiano, em festas e até num fato um tanto inusitado.

Minha cidade está mergulhada em morros, tanto que tem Cidade Alta e Cidade Baixa e o que as liga é uma enorme escadaria.

Era 1953. E eu apenas um guri de 12 anos quando aconteceu. Naquele dia, eu estava jogando bola com meus primos num poteiro da Linha 6 da Leopoldina, quando avistamos uma nuvem de fumaça vinda da cidade. Curiosos, eu e meu pai, encilhámos os cavalos e tocamos pra Bento. Estávamos apreensivos. Algo de mistério exalava daquela fumaça que parecia vir da Cidade Alta.

“É da Vinícola Aurora!” – falou meu pai. E ele estava certo. As pipas, que eram de madeira foram rompidas uma a uma pelas labaredas e o líquido precioso que havia em seu interior ganhou as ruas,

desceu as escadarias formando uma cascata real, alagando o centro da cidade, invadindo casas e lojas e assustando a população.

Para mim e para as outras crianças, sem noção do perigo, foi uma tremenda festa. Eu tirei as botinas, arregacei as calças e me aventurei naquele mar vermelho.

Ao fim daquele dia, um clima de tontura tomou conta de todos.

Hoje, como historiador, sei que foram cinco milhões de litros de vinho que embriagaram a cidade.

A Capela das Neves recebia o padre só na época da safra, pois não podíamos perder tempo. O resto do ano, aos domingos, era costume de todos do interior irem para a cidade assistir à missa na Igreja Santo Antônio.

Os homens vinham a cavalo, mulheres e crianças, de carroça. Eu não gostava muito de ir à igreja. Comecei a pegar gosto quando fiquei rapaz, pois ao soar do sino o meu coração disparava.

Acontece que, após a missa, todos se reuniam ao lado da igreja para prosear.

Os homens, de terno e chapéu, iam para uma bodega que ficava onde hoje é o Shopping Bento, conversavam sobre safra, vinho e até política.

Já as mulheres, com seus vestidos de domingo, reuniam-se a um canto, para trocarem confidências, alegrias, tristezas...

Mas o que me tirava o fôlego eram as moças faceiras, passeando na rua que ia da igreja até o largo da prefeitura, hoje Via Del Vino. E nós, rapazes, seguíamos atrás delas, ansiosos por um aceno acompanhado de um sorriso. Chegávamos junto e pedíamos se queriam companhia, se ela se agradasse do rapaz, aceitava. Receber um “sim” era algo magnífico.

Hoje, ainda moro na Linha 6 da Leopoldina, com sua Capela das Neves, um lugar bordado de parreirais. Lido com o cultivo da uva como quase todos no Vale dos Vinhedos. As minhas mãos calejadas colhem e escrevem histórias contadas, vividas e inventadas. Nelas sou “O Caçador de Caramujos”, “A História de Catarina”, “Os Brincos de Dona Irene”, “O Tempo e O Espelho”, “Sonho de um Imigrante”... Palavras escritas que perpetuam no tempo a nossa história regada de trabalho, fé e vinho.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Remy Valduga, 76 anos.)

Professora: Claudete Maria Richeti Rigo

Escola: E. M. E. F. Santa Helena – Bento Gonçalves (RS)

## Doces lembranças de outrora

Aluna: Frediane Celestino da Silva Baleeiro

Minha alma viajará e irá para a melhor época que vivi, a infância. No recôndito do coração guardo lembranças do tempo em que morava no sertão baiano, em um pequeno sítio rodeado pelas serras. Havia uma grande diversidade de animais e plantas. As árvores eram frutíferas, peixinhos dourados nadavam no riacho, aves com plumagens exuberantes coloriam o verde da mata e dançavam com o vento no céu azul. Aquela paisagem incrivelmente bela tornou-se meu paraíso.

Meu querido vira-lata, Pitoco, se encarregava de conduzir os visitantes da porteira à pequena casa feita com tijolos de barro. O telhado era de palha, não havia piso nem energia elétrica, à noite a lua e as lamparinas forneciam luz.

Meu dia começava cedo, ao despertar ia até a janela para apreciar o nascer do sol e ouvir o sabiá erguer seu canto matinal triunfantemente. Não demorava muito para o aroma da manhã invadir meu quarto, o cheiro do bolo de milho feito por minha mãe no forno a lenha. Sentia-me contente por saber que o dia seria tão bom quanto os goles de café.

Da agricultura e da pecuária tirávamos o sustento. Sempre ajudei meu pai nas atividades rurais: levar o gado para pastar, irrigar as plantações, cortar lenha e fazer a colheita. Minha mãe e minhas irmãs encarregavam-se de cumprir as atividades domésticas e fazer nossas roupas, que eram costuradas a mão.

Tempo para brincar com os amigos era o que não faltava, as brincadeiras contagiantes daquela época marcaram a memória. Os brinquedos não vinham prontos em embalagens, nós os fabricávamos com nossas próprias mãos: eram automóveis de papelão, bonecos de gravetos, bolas de meia e cavalos de madeira.

O contato com a natureza era fascinante. Corríamos descalços pela mata, subíamos em árvores, roubávamos as deliciosas uvas do pomar da dona Graça e passávamos horas nos banhando na cachoeira de água límpida e fria.



Quando as nuvens cobriam o céu era sinal de que a algazarra iria começar. As gotas de água que caíam sobre nossos corpos de criança purificavam a alma. A chuva mágica trazia bem-estar, liberdade e leveza. O resultado era uma grande euforia e risos molhados.

Em 1950 minha família se mudou para a capital à procura de melhores condições de vida. A saudade me fez companhia durante a viagem. Os sons das buzinas e dos motores dos carros não eram nada belos comparados ao canto dos pássaros. A água do rio que cortava a cidade era poluída, diferente da água cristalina da cachoeira. Os dias de chuva, já não ocorriam com tanta frequência. E como eu iria soltar pipa com todos aqueles fios elétricos? Tudo que o homem cria, não se compara ao que vem da natureza. Cá entre nós, não vi nada mais bonito naquela cidade que um passarinho azul.

Recordo-me dos momentos vividos no sítio como se fossem ontem, é... 76 anos se passaram. Hoje vejo que tudo é efêmero e se vai com o tempo, restando apenas lembranças do que outrora tornava minha vida feliz.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Joaquim Silva, meu avô, 76 anos.)

Professora: Tatiana de Jesus Silva  
Escola: E. M. Pingo de Gente – Licínio de Almeida (BA)

## Sobre galhos, correntes e vagões

Aluno: Nicolas Pereira Souza

Quem vinha pela estrada do município de Malhada de Pedras, Bahia, avistava de longe a morada da família Pereira, da qual eu, Miguel, sou o caçula de vinte e cinco filhos.

Morávamos em uma casa que só de lembrar me embaraço na saudade. Às vezes, fico pensando como uma casa tão simples e sem exageros poderia abrigar tanta felicidade, tanto amor. A construção era toda feita de adobe, coberta de telha de cerâmica e com onze cômodos, o piso de ladrilhos de barro.


O “terreiro” era aberto, lá tínhamos um poleiro onde criávamos algumas galinhas.

Ali mesmo, em nosso quintal, corria o Rio do Antônio – hoje, praticamente morto –, mas houve época em que bastava abrir a janela do fundo que poderia contemplar sua perfeição. Para mim, aquela janela era como um portal, onde quem o adentrava sentia a natureza na própria pele, eu não me cansava de acordar todas as manhãs, bem cedo, só para ouvir o som daquela correnteza, aquele espetáculo me fascinava! Eu me sentia privilegiado por ter um rio, logo ali, no fundo da minha casa. Todos os dias eu me banhava naquelas águas, já brinquei muito nelas, guerras aquáticas eram comuns, nos divertíamos à beça em nosso quintal, mágico quintal!

As águas daquele rio, utilizávamos para tudo. Os homens tinham a tarefa de buscá-las em cambões (dois baldes sustentados por um pedaço de pau) e as mulheres, na maioria das vezes, usavam um balde sobre a cabeça – que eu, por sinal, ficava intrigado com tal equilíbrio! Dali toda nossa riqueza se originava, era como se fosse um pedaço de nós.

Naquela época não existiam os problemas de hoje. Lembro-me da maior enchente que já ocorreu: o nível do rio aumentou tanto, que cobriu uma ponte de sete metros! Só podíamos atravessá-lo segurando em uma corda amarrada de uma margem à outra, pois a correnteza era muito forte. Hoje fico triste em perceber que do som daquelas fortes correntes sobrou apenas pequenos chiados das águas que passam aqui por aqui ou por ali.

Ao lado do rio uma linha férrea cortava a região. Ouvir o apito ao longe fazia parte da nossa rotina. Nós dormíamos e acordávamos com o barulho do trem. Naquela época, ele passava por ali entre três e



quatro vezes por dia e sempre corríamos loucamente para vê-lo. Às vezes ele atrasava (ou éramos nós que chegávamos antes, não sei), mas quando passava por nós, atirávamos pedras nos vagões só para ouvirmos o barulho ecoando caatinga acima.

De um lado do terreiro, pés de umbu, manga e pinha faziam parte do pomar. Eu e meus amigos subíamos naquelas árvores, ficávamos ali pegando frutas até nos lambuzarmos. Perdíamos a noção do tempo naqueles galhos.

Meus brinquedos eram todos feitos por mim mesmo: bодоques, carrinhos e bolas eram os preferidos. Eu era um tanto traquino: gostava de derrubar os outros nos carreiros no meio dos matos, amarrando uma corda até o outro lado para que tropeçassem, diversão que me rendia bons castigos.

Apesar das brincadeiras, sempre tive horário de trabalho. Desde os 8 anos, meu pai me levava para a roça. As atividades pequenas eram minhas, depois que fui acostumando, comecei a usar enxada e capinar, logo já estava na lida como o resto da família. Apesar do cansaço e exaustão, eu sempre gostei de ver os frutos de nosso suor serem colhidos e postos em nossa mesa.

Na época, a colheita era uma festa! Todos se reuniam e se ajudavam. Cada um tinha uma função essencial: colher, transportar, bater os grãos, peneirá-los e colocá-los para secar. Éramos todos como pequenas engrenagens que compunham um grande motor, que graças a Deus, funcionava a todo vapor.

Hoje, não consigo esquecer daqueles tempos que vivíamos tão felizes e com tão pouco. É até difícil de acreditar que coisas simples eram o bastante para nossas vidas e atualmente já não são suficientes. Hoje conto as histórias da minha infância para meus filhos e netos, dessa forma, sinto como se aquele rio ressuscitasse, como se os sons da sua correnteza e das pedras atiradas por mim nos vagões dos trens estivessem vivos, ressoando até agora em minha mente. Assim, desejo que eles ecoem no coração de todos que ouviram ou ouvirão minha história.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Miguel Alves Pereira, 68 anos.)

Professora: Karine da Silva Oliveira Moreira  
Escola: Centro Educacional Rui Barbosa – Malhada de Pedras (BA)

## Doce sabor de Terra Nova

Aluno: Samuel Rodrigues da Silva

Da minha cozinha, ouço o vento soprar forte como se entoasse uma canção de filme de terror. Dirijo-me até a janela e percebo que o azul do céu desaparecera; pequenas fagulhas negras começam a cair. Bem distante, misturando-se à poeira e à fuligem escura, vem à minha mente a imagem de uma carroça...

Lembrei-me do dia em que viemos morar em Sertãozinho. Era o ano de 1957. Saímos da vizinha cidade de Ribeirão Preto rumo à Terra Nova. Em cada “clop-clop” do cavalo, a esperança de uma vida melhor.

Na velha carroça, ia o pai Gilberto, ao seu lado, minha mãezinha Anastácia, e mais atrás eu, menina, com 9 anos; poucos pertences e muitos sonhos na bagagem...

Chegamos a uma região com bastante mata, conhecida como Lagarto Verde. Ficamos sabendo que na região existiam muitos lagartos, por isso esse apelido.

Naquela época, tudo era muito diferente de hoje. Eram pequenas propriedades com lavouras de café, milho, algodão. Já se viam muitos e muitos canais...

Nosso destino era a casa do compadre Amadeu, um ex-vizinho nosso de Ribeirão Preto, que já se instalara na cidade e nos incentivou a provar dessa nova terra. Ficamos abrigados na casa dele por um tempo, até que meu pai conseguiu comprar um pedacinho de terra e construir a nossa casa.

Meu pai trabalhava de electricista... Ah! Que orgulho eu tinha dele! Sabia que ele era o responsável por levar luz para toda a população. Até hoje eu me lembro dele subindo pelos postes e num passe de mágica se fazia a luz, em cada rua nova do bairro. Ele era um verdadeiro super-herói, tão incrível quanto o super-homem!

AH! Que saudade da Leninha e da Ester! Tantas brincadeiras que enchiam o meu mundo de alegria! Na velha mangueira, que ficava no quintal de casa, eram tantas crianças pretas e brancas que subiam pelo pé de manga e de lá só saíam depois de ficarem todas amarelas, uma cor chamada liberdade!

Naquele lugar, nos tornávamos verdadeiras chefes da gastronomia. Brincávamos de fazer comidinhas com as frutas que davam por ali: mangas, goiabas, cajás-mangas. O caroço da manga, depois de chupado, servia de bonecas; eram nossas filhinhas. Eta! tempo bom!

Do alto do pé de manga, eu via também o constante vaivém dos caminhões de turma que levavam os boias-frias aos canaviais. Eram centenas, milhares de homens com seus podões; gente de vida amarga, que trabalhava de sol a sol no corte da cana, que, depois de cortada, era levada para as usinas Santa Elisa, Balbo e Albertina. Cada bago se transformaria no mais doce e puro açúcar.

Recordo-me de um dia que, brincando por entre as canas, não vimos o sol se despedir. Escureceu. Nossas mães ficaram preocupadas. Quando cheguei, provei um sabor nada doce. O sabor ardido da cinta! Ai! Ai! Ai!

Aquele canavial verde era a porta de entrada de um reino mágico. Lá era permitido sermos reis, príncipes, rainhas, vilões, mocinho, bandido. Um lugar em que não havia *bullying*, nem violência, nem discriminações. Todas as crianças eram bem-vindas. Quem dera se nosso mundo fosse como aquele canavial!

Trago uma lembrança divertida! Parece até que ouço, lá do terreiro, a mãe gritar:

– Marina, pega o dinheiro e a garrafa que o leiteiro tá passando!

Era um moço formoso, um príncipe. As senhoritas corriam passar ruge, pô de arroz e pôr fita nos cabelos, só para ver o rapaz passar.

Ele era engraçado, passava gritando:

– Vem gente, anda logo, senão o bezerro vai bebe!!!

Cada história tão gostosa que faz a gente sorrir, sonhar, viajar...

Hoje tudo mudou. A cidade cresceu. Casas, comércio, indústrias, metalúrgicas ocuparam o lugar das matas, expulsando seus antigos moradores, os lagartos verdes; nome de santo o bairro ganhou: São João.

O município se transformou numa potência produtora de açúcar e álcool; as mãos calejadas dos boias-frias foram trocadas pelas grandes máquinas no corte da cana.

E eu não tenho mais meus pais, nem o pé de manga, nem a Leninha, nem a Ester... Muito menos as brincadeiras. Mas tenho um segredo: guardei todas as minhas histórias e as do povo da cana naquele mundo mágico dos canaviais...

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Valdemarina Turtro, 68 anos.)

Professora: Elaine Bisson de Souza  
Escola: E. E. Professora Edith Silveira Dalmaso – Sertãozinho (SP)

## Se não fosse a copaíba...

Aluna: Rissya Nogueira Vieira

No vaivém do balançar da minha rede fito um olhar de quem já viveu muito nessa vida, resgato lembranças de Terra Nova quando aqui ainda era uma comunidade pacata. As casas se aglomeravam conforme os filhos se casavam. Aos poucos crescia e florescia no seio da Floresta Amazônica.

Nasci em Terra Nova, Careiro da Várzea, Amazonas. Sou Sebastiana Lima do Nascimento, conhecida por Baci. Posso dizer que tive infância, porque aproveitei bastante, vivia inventando brincadeiras e explorando cada cantinho desse lugar, no lombo dos cavalos ou na popa da canoa de papai.

Tenho muitas saudades de Francisca Gões, minha professora. Naquele tempo havia grande respeito com os professores e os pais ensinavam os filhos a obedecerem.

Minha mãe era rígida, porém, uma boa dona de casa por causa das panelas. É isso mesmo! Naquela época, uma boa dona de casa era reconhecida pelo brilho de suas panelas e eu conseguia enxergar meu rosto nas panelas da mamãe! Guardadas em uma prateleira na parede da cozinha. Nossa casa era simples, mas, tudo em ordem. Se ela visse uma panela fora do lugar ou um objeto no chão, ouvíamos um belo de um ralhó. Passávamos horas e horas no jirau areando as panelas! Como era trabalhoso esse costume que passava de mãe para filha.

O melhor de tudo era que depois íamos brincar de roda, manja, pular na água e tomar banho de chuva. Eu achava aquilo a melhor coisa do mundo!

Quando jovens, íamos para as festas nos arraiais do padroeiro. Participávamos da missa e das procissões. Outra coisa que mais gostava era quando organizávamos a roda da farinhada para fazer tapioca, farinha e beiju. A casa de farinha era nosso ponto de encontro, ali colocávamos as conversas em dia. Amava aqueles momentos!

Porém, no meu coração também moram lembranças sombrias. As dores conspiraram contra a minha paz de espírito. Levei uma ferrada de arraia, quando estava carregando água da beira do Rio Amazonas. Pense numa dor! Naquele tempo não existia farmácias próximas. O nosso doutor era o papai que corria logo com a copaíba, um óleo curativo que tirava na mata. Se levássemos um corte de faca, copaíba. Se furássemos o pé no prego, copaíba. Era um remédio único e certo, mas doía mais que a ferrada da arraia! Que agonia! E como não bastasse ainda tinha que aturar os ralhos de meu pai, que dizia:

– Deixa de ser mole Baci, remédio ruim é que é remédio bom!

As palavras de meu pai, longe de ser um consolo, penetravam em meu coração como o ferrão daquele peixe. E a dor duplicava. Somente com o passar dos dias e repetidas torturas a copaíba fez efeito e fiquei boa. Às vezes aflora em minha mente a seguinte pergunta: “O que seria de mim se não fosse a copaíba?”.

Os remédios naturais eram a cura. Até hoje cultivo hortelã, jambu, arruda e volta e meia bate gente em minha porta pedindo. A natureza é como uma mãe que cuida e cura.

Anos mais tarde perdi meus pais. Preferia levar ferrada de arraia todo dia que perdê-los. Amava-os muito! E para agravar minhas dores, alguns anos depois perdi meu esposo. E recentemente, minha neta!

Atualmente resta-me o amor de meus filhos, netos e amigos da roda da farinha, atividade que ainda existe. Gosto muito de trabalhar, porque me distrai.

Observo o quanto a vida mudou por aqui. A canoa foi substituída por motor de popa, as bicicletas, por motocicletas que correm pelos caminhos entregando pão, e até o micro-ônibus já deu o ar da graça.

As brincadeiras antigas estão sendo abandonadas! E os jovens já não querem estudar, porque o Facebook e a caça ao Pokémon é a bola da vez!

Ao longo dos meus 66 anos, percebo as transformações desse lugar. No entanto, arquivadas em meu coração, ainda reside a dor das perdas que tive, latejantes em meu peito. Dor profunda que nem a copaíba conseguiu curar e que permanece quieta e viva.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Sebastiana Lima do Nascimento, 66 anos.)

Professora: Nancy Socorro de Miranda Cunha  
Escola: E. M. Professora Francisca Góes dos Santos – Careiro da Várzea (AM)

# Minha vida na fazenda

Aluna: Tatiane Pereira Gonçalves

Eu nasci no ano de 1929, na Fazenda Providência, no município de Dianópolis. Era um lugar tranquilo, gostoso de viver. Nasci e cresci naquele lugar. Minha família era grande, ao todo éramos cinco irmãos, meu pai, minha mãe, tios e avô. Quando adolescente, gostava de pescar e montar a cavalo para campear. Meu pai, meu irmão e eu saíamos cedo de casa e íamos atrás do gado, entrávamos mata adentro procurando os animais que, na maioria das vezes, estavam bem distantes de casa, só chegávamos a casa quando estava escurecendo, cansado, mas feliz por mais um dia realizado.

Naquela época não era comum escolas na zona rural, por isso, ninguém sabia ler ou escrever. Para alguém ter o domínio da escrita tinha que morar na cidade. Lá em casa ninguém tinha “incutimento” de morar na cidade para estudar, pois tínhamos notícias dos castigos aplicados às crianças que não davam conta da lição. Aprendi a ler e a escrever depois de velho, gosto muito de cálculos. Hoje, penso que teria me dado bem se tivesse estudado, com certeza não teria apanhado de palmatória.

Quando jovem adorava festas. As festas naquela época duravam dois ou três dias, na verdade uma semana antes da festa já começávamos a planejar e a imaginar quem iríamos encontrar naquele ambiente festivo. Era uma semana de alegria, obedecíamos nossos pais em tudo para não correr o risco de não ir à festa. Algumas pessoas só encontrávamos nessa época. Geralmente o dono da festa matava uma ou duas cabeças de gado para a realização do evento. A cozinha era cheia de mulheres fazendo comida, era um dos locais mais animados da casa. Atrás da casa escutávamos conversas e risos de todo tipo. Era hábito dos jovens ficar escutando as conversas dos mais velhos escondidos.

À noite, ao toque da sanfona, o som rolava solto, era o momento ideal para as paqueras. Foi em uma dessas festas que encontrei o meu amor. O namoro naquela época era só pegar na mão da donzela, nada mais. Se o pai da moça aceitasse, marcava o casamento e realizava a união. Não se importava se a moça queria ou não, o que realmente importava era o desejo do pai da noiva. Meu casamento foi na



cidade, mas a festa foi na fazenda. Foi uma festa bonita, lá estavam todos os meus amigos e conhecidos. Naquela época não existia energia elétrica na zona rural, a luz que existia era a claridade da lua, candeeiro ou fogueira. Sempre gostei desse estilo de vida, simples e humilde. Hoje, a vida na fazenda mudou muito, temos energia elétrica e junto com ela, a geladeira, a televisão, o telefone celular e tantas outras coisas. Nunca pensei que viveria para ver essas mudanças no meu sertão.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Cecídio Cardoso Pereira, meu avô, 87 anos.)

Professora: Jesuiza Bandeira Oliveira  
Escola: E. M. Varjão – Dianópolis (TO)

## Pitanga, uma flor a desabrochar

Aluno: Carlos Daniel de Souza Camargo

Hoje, revivi meu passado quando observei pela janela uma rosa em botão. Recordei da minha infância quando ouvi papai dizer “Pitanga será uma bela cidade”. Então, comparei-a com a flor que teima em desabrochar, apesar do frio dos últimos dias. Teima, pois os primeiros povoadores enfrentaram muitos problemas, índios bravos, um lugar longe de tudo, sem recursos.

Tenho 82 anos, filha de pioneiros da região e Pitanga é a cidade que minha família escolheu para morar. Localizada no Centro do Paraná. Aqui, foi proprietária de um hotel, abrigando aqueles que enfrentavam os perigos da estrada de chão batido, rodeada por matas nativas e serras. Naquela época, não tinha asfalto, carros ou ônibus como hoje. As viagens eram a cavalo, em burro ou em carroças com toldos, que traziam mantimentos e peças de tecidos.

Hoje é diferente, o asfalto chegou, a cidade cresceu. A vida naquele tempo era muito difícil. As cartas eram trazidas por viajantes e tropeiros. Nossa! Que saudade, ao escutar o berrante e logo a chegada da boiada era anunciada pela nuvem de poeira que pintava de vermelho as árvores do caminho, dançando com o amarelo do pôr do sol atrás dos morros. Corríamos fechar as porteiras para que os animais não entrassem e é claro encontrar um lugarzinho para ver a boiada passar, às vezes, nas árvores, atrás de cercas, em barrancos ou nos telhados. Que alegria escutar o fô... fôfô... fô... fô... do berrante. O boia-deiro no portão: “Tem encomenda para vós mecê”, e papai a responder: “Chegue, seu moço!”.

À tardinha, as novidades do viajante e as notícias da *Voz do Brasil*, que o rádio cuspiam na sala. Chimmarrão, só para os mais velhos. Crianças, só escutavam. Então, jantávamos virado de feijão, torresmo e ovo frito. Humm, o cheiro da comida convidava para a cozinha, onde mamãe temperava a vida no fogão a lenha do hotel. No frio, o pinhão embalava as conversas na chapa do fogão.

Agora, apenas lembranças do fogão a lenha, o gás, aquecedores e ar condicionado chegaram. O rádio substituído pela televisão, por computadores e celulares... O pinhão escasso. Pinheiros cortados

pelas serrarias e usados nas construções da cidade, muitas com lambrequins – ornatos de madeira nos beirais dos telhados – feitos pelos ucranianos que trouxeram a sua cultura para a região. Depois, mamãe e papai também tiveram uma padaria, famosa por suas cucas, entre elas a “Cuca da Vó Helena” – pão doce, que até hoje perdura nos livros de receita. Ainda sinto o seu cheirinho doce e seu gosto de pedacinho de céu bailando na minha boca em forma de lembranças. Ai que vontade de sentar à mesa com todos os meus irmãos novamente e tomar o café da tarde.

Em julho, férias escolares, tinha a Festa da Padroeira Sant’Ana. Participávamos das novenas, ajudando na cozinha, preparando deliciosos pastéis, bolos e o famoso quentão que aquecia as noites, pois o frio era bravo. Formávamos assim, uma grande família. Ganhávamos roupas novas: vestidos de cetim, de pelúcia e de renda com passa fitas, sapatos de verniz. Nos cabelos lindas tranças, coques, fixados com laquê. Os mocinhos de calça social, camisa “Volta ao Mundo”, no bolso uma fitinha com uma medalhinha do festeiro, brilhantina nos cabelos. As moças começavam a namorar. Marcavam até casamentos ou fugiam nesta época. Noites animadas por violeiros, gaiteiros, leilões e bingos. Naquela época, havia a coroação da princesa, uma moça do povoado. Hoje, temos a “Vovó Rainha”, alegria para as senhorinhas.

“Ah quantos risos, quantas alegrias” nos nossos carnavais, aos sons das marchinhas tocadas no rádio. “A Estrela D’Alva” era a minha música preferida e o nome do meu bloco. Nossa! Fizemos história nos carnavais pitanguenses, tocados ao som de gaitas e à luz de lampiões. Quem viveu jamais esquecerá. Éramos palhaços encantados. Hoje, som alto. Fantasias? Não vejo mais.

Nossa! Quantas coisas vivi! O tempo voou, porém está vivo na minha memória e no meu coração. Sempre conto para meus netos e bisnetos, quando em meio as conversas, surgem as lembranças de minha mocidade, pintadas no álbum de fotografias em preto e branco. Sinto meus olhos marejados de lágrimas, cheia de nostalgia penso: “Pitanga ainda é uma flor a desabrochar”.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Cacilda de Oliveiro Grande, 82 anos.)

Professora: Andrea Maria Ziegemann Portelinha  
Escola: C. E. Dom Pedro I – Pitanga (PR)

## Lembranças... Doces e amargas lembranças

Aluna: Sabrina da Silva Ferreira

Nasci no ano de 1930, em um pequeno sítio próximo à cidade de Uchoa, no coração do Nordeste Paulista e foi lá que passei os melhores anos de minha infância.

O canto do galo despertava nossas manhãs e mamãe me aguardava na cozinha com uma fatia de pão com café, rosquinhas e mantecais, que ela mesma fazia. Hum! Uma delícia! Comia tudo, pois era grata ao pouco que tínhamos.

Pegava minha sacolinha com os cadernos e quando o papai não me levava a cavalo, ia a pé para a escola. Ah! Como era bom meus tempos de estudante! Minha professora era uma rosa – linda, muito gentil e engraçada –, tinha uma vara de bambu para castigar as crianças, mas nunca a usava. Ensinou-nos o bê-a-bá, e a ler de forma graciosa.

Ao voltar para casa, o almoço me aguardava no fogão a lenha, mas da estradinha sentia o aroma que exalava pelo ar e adivinhava o que mamãe havia preparado.

Depois, eu e minha amiga íamos correndo para uma casa abandonada da fazenda vizinha e ali brincávamos de roda e de boneca, que naquele tempo era de papelão. Como adorava a minha! Tinha cabelos dourados como a luz do sol e olhos verdes como esmeraldas. Também passeávamos pelas casas da colônia e pelo terreirão. Ficávamos horas observando os colonos: secando, empilhando e ensacando o arroz que colhiam, enquanto apontávamos para a casa grande que queríamos morar quando crescêssemos.

Com pouco mais de 13 anos, nos mudamos para a cidade. As ruas não eram asfaltadas e quando os tropeiros passavam com suas boiadas a poeira tingia o céu e as casas com a terra vermelha, que só se apagava na época de chuarada.

Estremeço! O clarão de um relâmpago risca o céu e o barulho do trovão me desperta dos sonhos. A enxurrada desce pela rua transformando-a em rio e com ela vão galhos de árvores e muita lama. Isso acontece sempre em dias de tromba d'água. Cruel realidade!

Novamente as lembranças me levam a um passado bem distante. Recordo com tristeza de uma tempestade que caiu durante dias e destruiu a pequena ponte de madeira, sobre o rio que ligava o centro da cidade ao meu bairro. Enquanto a ventania destelhava casas, as pessoas corriam desesperadas tentando salvar seus pertences, os pais aflitos protegiam seus filhos, temendo que fossem arrastados pela força da correnteza.

A água do rio subiu vários metros e deixou a cidade incomunicável. A única forma de fazer a travessia era em pequenos botes. Quando o rio voltou ao normal, deixou plantações destruídas, animais mortos e estragos nas casas.

A chuva se acalma e com ela minhas lembranças. Revivo o ano de 1948, com a grande inauguração da ponte de concreto, que continua firme e imponente. Sua construção acabou com os problemas que enfrentávamos no período das chuvas. Finalmente, a cidade pode dormir tranquila.

Hoje, com 86 anos, sei que já vivi quase toda a minha vida. Vi e aprendi muitas coisas, sei que me restam apenas lembranças e algumas fotografias dos tempos vividos. Percebo agora, o quanto a saudade dói. Sinto o coração apertado e uma lágrima rola em meu rosto enquanto minha voz, baixinho, repete: “Saudades... Saudades!”.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Aparecida Saes Garcia, 86 anos.)

Professora: Marisa de Carvalho Pacci

Escola: E. M. Professora Herminia Rodrigues Mafra – Uchoa (SP)

## De volta ao paraíso

Aluna: Francyyelly Santos de Oliveira

Vendedores ambulantes e seus pregões faziam parte da minha infância, fonte inesgotável de sabedoria e felicidade. É só relembrar meus tempos de criança e lá estão eles com suas vozes inesquecíveis, seus aromas, suas cores, seus sabores que tornavam minha vida mais doce. Saíamos da rotina quando apareciam. Subindo a ladeira suave da gruta, lá vinha o vendedor de mel de engenho. E na ladeira do padre apontavam o vendedor de uvas e o de pirulitos. O homem do amendoim também dava o ar de sua graça. A criançada fazia a festa. Os operários da fábrica também, principalmente quando o vendedor do cuscuz chegava. Fecho os olhos e escuto:

“Ô mé bom! Menô de engenho!”

“Vende fiado?” – perguntava a mãe.

“Ô mé amargo! Ô mãe, como amarga!”

“Ô uva boa! Vi uva boa!”

“Midubim! Midubim! Cozido e não torrado!”

Minha infância foi vivida na Vila da Fábrica, em torno da fábrica de tecidos que regulava até a nossa vida com o seu apito. “Quando o apito da Fábrica tocar é hora de chegar em casa”, dizia mamãe.

Uma Vila, além do tempo, com ruas largas, enfeitadas pelas alamedas e projetadas para receber os automóveis no futuro. Sabia que foi uma das primeiras vilas operárias da América Latina? Um lugar digno para se morar, um mundo dentro do distrito, com muitas casas pintadas de várias cores. O progresso chegara cedo. Possuía sistemas de água encanada do açude da mata, através de chafariz, sistema de esgoto, lojas de tecido, um barracão para compras, rede de iluminação pública, cinema preto e branco e muitas histórias.

Naquele tempo, caminhava devagar. A Vila era meu mundo. Tudo o que precisava, havia lá: as brincadeiras saudáveis, os amigos, o futebol, as festas, o lazer, a igreja, escolas e até ambulatório. A Vila me dava muitas alegrias, sossego, paz. Dava-me liberdade. Vivia como pássaro! Cada cantinho da Vila era como um galho. Eu pousava em todos eles e sentia o vento acariciando meu rosto, suavizando o calor. Ali começava a construir a árvore da minha vida.

Tempos da meninice, escondidinhos na memória. Ainda bem que fotografei em minha imaginação as lembranças daquele paraíso.

Lembro que acordava cedinho para pegar o leite e o pão que estavam na porta, deixados pelo leiteiro e pelo “pãozeiro”. Que privilégio! Ah, se o tempo voltasse!

Brincava de pão, fura-fura e tomava banho de açude dentro da mata. Subia a ladeira da gruta e descia a ladeira do padre, num intenso vaivém. De um lado a Gruta Nossa Senhora de Lurdes, do outro, a Casa Paroquial. Não perdia nenhuma partida de futebol aos domingos, entre o Penarol e o Guarani.

Como eu gostava de ouvir a música da chuva no telhado de zinco da minha casa, casa de parede de meia. Era a bateria celeste que trazia alegria. A chuva irrigando a vida na terra. Que espetáculo! Que cheiro de terra molhada no ar!

As festas de Natal na Gruta continuam vivas em minha memória. Fervilhava de gente de todos os lugares. Parques de diversões, pastoril! Os mamulengos atraíam a criançada. O bumba meu boi coloria a festa. Andava no carrossel, no bote, na onda marinha, meu melhor brinquedo que girava como samba. Era mágico! Melhor ainda eram os presentes dos donos da fábrica.

O tempo trouxe mudanças na Vila. Com novos prédios, novas construções. A fábrica silenciou. No Penarol, funciona uma biblioteca. Assim não briga mais com o Guarani. A Secretaria de Cultura ocupa o lugar de uma república, morada de operários solteiros da fábrica.

Hoje desenrolei fios do novelo da minha vida. Consegui voltar à Vila e revisei, com vocês, momentos de puro encantamento e já que sou professor, estou me sentindo um escritor. A grande obra? A minha infância. O cenário? Um paraíso no lugar onde vivemos. Os expectadores? Nós. O preço? Muitas emoções.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Valmir Rodrigues de Melo, 59 anos.)

Professora: Maria Solange de Lira  
Escola: E. E. Antonio Correia de Araujo – Camaragibe (PE)

## O ouro branco de Veneza

Aluno: Leandro Emanuel da Nóbrega Irineu

A minha fugaz infância se passou em um minúsculo sítio, no interior da Veneza Paraibana, hoje, uma cidade conhecida como Santa Luzia. A terrinha ficava no pé de uma gigante serra, onde nem jegue subia, chovesse ou fizesse sol. A serra era fascinante, especialmente depois das chuvas, quando ela se tornava uma imensidão de verde, que parecia mais uma grande lavoura, cultivada pelas sábias mãos da natureza.

Ali, naquele pequeno pedacinho de terra, na minha imaginação de menino, o sol era uma criança que nascia no horizonte, com o dever de me acordar, bem cedo, para a lida diária. A mim e aos meus irmãos.

A aurora nem bem surgia com seu clarão e eu já estava em pé. Apesar da vontade de ficar ali quietinho, enrolado no lençol de retalhos que a minha mãe costurava para cada uma das suas crias, levantava, chamado pelo aroma gostoso de café, que tomava conta da pequena casinha de taipa e de chão batido, com móveis rústicos e modestos, os poucos que os mirrados recursos da família permitiam adquirir. Tinha também o delicioso sabor do cuscuz com rapadura, que nos dava a sustância para aguentar mais um dia de trabalho.

Lembro-me como se fosse hoje. Uma modesta bolsinha feita de algodão colorido já me esperava ao lado da cama. Era tão linda; cada filho tinha a sua; servia para armazenar o algodão que colhíamos. Eu conservava a minha com carinho, já que mamãe havia passado noites em claro, tecendo-a, com tanto amor, fio a fio. Ela sempre me elogiava pelo cuidado que tinha com aquela bolsinha.

Semear, cultivar e colher o algodão eram tarefas cansativas, mas acho que, pelo pouco tempo que tínhamos, aprendemos a aproveitar esses momentos de dureza. Até na lida tudo era motivo para diversão. Tudo virava uma brincadeira.

Plantado no começo do inverno, o algodão era irrigado pelas chuvas de junho. Ah, quando as primeiras gotas davam o ar da graça, corríamos para os terreiros. Tomar banho de chuva era a minha maior diversão. Pulávamos na terra, como pintos no galinheiro ao receberem farelo de milho depois de horas sem beliscar um grão. Adorava aquela sensação! Primeiro a água beijava o meu rosto, depois escorria suave pelo corpo. Sentir o gostoso cheiro de terra molhada do roçado de algodão, depois de um aguaceiro, não tinha preço.





Para meu pai, autêntico sertanejo, não havia maior felicidade que ver a chuva desabar. Na verdade, nem bem caía uma gota do céu e ele já ia matutando o que plantar para a próxima safra: feijão, jerimum, milho... Mas era o ouro branco lapidado em nossas terras que traria o sustento dos seus.

Além de colocar a comida na mesa, o algodão curava nossas feridas. O chá de suas folhas aliviava nossas dores e o cansaço que sentíamos; ajudava a repor a água do corpo, perdida pelo suor derramado na lida.

Ah, minha Veneza! Os lombos dos burros já marcados pelo relho, e tão cansados pelo peso dos caçuás cheios de algodão, ajudaram a edificar a “Cidade Ilha”, tão linda com sua pracinha e a capela de São Francisco, onde íamos uma vez por mês, para contemplar as belas pinturas e a graciosa voz do coro, que cantava, em latim, aquelas belas ladainhas. Ah, eu não entendia nada, mas era uma beleza de se ouvir!

O ouro branco serviu para que a Veneza Paraibana finalmente crescesse e se tornasse uma cidade. A cidade Santa Luzia. Tão diferente, hoje! Olho para ela e ainda procuro aquele meu antigo torrão! Eu trocaria tudo que tenho, para ter tudo aquilo de novo: andar no caçuá deitado em cima dos fardos de algodão que eram levados para serem armazenados nas usinas; o cheiro de óleo de mamona, queimando nos pavios de algodão das lamparinas que iluminavam as noites tão escuras. Eita! Não poderia deixar passar em branco, todos aqueles mergulhos nos três açudes da cidade que me propiciaram experiências únicas! Impactos e mais impactos seguidos de uma sensação de refrescância impressionante! É isso que de tempos em tempos invade minha memória, até porque, esses reservatórios renderam à cidade seu título de Veneza.

Ah, minha tão feliz infância! Hoje o que eu faço é recordar aquela antiga vida minha, por que lembrar não traz cansaço e sim saudade.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Manoel Felino da Nóbrega, 64 anos.)

Professora: Edvana dos Santos Vieira  
Escola: E. E. E. F. M. Professor Itan Pereira – Campina Grande (PB)

## De Pirocaia a Montese

Aluna: Vitoria Maria Xavier Rocha

As maiores lembranças de Pirocaia estão guardadas na mente de muitas pessoas que, como eu, as vivenciaram. Mesmo contadas por mim, nunca serão sentidas da mesma forma de quem as presenciou.

Em 1945, eu era um soldado a disposição da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, bravamente, combatia na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. Esperava me transformar de pequeno soldado em grande guerreiro, que lutasse pelo meu país, afinal a defesa da pátria estava acima de tudo, como diziam meus superiores. Pronto para a luta esperava minha missão de seguir para o campo de batalha. Mas fui destacado para ficar no Paiol da Pólvora, na Lagoa Seca, enquanto aguardava ser chamado para ser protagonista no *front* principal. Cheio de incertezas como qualquer jovem que lá estava, mas com a esperança de regressar para meus familiares e, principalmente, para os braços da minha amada que ficara em Groaíras.

Um dia a guerra acabou. Fui licenciado do exército. Planejava retornar às origens de um sertanejo nato, trabalhar no roçado, lidar com o gado, enfrentar o sol escaldante do meu sertão. Mas o destino me reservava outro caminho.

Um amigo de meu pai me ofereceu um terreno na Pirocaia para eu ficar morando em Fortaleza e não retornar para o interior. Rabisquei algumas palavras, não tinha ainda completado o curso primário, e enviei para minha noiva. As minhas “mal traçadas linhas” seguiam por um portador e mesmo com atraso, chegavam ao seu destino.

Pirocaia era um imenso matagal onde tinha um riacho que o deixava alagado. O local era bastante conhecido devido à quantidade e à qualidade de água potável. Lá se produzia a melhor água da cidade que era transportada por carroças com imensos tonéis de madeiras. Não existia transporte para o centro, saindo de Pirocaia. Quem não tivesse seu animal de montaria caminhava até a atual Avenida João Pessoa para pegar um transporte. Ou então iria a pé até a Praça da Gentilândia e de lá pegava o bonde.

Naquele tempo, poderíamos sair de casa e voltar tarde da noite sem nos preocupar com a violência. A casa dormia com as portas e janelas abertas já que não tinha perigo de nada.

Vivíamos uma vida sossegada e leve. A bandidagem era basicamente de ladrões de galinha, dos “pés de chinelos”. O principal trabalho da polícia era levar os casais que se agarravam de forma “indecente” nas praças até a presença do delegado para se explicarem. O serviço era feito em um carro preto que metia medo em todos só com o ronco dele. Era carinhosamente conhecido como “Madalena”.

As casas eram simples, feitas de taipas em sua maioria. Nas portas existiam cancelas, feitas com talos da folha de carnaúba. Alguns usavam varas de marmeleiro que eram abundantes na região. Usávamos fogão a lenha já que não existia o fogão a gás. Ainda lembro-me do forte cheiro de café que nos convidava para uma pausa nos afazeres.

O vento passeava e acariciava os rostos das pessoas livremente. A temperatura era muito agradável para qualquer estação do ano. No inverno o ambiente era hostil para os moradores já que alagava tudo. As crianças aproveitavam para ser divertirem na lama.

Hoje, Pirocaia não existe mais no nome. Em homenagem aos 25.000 brasileiros que formavam a FEB e aos que combateram na memorável e histórica Batalha de Montese, na Itália, consegui mudar o nome da região para Montese, um dos bairros mais movimentados de Fortaleza. Mesmo assim Pirocaia permanece viva na memória de pessoas que sentiram seus ares e que teimam em continuar sua jornada na terra enquanto não somos chamados para o descanso eterno.

O vento não vem mais me visitar devido às construções, raramente ele dá as caras. O verde cedeu seu espaço para o cinza do concreto das construções. As fontes riquíssimas de água secaram atropeladas pelo progresso que veio como rolo compressor para esmagar o passado. A violência tomou conta e vivo encarcerado com cercas de arame nos muros de minha casa para não ser incomodado. Os vizinhos não conversam como antes.

O sentimento de nostalgia invade e inunda meu coração. Mas fico feliz podendo contar a todos alguns desses momentos mágicos e memoráveis que ficaram guardados na minha memória.

**(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Raimundo Nonato Ximenes, 93 anos.)**

Professor: Joaquim Filho Lima Correia  
Escola: E. M. Vicente Fialho – Fortaleza (CE)

## O peso do ferro

Aluna: Laysa Gilles Guidi

Como esquecer uma coisa que fiz por tantos anos, minha querida? Com certeza não me lembrarei de tudo, mas grande parte do que vivi está gravada em minha memória para sempre. Só um minuto... Se bem me lembro...

Os raios solares penetravam entre as frestas das ripas de madeira lascada que me protegiam do choro do céu, do calor do dia e do sopro gelado do entardecer. Esses raios me diziam, cautelosamente, que o sol resolvera sair de seu costureiro esconderijo, atrás das montanhas. Montanhas que guardavam as pessoas habitantes da pequena vila de nome Araguaya, interior do Espírito Santo. Quando abria meus olhos despertava todos os outros sentidos de meu corpo e imediatamente podia sentir o maravilhoso aroma de eucalipto e o som de suas folhas balançando com a ventania. Esse era o sinal de que o dia já havia raiado. Era hora de me levantar e ir ao trabalho que me aguardava.

Então, saía descalço e sonolento pela casa onde morava. O chão batido calçava meus pés com terra e poeira enquanto eu procurava a pequena mesa da cozinha, que ficava no mesmo cômodo que o quarto e a sala. Quando conseguia alcançá-la, pegava um copo qualquer e colocava nele dois dedos do quente e amargo café que me punha em alerta logo cedo. E o bebia junto com uma fatia de pão com banha. Feito isso ia me trocar, colocava uma roupa bem velha, já que chegaria de volta todo sujo de carvão, e seguia em frente.

Ia andando pelas ruas coloridas ao clarear do dia, admirando as casinhas, simples, feitas de estuque – casas com a base de bambu e as paredes de barro e argila batida – e ainda podia ver, ao longe, casas de tijolos e cimento, coisa que naquela época era só para quem tinha muito dinheiro. Havia também casas de madeira lascada, como a minha. Ainda andava sozinho, pois era cedo e muitas pessoas dormiam no aconchego de suas casas naquela vila italiana, via apenas meninos a procura de taruiras, que usariam para causar gatura nas meninas. Mas ia alegre, ouvindo a melodia dos pássaros, o canto das cigarras e o coaxar dos sapos. Logo essa sinfonia era suspensa pelo tilintar dos ferros e dos instrumentos da fábrica de ferramentas da região, lugar onde eu trabalhava. Tuque-tuque... tá-tá... tuque-tuque... tá-tá... Cada vez mais forte... Tuque-tuque... tá-tá... tuque-tuque... tá-tá... E mais forte... TUQUE-TUQUE... TÁ-TÁ... TUQUE-TUQUE... TÁ-TÁ... Esse era o som que perseguia desde meninos de 13 até homens

de 50 anos que viviam na região e precisavam de dinheiro. Esse foi o som que me perseguiu, desde idos de 1949, por quarenta e oito anos, o som das marretas moldando as chapas de ferro quentes como o próprio fogo. Marretas, facas, foices... Todo o trabalho era feito a mão, o que garantia a qualidade do produto, mas me destruía, me corroía.

Eu e os demais funcionários não tínhamos uniformes, fones ou óculos que nos protegessem do árduo trabalho. Tínhamos apenas nossas famílias que precisavam de nós.

Ficávamos na fábrica dez horas por dia, das sete da manhã às cinco da tarde. Quando saíamos estávamos cobertos de carvão, as roupas molhadas de suor e parecia que todo o ferro que havíamos moldado estava sobre nossos ombros – Que peso! – Não adiantava comprar roupas para trabalhar, pois cada muda de roupa – conjunto de calça e camisa –, quando usada para trabalhar, durava apenas vinte dias, nada mais, nada menos.

Mas havia uma coisa boa naquele lugar. Todos os dias via meus amigos, me divertia com eles. Jamais vou esquecer das nossas modas de viola. No horário do almoço, comíamos depressa. E, como todos sabíamos tocar viola, cada dia era um que tocava.

Hoje, ainda moro em Araguaya, perto da fábrica, que está mais mecanizada e os funcionários não trabalham nas mesmas condições em que eu trabalhava, eles possuem uniformes e proteção contra o barulho, o fogo e o calor, e grande parte do trabalho ainda é manual. Às vezes, escuto o “tuque-tuque... tá-tá...”, pois faz parte de minhas memórias. Está dentro de mim. À noite... tuque-tuque... tá-tá..., deito em minha cama... tuque-tuque... tá-tá..., fecho os olhos... tuque-tuque... tá-tá..., e simplesmente... tuque-tuque... tá-tá..., adormeço.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Nelson Calvi, 73 anos.)

Professora: Ana Paula Breda

Escola: E. E. F. M. Victório Bravim – Marechal Floriano (ES)

## Imagens no calor da tarde

Aluna: Ketlen Silva de Almeida

“Do que eu gostava de brincar quando era moleque?” Deitado numa rede que balançava devagar com os pés apoiados no assoalho, seu Lourimar devolve a pergunta. Sorriso brilhando nos olhos. Parecia chamar por suas lembranças adormecidas.

A primeira imagem que me vem à mente é a do moleque rueiro, da perna tuíra, que eu era. Tinha uns 7 anos. Morávamos no bairro do Trem, próximo de uma área alagada, o Lago do Sapo. Nas partes de terra firme, eu pulava macaca, brincava de pira, empinava papagaio e jogava bola, minha disposição e energia não tinham limites. Naquele tempo Macapá era tranquila, sem os medos e os perigos de hoje. Eu era livre, fedia a sol, cheirava à chuva.

Meus pais tinham vindo do interior do Pará. Na casa simples de madeira, o luxo que tinham era um rádio antigo – uma caixa de madeira escura com botões dourados. Ficava numa prateleira, no canto da sala. Nunca atçou minha curiosidade.

À tarde, em meio a chiados, sintonizavam o programa das mensagens para o interior: “Alô, alô, seu Sabá, no Furo do Ajuruxi ou onde estiver. Chegamos bem, a maresia estava mansa. Já entreguei a sua encomenda. Prepare o capado e o açã que voltarei no sábado. Assina seu compadre, Manoel”.

Meu pai e minha mãe se reconheciam naquelas mensagens: “Então o Maneca, da Mariquinha, está por aqui e trouxe farinha... Vamos atrás dele!”. Em casa não podia faltar farinha de mandioca. Minha mãe não dormia sem ela. Vai que alguém adoecesse, de madrugada, e precisasse de um caribé? Na cozinha, uma grande lata com farinha ficava em cima de um mochinho, ao lado do pote.

Entre uma brincadeira e outra, eu irrompia correndo casa adentro para comer um punhado de farinha e tomar uma caneca de água do pote. Às vezes, escondido, fazia chibê, misturando água, açúcar e farinha. Comia com a fome mais feliz do mundo. Largava a caneca suja no jirau e ganhava a rua de novo.

Nunca vou me esquecer do dia em que vi meus parceiros de bola amontoados diante da porta entreaberta da casa do seu Francisco. De todas, era a mais ajeitadinha, com suas janelas venezianas e pintura nova. Devagar me aproximei e... Pah! Brabo, seu Francisco fechou a porta! Os moleques saíram numa correria só.

Para cada porta que se fecha, tem sempre uma janela que se abre. Dito e feito.

Espremendo o olhar entre as palhetas da veneziana, vi uma caixa parecida com um rádio, só que maior. Além do som, irradiava luz, tinha imagens em movimento, tinha vida! Vi pela primeira vez uma televisão funcionando! Naquele momento minhas pernas congelaram, nunca algo tinha acendido tanto minha curiosidade de menino. A luz daquela pequena televisão refletia em meu olhar um encantamento inigualável e eu me via encantado.

Seu Francisco não sabia, mas, ao fechar a porta, abria meus olhos de criança para um mundo mágico. Aquelas imagens em preto e branco me fascinaram.

Eu, que não parava quieto, agora ficava a tarde toda em pé, deslumbrado, assistindo à televisão pela janela do vizinho. As brincadeiras perderam a graça diante de programas como “Chacrinha” e “Os Trapalhões”.

Seu Francisco não gostava. Mas, o que eu podia fazer se ele era o único vizinho que tinha televisão? De cara feia, ele me perguntava se eu não tinha casa. “E a minha privacidade?”, reclamava. E eu lá sabia o que era isso! A doce ignorância e o coração humilde de criança me protegiam de ressentimentos e eu sempre voltava.

O tempo passa e a vida da gente muda igual a uma imagem de televisão.

Hoje, aquele moleque da perna tuíra cresceu e constituiu família. Tem em casa uma televisão moderna, de alta definição. Mas, daria tudo para assistir de novo, pela veneziana, à TV em preto e branco do seu Francisco!

Macapá também cresceu e mudou muito. A Lagoa do Sapo não existe mais. Naquele lugar há uma linda praça, a Floriano Peixoto, com seus belos lagos.

Observo as crianças assistindo à televisão. Não há mais em seus olhos aquele brilho de encantamento. Será que estão aprendendo algo de bom para a vida? Há sempre essa preocupação.

Minha infância foi pobre, mas feliz. Graças a Deus, ela foi a base para o homem cheio de esperança que sou, que vê nos obstáculos da vida janelas que se abrem para a fé, o conhecimento e para a esperança.”

O balanço da rede ditou o ritmo da conversa. Com os olhos da memória, seu Lourimar assistiu emocionado àquelas imagens do passado – lembranças queridas, acordadas no calor da tarde.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Lourimar Andrade da Silva, 44 anos.)

Professora: Josefa Maria Taborda do Nascimento Silva  
Escola: E. E. Professor Irineu da Gama Paes – Macapá (AP)

## Nas cinzas da floresta

Aluna: Samira de Oliveira Moura

Era tempo de dias difíceis! Criada por mãos calosas de bravos heróis anônimos, quando aqui cheguei com minha esposa e meus seis filhos, em 1973, a Vila Jaru começava sua história, nas cinzas de florestas isoladas.

Hoje, daqui da varanda da minha casa, ao contemplar as árvores contorcendo-se numa dança fluída ao som dos pássaros, me transporto direto ao tempo em que o silêncio da floresta era rompido pelo zunzuzum das ferramentas que lançavam as bases do povoado.

Lembro-me que diariamente centenas de homens e mulheres, advindos de vários pontos do país, aqui aportavam em ônibus e caminhões “paus de arara” na ilusão de um “Novo Eldorado”. Era muito sonho, muita esperança, muita fantasia... Mas muita malária, muita hepatite, muita febre amarela.

O Posto de Saúde do Incra, na época, parecia tendas hospitalares em áreas de guerra: não com pessoas feridas por bala ou bomba, mas feridas pelas doenças tropicais ou pelas motosserras.

Lembro-me de que todas as segundas-feiras, enquanto nossas famílias nos aguardavam no vilarejo, no primeiro cantar do galo, eu e meus companheiros, Silas e Augusto, colocávamos nossos “cacaios” nas costas e embrenhávamos na mata virgem com provisão de passar uma semana na selva. Manejávamos com maestria o facão, o machado, a foice, a motosserra, e, a cada movimento, levávamos ao chão toda casta de árvores: umbaúbas, babaçu, cedros, ipês e imensas castanheiras.

Na mata, o céu se descortinava com os primeiros raios solares penetrando por entre as árvores, atingindo nossos olhos sonolentos, abatidos pelo cansaço acumulado. Levantávamos ao som dos pássaros em uma algazarra deliciosamente barulhenta. O trabalho não cessava. Eram mais árvores que desabavam, mais galhos que arrebentavam, mais cipós que se desprendiam.

Enfrentávamos muitos perigos na selva. Daquele tempo, se não me escapa da mente, foi na manhã do dia 25 de setembro de 1975. BRRRBOOOOMM! O barulho, apesar de familiar, nos assustou. Enquanto tirávamos as árvores da natureza, a natureza tirou nosso amigo Augustinho de nós. Naquele momento tudo parou. Queria que tivesse sido apenas um pesadelo... Não foi pesadelo... Foi real. Foi o fim da caminhada do nosso amigo na estrada da vida. O tempo passou. Muitos outros bravos pioneiros foram tombados na luta insana de moldar e dar forma à região.



“Finalmente o progresso chegou! É o presidente do Brasil na nossa cidade!” Essas eram as frases que ecoavam pelas ruas, ainda bastante desertas, por aqueles que venceram a selva e a malária, anunciando a visita do governador Jorge Teixeira e do presidente João Baptista Figueiredo para a entrega dos títulos de colonização do projeto “Padre Adolfo Rohl”. – Ai, que emoção! – Uma multidão se formava para ver a chegada das autoridades em um helicóptero. A recepção foi calorosa. Como dizia alguns pioneiros: “Ali Jaru começou a existir de fato!”.

Hoje vejo que o progresso trouxe aparelhos modernos como celular, computador, máquina de lavar, que torna nossa vida muito mais prática. Naquela época o conforto passava longe até dos nossos sonhos. Buscávamos água no rio. Minha mulher a colocava em uma bacia, em um cercado improvisado de madeira, para as crianças tomarem banho. Depois nos servia o delicioso jantar, preparado no fogão a lenha.

O domingo era o dia de descanso e de ir pra igreja. Depois dos cultos, muitas crianças e adultos iam tomar banho no Rio Jaru. Eles se divertiam brincando de pega-pega na água, mergulhando, saltando do barranco, brincando com o barro. As crianças criavam os próprios brinquedos.

Qualquer pedaço de madeira servia para elas fazerem uma corrida de cavalos. Energia? Nem sabíamos mais o que era. Diferentemente de hoje, nossa diversão à noite era sentar perto de uma fogueira e contar histórias.

Foram muitos os momentos difíceis vividos aqui, mas cada um é especial em meu coração. Hoje quando passo pelas principais avenidas da cidade, um filme se passa na minha cabeça. Um filme de ação e de luta... Um filme que conta a história de bravos guerreiros que “deram a vida” para ver o progresso de uma cidade que surgiu numa clareira, nas cinzas da Floresta Amazônica.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Antônio Neres de O. Filho, 66 anos.)

Professora: Ediléia Batista de Oliveira  
Escola: E. E. F. M. Governador Jorge Teixeira de Oliveira – Jaru (RO)

## Ferrovia da saudade

Aluna: Maria Victória Alves dos Santos

A vida é mesmo uma viagem... E quando ela é feita de trem, nos trilhos da memória, cortando matas, serras, apitando no sertão, cada parada revela uma surpresa, em cada estação um embarque, um desembarque... O trem segue seu caminho, e com ele, a vida.

A minha história começa antes de o trem soltar as primeiras nuvens de fumaça, apitar na estação e anunciar sua partida. Desembarquei em Espinosa, no Extremo Norte de Minas Gerais, para trabalhar na “linha de trem”.

A estrada de ferro, como era comumente chamada, foi construída com muito suor, muitas pessoas deram o sangue, ou perderam suas vidas para que a obra fosse concluída. O trabalho era árduo. No decorrer da construção da ferrovia fiz muitas amizades. Muita gente vinha de longe para trabalhar naquela empreitada. Baianos, alagoanos, outros de lugares distantes de Minas Gerais. Nas paradas para o almoço ou café, era uma mistura de sotaques, gostos, tipos, e um sem-fim de causos, narrados com a empolgação de quem vai levando o progresso sobre os ombros.

A ferrovia pertencia à Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, mas naquela época era conhecida por todos apenas como “Leste”. Muitos trabalhadores daquela obra recebiam apelidos baseados no nome da ferrovia, que era assim chamada por pertencer à região leste do Estado da Bahia. E assim formávamos uma família. No trabalho e no nome: Antônio da Leste, João da Leste, Joaquim da Leste, e foi assim que eu me tornei, a partir de então, Augusto da Leste. O outro Augusto, o Dias da Silva, ficou lá, perdido nos trilhos da ferrovia...

Naquela época, o que mais me marcou foi a construção do dreno, necessário para esgotar a água que se acumulava na “lagoa do finado Azemar”, que, nos períodos de cheia, passava sob a via férrea no ponto onde hoje está situado o correio da cidade. A lagoa era muito grande, foram necessários muitos homens para tirar toda a água. O dreno, de tão bem feito, está lá até hoje.

A obra foi concluída e a estrada de ferro começou a atender a todos os moradores como principal meio de transporte. Foi então que eu tive o prazer de andar pela primeira vez em um desses “vagões” de trem. Percorrendo um caminho que eu ajudara a construir. Naquele dia eu não cabia em mim de felicidade, viajei como aqueles artistas famosos, que a gente só via nas televisões em preto e branco da época.

Até o ano de 1992, o trem de passageiros fez o trajeto sudoeste baiano–norte mineiro. Conhecido como “trem baiano”, proporcionou aos moradores mais antigos o privilégio de viajar por entre as matas, cruzar rios e apreciar os juazeiros, umbuzeiros e pequizeiros que margeavam a linha. Com o passar do tempo, vi o progresso de fato chegar. A cidade cresceu e evoluiu de tal forma que a “máquina de ferro”, esquecida em meio ao matagal, foi sendo substituída pelos automóveis. Seus trilhos, hoje já bastante enferrujados, estão encobertos pela vegetação. Parte-me o coração cada dia que vejo os dormentes, os meus dormentes, sendo levados, à luz do dia, para queimar nos fogões a lenha ou servir de estaca de cerca nos sítios vizinhos. Ainda sonho com a volta do trem baiano. Poder ver a antiga Estação Ferroviária restaurada, viva, apinhada de gente esperando surgir, lá longe, a locomotiva apitando, soprando fumaça... Por enquanto, o trem é o da saudade. E é hora de desembarcar. Desço orgulhoso. Sensação de dever cumprido, após ter dedicado 31 anos da minha vida de operário aos trilhos da ferrovia.

Aposentado, quero mais é contar os “causos” e fazer viva a memória dos tempos da ferrovia, porque o trem da vida, às vezes, passa depressa demais...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Augusto Dias da Silva, 73 anos.)

Professor: Edilson Moreira Braga  
Escola: E. E. Dom Lúcio – Espinosa (MG)

# Amor que não posso mais viver

Aluna: Thayssa Paiva de Castro

Sempre quis trazer à tona histórias cheias de sonhos e o amor pela dança, lembranças que me fazem reviver “lá atrás”.

Em tempos idos, na minha Doutor Severiano, eu muito remexi. Ah, como eu remexi! Andei os quatro cantos daqui e da vizinhança. Só não fui ao céu, porque é o último lugar para onde ainda pretendo ir.

Perdi minha mãe aos 9 anos, e entre tantas dores, algo me dizia para voltar a criança alegre que a todos encantava. Essa alegria estava na dança. O amor pela dança, a paixão pela música, os sons que ecoavam na rua em que eu morava, me davam forças para reerguer e vez ou outra florescia um sorriso no meu rosto.

Os tempos passaram e chegou a mocidade, época em que a dança marcou minha vida e, pelo remexido e rodopio feito pião, fiquei conhecida na região como uma das melhores dançarinas. Por causa disso muito me enaideci e só dançava com negos que “tiravam o pé do chão”. Reunir-se com os amigos, beber até o dia amanhecer, ir a todos os bailes, rebolar de ficar com dores no corpo, sem dúvidas é daí que guardo as melhores sensações da minha vida.

Em dias de bailes o barracão virava um formigueiro de gente feliz e harmoniosa. Era lá onde tudo acontecia ao claro de lamparinas em cada pilar. Hoje, o barracão está apenas nas memórias dos mais velhos, em seu lugar encontramos a famosa Praça de Eventos, que abraça novos estilos musicais e novos jeitos de dançar e comportar-se.

Naquela época, o povo festeiro vestia-se humilde, mas estava sempre lindo! Já nos caracterizávamos de acordo com a ocasião. Se fosse carnaval, lá ia eu com minha fantasia feita de papel de embrulho; se não, os sacos de açúcar transformavam-se em tecidos e davam forma a lindos modelos de saia rodada que encantavam os olhares no salão. Quando as condições melhoravam, com tecidos de bolinhas, fazíamos vestidos de manga, sempre rodados e com bordados na barra, os quais no salão, faziam nossos olhares se perderem nas fantásticas bolas, minúsculas e incandescentes como as estrelas do céu.

A maquiagem ficava por conta do papel crepom que era molhado e passado no rosto para dar cor às bochechas. O batom vermelho completava o feito. Meu Deus! Não poderia esquecer aqui dos famosos

penteados, que revelavam o tamanho do cabelo. Se fosse grande, uma bela “cafofa”, se fosse curto, raspávamos o cangote e fazíamos costeletas, como os homens.

A animação de tudo era encabeçada por apenas dois sanfoneiros: Manoel Vino e Geraldo Belizário. Pense nuns cabras arretados de bons! Tocavam tanto, que a sanfona gemia em vários ritmos: samba, xote, forró e principalmente, a bela valsa. A valsa, dançávamos com os braços estendidos e o corpo longe do cavalheiro, antes, nós tínhamos respeito aos nossos pais. Hoje o corpo não me permite dançar, mas quando tem festa e no outro dia escuto os comentários daqueles que foram, recordo que eu e minhas amigas sempre nos reuníamos para relatar as fofocas dos bailes, que eram medonhas! Dávamos altas gargalhadas! Que saudades! Agora, quando tem festa, sei que a praça fica lotada, que tudo é clareado pela iluminação elétrica, que as bandas, com vários componentes, tocam poucos ritmos musicais. A moçada dança uns forrós de um jeito esquisito e o respeito na dança, esse não existe mais.

Em dias de festa, sento na minha calçada, na minha velha e cansada cadeira e fico a observar o vaivém das pessoas. Ao ver as mocinhas de minha rua passando, todas emperquitadas, percebo que as saias não rodam mais no salão, porque os shortinhos são os preferidos. E toda a movimentação, embora cheia de mudanças, comparadas à minha época, ainda me fazem remexer o corpo na cadeira e o sentimento ainda invade meu coração e me faz estremecer a alma, fazendo-me recordar quando o pandeiro fazia “BRÁ” sempre que o sanfoneiro cantava: “Ninguém tem dó / Do meu penar, / viver tão só, / sem ter um amor é de amargar”.

E nessa hora uma certeza toma conta de mim, não com passos precisos e rápidos, mas lentamente como os dias que tenho vivido: serei eternamente uma amante da dança. “Dancei que alejei o corpo, mas não, a alma”.

(Texto baseado na entrevista com a senhora Maria do Socorro de S. Silva, 79 anos.)

Professora: Núbia Cristina Pessoa de Queiroz  
Escola: E. E. F. e EJA Coronel João Pessoa – Doutor Severiano (RN)

# A embarcação das lembranças na locomotiva da vida

Aluno: Júlio César Pinheiro de Melo

O lugar onde vivo é banhado por um rio extenso, de água cristalina, que corta dois Estados e atravessa várias cidades até desaguar na Lagoa Mundaú, na capital de Alagoas. Nesse extenso percurso, ele carrega em sua correnteza muitas histórias de banhistas que lá iam apreciar as belezas naturais do lugar de cada um.


Assim também é a minha vida, banhada por um passado de marcas submersas num lago de memórias, de um tempo que decolou e não volta mais. São 55 anos de vida, moradora da cidade de Rio Largo, interior alagoano.

Há grandes marcas desse curso de água na população ribeirinha, que foi devastada por duas enchentes de grandes proporções, que segundo os mais antigos moradores, esse fenômeno natural ocorre calçado na lenda da serpente, sobre certo homem que enterrou a cadela dele na igreja, jogou o rabo dela no rio e ele se transformou numa serpente que esta dormindo nele, esperando por mais três enchentes para a cidade ser varrida do mapa e esse mito só cessará quando a inundação lavar a torre da Igreja. Essa é a razão das fortes enchentes nas regiões cortadas pelo rio, a fúria da serpente que acorda a cada dez anos.

São tantas histórias para contar. Quantas emoções ao recordar desse rio que tanto nos banhou e nos alegrou.

Naquele tempo, nossa cidade vivia num ritmo peculiar, habitada, em sua maioria, por um povo simples, trabalhadores da fábrica de tecidos, mas que tinham de matricular seus filhos na escola, como condição ao vínculo empregatício. Nesse caso, a instrução era uma prioridade dos patrões.

Além disso, a solidariedade era marca registrada daquele povo feliz e generoso. Lembro-me da tranquilidade em deixar a porta aberta e ficar conversando até tarde, curtindo a brisa e a luz do luar e escutando bons causos de nossos familiares e vizinhos, pois não tínhamos tecnologia e a nossa diversão era compartilhada nas brincadeiras de rua. Ah que saudades das tradicionais festas que ocorriam na destilaria, um final de ano genuinamente alagoano. Naquela época, meu sogro era músico titular da banda da fábrica e encantava toda a população com aquelas lindas melodias, enquanto eu dançava pastoril, meu esposo dividia sua presença nos dois palcos para nos prestigiar.



Nosso Natal era assim, vivido intensamente e comemorado em grande estilo. Os ecos do nosso povo eram retratados e reportados nos dois jornais que circulavam na cidade, como eram fascinantes aquelas leituras.

Fiz muitos passeios de trem, principal meio de transporte, e no arrastar trepidante pelos trilhos entre a capital e o lugar onde vivo embalei muitos sonhos ao lado de meu esposo. Só que não posso mais embarcar na mesma viagem, fazer uma embarcação na locomotiva da vida cujo trajeto me transporta a um tempo memorável onde minha família estava completa, todos juntos no vagão da felicidade. Hoje, minha vida é marcada pela ausência, e a saudade inunda meu ser, assim como a enchente devastou a cidade, agora só me resta reconstruir esse percurso, revivendo bons momentos na saudosa embarcação de minha vida. A música já não tem o mesmo acorde, falta meu baterista para completar a melodia. Meu coração chora essa saudade.

Juntando todos os retalhos dessa viagem inevitável da embarcação da vida, observando a cidade se reconstruir, adquiro forças para, hoje, enfrentar as tantas mudanças nesse lugar e na minha vida. Observo as marcas que a enchente deixou, depois da devastação pela força da água, a cidade, na região ribeirinha, foi isolada e o transporte ferroviário ficou suspenso. Pensei que não iria mais ouvir o apito do trem que me reporta a tantas lembranças.

O planejamento governamental foi deslocar as vítimas para a parte alta da cidade e as ruínas permanecem como registro material de momentos inacreditáveis que marcaram imensamente a minha cidade, o meu lugar.

Hoje tudo mudou, aquelas festas tradicionais diminuíram, a calmaria já não se faz presente, a população aumentou, a proximidade com a capital transformou a cidade numa região metropolitana e a violência se fez presente. Não há mais a tradicional fábrica de tecidos nem todo o seu cuidado com nosso povo. Mas se bem me lembro ainda é muito bom viver nesse lugar.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Lolá, 55 anos.)

Professora: Kayllene Leite da Rocha Santos  
Escola: E. M. E. F. Esmeralda Figueiredo – Rio Largo (AL)

## Uma saudade chamada “Quitandinha”

Aluna: Ana Rayssa Reinaldo do Nascimento

Deitada em uma rede na varanda de casa, vislumbro cada momento, cada instante do bom tempo de minha infância, uma infância passada na Rua Parque Quitandinha, na cidade de Fortaleza. Muitas árvores, poucas casas e ruas tranquilas, de chão batido, onde uma leve poeira subia quando o vento soprava. Tudo isso está dentro de minha memória e surge como um *flash*.

Morava próximo a uma padaria e toda manhã acordava com aquele cheirinho de pão, mas nem sempre podia ir comprá-lo. Era uma época difícil. Minha mãe criava, sozinha, seus seis filhos, com muito amor e esperança de dias melhores. Hoje a padaria do senhor Miguel ainda está lá, no mesmo lugar, agora no meio de vários prédios, e não é mais uma padaria, agora é uma luxuosa panificadora, sem o mesmo aconchego de antigamente nem a cadernetinha de anotar a “conta”.

Para mim, os melhores momentos eram as tardes de brincadeiras com as crianças da rua. Algumas muito arrumadas, com lacinhos na cabeça e vestido de organdi bordado, com suas belas bonecas; outras, correndo, soltando arraias, pulando corda ou brincando de pega-pega. Eu gostava de brincar de cirandinha, achava muito animado e cantava o mais alto que podia. Não havia coisa melhor. Ficava olhando aquelas meninas e imaginando um dia estar em um vestido igual ao delas, mas isso não me deixava triste, eram apenas pensamentos momentâneos.

Lembro-me da boneca de pano que minha mãe fez e que eu tanto amava, minha companheira, amiga e confidente que muito me escutava, com quem chorava, sonhava, com ela eu era uma princesa e tudo podia. Até hoje guardo-a num cantinho do meu armário. Olhar para ela traz alegrias ao meu coração. Sei que, apesar de todos os desafios, fui feliz e sinto saudades daqueles tempos.

À noitinha ficava na calçada, onde aos poucos chegavam as amigas de minha mãe. Ao longe, crianças brincando com seus pais e, subitamente, uma tristeza toma conta de mim. Recordo de meu pai, que se perdeu na triste caminhada no sertão cearense em busca de trabalho e nunca mais voltou. Hoje, sei o quanto são importantes o companheirismo e a presença afetiva de um pai. O vazio ainda permanece e uma lágrima teima em escorrer no meu rosto.



O tempo passou e a Parque Quitandinha foi desaparecendo, assim como suas casas simples. As ruas de chão batido foram dando lugar ao calçamento e aos postes com luzes. As conversas nas calçadas deram lugar à violência, aos assaltos. Crianças são engolidas pelas drogas e outras, na dança da roda da vida, só conseguem dar meia volta.

É, a cidade cresceu e a minha Rua Parque Quitandinha passou a ser Avenida Rui Barbosa, com muitos comércios, escolas e muitos carros a transitar. Agora, da varanda do meu apartamento, vejo como tudo está modificado, mas os momentos marcantes vividos aqui enchem meu coração de ternas recordações. Nessa hora sinto que a história vai continuar, talvez não seja Parque Quitandinha ou Rui Barbosa, quem sabe outro nome, mas enquanto eu estiver aqui ainda terei muito que recordar.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Francisca Vidal do Nascimento, 70 anos.)

Professora: Maria Gerlina Moreira da Silva  
Escola: E. E. F. M. Renato Braga – Fortaleza (CE)

## Uma rede, uma lembrança

Aluno: Carlos Breno de Sousa Ponciano

Numa tarde calorenta, refrescada pelo balançar de uma rede, pê lá, pê cá, dona Joana ia desfiando os fios de sua memória.

Lembro-me bem da infância, entre sonhos e fantasias não parávamos de esperarçar as nossas vidas. Morávamos lá em Caridade, no sertão do Ceará. Vivi por lá os encantos de menina.

Acreditava que estava a um passo de realizar todos os sonhos e mal sabia que tinha muito ainda para conquistar.

Ela recordava sua infância, distraída pelo balançar da rede, olhar longe e voz firme. O sertão sofrido e quente despertava dentro da gente um desejo de diversão. E do desejo à brincadeira era um pulo. Chuva, chuva, sol, sol; assim passavam as estações e nunca perdíamos a doçura de criança. Éramos pobres, não tínhamos dinheiro para comprar nada, mas brincávamos muito. Praticamente artesãos. Pois tudo que encontrávamos, em nossas mãos, viravam brinquedos: sabugo de milho se transformava em bruxinhas, nossas bonecas; latas, eram carrinhos; com barro, moldávamos panelinhas; caixas de fósforos, nossos móveis. A casinha era a céu aberto, acompanhando os muros e paredes das varandas das casas. Brincávamos sem perder o sonho e as fantasias e, com as brincadeiras, aprendíamos o dom da vida.

Aos domingos depois de uma semana puxada, íamos para uma casa que tinha televisão. Eu e minhas amigas assistíamos mais um episódio de *Os Trapalhões*. Depois voltávamos, deitávamos na rede e olhávamos com o olhar triste, mas também feliz a caatinga. À noite, com uma viola, cantávamos a eterna canção de Luiz Gonzaga: “Minha vida é andar por esse país...” fantasiando em sair dali e viver nossos sonhos.

O sertão tem também seu lado custoso, árduo e exige da gente uma luta diária. Lembro-me bem de todo o sofrimento, principalmente quando o assunto era alimentação, pois sim, na minha casa comi

muita rapadura com farinha. Meu pai comprava “dindin” que transformávamos em refresco para complementar, mas a fome era doída.

Quando chegava abril, que era o mês mais frio, tínhamos de subir a Serra do Lajedo, que era ainda mais frio. Íamos, nas proximidades da semana santa, para nos reunir com o resto da família. Entre festividades e missas, nossa comunidade, nessa época, se ajudava na colheita do milho e do feijão. Após a colheita debulhávamos o feijão conversando e rindo nas varandas das casas, lembro-me do prazer de tirar a vagem fria da terra. Nessa época, na entrada da cidade, sempre brincávamos aos pés da imagem de Santo Antônio, padroeiro de nossa cidade, e rezávamos pelas nossas vidas. Ainda não tinha a confusão do santo sem cabeça, não. Isso é história recente, de 1992. Fizeram uma estátua de Santo Antônio, quando foram medir a velocidade do vento no local escolhido para erguer a imagem, percebeu-se que o local ventava muito, então disseram que o corpo não sustentaria a cabeça, e até hoje a estátua está lá, sem cabeça.

O tempo passou e ainda sinto o cheiro da vida boa, mas dura do sertão. Tive que batalhar muito, mas nunca perdi minhas lembranças de menina. Ainda posso ouvir o farfalhar seco das folhas no milharal. Hoje sou uma mulher realizada, tive três filhos, criei dois, porque o primeiro tive que deixar com minha mãe quando vim morar em Fortaleza. Entre idas e vindas mantenho o encanto e as lembranças da criança que fui e sempre vou me lembrar do meu eterno sertão.

Memória é bicho engraçado, faz a gente lembrar de muita coisa. Pê lá, pê cá, fecho os olhos e escuto a canção de Gonzaga... “Minha vida é andar por este país...” e já estou de novo longe, embalada pela canção. Pensando, deitada na rede, plantando no milharal, fazendo bonecas, subindo a serra e embarcando numa viagem cheias de memórias, pousando na varanda com cafuné de minha mãe. Um jeito bom de seguir a vida e resgatar o que foi perdido no mundo.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Joana Darque, 43 anos.)

Professora: Ana Valéria Roldan Viana

Escola: E. M. Maria do Socorro Alves Carneiro – Fortaleza (CE)

## Águas passadas

Aluna: Alice Rodrigues Silvino

Na surrada cadeira de balanço, começo a recordar meus tantos anos já vividos. E são muitos! Amores, surpresas, tristezas, tudo recorro, mas com dificuldade. As poucas lembranças que ainda guardo pertencem à minha saudosa infância, particularmente aos meus 8 anos. E como diria o poeta Casimiro de Abreu: “Oh! Que saudades que eu tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”. Ah! Tempos bem vividos em Assaré, interior do Ceará, cidadezinha bem pequena, mas que me permitiu ser o grande homem que me tornei. Não tenho baús para guardar minhas lembranças, porque elas estão em mim, em cada ruga que cada um dos anos me deixou.

Ao remexer minhas memórias, sempre encontro uma das imagens que se mantém pura nos meus pensamentos, a do meu velho Banguê, bem extenso, pelo visto para mim era como um mar de alegrias. Um lindo e reluzente açude, no meio da cidade, causador de paixões, de alegrias... Lembro-me como se fosse hoje que não havia um dia sequer para aquelas águas não estarem lotadas de crianças de todos os tipos. Crianças baixas, altas, morenas, claras, ricas, pobres... Todas misturadas sem se importarem com *status* social e outras coisas mais que a sociedade de hoje coloca como critério de vida. Todas estavam ali, inclusive eu, nossos objetivos: brincar e aproveitar a paisagem diversificada do querido Banguê.

Além das crianças, outras pessoas compunham diariamente o cenário do Banguê... Nossas mães, por exemplo, também estavam lá, mas por outro motivo. Além de ser o palco de nossa diversão, o lago era um meio de sobrevivência para muitos. As nossas mães, que lá estavam todo santo dia, levavam, pendurados nas mãos, baldes e bacias grandes e carregavam pesadas trouxas de roupas na cabeça. Elas costumavam usar vestidos longos de chita e cabelos amarrados, sua aparência era sofrida por causa do trabalho e do calor insuportável. O sol ardente esquentava as enormes pedras esbranquiçadas de sabão que, ao se espalhar pela água, chegava a parecer neve de tão branquinho. Ao fim da lavagem de roupa, as vestes delas estavam encharcadas e as roupas lavadas, as quais muitas chegavam lá avermelhadas de sujeira, estavam branquinhas como nuvens no céu. Nossas mães faziam milagres!

Os homens, por sua vez, usavam chapéus de palha e carregavam nas costas sacos e varas de bambu sempre que iam ao Banguê. A intenção era uma só: pescar. Primeiro, porque era algo que lhes dava prazer, depois, porque o peixe era tudo que muitos tinham para misturar ao arroz e feijão das refeições.



Eles costumavam sentar no alto de sua parede, preparavam o anzol e iniciavam a pesca. Uns, com sorte, saíam com sacos cheios de peixes; outros, com tristeza e decepção, não conseguiam muita coisa.

Além disso, misturavam-se às famílias, às margens do açude, bois, cavalos, ovelhas e outros animais, todos usando o Banguê para saciar a medonha sede. Eram animais magros e fracos, de aparência cansada, por causa da falta de alimento que prevalecia. Meus olhos ainda lacrimejam ao lembrar como tudo era tão difícil, pois dava dó ver os bichos brutos passando fome porque a seca dos anos anteriores tinha acabado com o restinho de alimento. Por sorte e proteção divina, ainda tinha o Banguê para saciar a sede dos animais e dos homens.

Rodeando o açude, pequeninas casas de taipa e de tijolos decoravam o ambiente. Nessas casas quase sempre tinha a famosa cisterna para aproveitamento da água de chuva, entretanto quase sempre era abastecida pela água daquele açude, levada pelo caminhão pipa. Chão, louças, gente... Tudo lavado com água do Banguê.

Um dia, acordamos sem o Banguê. O progresso havia chegado a Assaré e o primeiro a ir embora foi o nosso velho amigo. No seu lugar ficaram casas, ruas e uma rodoviária. Hoje, das águas dele, restou apenas um nojento córrego, onde desembocam os esgotos dessas casas, e ainda abriga lixos, insetos e as consequências deles.

Agora, ao reviver essas memórias, vejo que Patativa do Assaré tinha razão quando cantava que não dava “a casinha de palha no palácio do imperador”. Assim como o poeta, eu não dou minhas memórias do Banguê na modernização do meu Assaré...

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Romeiro de Carvalho Neto.)

Professora: Ivaneide Gonçalves de Brito

Escola: E. E. F. M. Raimundo Moacir Alencar Mota – Assaré (CE)

## No tempo da lamparina

Aluna: Tarciane Ferreira Dias

Eu ainda me lembro! A década era dos anos 1920, e em mim marcou tanto! O lugar das minhas lembranças chamava-se Pavuna, significando Vale Escuro, nome dado pelas primeiras famílias que fugindo da seca do sertão cearense aqui se instalaram.

As poucas casas eram de taipa, feitas de barro e coberta por palhas da palmeira, exceto a “casa grande” construída de tijolos e coberta de telha. Hoje virou tapera. Decerto a casa era habitada por uma família de posses, pois até escravos tinha para o trabalho servil da lavoura. E sabe quem protagonizava o cenário nessas casas? A mirrada lamparina, companheira fiel na hora da necessidade. Por séculos não se tinha noção do que fosse essa “tal” eletricidade, porém, ninguém vivia nas trevas ou apenas pelo clarear da lua e das estrelas. A lamparina, com sua luz turva testemunhava o atraso de um país rico-pobre, testemunhava vidas... mortes; idas... vindas... Foi ainda a fiel parceira da parteira; do casal de namorados na sala em companhia dos pais da moça. Em casa podia faltar tudo, mas não podia faltar o querosene, combustível que gerava o fogo unido ao algodão em forma de pavio. Meu caso de amor com ela começou no meu nascimento, que se deu no meio da noite entre gemidos e cantares, vindos da lagoa, do curral e das matas. O tinir da tesoura nas mãos da parteira completava a orquestra. Depois de algum tempo entendi o motivo da festança, era mais um parto que as mãos santas da parteira concluíam com êxito, ao contrário de tantos outros que finalizavam em óbito por complicações na hora do parto.

Eu também me lembro de um homenzinho franzino, esfarrapado e simpático que trazia no ombro um atilho de lamparinas a vender de porta em porta, por um valor insignificante. Na minha infância ela estava lá a olhar, sorratamente, as brincadeiras de roda, de esconde-esconde, e pega-pega. Toda

aquela inocência, apagada hoje pelos bons ventos do progresso, me faz ver o quanto a vida é importante para o ser humano! Foi ainda no escurinho da lamparina meu primeiro aperto de mão da pessoa amada, e mais tarde, o beijo no rosto roubado e às escondidas. Da sala ao lado, papai murmurava a queima desnecessária do querosene, logo eu entendia que era chegada a hora do adeus. Os anos se passaram, o limiar de uma nova era chegou, trazendo nova roupa para vestir os sonhos das novas gerações. Surgiu a eletricidade, deixando para trás a água da cacimba, o banho de rio, a carona do carro de boi na estrada de chão. A parteira cedeu lugar ao médico; a palmatória da professora transformou-se em diálogo; fazer as refeições sentados no chão virou diversão, piquenique; fogão a lenha, moda de viola. Pavuna hoje é Jaburuna, o Vale Aprumado. O lugar onde eu ainda vivo, com quase um século, está irreconhecível, tenho 98 anos, mas na minha memória nada mudou, permanecem os mesmos cenários, os mesmos artistas. O palco turvo apenas ganhou nova iluminação. Até a lamparina ganhou um novo *design*: a aparência de um disco voador.

Eu me chamo Iracema. Trago em meu nome a figura de uma índia cearense, a qual José de Alencar escolheu para eternizar o amor sublime em seus escritos.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Iracema Costa, 98 anos.)

Professora: Adeilta Pereira Carvalho

Escola: E. E. I. E. F. Luis Ribeiro da Silva – Ubajara (CE)

## Andorinha de louça

Aluna: Giovanna Lucciane de Assis Monteiro Resende

O cheiro de lápis é uma das chaves que abrem meus cofrinhos de memórias tão queridas. Isso lembra meu avô fazendo apontamentos das compras dos clientes naquele “libro di copertina rigida”. Eu sentado distraído sobre o balcão e, então, ele parou e me deu o lápis que trouxe de Verona. Olhou-me, apertando os olhos, e começou contar sua travessia. Seus olhos acinzentaram de mar, maresia, tempestade, eu vi “una lacrima sul viso”.

A bandeira italiana flamejando, um adeus à pátria “nostra”. O verde não era mais a liberdade e sim a esperança; o branco, não mais a igualdade, mas a busca da paz; o vermelho, não mais a fraternidade, eram nossos olhos chorando saudades de Verona.

Tempo de tristeza, a Primeira Guerra Mundial. O mundo parecia com febre. O caos fazia-se no navio, o corpo de minha bisavó foi jogado ao mar. As pessoas embarcavam com a mesma intenção, mudar suas vidas.

Meus avós finalmente chegaram ao seu destino, o Brasil. Adeus tristeza! Vieram para São Francisco Xavier, um arraial aconchegado nas montanhas de Minas Gerais. O povo os acolheu. Gente boa, simples, fazendeiros, garimpeiros e as famílias dos coronéis. Meus avós ergueram um armazém de secos e molhados, objetos de armarinho, fazendas... Na Casa Estrela vendiam gostosuras da Itália, a linguiça Moretson, a polenta, o macarrão fresco, tudo de cair o queixo. Foi nesse paraíso que nasci e, que sorte, vivi. A bica de água corria dia e noite no quintal, que bênção! O pomar de meu avô era meu bosque encantado. Lá vivia meus contos fantásticos, onde eu era Peter Pan, Chickamauga, Pedro Malasartes... Nosso quintal era o mais cobiçado pela criançada, por causa das maçãs, uvas, peras e espécies diferentes de mangas. Tinha um poço, onde eu ficava aprofundando pensamentos e jogando pedrinhas na água. Um dos meus piores medos eram as tempestades, os trovões sacudindo o Morro do Gambá e a Serra do Retiro.



Minha mãe gritava Santa Bárbara, São Jerônimo... E queimava palha benta. Mas tinha o lado bom, o Rio Mosquito enchia, que beleza! No dia seguinte íamos descê-lo de jangada feita com galhos de bambu e folhas de palmeira, apesar da aflição de mamãe. Os adultos olhavam o tempo na folhinha de Mariana. Para mim, parece que o tempo parava na rua de baixo, onde era, aos olhos das crianças, que tudo acontecia. O carro de boi atravessando a estrada de terra queimada, rodeada por um mar de grama esmeralda. Ele vinha sanfoneando três notas. Os bois obedeciam ao carreiro, cada boi tinha sua personalidade. O vento chichiava entre os chifres majestosos. Carros? Um ou outro. Só a jardineira, que ia pela manhã e voltava já quase noite. A igreja de pedra, simpática matrona a guardar segredos da época da escravidão. Frente a ela brincávamos de piorra, finco e a semente olho-de-boi virava bolinha de gude. À tardinha era a hora da pelada “Rua de Baixo contra a Rua de Cima”. Alguns me chamavam Zé Branco. Isso mexia comigo, mas para montar o time, eu era o primeiro a ser escolhido. O futebol tinha a magia de integrar as diferenças. As famílias se conheciam muito bem, negros do tanque, brancos, mulatos, pobres e remediados. Ricos quase não havia por aqui. Quando fui para o colégio interno é que me senti diferente. Por que tinha que ir embora? Eu queria ficar como aquelas andorinhas de louça na parede da sala de visitas. Mas o tempo passou. Quando voltei, que beleza, organizaram uma pelada. Depois, como ninguém é de ferro, tutu e frango com ora-pro-nobis. Meu avô me observava de dentro do armazém... Puro amor. Eu estava mudado. Agora nos sentávamos no gramado para ouvir radiola, clássicos da Jovem Guarda, Beatles, Moacyr Franco... “Suave era a noite”... Olhar as meninas de cinturinhas finas e sutiãs pontudos como pirâmides do Egito, esplêndidas! Improvisar uma quadrilha, um baile regado a *hi-fi*, dançar *twist*, samba e *rock n’ roll*, *show* de cultura. Já era tempo, peguei o lápis de Verona e escrevi o primeiro bilhete de amor para o meu bem. O lápis? Quando o pego nas mãos, as lágrimas me tomam. Tenho muito mais para escrever da minha história neste lugar amado. Ainda não dependurei as chuteiras.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor José Passarini, 74 anos.)

Professora: Maria Magali Vale Rodrigues

Escola: E. E. Coronel Xavier Chaves – Coronel Xavier Chaves (MG)

## Mistérios da noite

Aluna: Lorrane Leal Peçanha Aguiar

Ainda posso me lembrar da infância. Bem do outro lado do Rio Paraíba do Sul, em São João da Barra, onde nasci e numa época em que tudo era mato e breu e a luz elétrica não tinha vez.

Um tempo de sonhos, contos e o lobisomem que tinha vida, todas as noites de lua cheia, bem no portão de casa, os cachorros enormes, no quintal, davam o sinal que ele realmente estava lá e meu pai saía com sua espingarda fatal para caçar o tal homem misterioso. Não se sabia se era verdade, mas todos acreditávamos que ele poderia nos atacar a qualquer momento. Era difícil dormir nessas noites, tamanho era o medo.

Quando anoitecia, acendia-se o lampião para iluminar nossas brincadeiras e muitas vezes aquele lobisomem era totalmente esquecido. Mas havia outro medo que também nos rondava. Minha irmã era sonâmbula e tínhamos que ir atrás dela sempre que se levantava e começava a andar no meio da noite. Lenda de lobisomem e sonambulismo em minha casa eram coisas reais. Era realmente outra época, outro mundo. Um mundo de fantasias, crianças brincando na rua de barro, do jeito que a infância deve ser.

Ao raiar do sol, meu pai saía para caçar alimentos, como garças, miuás, preás, jacarés, enquanto nós íamos para o quintal subir nas árvores e comer frutas com o gosto doce da infância. Muita carne fresca em nossa mesa, mas eu não gostava daquilo, pois via aqueles bichos chegarem e me compadecia deles. Gostava mais dos peixes que pescávamos quase na porta de casa. A pesca também era outra diversão.

Quando tinha 17 anos, em 1970, atravessamos o Paraíba e fomos morar na cidade. Consegui um emprego na fábrica de tecidos “Santa Amélia”. Lembro também que íamos ao Café Central, onde hoje é a fábrica de conhaque. Era tudo muito diferente dos dias de hoje, as pessoas, o modo de vida que quase não reconheço mais.

Vestia-me com roupas e vestidos feitos por minha mãe. Posso me lembrar de suas estampas florais, cores vivas e até mesmo do cheiro dos tecidos. Era bom caminhar pela cidade com roupas coloridas. Deixava a mocidade mais longe do mato, do breu e do lobisomem. Para o nosso sustento, fazíamos farinha, tapioca e beiju e, como não havia televisão, ouvíamos as novelas no velho radinho de pilha. Era uma maratona quando começava. Todos saíam correndo para ouvir. Podem imaginar? A novela era ouvida! Era a tecnologia presente em nossa casa.

Também frequentávamos os bailes no Clube Democrata. Era outro mundo. Bailes, festas, cinema, e aqui começava minha vida adulta, quando via crianças brincando nas ruas, gritando, sorrindo, nem sei se o lobisomem para eles, um dia, foi real também. Era muita inocência. Era a infância como devia ser e, como sempre, deixa saudades.

Hoje não há lenda nem mistério, nem lobisomem, mas torço muito para que as crianças não percam a infância cedo demais, penduradas em tecnologias que as afastam de uma boa brincadeira de rua.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Rosa da Silva, 63 anos.)

Professora: Regina Ribeiro Merlim  
Escola: C. E. Alberto Torres – São João da Barra (RJ)

## Janelas da vida

Aluna: Dayane de Sousa Reis

Sentia meu coração bater mais forte sempre que escutava o barulho das rodas da locomotiva escorregarem vagarosamente sobre os trilhos da ferrovia. Lembro-me, como se fosse hoje, da grande máquina que vinha de Natal, Rio Grande do Norte, a Guarabira, interior da Paraíba, e seguia com destino à capital, João Pessoa; aos poucos, nessas idas e vindas, vi o progresso aproximar-se lentamente, transformando tudo e todos a cada chegada.

A janela da minha casa era como um portal que me levava a um universo onde a amargura transformava-se em doçura e a maldade não prevalecia, pois, o brilho de minha alma resplandecia dentro de mim e iluminava todos a minha volta.

Entre vastos campos de cana-de-açúcar e montanhas, que fatigavam nossos olhos com seu esplendor, estava uma cidadezinha pacata chamada “Sapucaia”, foi nesta cidade que nasci e cresci e aos 10 anos mudei-me para Guarabira, que em linguagem tupi-guarani significa “berço das garças azuis”. Quando vim morar nesse lugar, minha casa era uma das poucas construídas na Rua do Boi Choco, atual Prefeito Manoel Lordão.

Meu pai comercializava peixes e percorria uma longa distância a cavalo até o litoral para comprá-los e vendê-los de forma ambulante com ajuda das animálias e isso levava um dia de viagem.

Minha mãe, uma mulher extremamente rígida, não permitia que eu sentasse na calçada para conversar ou sair sozinha, nem permanecer na sala quando tínhamos visitas, apesar disso, permitiu que eu estudasse a pedido da minha madrinha dona Amélia Feitosa, um anjo da guarda, que me ajudou nos momentos mais difíceis.

Naquele tempo, educação para pessoas que moravam no interior era coisa rara, mesmo assim comecei a estudar num casarão que tinha muitos quartos e salões. As professoras eram muito exigentes e algumas até severas com seus alunos, a palmatória e outros castigos físicos que incluíam dor e humilhação norteavam a ação escolar, outra punição muito comum era ficar em pé ao lado do quadro negro ou

na sala da diretora para castigar as crianças que “trelavam” em sala de aula. O que hoje é considerado maus-tratos e até tortura, era coisa corriqueira.

Lembro-me com saudades da minha avó Mimim e do cheirinho gostoso que vinha da cozinha quando ela preparava o almoço aos domingos e de vez em quando, reuníamos a família e íamos ao coreto no centro da cidade ouvir as bandinhas que tocavam as retretas, animando os enamorados.

As festas de final de ano também trazem boas recordações, após as missas, celebradas na igreja matriz, eram comemoradas com muita alegria pelo povo da cidade e da zona rural. Para arrecadar valores e doações, a serem investidos nas obras de construção da torre da catedral católica, foram formadas comissões por senhoras e senhoritas da sociedade local, pertencentes em sua grande maioria à classe média. E eu era uma delas. Visitávamos em dias previamente marcados o comércio local e também percorríamos engenhos e fazendas.

A memória ferroviária, as paisagens urbanas, os momentos importantes, valores que aprendi com minha família, acontecimentos que marcam aquela época vivem apenas na lembrança das pessoas mais antigas e sensíveis, aquelas que não se deixaram fascinar pelos vícios da modernidade. Lembranças de épocas remotas, que resistiram ao tempo e à vontade destruidora do homem na sua incansável sede de modernização.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Maria do Carmo da Silva, 99 anos.)

Professora: Raquel Araújo Silva de Andrade

Escola: E. E. F. M. Professor José Soares de Carvalho – Guarabira (PB)

## Os olhos do vovô

Aluno: Emerson Mosqueira

Ah! Estação ferroviária! Hoje dorme entre ipês e o barulho manso do rio Paraguai... Minhas lembranças passeiam por ti fazendo o coração voltar aos bons dias de sua construção. Um monumento histórico criado por mãos de homens valentes e ágeis que entre lágrimas e sorrisos levantaram paredes, paredes e tijolos, tijolos e massas, massas e concretos, concretos e ferros, ferros e sonhos. E depois de pronta, trilhos colocados em seus lugares, o sonho começa a virar realidade.

E lá vinha ela, um dragão soltando fumaça, gritando “Piuí!”.

Piuí!... Pedindo passagem para quem estivesse na sua frente. Lá vinha a locomotiva trazendo pessoas, alimentos, roupas e notícias. Notícias que muitas vezes chegava pelo telégrafo que seu Pedro rodava, rodava a manivela e gritava: “Alô”. Ah! Bons tempos! Ver a dona Antonieta gritando para os passageiros do trem – “Olha o peixe frito” –, com uma enorme bacia de alumínio na cabeça. E o senhor Manuel, com aquela chipa quentinha que derretia na boca de tão boa que era. Os homens de negócio com pernas apressadas e passos largos, havia também pernas pequenas apressadas e saltitantes nos saltos: os “médicos” fardados e muito senhores de si, dos quais eu muito sentia orgulho e inveja.



Minha querida estação ferroviária quantos passaram por aqui, quem lhe vê assim tão solitária não imagina que já foi o coração desse porto, Porto Esperança. E hoje, esperamos, esperamos e a locomotiva barulhenta não vem mais. Hoje, a estação ferroviária e seu amigo dragão que soltava fumaça e fazia barulho na sua chegada estão quietos, são estruturas frias e esquecidas. O que antes arrancava suspiros de quem passava e gritos dos vendedores, dorme com o título de patrimônio histórico e range ao embalo dos ventos e do perfume dos ipês.

(Texto baseado na entrevista feita com senhor Wilson Eugênio da Silva, 78 anos.)

Professora: Nena de Arruda Nepomuceno  
Escola: E. M. R. Polo Porto Esperança e Extensões – Corumbá (MS)

## A chaminé das lembranças

Aluna: Ana Clara Palacio

Era mais ou menos 1950, por volta dos meus 8 anos. Papai acordava no meio da madrugada para trabalhar; costumava dizer que era o despertador do galo do nosso bairro e não o contrário. Mamãe, lidando com o fogão a lenha, preparava o pirão de carne de sol, uma papa de farinha de mandioca misturada com caldo quente. O cheiro gostoso do tempero caseiro incendiava nossa residência.

Os barulhos da minha casa se misturavam com os dos vizinhos. Os homens dos lares se preparavam para a construção de uma fábrica nova na cidade. Em pouco tempo, o prédio ficou pronto para o funcionamento. Quem ajudou a construir, conseguiu emprego quando a usina começou a funcionar.

Tudo indicava que o desenvolvimento chegou. Não se falava em outra coisa. Perto da região da pequena Porto Murтинho, no sudoeste de Mato Grosso do Sul, foi descoberta, por imigrantes portugueses, a madeira quebracho. O burburinho fazia pensar que fosse uma mina de ouro. Mas logo percebi que era equivalente a isso. Da planta quebracho extraía-se uma matéria-prima por nome “tanino”. Era tanino pra cá e pra lá. Só ouvia falar nisso. Como nessa época criança não podia entrar na conversa de adultos, ficava apenas com as orelhas antenadas, grudadas nas paredes. Consegui descobrir que se tratava de uma substância muito utilizada na fabricação de produtos químicos e curtição de couros e tecidos, muito requisitada em países da Europa. O que mais me chamou a atenção: algo grande, toda elaborada de tijolinhos a vista, enorme, sua base era mais larga e no topo, mais fino. Para mim, parecia que iria alcançar o céu.

Famílias inteiras saíam domingo à tarde para conhecer a novidade na nossa cidade: a chaminé. Seus 20 metros de altura atraíam os olhares de todos.

Era símbolo de progresso. De emprego, significava produção. Um punhado de homens trabalhava no local, a prosperidade da empresa atraiu brasileiros oriundos do Nordeste, Oeste Paulista e Norte de Mato Grosso, Paraguai, da Argentina e até da Alemanha e, com isso, mais de 2.000 pessoas trabalhavam ali. Entre elas estava meu pai, que era um dos porteiros. Sempre dizia que aquilo parecia um formigueiro.



Podia fazer chuva ou sol, papai não faltava. Caso faltasse, era demitido imediatamente, pois o patrão era um português muito exigente, que todos os dias estava na entrada acompanhando o “bater cartão” dos funcionários, que nada mais era que a assinatura da hora da entrada.

Um dia, o entardecer da pequenina cidade ficou cinza... Anunciaram o encerramento das atividades por vários motivos, entre eles uma campanha de reflorestamento do Governo Federal na década de 1970, e também, a distância que as florestas foram adquirindo, além disso, o surgimento do tanino sintético. E assim, a indústria foi abandonada por seu dono. Muita gente, famílias inteiras, foi embora à procura de novo emprego, nova perspectiva de vida.

Mas a minha família permaneceu, assim como a chaminé. Construíram até uma réplica bem no centro da cidade, em homenagem aos trabalhadores que ajudaram no desenvolvimento do município. Porém a verdadeira permanece imponente, nem as enchentes e os ventos fortes que ocorreram a destruiu.

Para a história da querida cidade ela representa apenas uma época, um ciclo. No entanto, quando a vejo, recordo meu tempo de infância e juventude. A saudade dos que se foram bate forte neste meu coração.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Maria Esther Ferreira, 65 anos.)

Professora: Rosa Maria Gonçalves Mongelos  
Escola: E. M. Claudio de Oliveira – Porto Murinho (MS)

## As lembranças que a luz não apagou

Aluna: Bianca Paiva de Souza

É no cenário de pedras, igrejas e casarios – onde o marco da Estrada Real traz à tona a luta da inconfidência –, que viajo no tempo para rememorar minha jornada também de lutas, perdas e ganhos. Margeada pela imponente Serra de São José está localizada a cidade de Tiradentes, Minas Gerais, e como parte dessa cidade histórica e encantadora está meu lugar, minha morada: Caixa D'Água da Esperança. O vilarejo de nome intrigante foi instituído como parada para o abastecimento dos trens que por aqui passavam em um tempo já distante...

Ao despertarmos com o cantar do galo, já víamos papai na cozinha com seu radinho de pilha e mamãe preparando seu delicioso café. Então, levantávamos, íamos até a bica e na água geladinha, lavávamos o rosto. Logo após, o nosso modesto e delicioso café da manhã era providenciado, enquanto íamos tirar o leite, já escutando o mugido das vacas com suas tetas a pingar no chão. A essa altura, papai já estava junto com minha tia, tirando as grandes tachas de cobre cheias de melado. Do leite das vacas, fazíamos deliciosos queijos, que com o melado, a cachaça, e as frutas, mamãe, em grandes balaiadas, levava à cidade para vender. Nosso único meio de transporte era a Maria Fumaça, que passava pelo nosso vilarejo. O trem transportava vários mascates que, assim como mamãe, garantiam parte de sua renda na venda de produtos.

Bem de tardinha, logo após o jantar, que era cedo e jamais passava das 18 horas, sentávamos ao redor do fogão a lenha para nos aquecermos do frio da noite. Uma boa prosa, ia de gargalhadas a causos horripilantes. Ao dormir, não me esqueço do “tec... tec...” do colchão de palha, do adocicado aroma dos travesseiros de macela, das colchas de retalho e da ardente fragrância do querosene queimando nas lamparinas.

Lembro-me com alegria dos tempos de rapazote, das grandes danças e rezas de terços. Gostava de tocar sanfona com meus amigos. Quanta saudade das festas de Folias de Reis! Elas ficavam ainda mais

encantadoras nas noites chuvosas de janeiro, quando todos nos reuníamos para renovar a nossa fé, louvando o Menino Jesus. Pegávamos nossos instrumentos musicais e tocávamos até a noite virar dia...

Dos grandes fornos de cupim, lembro-me bem, e ainda dos grandes tabuleiros de biscoitos, dos monjolos que batiam compassadamente na soca de arroz; do engenho do qual se retirava a doce garapa, que, passando pelo alambique de cobre, se transformava na transparente cachaça artesanal. Os mesmos eram movidos por uma grande roda d'água.

Mas, certo dia, tudo ia mudar e nossa casa evoluir. Ô trem bão sô! Minha comunidade recebeu a grande energia elétrica. Nossas noites seriam iluminadas com lâmpada, brilhante como o ouro das grandes igrejas históricas. Mas, como todo início tem o seu fim e como todo claro tem sua escuridão, nesse mesmo dia, 16 de maio de 1986, uma luz se apagou dentro de mim... Perdi o maior homem de minha vida, meu herói, meu pai.

Hoje, percebo aquela luz se reacender todas as vezes que avisto o antigo carro de boi que meu pai tanto amava, agora localizado nas ruínas de sua antiga casa. Vejo minha querida Caixa D'Água da Esperança, vilarejo onde nasci e vivo até hoje, se desenvolver bastante. O avanço e a tecnologia substituíram nossos instrumentos manuais. Os grandes tratores tomaram o lugar dos nossos bois carreiros, as máquinas elétricas tomaram o lugar dos moinhos de água e os trilhos dos trens foram substituídos por solos adequados para as rodas macias dos automóveis. Sinto imensa saudade daquele tempo, do entusiasmo e da união das famílias, que hoje trago apenas na recordação. Mas sei que esse pedaço de chão é abençoado por Nosso Senhor, e peço que nunca nos deixe faltar, nessa terra inconfidente, saúde, paz, alegria e amor.

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Inácio Moreira de Paiva, 64 anos.)

Professora: Dulcinéia Silva Jerônimo  
Escola: E. E. Basílio da Gama – Tiradentes (MG)

## Sabiás na chuva

Aluna: Adélia Cristina Cordeiro Gonçalves

O tuntuntum da água da chuva na velha lata colocada propositalmente no canto da casa, costume antigo herdado de minha avó, me faz um convite. Fecho os olhos e o som da água escorrendo, vai levando o frágil barquinho da minha memória até o ribeirão de pedras da nossa antiga propriedade, em Rio Negro, Paraná.

Sou o mesmo menino magrinho de pés rachados! Meu pai com uma vela acesa trazia a manhã para dentro do quarto. Ah, não era fácil abandonar a coberta quentinha de penas de ganso e enfrentar o frio e a geada, que gostavam de morder a minha pele!

Na escola eu não despregava os olhos da lousa. Gostava da professora Cecília e caprichava copiando palavras como: “phottografia”, “pallidez”, escritas agora de forma tão diferente!


Gastava minhas tardes em cima de um cepo velho, picando abóboras para a enorme criação de porcos. Nossa, eles sim eram livres! Nunca recusavam um convite do ribeirão! Às vezes os maiores rosnavam pro desassossego dos leitõezinhos, que brincavam de pega-pega numa euforia que me dava inveja! Coitados! Mal sabiam o que os esperava após a engorda!

Num domingo, a poeira da estrada veio correndo atrás da visita. Meu irmão e eu apostamos corrida. Ele foi mais rápido, fez uma mesura de boas-vindas e se aboletou na carroça do nosso primo, o padre Leopoldo. Eu tive que arcar sozinho com o peso das tábuas de imbuia e das ferroadas dadas com gosto pelo arame farpado, que teimoso não quis laçar a cabeça do palanque, quando tentei fechar a porteira.

Como as crianças não podiam participar da conversa dos adultos, estranhei quando a mãe veio nos chamar. De longe sabíamos que o cheiro de café fresquinho e do *strudel* de maçã corriam pela casa, feito moleques travessos.

Meu pai solenemente anunciou que teríamos mais um servo de Deus na família e apontou para mim! Ah, eu tinha apenas 9 anos e compreendi naquele momento que deixava de ser um menino para sempre!

Na viagem para o Collegio Seraphico, eu só me mexia quando um buraco ou outro brigava com as rodas do velho caminhão. Logo que chegamos, meu pai disse meia dúzia de palavras e partiu. Acho que ainda espero aquele abraço de despedida!



Mesmo depois de tantos anos sinto o cheiro de guardado que escapou como um fantasma, assim que abri a porta do dormitório. Hoje lembro também de a vergonha me obrigar a dormir com o terninho sujo da viagem, pois minhas roupas íntimas eram feitas de sacaria! Como doía ser criança naquela época!

Não foi fácil acostumar com a densa neblina que caía. Os ciprestes estavam sempre encobertos pela bruma matinal, enrolados em delicadas mantas brancas. Às vezes, ainda ouço o trintrintrim da sineta. Eu me assustava quando a lingueta de ferro saía pra fora da boca ovalada, piando como a araponga no mato, chamando todos para orações, refeições, aulas e trabalho!

Eu gostava mesmo da chuva na primavera que descia do céu. Tudo parava! Meus olhos não cansavam de admirar aquela abundante cortina de lágrimas! Depois ela ia embora, o sabiá-laranjeira esparramava seu canto sobre as araucárias e eu me sentia devolvido em pensamento para casa!

Entre súplicas e fugas vi o tempo devorar seis longos anos da minha vida! Então decidi “roncar prosa” – puxar briga. Escolhi um colega e comecei a “mangar” com ele. Finalmente o diretor espiritual da congregação conseguiu convencer meu pai que me faltavam traços humildes e pacíficos do santo patriarca de Assis!

De lá pra cá como mudamos: eu e a cidade! O seminário foi desativado. O prédio da prefeitura municipal ocupa o espaço, e onde também funciona um belo parque ecoturístico. Gosto de caminhar por suas trilhas, principalmente quando chove. A cortina de lágrimas lá é mais bonita! E na primavera o canto do sabiá-laranjeira vai devolvendo de mansinho o menino magrinho de pés rachados que um dia existiu em mim e aí me sinto um homem completo!

Esvazio a latinha sob a goteira da chuva, amarro bem firme a corda do barquinho, não quero que minhas memórias desapareçam, me despeço da tarde, contente pelo rumo que minha vida tomou e pela pessoa que hoje sou!

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Eduardo Tadeu Oltmann, 60 anos.)

Professora: Juliana Wilczek de Oliveira  
Escola: E. E. F. Inacio Schelbauer – Rio Negro (PR)

# Crônica



**A** crônica, em suas múltiplas facetas, traz um olhar singular para o cotidiano. O cronista ilumina situações, fatos, atribuindo-lhes novo sentido.

Sensações, observações, lembranças e casualidades se misturam. O que poderia passar despercebido torna-se encantador, envolvente, surpreendente, marcante.

Os alunos-autores aprenderam a aguçar o olhar, a escolher e burilar as palavras para escrever um texto que instigue o leitor desde as primeiras linhas. Nossos jovens cronistas identificaram personagens pitorescos, peculiaridades das diversas regiões. Ao ler estas crônicas, você terá a oportunidade de conhecer um pouco do modo de ser e viver do brasileiro através das lentes de estudantes do último ano do Ensino Fundamental e do primeiro do Ensino Médio das escolas públicas dos quatro cantos do país.





# Crônica

## Índice

- 150 Era apenas um umbu  
Aluna: Yasmin Fernanda Silva Sousa
- 152 O mistério da lagoa  
Aluno: Alexandre de Freitas Melo
- 154 Do café à notícia!  
Aluno: Leandro Manoel de Araújo
- 156 Nos galhos do inharé, a esperança e a fé  
Aluno: Isaque Barbosa da Silva
- 158 O invisível à nossa vista  
Aluna: Isabelly Cardoso da Silva
- 160 A doce melodia do meu lugar  
Aluna: Andrezza Silva Santos
- 162 O prosear de um quase ser vivo  
Aluna: Beatriz Silva Araújo Sales
- 164 A “preta véia” do meu lugar  
Aluna: Maria Camila da Rocha
- 166 Confusão na estrada  
Aluna: Thalita Batista dos Santos
- 168 Poesia invisível: uma lição real  
Aluno: Nailton da Silva Rodrigues
- 170 A outra face da princesa  
Aluna: Stefâne Ferreira Silva
- 172 Café com leite  
Aluna: Gabriela Chaves Santos
- 174 O amanhecer (num dia “inqualquer”)  
Aluna: Yanca Fragata dos Santos
- 176 Ruptura  
Aluna: Daniella da Rosa
- 178 Quem sou?  
Aluna: Rayssa Martins Ribeiro
- 180 A flor que chegou primeiro  
Aluna: Mayara de Aleluia Pereira
- 182 O vaivém dos barcos  
Aluna: Cinthia Ramos de Andrade
- 184 De coração aberto  
Aluna: Isabela Costa Sousa
- 186 Velho casarão, por que choras?  
Aluna: Bruna Eduarda Ross Ferreira



188 Amanhã eu vou!.....  
Aluna: Maria Gottardo Morello

190 Uma questão de segundos.....  
Aluna: Deborah Alves Sousa

192 O palhaço e o menino.....  
Aluna: Ana Heloisa Milani Coelho

193 Morada clandestina.....  
Aluna: Tatiane Vitória da Silva Santos

194 A cruz sedutora.....  
Aluno: Nicolas Fratoni Antunes dos Santos

196 Morro escalado, amor renovado.....  
Aluna: Phâmella Paula da Silva

198 Lágrimas de orvalho.....  
Aluna: Karla Beatriz da Silva Mendes

200 Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.....  
Aluna: Nicole Cardoso Torres

202 O despertar de mais um dia.....  
Aluno: João Paulo Polinski Saturnino

204 O senhor abandonado.....  
Aluna: Josiane dos Santos Silva

206 Colorindo o cinza.....  
Aluna: Maria Eduarda Alves de Souza

208 Cabe tudo no Pacará.....  
Aluno: João Pedro Leal de Souza

210 E livrai-nos do mal.....  
Aluna: Giulia Martins Vilela Silva

212 Que barulho foi esse?.....  
Aluna: Bianca Pedrosa Gonçalves

214 Zé Carlos, soa o apito.....  
Aluna: Nawanda Lima Sousa Nascimento

216 O colorido no céu de Taguatinga.....  
Aluna: Rayana Ferreira Aguiar

218 Nossa Iracema, nossa Messejana!.....  
Aluna: Sângella Gomes da Silva

220 História viva.....  
Aluna: Davylla Renally Oliveira de Souza

222 A estação das safras.....  
Aluno: Jeferson de Jesus Garcia Viana

## Era apenas um umbu

Aluna: Yasmin Fernanda Silva Sousa

Em plena segunda-feira, andava ainda um pouco sonolenta pela feira pública de Parelhas e enquanto caminhava por entre barracas de vendas, ouvia aquela gritaria indefinida. Cada feirante tentava anunciar seus produtos com um grito mais alto! Em meio à mistura de ruídos, um som me chamava a atenção e me perseguia, mas logo se misturava aos outros, pois, a cada passo dado, mais ofertas eram anunciadas. Mas uma inquietação me provocava a voltar àquela “voz” inicial. O som e a imagem do feirante vinham à minha mente.

Imaginava diferentes maneiras de saborear aquela oferta, mas continuava a andar.

Após ter comprado o que havia me levado àquele lugar, a fruta do primeiro ofertante não me saía da mente e então resolvi voltar até sua banca. No caminho, pude perceber homens que madrugavam para montar suas barracas e conseguir vender seus produtos. Vejo os meninos “carroceiros”, que trabalham transportando as feiras de casa em casa em carrinhos de mão, para ter o sustento de suas famílias. O vendedor de queijo que atendia seus clientes, o intenso movimento nos diversos corredores entre as bancas de frutas e uns lindos jarros produzidos artesanalmente de barro, que estavam sendo vendidos por uma simpática senhora sentada em um banquinho. A feira é uma fonte cultural bem ampla!

Finalmente cheguei até a banca do feirante que me inquietou logo na chegada. Era lá que estava o que me dava água na boca. O dono do grito que me inquietou era um homem alto, magro, com um sincero olhar de cansado, seu José, foi chamado assim por uma senhora que acabava de sair. Logo passei a observar aqueles lindos umbus ali expostos e acabei comprando. Pareciam pérolas em minhas mãos. Os umbus são uma delícia regional de nossa simples, porém querida cidade. Felicidade era o que

eu sentia só por tê-los comprado, bem verdes e docinhos, chegavam a rachar a casca. A cada mordida, parecia que eu comia um pouco do doce de minha terra, da simplicidade do meu povo, da humildade de nossas casas, das nossas inúmeras belezas e variedades culturais. Não pensei em nenhum problema que nos desencanta hoje, pois estava envolvida em uma mistura do sabor da fruta e das coisas boas de nossa história! Meu pensamento me levava a contemplar a imagem do umbuzeiro, aquela árvore de pequeno porte, de grandiosa beleza, merecedora de destaque na exuberante serra do Boqueirão, uma das nossas principais belezas naturais.

Naquele momento estava tomada por alegria sem tamanho, por ter esperado ansiosamente, como boa nordestina, o período de chuva, em meio a tanta seca, só para ver o umbuzeiro frutificar. Eu agora me deliciava com seus frutos, o que fiz sem nem esperar chegar em casa. Levantei-me daquela calçada pública, agora histórica não só para mim, mas para todos que por ela já passaram, sentaram, que já foi até palco para o poeta embolador Chico Sena, que nessa mesma calçada recitava seus poemas sobre nossas maravilhosas histórias locais.

E finalmente voltei para casa, saciada, agradecendo a Deus tamanha felicidade, contida apenas em um umbu!

Professora: Juliana Dantas de Macêdo Nóbrega  
Escola: E. E. F. Barão do Rio Branco – Parelhas (RN)

## O mistério da lagoa

Aluno: Alexandre de Freitas Melo

De manhã, depois de um café bem quente para espantar o sono, abro a porta e avisto o lugar onde havia a antiga lagoa. Situava-se em um cercado com poucos bois, outrora com capim verde, mas agora com uma seca deprimente que ceifou a água da lagoa e o verde do capim. Resisti à vontade de fechar a porta barrando o vento frio que chegava, para ver a pedra que foi, um dia, coberta por água. Essa pedra tinha um mistério que intrigava os moradores do povoado – recebia, por isso, o nome de Lagoa da Pedra – por uma única razão: a pedra fazia barulhos quase periódicos, semelhantes a gemidos, em vários momentos do dia, sendo mais comuns à noite.

Ninguém sabia a origem do som, mas pensava-se ser da pedra que havia no fundo. As opiniões variavam:

– Deve ser um jacaré – dizia a minha avó.

“E aonde se viu jacaré ‘gerner’ no mesmo lugar, por mais de oito anos, sem ninguém nunca ter visto?” Pensei.

– É algum tipo de sapo, sei lá! – Dizia minha tia, no que discordo, pois tinham muitos sapos na lagoa, mas nunca coaxavam durante o dia e quando alguém tomava coragem e se aproximava da lagoa percebia que o barulho vinha do centro e do fundo da lagoa, e os sapos só coaxam na margem.

E cada pessoa dizia uma coisa, que era alma penada de alguém que porventura tenha morrido ali, que era um ser assustador que morava por lá... Outros falavam que quando a água baixava era possível ver alguma coisa escrita no topo da pedra; outros ainda, que se alguém a levantasse encontraria um tesouro valioso e viraria lenda.

O tempo foi passando, nada mudava e o som entrou na rotina das pessoas que perderam o medo, nadavam, até pescavam na lagoa, que dava muitos peixes, ouvindo o barulho enquanto esperavam alguma traíra (peixe) e a vida continuava.

Mas há uns cinco anos a lagoa começou a secar. Com o sol forte e as chuvas cada vez mais raras, a água que chegava bem próximo à porta das casas foi recuando até restar somente a pedra, o mato seco e o chão rachado. E a pedra, agora visível, revelava ser alta e roliça sem nenhuma escritura ou tesouro.

E assim ficou... Sem água, sem peixes, sem barulhos. A lagoa não gemia mais. As pessoas olhavam de suas janelas, recolhiam suas roupas do varal e nada.

E hoje – pensei, ainda em pé, olhando a pedra, enquanto bebia o resto do café – dois anos após a lagoa secar, o mistério continua, ou não acaba; não se descobriu se a fonte do ruído era ou não a pedra e agora que o silêncio predomina é que não se descobre mesmo. “Nós somos assim também” – conclui. Nascemos, vivemos, por vezes intrigamos os outros com nosso comportamento e atitude, e por fim morremos, levando nossos segredos para o túmulo. Filosofando assim, dou as costas para o cercado e para o mistério de sua lagoa, fecho a porta e vou preparar os livros para mais um dia de aula. Se a lagoa voltar a gemer, ótimo, a lenda continuaria. Se não, que fique assim, indecifrável. Porque a lagoa, assim como nós, sabe guardar seus segredos muito bem.

Professora: Nadja Araújo Maciel

Escola: E. E. F. Professor José Rodrigues Filho – Lagoa da Canoa (AL)

## Do café à notícia!

Aluno: Leandro Manoel de Araújo

Tudo começou na sala do secretário. Maria Bocatenta, copeira do local, levou o café para a reunião e além do café serviu-se de informação.

Saiu da sala atônita, porém não se conteve e rapidamente passou um “zap” com a informação para sua cunhada Josefa Mederrua. Essa “muito conhecida” deu conta de espalhar o boato pela cidade toda.

Numa cidade pequena em população, mas grande em extensão é de se espantar como o assunto correu tão rápido.

Os cochichos eram tantos que dividiram opiniões.

Na Vila São Paulo, as pessoas acreditavam que era um boato “descabido”, sem nexos e incongruente.

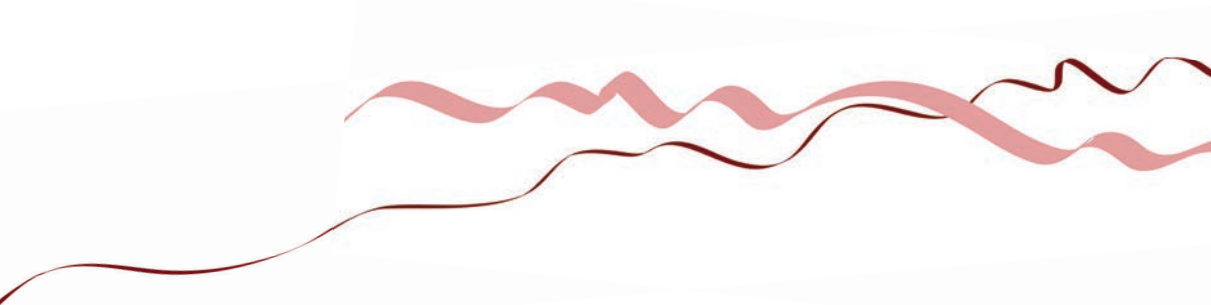
A Vila do centro não expressou opiniões até o secretário dar mais detalhes sobre o caso.

Na Vila Furlan o cochicho ficou maior e alguns anarquistas organizaram uma passeata contra o fato.

Um dos moradores verificou seus contatos e até avisou a TV Fronteira.

Na Cohab, o papo já foi outro, reclamaram de diversas formas.

Aos gritos: “Como assim... Vender o nosso Morro?”.

Aos berros: “Que diabos... Vender o Morro do Diabo?!”.  


E sentidos: “Não temos nada aqui nessa cidade! A única coisa boa vão vender?!” Entretanto, numa coisa todos concordaram, o secretário precisava esclarecer esse assunto.

Reuniram-se em frente ao prédio da secretaria com cartazes, vuvuzelas, faixas e tudo o mais para chamar a atenção. A mídia acompanhava todo o desenrolar do boato, que era intrigante para a população de Teodoro Sampaio. Será que vai ou não vai vender a reserva do Morro do Diabo?!

Na coletiva de imprensa, poucos representantes da comunidade puderam entrar, mas dona Josefa garantiu seu lugar.

Durante os esclarecimentos, os rumores foram muitos. A mídia deixou para a população a questão mais esperada, que rapidamente um dos ouvintes questionou: “E ai senhor secretário, vai vender o morro ou não?!”.

O secretário explicou minuciosamente a situação enquanto era servido, por Maria Bocatenta, de um café. Nesse intervalo ao fundo da sala de reunião ouve-se um grito:

– Ei, Maria! Que diabos... o Morro não será vendido?!

Sem jeito, Maria resmungou baixinho:

– Quieta Josefa!

Mas todos os olhares da sala já se dirigiam para ela.

Desde esse dia, “café”, em reunião, é proibido.

Professora: Eloisa Ferreira dos Santos  
Escola: E. M. E. F. Pedro Caminoto – Teodoro Sampaio (SP)

## Nos galhos do inharé, a esperança e a fé

Aluno: Isaque Barbosa da Silva

Cinco horas da manhã de uma segunda-feira. Contemplo o sol em toda a sua imensidão e magnitude, clarear o céu. Tomado por inspiração ao ver esse fenômeno tão maravilhoso decido iniciar a semana de forma não convencional para um jovem de 15 anos, como eu. Em busca de paz e bênçãos, visito o principal atrativo da minha cidade, Santa Cruz, no Rio Grande do Norte: o alto de Santa Rita de Cássia, um monumento de 42 metros de altura, a maior estátua cristã do mundo, construída em homenagem à padroeira local de mesmo nome.

Ao chegar, percebo a movimentação de ônibus de turismo com pessoas de diferentes lugares do Brasil, que chegam para pagar promessas ou pedir algo à Santa, buscam melhorias de vida, apostando na fé. Eu, solitário, observo a movimentação e admiro minha cidade, o seu colorido e o perfume exalado pelos poucos inharés, árvores consideradas “sagradas” pela população local, que, segundo a tradição, atraí grandes males caso algum de seus galhos fosse quebrado.

Resolvo admirar minha cidade de outro ângulo, ainda não visto por mim. Dirijo-me para as costas da estátua sagrada e, para o meu espanto, vejo que existe um lixão. Em meio àquele ambiente de péssimas condições humanas, algo me faz esquecer do propósito de ali estar e absorve toda a minha atenção: duas crianças felizes a brincar... Dois “boyzinhos”, de idade entre sete ou oito anos, descalços, sem camisa e *shorts* encardidos; encardidos como suas peles. Cada uma tinha consigo um galho de inharé, brincavam de espada.



A minha concentração neles era tão grande, que eu conseguia perceber a alegria dos dois com aquele momento, bem como ouvir, da altura onde eu estava, o que um dizia para outro:

– Peguei você!

– Pegou nada! A minha “espada” é mais forte! Eu sou um guerreiro!

Pensei em avisá-los para soltarem os galhos, devido à lenda de má sorte atribuída ao objeto que seguravam. Mas, por outro lado, refleti sobre suas condições de sobrevivência, que não eram das melhores, sem educação e sem perspectiva de futuro. Que mal alguém ainda poderia sofrer na vida?

De repente, os dois se acertam ao mesmo tempo e caem no chão, fingindo de mortos. Não houve vencedores. Não tinha como ter ali um vitorioso. Eu torcia pelos dois. Eles se levantam com o som do chamado de uma mulher anunciando a chegada de um caminhão de lixo.

Volto para mim agora. Olho para a Santa e pergunto o porquê dessa desigualdade: “Por que ela dá as costas para toda aquela situação?”. Respiro profundamente, uma lágrima teima em cair dos meus olhos.

Decido voltar para casa. No caminho, deparo-me com um pé de inharé. Arranco um galho e vou lutando contra as adversidades da vida.

Professora: Mylenna Vieira Cacho  
Escola: I. F. E. C. T. RN, Campus Santa Cruz – Santa Cruz (RN)

## O invisível à nossa vista

Aluna: Isabelly Cardoso da Silva

O dia amanheceu frio e nublado, e parecia que ia chover. Como de praxe, peguei dois ônibus para ir à escola: o 94 e o 33.

Esse último já se encontrava na Avenida Costa e Silva próximo à Avenida Brasil, de onde avistei alguns guardas interditando algumas ruas. De início não entendi o porquê, mas então me lembrei de que a famosa Tocha Olímpica passaria pela cidade naquele dia, dali a poucas horas. Um fato extraordinário, devo admitir, porém não me excitei nem um pouco. Eu deveria?

Todas aquelas avenidas e ruas tão importantes para nós logo estariam lotadas por milhares de corpos suados e ansiosos para vê-la de perto, e conseguir quem sabe, tirar um *selfie*, ou até mesmo tocá-la.

Nada disso – a tocha, as Olimpíadas e sua abertura – me empolgava. Há prioridades, e os jogos não estão entre elas. Sei da importância dos mesmos, e acho linda a união dos povos, porém os bilhões gastos com eles poderiam (e deveriam!) ser usados, por exemplo, para a melhoria da infraestrutura de hospitais, principalmente em nosso país, que tanto carece de qualidade em seus mais diversos serviços públicos.

O sinal abriu, indicando que deveríamos seguir, e despertei dos meus devaneios. Com a cabeça apoiada na janela, meus olhos captaram a injusta realidade da desigualdade presente em toda parte. Seja no Sítio do Campo ou no Canto do Forte, nesta esquina ou até mesmo na sua, ela está ali, invisível à nossa vista, pois fingimos que não vemos, ignoramos. Ao ver aquela cena, soube que ela jamais sairia dos meus pensamentos.



Será que aquele mendigo coberto apenas por uma fina colcha, continuaria ali quando a multidão começasse a chegar? Seria notado? Apenas o tirariam dali para deixar a cidade “limpa, bonita e sem falhas”? Ou dariam a ele uma camiseta do Brasil, para se misturar com a massa, dar um sorriso e fingir que está tudo bem?

É triste refletir sobre isso. Mais triste ainda é fazer o mesmo sobre a vida do mendigo, como se ele não tivesse um nome. Então, caro leitor, irei chamá-lo de Pedro.

Como seria a vida de Pedro antes de morar nas ruas de Praia Grande? Será que por toda a vida morou aqui? Se não, de onde viera? Tem uma filha, quem sabe filhos? Talvez Pedro usasse pedra, ou a pedra usasse Pedro. Seria ele um empresário que perdera tudo? Ou sempre morara nas ruas?

O que a tocha muda na vida de Pedro? O que muda na sua? Dá-lhe riqueza e fartura? Eu sei, a vida é sua, mas as prioridades deveriam ser mútuas, não acha? Pedro está lá sem um lar para morar.

A última curva do trajeto anunciou minha chegada ao ponto. Saltei do ônibus, e no caminho até a escola, as lágrimas escorriam por dentro e por fora. Para que ninguém notasse, sequei-as com o punho do casaco.

Quando entrei na sala de aula, havia uma tocha desenhada na lousa. Tive de apagá-la, como se algo fosse mudar. Eu o fiz com raiva, me sentindo aliviada. “Não apaga, sua louca”, reclamou uma garota indignada. No entanto não me importei, e no mendigo pensei. Será que ele ainda estava lá, com frio a passar? Em breve todos chegariam e, de seu espaço improvisado, ele sairia.

Fomos cantar o Hino Nacional na quadra, todos juntos, a molecada. Aquela multidão calorosa mais uma vez lembrou-me a da Costa e Silva, que logo, logo a Pedro ofuscaria. Cantei com vigor, cantei com esperança. Cantei sem comemorar. Cantei pelo Brasil, não pelas Olimpíadas. Cantei por mim, por Pedro, e por todos aqueles que se encontram invisíveis no momento. Cantei por você, cantei pela Praia Grande. Cantei por Mário, João e Lourenço, todos companheiros de Pedro. Cantei pela vida; cantei pela igualdade.

Professora: Marta Karolina Rangel Kolonko  
Escola: E. M. José Júlio Martins Baptista – Praia Grande (SP)

## A doce melodia do meu lugar

Aluna: Andrezza Silva Santos

Quino modestamente, em uma de suas charges, certa vez observou que uma janela, não importa se for de trem, ônibus ou casa, é como se fosse um aparelho de televisão, no qual podemos assistir a vida como ela é, na sua forma mais natural e simples.

Só me dou conta disso quando, debruçada na janela do meu quarto observo e começo a pensar que muitos não veem o cotidiano como um espetáculo digno de apreciação. Talvez seja só a falta de tempo, pois não o temos para fazer quase nada hoje em dia. O magnífico tempo tornou-se algo raro, tanto quanto as noites de violão que Seu Bento proporciona a todos da vizinhança.

São quase seis horas da tarde quando, ainda na janela do quarto, avisto uma figura baixinha, de barba branca, com um violão na mão, a caminhar em direção ao coreto da praça, que é o coração do bairro, para onde uma pequena multidão se direciona.

É com muita satisfação que contemplo seu Bento sentar-se no confortável banquinho que está sempre lá à sua espera. E sem muitas apresentações começa a encantar a todos com seu violão e voz melodiosa que juntos se transformam em algo singular.

A dança realizada pelos dedos de Seu Bento, que tocam suavemente as cordas do instrumento, me hipnotiza. Nesse momento me desconecto do mundo e sou capaz de apenas ouvir e acompanhar o movimento dos dedos gordinhos surfando em cordas finas. Esse espetáculo é tão simples e ao mesmo tempo tão complexo como o amor.

O momento de fantasia acaba quando os dedos se acalmam e a voz se cala, mas com a certeza de que é só um intervalo.

Esse momento único do crepúsculo torna-se ainda mais especial quando uma bela garotinha é apresentada por Seu Bento. Luísa, sua netinha de apenas seis anos, oficialmente, sua acompanhante nos momentos de cantoria.

No instante em que começam a cantar um lindo dueto com uma música da cantora de MPB, Maria Gadú, uma mistura de sentimentos me invade. Algo relacionado ao alívio de saber que esses momentos de alegria e lazer não tem previsão de fim. Mas sei que, por mais que eu queira, Bento não vai cantar pra sempre. Talvez, Luísa ganhe um violão.

Professora: Elsa Maria da Silva Portela  
Escola: E. M. Noé Fortes – Teresina (PI)

## O prosear de um quase ser vivo

Aluna: Beatriz Silva Araújo Sales

É raiar do dia. O nosso despertar traz o cheiro de café e a batida rotineira dos sinos.

Vivo no interior de Minas Gerais, na minha São João del-Rei, cravada aos pés da Serra de São José. Quem aqui nasce e cresce, aprende desde cedo o linguajar dos sinos. É um saber de todos nós, passado de geração para geração, como receita de pão de queijo.

Cidade histórica, filha da exploração do ouro. Por ruas tortuosas, foram surgindo igrejas, símbolos de fé e adoração. Em suas torres, moram os sinos que jamais se calam.

Aqui, na cidade onde eu vivo, nada fica às escondidas. Desde o início dos tempos, em uma época sem televisões, celulares, rádios e internet, os sinos eram o meio de comunicação. A qualquer momento do dia, podiam-se escutar as badaladas vindas das igrejas do centro histórico da minha cidade.

Cá pra nós, a linguagem dos sinos é uma canção única que reflete a singeleza e o fascínio de seus toques. Seus dobres e repiques falam, fofocam e poetizam.

Com enormes bocas de bronze, polidos com óleo queimado, anunciam e convidam para uma missa festiva ou para procissões. Porém, o mesmo sino que anuncia as festividades, também comunica o luto.

É de pasmar! O repicar dos sinos, através de seus trinta e três toques diferentes, contam se quem partiu dessa pra melhor era homem, mulher, criança, religioso ou membro de irmandade. Quando os sinos tocam, sempre há um por que, e quem é de São João já nasceu sabendo disso. Três badaladas do sino pequeno, dona Rosa avisa ao marido sineiro que é hora de ir para a torre. Cinco badaladas, quinze minutos antes da missa, já deixam Marias e Josés ansiosos pela celebração que será presidida pelo bispo. Três dobres e um repique deixam aflitas as famílias dos que “estão” mais pra lá do que pra cá no Hospital Nossa Senhora das Mercês. Todas as sextas-feiras, às 15 horas, impreterivelmente, o sino traz a lembrança da morte do Senhor, desafiando a ação do tempo.

Por aqui também não se perde o trem nem a hora. De tempo em tempo, o relógio da Matriz principal, acoplado ao sino, lembra-nos o apressado da hora. Até os mais descansados ficam de cabelo em pé.

E quem foi que disse que ser sineiro não é profissão? É tradição! No país do futebol, os jovens sineiros sanjoanenses comparam o amor ao esporte com amor aos sinos, que tem suas responsabilidades e perigos. A dedicação os acompanha no desenrolar da comunicação através do bronze.

Em minha cidade, marcada por sua inconfundível arquitetura, o sino insiste em fazer soar sua melodia, uma mistura de religião e cultura. O que os olhos não veem, os sinos falam. E o que os sinos falam, os nossos ouvidos jamais esquecem e ninguém duvida.

Professora: Cristina Célia da Trindade  
Escola: E. E. João dos Santos – São João del-Rei (MG)

## A “preta véia” do meu lugar

Aluna: Maria Camila da Rocha

A paisagem que vejo todos os dias ao acordar e abrir a janela do quarto é de dar inveja a qualquer um. Olho para o horizonte e avisto a “preta véia”, como meu avô me ensinou a carinhosamente chamá-la. Foi com ele que também aprendi a, todas as tardes, sentar na varanda e mergulhar nos encantos e mistérios nela escondidos, apreciar a beleza natural que nem mesmo a idade avançada pode tirar das pessoas, perder-me na imensidão de seus tapetes verde-escuros.

Serena e tranquila, ali está ela desde o começo dos tempos. Como uma velha mãe, daquelas bem dedicadas, tem os braços sempre abertos. É intrigante e charmosa e, por trás de suas vestes esverdeadas, guarda histórias que até hoje não se sabe se são verdadeiras ou se não passam apenas de crendices de gente antiga. É berço de muita cultura e religiosidade, herança dos povos indígenas que ali viveram e também de tropeiros e jesuítas que por ali passaram. Há quem acredite que tais viajantes ali enterraram um pote de ouro para algum sortudo achar.

É corajosa e resistente. Por isso carrega na bagagem o nome esperança. Permanece ali, com sua dureza e imponência. Já abrigou espécies hoje extintas, lamenta-se e entristece-se pelos filhos dela tirados. As águas puras e cristalinas do Rio Vargem Grande percorrem-na como veias a levar vida e frescor para a população, carregando junto o lambari que faz a diversão dos amantes da pesca.

Não me canso de admirá-la. É bela e majestosa. Em dias quentes, o sol se destaca em meio aos seus morros bem desenhados, e se o tempo é de frio rigoroso, ela é coberta pelas nuvens como um alvo e transparente lençol.

Aqui em minha amada Vargem Grande não há *shoppings*, cinemas ou praças iluminadas. Mas, frente a uma beleza como a dela, quem sentiria falta dos “agitos” da cidade grande?



Quando o sol se põe, um espetáculo à parte se inicia, e eu sou privilegiada por poder assistir de camarote as nuances de cores a envolverem-na, as revoadas de pássaros procurando nela o abrigo. Em primeiro plano, os morros esverdeados pintando-se de negro e, ao fundo, o alaranjado do sol se despedindo. Uma verdadeira obra de arte. E, quando a noite chega e o céu se pinta de estrelas, o luar chega para completar o espetáculo prateando a minha, a nossa Serra da Esperança, a “preta vêia” que ali está, todos os dias, a nos encantar, contar histórias, abraçar e proteger.

Professora: Marinês Simone de Lara  
Escola: C. E. E. F. M. Marina Mares de Souza – Paula Freitas (PR)

## Confusão na estrada

Aluna: Thalita Batista dos Santos

Em uma tarde ensolarada, calor escaldante do mês de agosto, lá vinha o “buzão” de Taguatinga com destino a Taipas, minha cidade.

Dentro do velho buzão estavam inúmeros passageiros, que incomodados reclamavam do calor insuportável.

Sentada em uma das últimas poltronas, já em péssimas condições, estava uma senhora que ora passava uma toalha para limpar o suor que brotava do rosto, ora abria a janela para se refrescar; uma vez que o transporte que caía aos pedaços era desprovido de ar condicionado. Aquela senhora estava muito agoniada e começou a reclamar em altos brados daquela situação. Foi então que ela disse em tom bem alto para todos os passageiros ouvirem:

– Minha Nossa Senhora, tenha piedade de nós, aqui dentro está pegando fogo! Ouvindo aquela conversa, todos os passageiros ficaram assustados e começaram a gritar:

– Fogo, fogo, o buzão está pegando fogo, gente! Pare este buzão, motorista!

Uns diziam:

– Queremos descer, não nos deixe morrer queimados aqui dentro.

Naquela imensa confusão, alguns saltaram a janela, outros desmaiaram de tanto susto. O motorista, coitado, já não sabia como acalmar aquela gente. Tentava de todas as formas parar o veículo, porém não conseguia. Até que uma passageira desesperada falou:

– Eu ouvi alguém falando, lá na rodoviária de Taguatinga, que esse carro estava sem freio!

– Ave-Maria “cumade”, fala uma coisa dessa não. Respondeu outra passageira assustadíssima. Naquela altura do campeonato, o veículo muito acelerado, balançava de um lado para o outro; a ponto de bater em alguma coisa.

A confusão durou por muito tempo, até que acabou a gasolina e o buzão parou.

Naquele momento, todos saíram de dentro, apavorados. O motorista permaneceu lá mesmo revisitando tudo para ver de onde o fogo havia começado. Logo constatou que não tinha fogo algum ali e falou nervoso:

– Ôxente! Mas aqui não tá pegando fogo coisa nenhuma!

– Como não? É claro que está. Aqui dentro está pegando fogo de tanto calor! Exclamou a passageira que fora o alvo de toda aquela confusão.

Professora: Rosana Ribeiro dos Santos

Escola: E. E. Joaquim Francisco de Azevedo – Taipas do Tocantins (TO)

# Poesia invisível: uma lição real

Aluno: Nailton da Silva Rodrigues

Dia quente, manhã ensolarada. Caminhava a pé pelas ruas de minha cidade observando o movimento das pessoas e dos veículos enquanto me dirigia à Praça Santo Antônio, uma das mais conhecidas de Parnaíba.

Dobrando a esquina, logo a avistei. Fervilhando de pessoas tão envolvidas em seus afazeres que mal se davam conta da beleza do cenário que as rodeava. Quase não dava para ouvir o cantar dos pássaros por causa do barulho vindo do trânsito exaustivo de carros e das vans do transporte alternativo que bem ali ao lado recolhiam seus passageiros, muito ocupados em sua luta diária pela pontualidade.

De repente, meu olhar é atraído pela figura de um senhor de gestos simples, botas de couro esburacadas, trajando roupas que, mesmo rasgadas, ainda apresentavam um resquício de certa formalidade. Posso jurar, caro leitor, que pensei ser um mendigo. No entanto, ao me aproximar, constatei que era apenas um senhor pobre tentando vender seus livros de literatura de cordel para sustentar sua família.

Um estranho magnetismo presente naquela figura exótica me fez parar para observá-lo por alguns instantes. A poesia presente em suas palavras, pronunciadas quase em forma de canção, quebravam a rotina monótona das conversas e dos assuntos que normalmente frequentavam aquela praça.

Fazia um calor escaldante, apesar das sombras das árvores, impedindo-me de continuar apreciando o encanto daquele momento. É claro que diante de tão humilde vendedor, pensei em comprar alguns cordéis, porém estava sem dinheiro. Decidi continuar meu trajeto, decepcionado por não ter no bolso o suficiente para ajudá-lo e murmurando por causa do calor.

Para minha surpresa, o homem riu ouvindo minhas palavras e respondeu:

– Ai, ai! Quem me dera um calor assim, nas terras de onde eu vim!

Confesso que a princípio não compreendi o sentido de suas palavras e logo perguntei-lhe o que queria dizer.

O senhor respondeu entoando a voz solenemente:

– Ah, meu filho! Eu venho de onde o sol mais ardente queima, onde a dor mais forte dói, onde a chuva em não cair teima!

Fiquei impressionado com suas palavras. Como um senhor tão simples, vindo talvez do sertão, aprendeu a falar tão bonito? Não sei por quanto tempo continuei a ouvi-lo falar, contar histórias, parábolas e até piadas hilárias.

Subitamente um ruído vindo do estômago daquele homem me trouxe de volta às mazelas da realidade que se apresentava diante de toda a minha impotência. Ele sentiu o cheiro dos salgados estragados que um vendedor ambulante carregava a caminho de uma lata de lixo. Estava surpreso e ao mesmo tempo com muita pena, ao ver meu gênio do cordel, em uma luta nem um pouco poética pela sobrevivência.

Por fim, encontraram-se e antes que o vendedor jogasse os salgados no lixo, entrega-lhe a repugnante refeição que rapidamente é devorada pelo pobre senhor.

Ouçõ alguém me chamar. Num piscar de olhos, percebo que estou em meu quarto, debaixo do lençol. Minha mãe bate forte na porta interrompendo o que mais parecia uma hipnose:

– Ainda está com raiva porque não gostou do jantar?

Professora: Michele Alecsandra Nascimento  
Escola: Unidade Escolar Edson da Paz Cunha – Parnaíba (PI)

## A outra face da princesa

Aluna: Stefâne Ferreira Silva

Passeando pela minha cidade, comecei a observar o mundo que me cerca e por causa da correria do dia a dia passa despercebido. Toda aquela observação era provinda de um grande desafio: escrever sobre o lugar onde vivo. Aprendi nas aulas que a crônica se tratava de um texto que dá vida a determinado fato do cotidiano, então, comecei a buscar em meu convívio uma situação que pudesse servir de inspiração para realizar tal tarefa. Procurei algo que pudesse despertar o interesse de deslizar a caneta sobre uma folha de papel em branco.

Percorri vários pontos turísticos, porém nada ali me despertou a atenção a ponto de querer escrever.

Aquela incessante busca por uma fonte inspiradora consumiu todo o meu dia, mas nada aconteceu. O banco em frente a minha casa foi o lugar escolhido para descanso do corpo e repouso da mente que estava a mil. Uma tarefa aparentemente fácil, que agora tinha se tornado um grande desafio. De repente começo a observar aquele cenário. O mercadinho da esquina, o bar do Chico, a sorveteria da Ana Maria, algumas crianças na esquina, tudo muito normal.

Depois de muito esperar, algo me chamou atenção. A quantidade de ônibus que passava à minha frente. Foram um, dois, três... Até que perdi totalmente a conta. Isso sim seria inspiração para escrever um bom texto. Ônibus? Não exatamente. Mas, o que era e é transportado no interior deles: trabalhadores dos canaviais que estão por toda a cidade. Aquilo sim era um assunto a ser retratado sobre o lugar onde vivo. Afinal, pontos turísticos todos já conhecem. Agora, o sofrimento por trás de cada trabalhador que leva em seus braços importante parcela da história do nosso município, isso é desconhecido.

Na esquina de casa desceram vários cortadores de cana-de-açúcar, agora, não somente meros trabalhadores, mas personagens protagonistas de um texto. Aqueles olhos sofridos demonstram claramente o cansaço de um dia exaustivo de trabalho. As roupas não trazem consigo apenas sujeira e sim suor. Suor de quem precisa trabalhar honestamente para sustentar a família. Ali há muitas histórias dignas de serem escritas.

Histórias reais de gente comum e principalmente exemplo nato do povo brasileiro que não desiste nunca.

Alguns saem sorrindo, pois o dia foi produtivo e apesar de toda a dificuldade veem nos pequenos detalhes enormes motivos para sorrir. Outros nem tanto, precisam sustentar os filhos e já temem o término da safra e o desemprego. Na maioria só é possível ver o rosto de pessoas sofridas. Entre vários, sigo com os olhos um e descubro que se trata de um novo vizinho. A curiosidade me atia para conhecer sua rotina. Conversamos bastante, e o dia a dia daquele trabalhador é bem mais difícil do que pensava.

“Boias-frias” são assim chamados os trabalhadores rurais que levantam todas as manhãs, madrugada, vestem a roupa, tomam o café, arrumam a marmitta e saem para o trabalho. O ônibus, velho companheiro de percurso tem horário marcado para passar. Embarcam sem conhecer o destino e nem hora do retorno. Logo, todos se encontram nos canaviais onde os podões são manuseados pelas mãos cheias de calos. Quanto mais canas podadas, mais dinheiro. Ali permanecem várias horas até o retorno para casa, agora, agradecendo por mais um dia de trabalho. Ao chegar à cidade, são observados por alguém que precisava escrever.

É assim o lugar onde vivo a “Princesa do Vale!” Uma princesa formosa e doce como o açúcar, porém amarga pelas marcas deixadas na vida daqueles que levam em sua face a história de um trabalho sofrido.

Professor: Wilks Ley Rodrigues Garcia  
Escola: E. E. Carlos Gomes – Goianésia (GO)

## Café com leite

Aluna: Gabriela Chaves Santos

Mais um pôr do sol de sexta-feira. A brisa das seis horas deixava as tardes de verão agradáveis e me soprou para fora de casa em mais um dia de férias. Sentei na praça, esperando minhas amigas.

– Paar ou impaar!

O grito das crianças que se organizavam para brincarem de queimada na rua calou por um momento o sussurro e o estalo das folhas do coqueiro. Meu coração pulava, há dois anos eu também pertencia à turma. Todos iam para a rua, que ainda hoje é o principal palco das fantasias, brincadeiras e aventuras infantis.

A bola começou a dançar: sambava em um, espreguiçava em outro, rolou, pulou, voou em voltas e rodopios... Quase abraçou um, tropeçou e se estatelou no chão.

– Queimou você, Ana Júlia.

Por pouco, ela conseguia escapar. Chegou a ter a bola nas mãos! Ana Júlia, inconformada, seguiu para o campo dos queimados. Daqui a poucos anos, vai entender que na vida também somos queimados às vezes.

O jogo prosseguiu com mais crianças. Algumas se achegavam no modo bem xavierense de ser: assentadas na calçada ou no banco da pracinha assistiam ao jogo, aguardando o convite para se juntarem à brincadeira. Outras, menos tímidas, logo perguntavam:

– Posso brincar?

– Espera a queda acabar!

Terminou uma queda, começou outra. Uns perderam, outros ganharam. Os menorzinhos, eleitos como “café com leite” por secretas piscadelas de olhos, na sua inocência de criança, se sentiam como atletas da Copa Mundial de Queimada. Será que existe isso? Ah, também não importa.

Quando passava um carro, os que estavam de frente avisavam:

– Querem morrer? Tã vindo carro!

Mas quase não passa carro nessa pequena cidade, que nos lembra da cidadezinha qualquer de Drummond, onde um homem vai devagar, um cachorro vai devagar, as janelas olham... E eu acrescentaria: as crianças jogando queimada na rua.





O tempo passou, a lua deu as caras e as crianças continuavam a brincar na noite enluarada, solidárias e acolhedoras. Aceitavam qualquer um, não importava se era menino ou menina, pobre ou rico, baixo ou alto, gordinho ou magricela, negro ou branco, criança ou até mesmo um adulto querendo brincar de gente pequena. Se soubesse as regras – e todos da cidadezinha sabiam – era só esperar o começo da nova queda, pois as crianças são puras, ainda não foram sequestradas pelos rótulos da sociedade.

A bola continuava seu balé: *grand battement, frappé, fondu, rond de jambe, jeté, tendu, grandplié, plié, demiplié...* Zupp! Parou. Ela criou asas e voou, voou alto demais até pousar bem no quintal da vizinha.

As crianças se entreolharam mudas. O mais corajoso deles se candidatou para resgatar a bola. Na ponta dos pés, alcançou o muro e espiou. Tarde demais! Ralph da Silva Júnior, interrompido em sua sesta canina, já havia cometido um “bolicídio”.

É, parece que dessa vez quem venceria a luta de levar os atletas para a cama não seria o cansaço, nem as mães ao gritar para que seus filhos entrassem, mas aqueles pelos bem escovados. Os sorrisos das crianças foram sumindo, alguns rostos tomados por expressões de choro.

Um dos menores da turma, logo dá um jeito.

– Tenho outra bola lá em casa. Amanhã eu trago.

– Às seis, então.

E foram embora, uma a uma. O silêncio invadiu a rua, parecia noite de segunda-feira.

A música tocada pela bola e pelas crianças continuou dentro de mim. A queimada é realmente um jogo diferente, talvez por isso não esteja entre as grandes competições, como as Olimpíadas.

Todos seguem felizes para casa, principalmente os pequenos “café com leite”.

Crianças, queimada, cantar. Eta! vida boa, meu Deus!

Professora: Maria Magali Vale Rodrigues

Escola: E. E. Coronel Xavier Chaves – Coronel Xavier Chaves (MG)

## O amanhecer (num dia “inqualquer”)

Aluna: Yanca Fragata dos Santos

Todo dia pode ter um traço singular, e geralmente tem. Isso é comum. Mas às vezes esse momento singular é composto de um simples instante muito especial, feito crônicas que revelam a grandeza que há numa pequena cena, a poesia nas coisinhas do dia a dia.

Naquele dia um calafrio me madrugou. Os ponteiros luminosos do despertador em silêncio marcavam exatamente 5 horas. Coloquei meus pés para fora da rede, vesti um casaco, saí do quarto e, no corredor, o calafrio foi ficando ainda mais frio, arrepiando todos os pelos do meu corpo.

Fui até a cozinha, preparei um copo de achocolatado bem quentinho. Antes de tomá-lo, abri a porta de saída para o quintal, sentei no batente e por segundos aspirei o cheiro da fumaça que saía do copo, olhando para a imensidão das possessões do meu vizinho dos fundos, o Rio Amazonas. E apesar do achocolatado quentinho e do calor amazônico de sempre, o calafrio continuava comigo.

Algo entristecia meu coração, fazendo-o bater devagar e forte ao mesmo tempo. Algo difícil de compreender. Naquele instante, quis ler meu livro preferido ao pé da Mangueira da pracinha ao lado de casa, então fui, e o calafrio comigo.

Quando abri o livro, foi como se libertasse dele um forte vento de prenúncio do amanhecer daquele dia. Depois de muitas páginas lidas, desço a escadaria da pracinha, ponho minhas mãos na água e sinto a correnteza do maior rio do mundo. Ventania gostosa, mas algo me entristecia por dentro. O calafrio de alguma forma me acompanhava para onde eu fosse.

De repente, sinto o toque de uma mão amaciando meus cabelos. E mesmo sem falar nada, logo percebi que era minha mãe. Quando a olhei, me deu um leve sorriso. Sentamos lado a lado no passeio do muro de arrimo, com nossos pés dentro da água. Ela segurou minha mão como se nunca mais fosse soltar, olhando-me com os olhos úmidos.

Naquele instante tudo que eu consegui fazer foi lhe dar um forte abraço. E ali, envolvida em meus braços, senti suas lágrimas caírem em minha costa. Foi como se os papéis tivessem se invertido: eu era a pessoa que a protegia e a consolava; e ela, uma criança aos prantos, que precisava de ajuda.

O abraço já durava minutos. E com os primeiros raios solares espelhando nas águas barrentas do Amazonas, no toldo do barco que passa singrando o rio, na copa das samaumeiras soberanas na outra margem, nos bandeirões dos currais dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso, nos telhados das casas da nossa encantada ilha de Parintins, nos cabelos de minha mãe e na minha alma, expulsando o calafrio, disse-lhe:

“Feliz Dia dos Pais, Mamãe!”

Professor: Rodrigo de Souza Rocha  
Escola: E. E. F. Gentil Belém – Parintins (AM)

## Ruptura

Aluna: Daniella da Rosa

Naquela rua cheia de aventuras, risadas, brigas, desabafos, acontecimentos que fariam qualquer um ter inveja da nossa amizade. Tínhamos nosso próprio mundo em meio a pedras, plantas e muita imaginação. A Rua das Rosas era nosso refúgio de tudo e de todos. Brincávamos lá, e era como um parque de diversão sem brinquedos. Na rua íngreme, feita de pedras desproporcionais, no alto de Santa Cruz do Sul, cabia nossa vida. As casas envelhecidas nos davam a inspiração para as brincadeiras teatrais e nos faziam ter medo do vento frio do começo do inverno. Ah o inverno, mesmo com o frio de rachar, não nos intimidávamos, ficávamos até tarde da noite na rua. As árvores dançavam com o vento e nos hipnotizavam quando estávamos cansados demais para brincar. Não fazíamos ideia de como o mundo era porque tínhamos o nosso mundo completo de fantasia, de alegria e até de brigas.

Fazíamos piqueniques toda semana, trazíamos cucas, sucos e outros doces e sob a jabuticabeira a nossa felicidade ficava completa.

Reuníamos sempre na frente da casa do meu vizinho, que tinha um muro de um metro de altura e sentávamos lá, lado a lado. À tardinha, tínhamos a vista do pôr do sol que era magnífico. Mas naquele dia as cores me faziam pensar sobre a vida e como ela estava prestes a mudar...

Sentamos lá, como normalmente fazíamos, mas o silêncio, isso era diferente. Aquele silêncio que incomoda, mas você não quer ser o primeiro a rompê-lo. O silêncio gritava, como uma tortura sem fim. Cada um de nós tinha um modo de lidar com aquilo, eu, por exemplo, ficava mexendo as mãos como se alguma coisa fosse mudar. Não mudou.

Ali naquele muro baixinho de pedra vi uma tristeza profunda, nunca antes vista por ali. Vi todas as brincadeiras, as risadas, os joelhos e cotovelos ralados como num filme, mas de repente eu voltei para meus devaneios e percebi que todo o amor que sentíamos e nem sempre demonstrávamos, estava ali exposto, como uma ferida que não podemos esconder, estava latejando, como um coração falhando, fraco por tanto persistir.



Éramos heróis, pelo menos assim achávamos, divertíamos e chorávamos juntos quando nos machucávamos. Cada um tinha algum poder, a paciência, a força e, até eu, tinha a tenacidade. Éramos únicos e completávamos uns aos outros, talvez por isso fôssemos tão unidos. Momentos únicos foram se dissipando, se eternizando naquela despedida.

Aquilo estava me matando. Eu tentei tanto encontrar palavras para aquele momento, mas o que sentia não poderia pôr em palavras... Desejei que qualquer coisa incrível e inacreditável acontecesse, que meus pais mudassem de ideia e desistissem da mudança para o outro lado da cidade... Mas não, desta vez o final não seria feliz. Tudo ali acontecendo, o mundo girando e nós nos despedindo. Tenho certo apreço de despedidas, talvez seja algo estranho, mas gosto da súplica explícita no ar. Só não gosto da tristeza, é algo inútil, mas mesmo assim, ela tomou conta de mim.

Nunca consegui reunir tantos amigos. Esse grupo de vizinhos foi meu passaporte para a alegria. Mesmo nos meus momentos mais tristes, eles me faziam sorrir, e eu fazia o máximo para fazê-los sorrirem também. Aquela despedida era desagradável, um céu sem nenhuma nuvem, era um tipo de afronta à nossa tristeza. Irônico até. Um entardecer tão lindo para um momento tão triste. No fim, minha tristeza por ir embora e a oportunidade de prolongar aquele momento venceu obstáculos, como a vergonha. Levantei-me e abracei cada um deles, nunca estive tão sentimental!

Não foi algo emocionante, comovente, que se algum diretor de cinema visse essa história faria um filme. Só foi algo que vivi, só mais uma despedida, talvez a mais dolorosa, mas foi assim. Não chorei, só me levantei e parti. Percebi que foi como arrancar um curativo, rápido para não sentir a dor, mas senti no âmago do meu ser a dor de rasgar minha alma quando saí em silêncio, deixando a melhor parte da minha vida, sem olhar para trás.

Professora: Maira Andréa Leite da Silva  
Escola: E. M. E. F. Harmonia – Santa Cruz do Sul (RS)

## Quem sou?

Aluna: Rayssa Martins Ribeiro

Certa manhã, uma jovem, cuja residência ficava na orla da cidade, estava indo para a faculdade, quando sentiu um odor estranho. De repente, olhou para o lado e viu: era ele. Em sua face surgiu um ar de preocupação e ao mesmo tempo, ela se questionou:

– Por que estou estranhando? Passo por aqui todo dia e o encontro sempre da mesma maneira? Mas algo tinha mudado, seu odor parecia ter aumentado! A menina olhou ao redor na esperança de que não fosse a única indignada com aquela situação, só que a menina via cada expressão, ninguém parecia se importar com ele, já tinham se acostumado com a presença daquele odor, na verdade o tratavam como um mendigo. À noite, quando voltava da faculdade, deparava com pivetes urinando nele como se não tivesse nenhuma importância!

A menina, indignada, teve vontade naquele momento de gritar com todas aquelas pessoas, mas conteve-se e seu olhar preocupado voltou-se para ele. Com tudo o que acontecera, ele aparentava estar muito triste e via-se facilmente que estava muito doente, mas o que ele poderia fazer? Como pediria para que cuidassem dele se não podia falar? Mas achava no olhar da jovem um apoio e uma esperança de que, talvez, tivesse mais uma chance de vida. No fundo, estava um tanto indignado porque era o morador mais antigo da cidade de Mutuípe, estava aqui muito antes de “descobrirem o Brasil” e bem antes dos índios, sentia uma aflição ainda maior porque com sua morte não seria o único a perder, mas toda aquela cidade. Então, a jovem sussurrou na esperança de que ele a ouvisse:

– Olha, sei que você está muito doente, mas farei de tudo para que não morra, quero que se recupere, porque sei que você é de extrema importância para nós, como também para o Brasil. Lutarei pela sua sobrevivência nem que seja a última coisa que eu faça. Espero do fundo do meu coração que não seja tarde demais.

A menina, por mais que tentasse conter-se, não conseguia evitar que algumas lágrimas rolassem em seu rosto e sentia muita dor em seu peito por deixá-lo sozinho, foi saindo devagar como se quisesse mostrar-lhe que aquela não seria a última vez em que a veria.

Ela foi diretamente para a praça principal da cidade e parou em frente ao obelisco, ponto turístico da cidade, e, apesar de não ter preparado nenhum discurso, mas, armada de uma grande indignação (era o que bastava para ela) disse:

– Aproveitando o ensejo, quero com muita indignação chamar a atenção de vocês para a situação atual dele...

As pessoas pararam o que estavam fazendo e com olhares o procuravam. Até a jovem apontar para ele e dizer seu nome:

– O rio Jiquiriça!

Professora: Maria de Fátima Barreto Almeida  
Escola: Colégio Doutor Julival Rebouças – Mutuípe (BA)

## A flor que chegou primeiro

Aluna: Mayara de Aleluia Pereira

Já fazia alguns minutos que encarava os salgados expostos sobre a bancada tentando decidir qual eu pediria. Escolhi uma empada e sentei-me em um banquinho vermelho ao lado do balcão.

Os aromas que vagavam pelo local se misturavam aos gritos das crianças, às vozes dos jogadores de truco sentados no canto do boteco e às comemorações de cada bola encaçapada na mesa de sinuca.

Aquele boteco se tornava nos fins de semana o ponto de encontro da comunidade. Ali se descobria qualquer coisa que tinha acontecido, desde a galinha carijó, que fugiu do quintal da dona Maria, até o trem de ferro que havia estragado no cruzamento.

Era grande o falatório, mas por algum motivo eu passara a observar a estação ferroviária que ficava em frente. Analisava a fachada onde o nome do distrito estava pintado em destaque: “Caraíba”.

Como se adivinhasse o que eu observava, um dos jogadores de sinuca, que visivelmente tinha tomado uns goles a mais, lançou uma pergunta no ar:

– Caraíba. Por que Caraíba? Aqui nem tem essa árvore!

Foi a deixa para que as especulações e o murmurinho comesçassem a se espalhar. A todo momento um sabichão se dispunha a dar a solução para o enigma.

– Aqui tem esse nome porque o primeiro morador tinha o apelido de Caraíba, por ter os cabelos tão amarelados quando a flor dela.

– Não! Recebeu esse nome porque uma moradora sempre que saía de casa usava uma flor de caraíba nos cabelos. Deixando aqui conhecido por esse nome.



Nunca foram levantadas tantas hipóteses sobre a origem do nome de meu distrito. Todos falavam, mas a verdadeira versão nunca surgiu.

Apaziguando uma briga, um senhor que esbanjava saúde aos seus noventa e poucos anos, resolveu se manifestar:

– Há muito tempo, aqui parecia um jardim encantado. Jatobás, ipês, pequizeiros, e caraibas coloriam esse lugar todos os anos. Era a mais bela paisagem. Até que um dia, foram construídas a estação ferroviária e a linha de ferro, em 1923. Todos que passavam por aqui se maravilhavam. Mas como era possível falar de um lugar sem nome? Uma exibida caraíba, que florescia todos os anos ao lado da estação, havia encantado o maquinista. Então, numa conversa entre ferroviários, ele disse “Aqui poderia se chamar Caraíba, nosso jardim encantado vai ser denominado assim”. E, dessa forma, foi registrado o nome.

Por algum motivo, vi que os olhos do homem haviam se enchido de lágrimas.

– E por que nós deveríamos acreditar no senhor? – Um bêbado questionou.

– Porque eu era esse maquinista. O que fazia esse estridente apito soar por aqui. Muito antes de as casas tomarem o cerrado, o chão de terra batida de carros de boi ter sido pavimentado e o trem abandonar seus passageiros.

Validando o que havia sido dito, o trem apitou e parece que dizia: “Verdade meu velho amigo, também sinto saudades daqueles velhos tempos”.

Professora: Elisete Tavares  
Escola: E. M. Antonio de Souza Lobo Sobrinho – Vianópolis (GO)

## O vaivém dos barcos

Aluna: Cinthia Ramos de Andrade

Sentada no barco, reflito sobre o trajeto até a escola. O barco a que me refiro, faz o percurso que liga a Costa da Lagoa ao centrinho da Lagoa da Conceição, bairros localizados na Ilha da Magia, Florianópolis, Santa Catarina. Olhando pela janela percebo a beleza do lugar onde vivo e por um momento contemplo a natureza e reflito: “Será que diante da rotina diária do vaivém dos barcos há lugar para a contemplação da natureza?”.

São quarenta e cinco minutos de percurso dentro do barco. Para os visitantes esse tempo parece pouco para admirar tamanha beleza. Já, para os que frequentam sete dias na semana nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano é muito tempo. Tempo suficiente para pensar no seu “vaivém”.

Restam-me, portanto, quarenta e cinco minutos para pensar: o que acontece no vaivém dos barcos? Pessoas leem livros, retocam a maquiagem, fazem tarefas escolares, navegam nas redes sociais... Houve um tempo em que esse trajeto era movido pelo diálogo, pelas necessidades oriundas daquela época. Pessoas se reuniam em prol das melhorias dos horários do transporte local e tudo era feito de forma coletiva.

Eram tempos difíceis. Apenas três horários e um barco para cumpri-los. Se perdesse o das seis da manhã? Esperava o do meio-dia, ou ia a pé. Três horas de caminhada. Dias árduos aqueles... Especialmente para os que precisavam trilhar o caminho escolar para além da antiga quarta série.

No entanto, quantas descobertas fizeram aquelas pessoas! Quantas experiências vividas em conjunto! E quantos percalços tiveram que enfrentar! Sentada aqui reflito: “Sou um indivíduo em particular, que utilizo de um transporte (barco) público, imbuído de uma história construída no coletivo”. No vaivém dos barcos, muitos desistiram de estudar. Mas os que permaneceram, muitas histórias têm para contar.

Percebo, ao meu lado, uma menina sentada que aparenta ter uns doze anos. Vejo que carrega numa mão um pedaço de pão e na outra um aparelho celular ligado ao seu corpo por um fone de ouvido. Nos quarenta e cinco minutos de trajeto nenhuma palavra me disse, mas parece ter conversado muito com amigos virtuais. Paisagens lindas ficaram para trás, o som das águas, a dança dos peixes, o cantar dos pássaros... Nada disso fez aquela menina se desligar por um momento de seu aparelho celular. A individualidade tomou conta daquele momento.

Desses tempos pra cá, muitas coisas mudaram. Exceto o vaivém dos barcos. As pessoas continuam indo de barco para a escola, com uma diferença: o coletivo não existe mais. A variedade de horários dos barcos e o fácil acesso à informação trouxeram para esse vaivém um novo elemento: a individualidade.

Ultimamente as pessoas estão vivendo sozinhas em meio à multidão. No vaivém dos barcos percebo que isso não é diferente. O resultado parece inevitável: O que é belo está se tornando comum porque o olhar está voltado para a mesmice de uma tela de celular. Tudo está realmente se modificando. Resta saber se o vaivém dos barcos permanecerá nas próximas gerações.

Enquanto isso, aproveito o luxo de poder apreciar as belezas que só existem na Costa da Lagoa. Quanto à tela do celular, deixo para aquele momento em que nada há para fazer. Espero surpreender-me sempre com as belezas do lugar onde vivo. A Costa da Lagoa é um pedaço do paraíso na terra e que privilégio o meu fazer parte deste lugar!

Professora: Samara Gonçalves Ladeira  
Escola: E. B. M. Henrique Veras – Florianópolis (SC)

## De coração aberto

Aluna: Isabela Costa Sousa

Era uma manhã de sexta-feira, umas sete horas, a cama quentinha, o ventilador em minha direção e o canto dos pássaros vindo do quintal, como de costume nas manhãs de sol. Ali estava eu, aos roncões, em um sono gostoso, até sair da cama com um só pulo, assustada com os “berros” do despertador, vindos do celular ao lado do travesseiro. Lembrei-me da pesquisa de campo para a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro que iria acontecer naquela manhã. A professora, minhas colegas e eu iríamos à feira livre, no Centro de Valença, na Bahia, procurar fatos e ideias para nossas crônicas. Em poucos minutos, me aprontei, peguei meu café e fui tomá-lo na sala, assistindo TV, como faço todos os dias. Ao me sentar no sofá, fixei o olhar na televisão, quando estava sendo citada uma frase exposta em um posto de gasolina: “Não fale da crise... trabalhe!”. Não dei atenção ao fato, mudei de canal, e me dei conta do horário. Corri para a escola, ao encontro do pessoal, para seguirmos em nossa busca.

Já a caminho, meus olhos prontos para flagrar qualquer cena que tivesse significado peculiar para mim e, não sei por quê, me dei conta de que a frase ouvida no noticiário não me saía da cabeça. Chegando à feira, de imediato chamamos a atenção das pessoas, claro, não é comum aparecer ali um grupo de alunas concentradas, olhos esbugalhados para observar tudo, caneta e caderno nas mãos. Enquanto caminhávamos juntas, o fiscal da feira se aproximou, expressando curiosidade, e perguntou: “Precisam de ajuda?”. A professora explicou que se tratava de um trabalho escolar e agradeceu a atenção.

O som ininterrupto das buzinas dos carros no entorno da feira, as frutas e os legumes expostos nas bancadas, em lonas estendidas no chão, nas carrocerias dos carros compunham o ambiente. O cheiro intenso de tangerina, milho verde para todos os lados, amendoim, laranja, aipim, quiçare, genipapo, pimenta-cumari etc., tantas cores, tantos sabores, tantos perfumes, quase desviaram minha atenção, despertando o apetite.

Ao nos separarmos, me deparei com cenas que até então eram insignificantes para mim: um movimento contínuo, pessoas indo e vindo, comprando, vendendo, barganhando, trabalhando sem parar, homens carregando sacos enormes de farinha de mandioca torrada e ainda quentinha, exalando um aroma gostoso, enquanto o suor escorria pelas costas nuas de alguns, ou ensopava as camisas de outros.

Eram visíveis em muitos as marcas impressas pela pobreza, nas vestes amarrotadas, nos dentes faltos, escurecidos ou estragados, na necessidade de trabalhar dos garotos com seus carrinhos de mão. A pele manchada e as rugas profundas dos agricultores que vinham de suas roças para vender seus produtos fresquinhos revelavam a dureza do trabalho realizado sob sol e chuva; trabalhadores que, por várias razões, não tiveram oportunidade de estudar ou trabalhar em melhores condições e cuidados pessoais. Contudo, o sentimento que impregnava o ambiente era a alegria expressa generosamente no sorriso abundante daquelas pessoas que se empenhavam em conquistar os clientes e garantir o sustento da família, além de fazer um bem à comunidade valenciana, é claro.

Ao observar tudo aquilo, de súbito, lembrei-me das palavras que tão pouco me importaram antes: “Não fale da crise... trabalhe!”, e uma chuva de reflexões inundou minha mente. Aquelas pessoas trabalham tanto e, muitas vezes, não são valorizadas como deveriam. Ainda assim, não se via em seus rostos qualquer sinal de vitimização, ou atitude de desânimo, ao contrário, a vida vibrava como uma dádiva, como uma celebração por poder viver um dia após o outro, com disposição, resignação e gratidão, pois, apesar das muitas dificuldades, sabem o valor do trabalho honesto, que lhes garante o sono tranquilo e a paz na consciência. Contudo, a dureza daquelas vidas, estava esculpida na expressão daquelas pessoas, reafirmando as diferenças entre as classes sociais.

De fato, já fui à feira inúmeras vezes, mas, naquele dia, vi, diante de mim, um espetáculo enigmático, que sempre estive em cartaz, mas que, até então, eu não havia aberto as cortinas dos meus olhos para contemplar e aprender a ver mais de perto aqueles que não deixam o espetáculo parar, que, além de trabalhadores, são pessoas, com suas dores, suas histórias, seus encantos. Para ver, basta um minuto de conversa, um olhar atento, um coração aberto.

Professora: Diene de Farias Couto da Silva  
Escola: E. M. Dario Galvão de Queiroz – Valença (BA)

## Velho casarão, por que choras?

Aluna: Bruna Eduarda Ross Ferreira

Estou do outro lado da rua a olhar aquele imenso casarão, seu aspecto é antigo, paredes duplas nunca trocadas, grande parte já carcomidas pelos cupins, pintura desbotada pelo tempo, janelas quebradas, trincadas, caindo aos pedaços, salas abandonadas cheias de caixas, entulhos, tudo empoeirando e envelhecendo cada vez mais, a quadra e o muro hoje em estado deprimente que dá pena só de olhar, apenas alguns cômodos desse prédio estão sendo cuidados, mas do que adianta cuidar de algumas salas e as outras abandonadas, largadas, esquecidas no tempo?

Continuo a olhar... o pobre e velho casarão, ele chora, lamenta pedindo socorro, ninguém diria que ele aguentaria tanto tempo, afinal foram tantas histórias felizes vividas ali, ele viu crianças e mais crianças estudando, sorrindo, gritando, brincando e até brigando, eram essas histórias que davam vida ao velho casarão. O que me orgulha é que ali já fomos artistas, cientistas, cantores, compositores, palhaços, bailarinos, declamadores, enfim, fomos famosos em nossas apresentações, viajamos mundo a fora, conhecemos o Planeta todo, imagina só... Fomos até a lua, e também conhecemos Dom Quixote, fadas, monstros e muitos outros personagens da literatura, tudo isso dava sentido a nossa vida.

Por falar em vida, onde está a vida que antes ali existia? Cadê aquela alegria boba e verdadeira que preenchia o seu vazio? Onde foi parar a vontade de jogar bola naquela quadra toda cheia de buracos irregulares, que já foi a diversão de todos que por ali passaram e mesmo debaixo de sol ou chuva era a alegria nos jogos e brincadeiras, essa alegria era tanta que parecia que jogávamos no “Maracanã”. Quanto mais olho, mais vejo que ali éramos felizes, não nos importávamos se tínhamos algum problema, pois sabíamos que ali nos sentíamos protegidos, que ali era nosso lugar, agora vejo tudo isso perdido, deixado para trás restando somente as lembranças de uma vida feliz.

Continuo a olhar e a refletir sobre quão importante foi sua existência, quantas pessoas, hoje bem-sucedidas profissionalmente, iniciaram ali seus estudos, e dali saíram doutores, professores, governantes... desde a mais humilde profissão até a de maior prestígio, tendo todas as mesmas importâncias e valias, quanta religiosidade e fé cristã despertada nos jovens que por ali passaram na época das Irmãs Azuis.

E os romances... Hum.... Quantas histórias de amor, amor verdadeiro que perdurou para a vida toda, outras que não passaram de namoricos de adolescentes, quanta coisa boa para recordar e que vale a pena relembrar.

Permaneço calada, sem entender por que as coisas têm que acontecer assim? Por que uma história tão bonita tem que ser apagada, esquecida, deixada para trás? Tiraram de nós, alunos, nosso colégio, nossa casa, nossa história, para nos colocar nesse prédio que nem nosso é, estamos feito intrusos aqui, enquanto o velho casarão sofre calado, sozinho, sem ter para quem reclamar.

Ele chora, está ficando deprimente e eu sozinha não posso fazer nada, só observar e lamentar a perda da nossa casa.

Professora: Marilene dos Santos Zanchett  
Escola: E. E. B. José Zanchetti – Abdon Batista (SC)

## Amanhã eu vou!?

Aluna: Maria Gottardo Morello


Queria ser um daqueles que começam a escrever dizendo que não estão inspirados e, de repente, uma cena inusitada em um botequim celebra toda a satisfação e a felicidade humana, “presente” num singelo pedaço de bolo. Sinceramente fico perplexa com a capacidade de outros que transformam um pavão em “um arco-íris de plumas”. Há tantos episódios do cotidiano que me caberiam interpretá-los e aperfeiçoá-los e, quiçá escrever, quem sabe, uma primeira ou “a última crônica”. Aguço meu olhar ao pitoresco que me cerca. Há algo que espanta e encanta as pessoas das redondezas. Escreverei, então...

Precioso leitor, se você pensa que falo das tradicionais festas que acontecem por aqui, como as coloridas festas natalinas, as animadas e “comportadas” cavalgadas ou as festas dos padroeiros, engana-se! Aqui, os eventos que mais reúnem pessoas são os velórios e os enterros dos entes queridos. “É tanto ‘caro’, tanta gente!”, como dizia minha bisavó, que, aliás, teve um velório concorridíssimo. Mas, voltando às exéquias... é tanto carro, tanta gente, que até o padre, vindo de outras paragens, fica admirado, que até pensou em escrever uma tese sobre a matéria. E se o “evento” espanta pela sua natureza, encanta pela solidariedade do nosso povo na derradeira partida.

É costume daqui velar o corpo em casa e passar a noite em claro, apoiando a família. Entre orações e cantos, há o banquete de pão com salame regado pelos insubstituíveis cafés. E, em virtude de um rodízio voluntário e interminável, ora saem amargos ora doces demais. Todos se dão por satisfeitos. Menos o Seu Zé que só sabe reclamar.

Quando o frio bate à porta, lá pelas duas ou três da madrugada, o interior se cala. Apenas o pio solitário de um bacurau companheiro, traduzido pelo povo do lugar como um sonoro “Amanhã eu vou!”, corta o silêncio. As lágrimas dão descanso. Então, acendemos o fogão a lenha para aquecer a alma e a noite fúnebre que se torna alegre e divertida. Indispensáveis piadas e gargalhadas dão o tom da madrugada ao sabor de umas doses de cachaça. Em meio à conversa fiada, Seu Zé comenta:





– Até que a gente vai e volta do cemitério tá bom. Triste vai ser quando a gente for e não voltar mais!  
Pode parecer coincidência, mas aqui em Governador Lindenberg, quando morre um, mais dois ou três se vão – o que é surpreendente num município de interior. Hoje, as pessoas que nos fazem sorrir, amanhã poderão passar por esse estágio melancólico. Algum parente pode ser “arrumado” pelo Jonas – dono da única funerária – que até virou nosso amigo pela frequência das visitas. É claro que ficamos felizes em poder vê-lo. Não quero nem imaginar onde estaria se não o visse em um funeral!

É tarde! A lua taciturna também dá o seu adeus e leva consigo todos os assuntos que ocupavam o espaço. Ao dar o seu bom dia, o sol nos lembra que o momento está acabando. É a realidade despindo a nossa fragilidade. Só quem perdeu um ente querido entende a grandeza dos gestos de solidariedade dos amigos.

É a hora do adeus! Baila uma preocupação no ar: quando nos reuniremos novamente? Incertos de quando será, a angústia aperta o peito e fica a dúvida: quem será o próximo? A lembrança das palavras do Seu Zê me assusta. Aquele pio de presságio do bacurau agora me arrepia:

– Amanhã eu vou!... Amanhã eu vou!... Amanhã eu vou!

Professor: Edson Marianelli Romanha  
Escola: E. E. E. F. M. Irineu Morello – Governador Lindenberg (ES)

# Uma questão de segundos

Aluna: Deborah Alves Sousa

O cenário da minha cidade começou a mudar. Percebi isso quando algo estranho, até anormal, fora do nosso costume, estava acontecendo. Pessoas diferentes, línguas diferentes e atitudes diferentes: os chamados “flanelinhas” não faziam parte da nossa rotina, até um dia eu perceber que isso havia mudado. Meu Estado faz fronteira com a Venezuela, e aquele país tem sofrido questões econômicas e sociais. Esse fato é o principal ponto de mudança no nosso cotidiano.

Aproximei-me dos carros no sinal, e logo vi uma mulher simples com um pequeno boné e alguns produtos na mão, correndo no sol infernal do início de tarde. Quem conhece minha cidade, sabe que nesse horário saímos de casa apenas obrigados e abrigados pelos automóveis, pois fora isso é quase impossível caminhar no extenuante calor que faz, chegando a 42°C. Sigo observando aquela mulher. Ela estava com produtos básicos de limpeza nas mãos e já de início imaginei o que iria acontecer, mas resolvi atentar para este fato que se tornou normal em nossa cidade, porém muitos ignoram. Todavia esse não tem sido o único “trabalho” que tenho observado de diferente na minha cidade, pois muitos imigrantes venezuelanos se dispõem a permanecer horas no calor como malabares, vendedores ou simplesmente pedintes nos semáforos.

A mulher inicia seu ritual de trabalho: jogou um sabão pouco eficiente no para-brisa do carro de alguém que nem conhecia, sem perguntar se poderia fazer, apenas fez. Não teve medo de levar algum grito, ou ouvir algo desagradável. Percebeu que eu a observava, então logo retirei a vista dela. Olhei para o semáforo e vi que já estava quase abrindo. Então uma dúvida surgiu em minha mente: “Será que o motorista daquele carro vai considerar o que ela está fazendo como um “trabalho” e pagará por isso?”. Uma cena tão comum na minha cidade e no meu país, onde há pessoas tão pobres que se sustentam trabalhando de sol a sol, e outras com melhores condições financeiras que não precisam sair do seu conforto para se sustentar.

Retirei por uns instantes o olhar daquele trabalho e resolvi observar o motorista. Percebi que ele não estava dando a mínima para o que ela estava fazendo. Era um homem bastante apresentável, cabelo baixo, óculos escuros e usava um belo paletô, características que mostravam que ele era um homem de negócios. Quando observei essas particularidades fiquei mais curiosa ainda. O semáforo parecia ser

uma lenta ampulheta, o tempo mais longo que já havia esperado para um sinal abrir. O sol continuava a maltratar. A expressão da mulher era de cansaço. Cria-se uma expectativa após seu ato de limpeza: receber ou não. Já imaginou ficar no sol fazendo algo que para muitos é irrelevante, mas que para ela corresponde a um salário a ser recebido? E será que não ganhará nenhuma mísera moedinha? Parou um momento para enxugar o suor que escorria no rosto, na esperança de contar algumas moedas.

O demorado semáforo abriu, e em questão de segundos o motorista saiu em uma velocidade elevada, sem olhar para o rosto daquela mulher. Ele não esperou ao menos ela terminar de sair, arrancou rapidamente e quase causou um acidente. Percebi naquele momento que o dia a dia daquela humilde mulher não era fácil. Ficar no sol, receber gritos, escutar abusos, quase ser atropelada por motoristas imprudentes, não é simples.

A mulher foi para a sombra, correndo e desviando-se dos carros que naquela via passavam. Ficou a esperar que o semáforo mais uma vez fechasse, para assim ter mais uma oportunidade de mostrar seu serviço, sem saber se o próximo carro, apesar de desconhecido, reconheceria seu ato como um trabalho, avaliando através de algumas moedas se o mesmo estava aprovado ou não.

E assim, sigo em meu carro refletindo sobre as pessoas, sobre o cenário, sobre a desigualdade social que aflige não só minha cidade, mas o país. E ao meu lado minha mãe nem desconfia que esse conflito acontecido em segundos, ocorria em minha mente.

Professora: Adineia Viriato de Oliveira  
Escola: E. E. F. Euclides da Cunha – Boa Vista (RR)

## O palhaço e o menino

Aluna: Ana Heloisa Milani Coelho

Os semáforos ficam verdes e, em uma sincronia lenta e ordinária, os carros seguem seu caminho. Aqui de longe posso ver a indiferença com que pessoas se esbarram. A banalidade com que mundos se cruzam e deixam de fazer parte um do outro.

As flores caem. Primeiro as roxas, depois as rosas, as amarelas e por último as brancas, colorindo o asfalto e deixando um ipê seco para trás.

Quando o semáforo deixa de ser verde para ficar finalmente vermelho, pessoas atravessam as ruas alheias ao espetáculo. Vendedores tentam convencer seus clientes, velhinhos sentam-se na varanda. Dois namorados estão no banco da praça com a companhia não desejada de antigos jogadores de truco. Pombas caminham lado a lado com pessoas, senhoras se preparam para o início da missa e uma moça continua presa à tela de um aparelho. Todos alheios ao espetáculo.

Um homem, ou talvez um menino, não se sabe ao certo, seu rosto estava todo pintado, equilibrava-se em uma corda bamba enquanto fazia uma apresentação de malabarismo. Um pequeno espetáculo em meio ao caos organizado.

O sinal abre novamente, nenhum motorista reconhece ou recompensa o responsável pelo *show*. De repente, em um ato puro e instintivo, uma criança, que apenas agora posso notá-la, entrega ao palhaço uma flor, mira-o nos olhos e, por alguns instantes, o olhar medroso do menino encontra o olhar cansado do artista de rua. Com a mesma pressa que veio, a criança se foi.

Era uma flor murcha, que carregava em si as marcas do fim.

Tive o privilégio de contemplar esse episódio. Raros são os que já viram um olhar de ternura em um rosto de palhaço.

O sino da igreja bate seis vezes, é hora da Ave-Maria. Amarelo e depois vermelho, o sinal fecha novamente.

Professora: Maria Rosa Briense de Oliveira

Escola: E. T. E. Coronel Fernando Febeliano da Costa – Piracicaba (SP)

# Morada clandestina

Aluna: Tatiane Vitória da Silva Santos

Caía a noite na capital alagoana, a vida ganhava novos tons. A cidade marchava a pleno vapor. Estava a caminho de casa dentro do coletivo próximo ao aeroporto da minha cidade. Esqueci os aviões para perder-me por alguns momentos naquela observação única, fria, daquele estranho baile de desigualdade. Famílias comuns se instalaram e fizeram morada embaixo do viaduto. Eram casas feitas de papelão e lona preta. Envolvida no êxtase de tudo o que se passava à minha frente, busquei palavras para expressar momentos tão distintos. De um lado tinha o cenário dos aviões aterrissando e alçando voos; do outro, tinha aquela imagem que insistia em permanecer comigo. Naquele momento alguém deu sinal que ia descer. Aproveitei, para ficar sondando, assuntando aquela cena. Um garoto com pouco mais de 6 anos tomava banho como veio ao mundo, ali mesmo debaixo do que ele considerava moradia. Os automóveis jogavam seus faróis, buzinaavam, pessoas passavam distante. E o garoto parecia não se importar. Diante dele havia apenas uma bacia com água. Mas, o semblante denunciava um encantamento semelhante a um atleta em uma piscina olímpica. Retornei o olhar para o outro lado e vi um avião grande e belo que subia devagarinho... Aquela cena trazia ainda mais alegria àquele garotinho. O pequeno não se deixava levar pelo barulho. Ele apenas acenava com entusiasmo. Parecia-lhe incomum aquela cena. Pergunto-me sem resposta como dois lados costumavam andar juntos e serem tão diferentes.

Em poucos minutos o avião já estava distante. No entanto, minha imaginação permanecia aterrissada, neutralizada! Até que fui interrompida pelo motorista que me perguntou para onde eu ia.

De súbito vi que o avião agora se parecia com um pássaro livre voando, buscando entre as nuvens seu destino. Coloquei no vento o ouvido e escutei a brisa. Enfim, converti em choro meus doces pensamentos... Levantei a cabeça e li um *outdoor* com a seguinte frase: “Existem coisas que precisamos fazer e preferimos ignorar sua existência”. Mais uma vez fui interrompida pelo condutor. Qual é mesmo seu destino? Peço para que siga em frente.

Nesse momento, desliguei a câmera que registrou tudo e nada fez.

Professora: Jacira Maria da Silva  
Escola: E. E. F. Marieta Leão – Rio Largo (AL)

## A cruz sedutora

Aluno: Nicolas Fratoni Antunes dos Santos

Parado no ponto de ônibus, encostada no painel de propaganda sinto a friagem do vidro naquela manhã gelada, olho no relógio e verifico o atraso do transporte coletivo, já imaginando os sermões que iria levar da coordenadora por mais uma chegada fora do horário. Tento me distrair e começo a olhar em volta para passar o tempo, é estranho como passamos a notar detalhes que nos passam despercebidos, de repente, meu olhar se depara com ela, alta, imponente, apesar de ter sido instalada como marco do nascimento do bairro, a “Cruz do Pilarzinho” me seduz.

Vocês podem imaginar como um piã de 14 anos, nascido e criado no mesmo bairro, na região norte de Curitiba, nunca parou para contemplar o maior ponto e símbolo de fé da própria comunidade? Pois é, esse Mané sou eu.

Implantada no ponto mais alto do morro, no cruzamento de duas avenidas, está diluída no meio da urbanização e perdeu seu significado inicial de conquista e posse de terra para os imigrantes alemães. Fico, então, observando o comportamento dos moradores da região, são homens e mulheres de todas as idades, trabalhadores em suas rotinas que sobem as ladeiras do bairro toda manhã, ofegantes e apressados para pegarem os ônibus alimentadores e, ao passarem diante dela, como signo de respeito e reverência, fazem o Sinal cristão da Cruz, decerto pedindo a bênção para mais um dia de luta.

Não demora muito e grupos de crianças que estudam no colégio ali perto, caminham tagarelando, algumas com o semblante preocupado, outras com o olhar de não estou nem aí, mas ao passarem por ela, também fazem o ritual, só que dessa vez de forma mecânica.

Subitamente, aparece um piã com a aba do bonê virada para trás, calças caindo e um blusão largo por cima do uniforme, daqueles que engole ele, à moda dos esqueitistas do bairro. Ele chega perto dela, olha para os lados como se fosse praticar um delito, abre sua mochila surrada, olha para cima e mostra um livro escolar. Novamente, olha para os lados, retira de seu bolso um papelzinho dobrado, aperta-contra o peito e o esconde na fresta da cruz.

Não me contive. Espero o piã se afastar e abandono o local do ponto às escondidas para chegar mais perto do monumento, pois ele me atrai como um ímã. Passo a observá-lo como uma criança, admirando



a novidade do novo brinquedo e ali, naquele momento, observo as marcas na madeira tosca deixadas pelo tempo e manchas escuras de água que penetraram seu verniz. Na verdade, são marcas de suas lágrimas de anos de choro silencioso, assistindo a desesperança da população e, como uma mãe, ela chora porque ama. Como todo adolescente alienado, minha intenção em estar ali era outra. Meu interesse era bisbilhotar o recado escrito do outro. Olho para os lados de forma furtiva, só que dessa vez, eu ia praticar o crime. Procuo a fresta escolhida, estico a mão e puxo o segredo escondido, mas ao olhar para cima como o piã fez, dou de cara com Jesus Crucificado me olhando severamente de cima para baixo. Levo um susto, o alienado aqui não sabia, de novo, da existência de uma capelinha no alto da cruz. A dúvida me domina. Leio o escrito, ou devolvo para o mesmo lugar? Então, decido ler rapidamente o recado e em pensamento digo a Jesus que é para ajudar a pobre criança, mas o duro é que eu não convenço nem a mim mesmo com aquele argumento. Abro rapidamente a folha de caderno dobradinha e para minha surpresa, o *bad boyzinho* estiloso só pede ajuda para a prova de matemática.

Fiquei chocado! Quantas notas vermelhas eu tirei e a ajuda estava bem ali, ao meu lado. Devolvi o bilhete no mesmo lugar e não me dignei a olhar de novo para o destinatário. Saí de fininho.

Ao olhar para o ponto, vejo meu ônibus passando. Era o castigo chegando a galope. Espero mais vinte minutos e embarco. Parece que o motorista do Braca – apelido carinhoso do povo para o nome Bracatinga – estava atrasado para minha sorte e, finalmente, chego à escola. É claro que preciso encarar a coordenadora e enfrentar mais um sermão e uma notificação por atraso, mas como eu poderia explicar o renascimento de um cristão? É semana de provas, mas meu motivo, naquele dia, era justo. Havia me curado da alienação e mal sabe ela que, a partir daquele momento, chegarei cedo, pois já tenho encontros marcados e preciso entregar meus bilhetes para aquela que me seduziu no ponto de ônibus.

Professora: Denise Tesoni de Figueiredo  
Escola: E. M. E. I. E. F. Professor Herley Mehl – Curitiba (PR)

## Morro escalado, amor renovado

Aluna: Phâmella Paula da Silva

Os meses de outubro têm um simbolismo especial para os moradores da pequena Santa Bárbara do Leste. Nossa cidadezinha, que abriga seus nem 8.000 moradores, é cercada pela serra dos Turcos, e, na montanha mais alta, uma capelinha em homenagem a Nossa Senhora Aparecida foi construída há décadas.

Não sei bem ao certo se é esta capelinha e sua santinha, o fascinante trajeto para se chegar lá, ou a exuberante paisagem que se pode contemplar do topo, que vem, ano após ano, atraindo um número cada vez maior de peregrinos e aventureiros para escalar suas trilhas. Sei que as pessoas não buscam apenas aventura e emoção, mas, sobretudo, com o esforço da árdua subida, querem expressar gratidão e respeito, numa comitiva de fé e devoção.

E foram tantas descrições, tantos adjetivos e tanto entusiasmo nos relatos desta aventura, que eu, curiosa como sou, decidi analisar de perto este patrimônio da minha cidade.

Numa manhã de outubro, no dia da padroeira, seguida por diversos e seguindo muitos outros, resolvi adentrar a trilha do “Morro da Igrejinha”, como aqui é chamado, um caminho recoberto e cercado por uma porção da vegetação da Mata Atlântica. A cada passo que eu dava, podia observar, com fascínio, cada detalhe das singelas belezas do local: imponentes árvores, de troncos roliços e raízes profundas, esbanjando charme, como uma bela moça na flor da idade. Apesar de estarem ali há anos, essas árvores inspiravam juventude, pureza e vivacidade. Seus galhos retorcidos formavam portais nas encostas dos morros e serviam de base para os ninhos dos pássaros e estes, coloridos e melodiosos, espreitavam os visitantes com olhares desconfiados.

Pelo caminho, ouviam-se além desses cantares, umas poucas orações, umas muitas risadas e quando o silêncio surgia, o ruído das folhas caídas sendo amassadas pelos pés já um pouco cansados. Em determinada altitude, o frio se intensificava, e era preciso tirar da mochila o casaco que a mãe me obrigara a



trazer. Quando olhava para as copas das árvores, era possível sentir gotículas de água tocando a ponta do meu nariz, e na calma e fascínio daquele momento, um banho de sensações na alma, tornava a distância imperceptível e os passos mais leves.

Deparei-me, então, com uma árvore frondosa, exuberante, que aparentava ser a inquilina mais antiga daquela montanha. Lembrei-me das orientações de meu pai antes da partida: “Filha, há uma árvore corpulenta e solitária em um espaço plano, aparentemente o único local sem declive no morro; esta árvore indica a proximidade da chegada”.

Um sentimento de alívio começou a me invadir, depois da intensa caminhada, finalmente estava chegando ao meu destino. Bebi água, recuperei minhas forças e continuei... De repente, o aroma das flores e uma brisa suave me invadiram como um sopro de vida e, ao erguer a cabeça, vi que havia chegado ao topo.

A sensação foi de plenitude. Eu desfrutava agora da oportunidade de visitar o lugar que era motivação e esperança para tantos devotos, de todas as idades, que escalavam aquele morro com o objetivo de pedir perdão pelas falhas cometidas e agradecer pelas vitórias alcançadas. E a magia da chegada não foi o ápice, a paisagem era realmente encantadora... Perdi-me por horas observando as formas do relevo, as casas que, olhadas daquela distância e altitude, pareciam pequenas colmeias, a limpidez do céu azul sem nenhum resquício de poluição... Ah! Era possível passar muitas outras horas ali nesta contemplação.

Um sentimento de amor – um tanto quanto esquecido pelas limitações que uma cidade pequena nos impõe – se renovou dentro de mim naquele instante, e uma reflexão me move desde então: Por aqui não há cinemas, bibliotecas ou outros espaços culturais, em nossa cidade não há *shoppings* ou indústrias. Mas temos belezas e paisagens tão modestas, e ao mesmo tempo tão ricas, como as que pude observar ao adentrar aquela trilha, que são incomparáveis e possuem valor inestimável. Ao abrir meus braços, na chegada daquele topo, senti como se abraçasse uma cidade inteira e imensamente grata por viver aqui, na minha pequenina Santa Bárbara do Leste.

## Lágrimas de orvalho

Aluna: Karla Beatriz da Silva Mendes

Sozinha. Parada. Vazia.

Naquela noite, a rua estava fria e escura. Nenhum ruído depois das nove e meia, fora o barulho da chuva que finalmente chegava ao sertão, com seus fortes ventos misturado ao som do escapamento do ônibus que acabava de partir com os últimos alunos da escola. É certo que a água que caía era muita e forte, mas quem sabe ela já não estivesse sem vida?

Morreu. Foi triste vê-la no dia seguinte jogada na calçada da escola. As pessoas – futilidades ambulantes – fingiram não notar o seu estado, que era crítico.

Comecei a ficar inquieta com aquela cena. Os boatos já haviam corrido a cidade inteira – o que não era muito difícil, uma vez que é bem pequena – e mesmo assim a polícia não tinha aparecido e interditado o local. Estava claro que ninguém ligava, a tomar pelo fato que apenas eu e alguns colegas a fitavam.

Alguns dias depois, a única providência fora retirar o corpo da rua. As pessoas continuavam sem dar importância e ninguém se interessou em saber quem havia cometido o crime. Decidi então que seria eu mesma a descobrir o que se passara naquela noite. As hipóteses surgiram-me: na noite do assassinato, o assassino vendo-a sozinha em uma rua escura e esquisita, pegou o machado que possuía e, vindo por trás da vítima, deu golpes em seu tronco até que não restassem dúvidas de sua morte; depois, fugiu sem deixar rastros. Uma ideia que poderia ser verdade, exceto pelo fato de que ela faria barulho e acordaria os moradores locais. Ou talvez ela estivesse tomando banho de chuva quando foi atingida por um raio que a fez cair e morrer em seguida, o que justificaria seu “sangue” derramado, exceto pelo fato de que ela faria barulho e acordaria os moradores locais. Em uma terceira hipótese, ela estaria passando por uma noite ruim, quando resolveu fugir da escola, o vento foi tão forte que a jogou contra a parede e ela morreu imediatamente, exceto pelo fato que isso não faz o menor sentido.

Depois de muito tempo pensando, nada parecia lógico. Sem contar que a falta de interesse das pessoas deixava-me indignada. Não era qualquer árvore, era um *flamboyant*, o nosso *flamboyant*! Aquele que sempre emprestou sua sombra enquanto o sinal não tocava, que deixava a molecada brincar com suas vagens como se fossem espadas, que enfeitava a frente da escola com sua copa vermelha! Em que momento as pessoas começaram a ficar tão frias?

E foi aí que eu percebi. A assassina sou eu.

Os assassinos somos todos nós.

Não por uma ação cometida em sigilo, mas por uma não ação cometida em conjunto. Nunca lhe demos a atenção que merecia, e isso não aconteceu só com ele. As vítimas são todas as árvores que, assim como aquele centenário Flamboyant, morrem todos os dias nos arredores da cidade. Morrem de desgosto, pois ninguém se importa. Morrem, de fato, por causa da seca. Seca de cuidados.

Agora só me resta torcer para que mais uma árvore não esteja lá: Sozinha. Parada. Vazia.

Professora: Kátia da Silva

Escola: E. E. João Gomes dos Reis – Carnaíba (PE)

# Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

Aluna: Nicole Cardoso Torres

Às 6h10, o meu despertador anuncia o início de mais uma semana. Faço o Sinal da Cruz e vou contemplar aquela imensidão que nos dias de verão é um azul tão puro quanto o sorriso de uma criança e me faz perceber o quão nítida é a presença do Todo-Poderoso aqui, neste lugar.

Mas, nesse momento está toda coberta por nuvens. Admiro tudo isso e faço minha oração de agradecimento pela oportunidade de recomeçar. E acredito que todo esse céu azul alimenta ainda mais a minha força de vencer.

Abro a janela e observo homens e mulheres que vieram de tão longe para trabalhar e não desistem de ir à luta, assim como meu pai. Nem as dores nas costas, nem as preocupações o fazem desistir de dar uma vida melhor para minha família.

Vou para a escola e, no caminho, reparo na simplicidade deste lugar. Como as pessoas aqui têm o dom de salvar dias ruins com apenas um “bom-dia!”.

Apesar de o sol se esconder atrás das nuvens nos dias de outono, ele continua brilhando no olhar dos professores, dos funcionários da escola, dos alunos e de todas as pessoas que eu encontro indo para o colégio. Preciso lhe dizer que sou otimista. Talvez seja por isso que consigo notar, em cada contêrraneo, as boas expectativas em relação ao futuro e a esperança de que o progresso traga dias melhores, sem destruir as coisas boas que aqui temos.

Batalho o dia todo. Como meus colegas, estudo de manhã e trabalho à tarde. Talvez seja você também um jovem de cidade pequena e tenha as mesmas inquietações que eu. Sei que não quero ser apanhadora de café. Preciso estudar, mas, para isso, terei que deixar minha cidadezinha e ir para outro lugar. Será que nesse lugar terei amizades e conhecerei pessoas como aqui?

Quando o inhambu canta anunciando o fim da tarde, aquela bola de fogo se esconde por trás das montanhas mais distantes. O que posso ver nesse momento é somente a pouca luz que ainda é emitida

e em pequena quantidade. Mas logo o sol some e o céu se enche de pequenos pontinhos brancos. Outra bola ilumina toda a cidade, agora, com menos intensidade. Eu, então, desejo que nossa esperança e força para lutar sejam intensas como a luz do astro rei. Um momento de comunhão entre famílias é necessário. E ele ocorre, quando a noite chega. É nessa hora que meu pai conta quantos balaios de café colheu; partilhamos os desafios que cada um enfrentou no seu dia; trocamos olhares afetivos. “Esse é um momento sagrado!” – diz minha avó.

Hoje eu deitei minha cabeça no travesseiro e me peguei recordando as lembranças que eu trago do meu lugar. Senti saudade da segunda série, de comprar bala na dona Edna (professora que tinha um barzinho perto da escola), do medo que todos tinham do casarão, dos passeios da escola... E no meio de tanta lembrança, eu apaguei. E outra vez, o despertador veio me acordar para um novo dia. Mas... Afinal de contas, não é ele quem me desperta e sim o desejo de realizar meus sonhos.

Professora: Elane Cristina de Castro Lima  
Escola: E. E. Coronel Antônio Domingos Ribeiro – Bom Jesus da Penha (MG)

# O despertar de mais um dia

Aluno: João Paulo Polinski Saturnino

Mais um dia, o sol nasce ao leste da cidade de Cacoal, no interior de Rondônia. A poluição cobre seu despertar e um pequeno raio passa pelo vão da janela do meu quarto, batendo em meu rosto. O despertador começa a me incomodar, e a pequena luz, agora, torna a deixar tudo as claras e vejo que a janela esta totalmente aberta e ouço uma voz vinda da porta: “Vamos levantar!”. Eu acordo, saio com preguiça do conforto de meu quarto, vou ao banheiro. Tomo um reforçado café da manhã e me arrumo para ir à escola. Visto meu uniforme, já com o aspecto desbotado, abro o portão e observo a longa avenida que se estende até onde meus olhos alcançam.

Observo atentamente o pequeno espaço em que fica a divisão entre uma mão e outra e por onde as pessoas passam para fazer suas caminhadas. Vislumbro as flores vermelhas que preenchem o espaço vazio e embelezam ainda mais a paisagem e, por um instante, me sinto entre elas; mas desperto e uma cena real me chama a atenção.

Vejo ao longe um senhor que, creio eu, acaba de se mudar ao lado de minha casa. Ele carregava dois baldes grandes: um amarelo e outro azul. Observo-o atentamente, meus olhos nem piscam, ele vai até uma loja de roupas que fica no final da avenida, onde tem uma torneira com água da rua. Abre e sai água barrenta e, mesmo assim, ele enche os dois baldes e se direciona para a parte da calçada que fica no meio da avenida. Começa, então, a regar as plantas, passo diante dele. Ele nem me percebe, pois seus olhos estão focados na beleza das rosas e no brilho de uma árvore frondosa, não entendo muito bem o que estou vendo... Então, sigo meu caminho.

Ao sair do colégio volto pela mesma avenida. O sol do meio-dia castiga meus olhos e novamente vejo aquele senhor, agora, com um grande chapéu na cabeça e uma enxada na mão. Mas será possível? Fico intrigado! Por que ele ainda continua se esgotando para fazer um trabalho para o qual nem mesmo há uma recompensa justa?

Passo por ele, consigo ouvir sua respiração mais forte, chega a ser ofegante e com o suor escorrendo pelo rosto... Aproximo-me dele e pergunto indignado:

– Por que o senhor não para com isso e vai descansar?

Ele nada me responde. Só me entrega uma pequena semente. Seu olhar penetra o mais íntimo de minha alma e com um suspiro profundo e voz trêmula, mas carregada de experiência me diz:

– Apenas torne o lugar onde você vive cada dia mais florido.

A passos lentos distancio-me dele. Aquela imagem vibra em meu coração e, entre os dedos, trago a semente na mão.

Professora: Jossane Perini da Silva  
Escola: E. E. E. F. M. Cora Coralina – Cacoal (RO)

# O senhor abandonado

Aluna: Josiane dos Santos Silva


Mais uma tarde em que o sol completa seu ciclo na “bela, amada e gentil” Ubiratã. Sento-me na calçada, bem no coração da cidade, e um senhor me chama. Meu olhar se detém, mas não meu pensamento que percorre todo o meu torrão natal em uma velocidade espantosa.

Do passeio, ocorre-me que esse “cantinho feliz do Brasil” pode ser memorável por incontáveis motivos, exceto pela existência de grandes edifícios. Crescendo na horizontal e muito pouco na vertical, há um esboço do que seria um prédio no centro da cidade: foi concebido, porém, teve os membros amputados, deixando feridas abertas. As lacunas, que seriam preenchidas com janelas e portas, encaram-me como olhos vazios. A mesma lua, que irradia o lugar onde vivo, penetra – e “penetra surdamente” à maneira de Drummond – nos espaços de suas paredes inacabadas. Elas invadem agora o meu imaginário e, diariamente, o de toda uma população. O silêncio do prédio ocupa o lugar que seria destinado às risadas das famílias reunidas no almoço de domingo, ao som doce da voz de crianças se divertindo por entre os cômodos e aos gritos ásperos das mães ralhando pela bagunça alegre delas – mas sempre bagunça –, são trazidos pelo vento que roda uma leve poeira na rua. Do meio-fio, assisto a tudo.

É Vinícius e Toquinho quem me sussurram: “Passar uma tarde em Itapuã [...] falar de amor em Itapuã”. Lembro-me, então, de que o edifício tem, na sua certidão de nascimento que remonta a mais de vinte anos, o nome Itapuã. Está lá, frio e solitário, há tantos anos, esperando a sentença: construção ou demolição.

Se decidirem pela primeira, dez andares esboçados inicialmente não atenderiam a demanda demográfica do município: todos querem um lugar “ao sol que arde em Itapuã”, já disse o “poetinha”. No entanto, ninguém sabe se uma nova aparência apagaria as marcas deixadas pelas intempéries que atingiram o prédio ao longo de sua existência. Ou ainda se os novos tijolos fariam nascer opiniões menos ácidas sobre a idosa e convalescente obra. Sua alma de concreto não conseguiu a força suficiente para impedir que sua dignidade fosse manchada por vandalismo, drogas e suicídio: na memória coletiva se remexe ainda a recente tragédia que aumentou o desprezo dos moradores pelo “senhor monumento”.





Se fosse questionado sobre sua sina, o prédio, como todo doente, optaria pela cura DAE não pela temida morte. Morrer pede isolamento, por isso a segunda alternativa – transformá-lo em entulho – parece inexequível. O prédio não poderia afastar-se do centro urbano para terminar sua polêmica vida tranquilamente. Imóvel, não faria mais do que apenas resignar-se a uma morte tumultuada. Uma plateia satisfeita assistiria com ar de triunfo a sua queda. Se ruísse, fatos seriam enterrados, acontecimentos varridos com a poeira, histórias esquecidas no mesmo instante em que o barulho de sua estrutura se desfazendo cessasse.

Torre de Babel... já ouvi essa história. Ela me ressurgiu agora. As diferentes línguas são análogas aos diferentes interesses que contornam o destino desse prédio. Enquanto espera seu dilema ser resolvido, sente a brisa típica de município de interior soprar suas envelhecidas colunas. Acompanha os acontecimentos cotidianos com a sabedoria de quem vê as ruas da cidade se encherem de luzes há muitos natais. Observa as pessoas passarem sem desviar o olhar para sua costumeira presença. Em comum, ele e eu temos nossa “aldeia” que “é tão grande como outra terra qualquer” e a lição deixada por Fernando Pessoa: “Porque eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura”. Oh, Edifício Itapuã! Somos grandes, de uma terra grandiosa.

Na origem do termo, a “pedra que ronca”, Itapuã estremece quando as badaladas do sino paroquial anunciam que mais um dia acabou sem que sua angústia tivesse fim. A minha acaba agora. Levanto-me e decido interromper minhas reflexões. Além do mais, não sou eu quem vai colocar um ponto final no enredo desse senhor abandonado. Muito menos poderei iniciar novo parágrafo. E de travessões anda o mundo cheio...

Professora: Neuza Angelossi  
Escola: C. E. Padre Jorge Scholl – Ubitatã (PR)

## Colorindo o cinza

Aluna: Maria Eduarda Alves de Souza

Hoje, abri os olhos e me deparei com um domingo de céu nublado. Fiquei pensando que se tivesse amanhecido frio, como quase todos os dias desde que chegara o outono, estaria mais feliz, pois amo a brisa que ele traz. O frio é maravilhoso! Mas, estava nublado e começava a sentir o tempo abafado.

Peguei algumas moedas em cima da cômoda, apertei os meus cadarços e fui em direção à padaria. Os pássaros cantavam sobre os galhos, e tentei descobrir a espécie de cada um deles, desistindo ao chegar ao portão.

Com minha camiseta cinza, assim como o céu, vi o sol saindo, iluminando todo o bairro de Guaianases. Agradeço por ser domingo, assim não preciso ir à escola. Pensei em comprar pastel na feira da Vila Rosa, na banca dos chineses, mas preferi seguir meu destino e ir à padaria.

Não consigo explicar o porquê de gostar tanto de ir à padaria pela manhã, o cheiro agradável e o som das pessoas interagindo me deixa feliz. Chegando lá, a fila era pequena, porém, consegui contar em tempo a quantidade de pães que compraria diante das poucas moedas em minhas mãos. Cinco. Reparei que algumas pessoas sentadas à mesa comentavam sobre o quanto as olimpíadas são inúteis, e ao meu redor, ouvia comentários maravilhosos sobre cada modalidade... Pensei no quanto eu adoro ginástica artística.

Até que meus olhos encontraram os de um garoto. Ele usava jeans, a barba era crespa e o cabelo enrolado. Eu já o tinha visto, na pista de skate da pracinha do 25, ele era bem bonito.

Depois de pegar meus pães, abandonei a padaria, seguindo o meu caminho nas ladeiras da Otelo. Após passar pela feira barulhenta, olhei para trás e o garoto estava ali, me fitando. Tive de esperar o sinal fechar para poder atravessar a rua, o que foi uma deixa para ele me cutucar.

– Oi... Desculpe se te assustei... – disse ele, enquanto corava.

– Oi! Não foi nada. – Não parava de olhar seus olhos castanhos.

– E aí, “belê”? – Ele perguntou, e notei que em suas mãos havia uma lata de *spray*. Meus olhos encararam aquela lata, até que ele notou. – Ah... Isso é para colorir o nosso bairro.

– É você quem faz a arte colorida pelas redondezas? – Já havia notado algumas das pichações do muro da estação de trem escrito: “respeite as mina”, “o afeto é revolucionário”, “não quero saber, quero sentir!”, e algumas outras frases para refletir.

– Sim... – Ele riu. – Não gosto de viver em um lugar sem vida, vazio. Já bastam os assaltos para nos deixar inseguros. “Mano”, é muita violência, tento fazer a arte nos muros de nosso bairro e nos de São Paulo para alegrar algumas pessoas, com frases de incentivo. Noventa e nove por cento das pessoas não devem reparar nelas, mas aquele um por cento conta.

– Bom... Eu reparo, e acho incrível essa ideia de colocar frases e desenhos representativos nas paredes. São Paulo é a cidade onde há mais pichações e grafites “da hora”, mas “cê” sabe que pichar é ilegal, né? – perguntei em tom amigável.

A conversa sobre grafite e pichação durou enquanto caminhávamos até minha casa. Ficamos horas conversando no portão, eu simplesmente não queria entrar. Perguntei o nome dele, mas ele disse que aquilo seria apenas uma conversa inesquecível e que não precisava saber seu nome, pois isso não importava.

Abri o portão de minha casa, e estava com uma sensação diferente. O dia seria diferente. Seria colorido. Fiquei pensando, o quanto eu achava meu bairro ridículo e sem vida, só via assaltos, desgraças, ruas esburacadas. Sem nenhum lazer e perigoso.

Depois de tudo o que conversamos, percebi que ignoro a beleza que existe onde moro. O verde colore as ruas, as flores dão vida às casas, os pássaros tiram o estresse pairado sobre as calçadas. E me perguntei: por que as pessoas odeiam tanto o lugar onde vivem e não reparam nas belezas que estão escondidas, precisando de atenção? Vejo ao meu redor muros com poesias, desenhos, muito além das favelas no horizonte do extremo leste. Guaianases.

Não é luxuoso, mas aqui estão às pessoas que amo, foi aqui onde cresci, e é aqui, nesse cinza colorido, o meu lugar.

## Cabe tudo no Pacará

Aluno: João Pedro Leal de Sousa

Corococô... O cantar do galo às quatro da madrugada e São João dos Patos, tranquila, pula da cama na mesma correria de todos os domingos. Corre pro canteiro arrancar “môl” de cheiro verde ao gosto do cliente, pega a galinha e o porco, faz tudo muito rápido com pressa de chegar. As luzes dos postes já estão se apagando, o dia está amanhecendo, e o povo vai se avexando. Bota melancia pra cá, arruma direitinho pra poder vender. Já vão chegando de todo canto da cidade, não importa a idade, é grande o alvoraçar. No meio da correria, já começam as ofertas, o povo com tanta alegria, é hora de trabalhar! Pelejam, as pessoas pechinçam, o suor pinga no ritmo desse lugar.

Os gritos ecoam mercado adentro, dizendo que a fruta é boa e a mais barata da redondeza. Tem a garapa do Baixão, a rede da União, tecida no tear. Das Contendas vem a puba e o beiju de forno; tem o tomate do Barro Branco que abastece o mercado, sem agrotóxico na plantação, vende sem refugar. A galinha é “curiada” e agrada o comprador que a leva para almoçar.

Trabalhando honestamente, o povo desse lugar, grita a manhã toda, pra vender macaxeira, o milho e o fubá. Tem o pequi, a manga, a macaúba, a laranja e o cajá; tem o melão, o tamarindo, a fava e o pepino; tem a tanja e o jatobá, a abóbora ou o jerimum, chame como quiser; tem o feijão novo, o coco e o abacaxi, o limão e a melancia grande e doce feito mel.

O povo, ainda observando, não sabe se compra “aqui, ali ou acolá!” O feirante “do aqui” se apressa, entra na frente e começa a ofertar: “Olha o abacate, a rapadura, a farinha de puba e o tomate!”. O “do ali” grita mais alto: “Aqui é mais barato e gostoso para comprar! Olha a ata, o mamão, o caju, o imbu e a juçara!”.

“Do acolá” não perde tempo: “Aqui a jaca não é cara! E pra fazer tiquara tem buriti, pirão de farinha com o bacuri, tem mandioca e goiaba, tem maxixe e amendoim! “O chafurdo é grande, barraca pra todo lado, menino traquino, mercado lotado!”.

Vende de tudo: erva doce, canela e gengibre; a raiz de fedegoso, tudo dessa terra; as plantas medicinais são vendidas na “farmácia popular”, a barraca tá cheia de gente grande, pequena e “gentona” e quando vem a dor de cabeça, a febre e a gripe de verão, tem garrafada da casca de pau. “Tem remédio até pra levantar defunto!”, esperteza do feirante. Dia de feira, você sabe como é!

O tempo vai passando, o povo tá comprando, cabe tudo no pacará. O mercador vai pelejando pra vender o que resta na barraca: “Oia a cebola! Aproveita, que agora não tá mais cara não!”. Aqui vende mais quem é esperto ou quem sabe ofertar. O galo foi vendido, penca de banana, pepino e o suíno. O calor vai aumentando, tudo comprado e embalado, o almoço se aproxima. Os mercadores ficam ansiosos pra no final contar o apurado, depois de tudo e antes de partir, já falam em de novo plantar, colher mais uma vez, trazer pro mercado, vender pra não sobrar. E saem dizendo versos da vida dura: “Dinheiro muito eu não tenho, mas o pouco que tenho é muito!”.

Agora andar na praça é o roteiro do dia, o passadiço fica em frente ao mercado calado, que agora nenhuma cebola se vende; não se sente o cheiro da fruta, não se ouve a gritaria dos meninos sapecas; não se veem as barracas e a peleja do mercador, nem a correria da madrugada, só um silêncio ansioso, espera no entardecer um novo dia.

Professor: Emmanuel Carvalho de Lima Filho  
Escola: U. E. Padre Santiago Suarez Prieto – São João dos Patos (MA)

# E livrai-nos do mal

Aluna: Giulia Martins Vilela Silva

Você com certeza já ouviu falar do Velho Oeste. Cidades inóspitas, com ruas desertas, poeirentas, marcadas principalmente pela carência da lei. Lugares, onde aconteciam combates armados ou não, brigas de bar, assassinatos banais, entre outras calamidades. Você pode até achar que isso é coisa do passado, mas é porque não conhece a minha cidade.

Aqui tem Fórum, Ministério Público, Polícia Militar, Delegacia Civil, entre tantos outros órgãos que trabalham pela segurança e pela ordem pública, no entanto, nada tem sido suficiente para controlar as ondas de assaltos desmedidos que assolam esta cidade. São inúmeros e dos mais variados graus, oscilando desde o embaraçoso ladrão de galinhas, que já nos dizia Rui Barbosa, a homéricas organizações criminosas, com sugestivos nomes ligados ao cangaço da clássica obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

Ultimamente, nada tem escapado aos ataques da bandidagem. E nós, os mocinhos da história, vivemos presos, trancafiados em nossas próprias casas com medo de sermos o próximo alvo desses impiedosos vilões. Acha que estou exagerando? Você irá mudar de ideia num piscar de olhos, quando eu te disser que num prazo de seis meses roubaram em plena luz do dia, com fortes armamentos, bancos, correios, metade do comércio, fazendas, além de incontáveis celulares nas portas das escolas.

Mas nada poderia ser pior que o último acontecimento. Eis que numa noite, estávamos na igreja, o único lugar desta cidade onde achávamos que reinava a paz, fazendo as tradicionais novenas de Páscoa. Como sempre, minha mãe chegou cedo e se colocou lá na frente. Eu, mesmo entediada de ir pelo sexto dia consecutivo, estava lá, com toda força, foco e fé.

Lá pelas tantas, percebi que algumas pessoas começaram a elevar a voz e colocaram as mãos para cima. Como a igreja estava cheia, imaginei que fosse o fervor da oração, que empolgava os cristãos e assim se exaltavam no louvor. Cheguei a pensar: “Que bom que há tantos incansáveis e veemente fiéis”, comecei a me sentir envergonhada da pouca crença que estava manifestando. Abaixei a cabeça e tentei me concentrar. Afinal, aquelas pessoas precisavam de muita paz para receber as vibrações celestiais.

Ledo engano! Só descobri o que realmente estava acontecendo, quando uns homens armados e com capuz no rosto se aproximaram. A adrenalina correu em minhas veias, meus batimentos cardíacos se tornaram audíveis, agarrei-me à minha mãe como uma criança indefesa. Agora todas as orações que

havia aprendido na vida saíam da minha boca em um sussurro, como uma suplica para que tudo acabasse bem, pediram tudo que tínhamos. Lá se foram correntes de ouro, celulares, e até os terços. Dá para acreditar?! E como comumente ocorre, os ladrões saíram ilesos.

Foi o caos. Ficamos perplexos. Até a igreja? Este lugar sagrado, que devia ser usado para confessar os pecados? Agora é lugar também de cometê-los? É mesmo a barbárie.

No momento, você deve estar pensando que vivo numa cidade grande, daquelas de notícias apavorantes de televisão. Mas não! Minha cidade é pequena, afastada dos grandes centros, mas como é conhecida por sua alta produção de grãos, ela chama a atenção de forasteiros que vêm assombrar e causar pânico ao povo judiado dessa triste realidade, que antes eu via apenas em filmes de faroeste.

E como nesses filmes, eles levam mais que nossos pertences, levam nossa dignidade, nossa esperança e nossa fé. Resta-nos apenas rezar, mas agora de portas fechadas.

Professora: Elizandra Alves Pereira da Silva Souza  
Escola: Escola Municipal 04 de Julho – Campo Novo do Parecis (MT)



## Que barulho foi esse?

Aluna: Bianca Pedrosa Gonçalves

Foi mais um dia de sol na pequena cidade de Carrapateira, onde tudo parecia tranquilo e normal como de costume. Ao sair de casa no caminho para a escola, comecei a observar tudo de forma diferente e bem sutil. Localizada no alto sertão paraibano, minha cidade é um lugar bonito, calmo, arborizado, com grandes serras ao redor, povo hospitaleiro e inteligente, bem limpa e todos são familiares e amigos, com poucas ruas, casas simples, a cada esquina um grupo de crianças brincam desde cedo. Além disso, temos a Praça Santo Afonso que convida todos para passear por lá e esquecer por um instante os problemas.

Como estudante, notei também as várias figuras geométricas presentes na praça, o que daria excelente aula de matemática ao ar livre.

Por volta de 11h30, saí da escola e estava a caminho de casa, mas, de repente, ouve-se um barulho ensurdecedor “Buuuummm...”, que assustou os moradores que gritavam preocupados e confusos.

Uma mulher falava:

– É o fim do mundo! – A religião aqui é bastante presente na nossa vida.

O outro dizia:

– São os terroristas que atacam Paris, e agora estão no Brasil.

Oh, meu Deus! O que está acontecendo? Falou mais uma senhora.

– Acalmem-se! Suplicou outra senhora que varria a calçada.

Para mim, aquilo era bem estranho e nenhuma das hipóteses entrava na minha cabeça. Veio então boatos que o “depósito de botijões” teria explodido. Todos correram para saber o que havia acontecido. Era um ruído de gente (expressão utilizada pelos mais velhos que significa aglomeração de pessoas) e ninguém tinha nenhuma novidade; porém, minutos depois ficou esclarecido que não foi o depósito. E lá estávamos nós, afundados no poço da dúvida mais uma vez, confusos, eram tantos os problemas atuais que apontar um era praticamente impossível.



Voltei para casa e logo acessei a internet. Busquei respostas no *site* de notícias *Radar Sertanejo* bem comum na nossa região. Deparei-me com a seguinte reportagem:

“Aviões do exército em treinamento pelos arredores da Paraíba ultrapassam a velocidade do som e soltam um barulho tenebroso, fazendo que ‘corra o medo’ entre as pessoas da cidade de Carrapateira e preocupa a todos sem saber o que aconteceu.”

Nossa cidade nunca passara por um susto maior e hoje quem presenciou isso, ri da situação e do apavoramento do dia que fugiu da nossa normalidade e da tranquilidade de sempre.

Professor: Renault Batista Coêlho  
Escola: E. E. F. M. Joel Pereira da Silva – Carrapateira (PB)

## Zé Carlos, soa o apito

Aluna: Nawanda Lima Sousa Nascimento

Assim que o sol invade as frestas da parede do meu quarto corro para a varanda. Pensativa, fico a ouvir o coral de passarinhos que zelam por seus ninhos. Felizes, a cada dia, compõem nova canção no meu ramal Zé Carlos de Santa Maria. Oh, Vila de cantoria!

Da varanda, aprecio as árvores numa dança com o vento que sempre passeia por aqui. Fresquinho, intenso, faz uma chuva de folhas, bagunçando o meu terreiro. Também contemplo o céu azulado com resquícios do branco, enfeitado de plumas de algodão. Oh, que graça, o céu de Rio Branco! Mas é só por um momento porque todo enredo tem seu conflito para chegar ao desfecho.

De repente, meus ouvidos despertam com um barulho, por hora ensurdecedor. Chan, Chan! O apito anuncia mais um dia de serviço na cerâmica.

– Ai, ai, vai começa, né minha filha! Grita minha avó, fechando bruscamente as janelas.

É do fundão que vem com pressa a fumaça devoradora. A chaminé como vulcão jorra lava branca que não se pega, porém se sente. Não queima, mas asfixia disfarçadamente. Num passo de mágica o verde que contorna minha varanda de ripas velhas vai ficando apagado. O céu que cobre o ramal torna-se esfumado. O Zé Carlos fica desoxigenado! Os passarinhos inquietados, num canto maior, voam apressados.

Da varanda, vejo portas e janelas em sintonia. Fechando-se. Dona Joana, moradora mais antiga do ramal, pela janela entreaberta, inconformada, sempre diz as mesmas palavras:

– Essa chaminé!

O seu João não deixa de graça também não. E lança no portão, num jeito turrão:

– Oh fumaça do cão! E ele tem razão!

Da varanda, vejo, como antes não via, que em meio à fumaça a criançada continua a diversão. Pedala para lá e para cá numa competição sobre rodas de bicicletas que dão carona a essa ameaça ao pulmão, que insiste por aqui morar, afogando o nosso ar. O seu Amadeu também os acompanha, em sua bicicleta cargueira faz entrega para o Zé Carlos inteiro. Quem não deixa de aparecer, com seu peculiar grito: “Olha o açai!”, é o homem do açai. Em pedaladas lentas, na magrela cansada de sacos de cor lilás, meio que tonto, faz sua venda no oxigênio deturpado.

Quem também não fica para trás é dona Maria. Aposentada, numa vagareza, porém com a boca apressada, abanando-se com a toalhinha encarnada – ela insiste que a toalhinha é dessa cor–, encarrega-se de deixar o ramal Santa Maria a par das novidades!

Só sei que, com a chegada dessa ganância de tijolos e mais tijolos, passamos nossos dias assim. Nem o vento dá conta de atuar na ação. Até ele, ela consegue sufocar. Toda a gente segue a sua rotina sob um teto branco poluidor que se forma pela fábrica de tijolos. O jeito é esperar a ‘boca da noite’ chegar. Nela, ouço o apito encerrar mais um dia de fumaça. Meu pulmão, ela vem aliviar, pois a fumaça engolidora do ar se vai com a escuridão.

Só que no dia seguinte...

– Zê Carlos, soa o apito!

Professora: Francisca Freitas da Silva Pinheiro  
Escola: E. E. F. Leôncio de Carvalho – Rio Branco (AC)

# O colorido no céu de Taguatinga

Aluna: Rayana Ferreira Aguiar

Todo ano, melhor época, férias, o melhor mês, a mais bela diversão! A alegria em cada sorriso ao ignorar os pingos de suor em seus rostos que o sol provoca com a leve brincadeira de soltar pipas.

Tão fácil diversão, apenas um campo aberto entre os prédios, com várias pessoas do bairro reunidas, formando um aglomerado no descampado. Têm crianças de todas as idades e até alguns adultos que não resistiram a todo o entusiasmo da brincadeira. Nesse jogo não tem regras, o importante é se divertir com a pipa a voar.

Logo a partir do meio-dia, já começa a correria, que aos poucos vai aumentando de forma inimaginável, até o espaçoso quadradão se preencher totalmente.

Naquele dia, parei para observar todo aquele movimento. O quadradão fica em frente ao meu prédio e a janela do meu quarto, de frente para ele. No céu azul limpinho, havia uma diversidade de cores, pipas de vários modelos e tamanhos. Foquei em uma linda pipa roxa! Observava suas manobras sem desviar o olhar, quando se aproximou outra pipa de cor preta, cortando o céu em direção à pipa roxa. Logo começou a gritaria dos meninos, formou-se um duelo e cada um escolheu para qual iria torcer.

As pipas se curvam, desviam-se, reclinam-se até que se embolam. Começou então a disputa para quem conseguiria pegar a pipa que caísse. Em meio a várias manobras e vários gritos, minha linda pipa roxa foi cortada, logo desviei o olhar para os meninos, estavam com enormes cipós e pedaços de madeira, corriam atrás da pipa para derrubá-la e ganhar o seu troféu.

Empurrões, gritos, correrias, suor, tumulto e muita adrenalina corriam entre os carros com várias tentativas de pegar a pipa em vão. O vento vagamente, levou-a em direção a minha janela, com um simples esticar de braços consegui pegá-la. Os meninos, decepcionados, voltaram ao jogo em busca de capturar uma nova pipa.



Uma alegria! A pipa que eu tanto admirava, estava agora em minhas mãos. Vejam sô, mesmo com todos os problemas de cidade grande da minha Taguatinga, que envolvem violência, insegurança, grandes engarrafamentos e a correria do cotidiano, podemos sentir a felicidade em coisas simples.

Professora: Gabriela Maria de Oliveira Gonçalves  
Escola: CED 05 de Taguatinga – Brasília (DF)



## Nossa Iracema, nossa Messejana!


Aluna: Sângella Gomes da Silva

Numa dessas tardes plácidas, é que se compreende “Os vazios do homem”, como os chamou João Cabral de Melo Neto, entediada escorrego o corpo na espreguiçadeira, da qual avisto o vazio de uma castanhola que simplesmente incha por estar vazio, talvez por não ter alçado o voo noturno da liberdade nas asas de um morcego, ou por estar destinada a ser refém da gravidade. Defronte, a paisagem natural faz de meu alpendre um lugar de solidão, solidão da chuva, foram-se até mesmo as borboletas que aqui dançaram.

Cuidadosamente, abro um livro de Edmar Freitas e passo a ler cada linha escrita; emocionada, perco-me em um dilatado suspiro, o alívio sentido por um viajante ao pousar na terra potiguar, recanto da brisa e da perene cachoeira dourada derramada pela lua amarelada. De repente, grudo os olhos numa dessas estrofes que vencem o tempo e jamais são esquecidas: “Messejana / Tem histórias / Que há muito são contadas / Como a lenda tabajara / Escrita com pena rara / Pelas mãos de Alencar”. Com um impulso de inexplicável origem, sinto-me atraída pelo envolver dos versos indianistas escritos pela pena cearense para meu patrimônio favorito.

Movimentadas como sempre, as ruas estão repletas, num “vaivém” agitado, a imitar a dança das brotas ondas da Lagoa de Messejana, seja de gente, seja de máquina. Um pouco de verde aqui e acolá resiste à intensa paisagem urbana. Após uma caminhada de sumir – não os pensamentos, mas a própria carne – pode-se ouvir o rumor das águas serenas, as quais sussurram o renovo daquilo que já se foi, porém nunca se deixa sucumbir e está vivo até hoje no sangue dos moradores da Grande Messejana, doce Messejana!

Lagoa do abandono, águas turvas que silenciosamente guardam as lágrimas de Iracema, onde ecoa a voz do indianismo. Assentada sobre a rocha, imagem jamais encontrada em outro lugar, capaz de comover o coração a cada flerte. Entre o “laranja” do céu e o azul-escuro das águas, lá está ela, no mesmo lugar, do mesmo jeito. Entrecortada pelos últimos raios de sol, cerca-lhe as matas verdes que sempre existiram, mas raras de serem notadas em sua simplicidade e encanto; um verdadeiro ateliê, pinturas



magníficas nascem de tão bela imagem, enquanto ao fundo pontinhos brancos se deslocam com sutileza em meio à imensidão do céu e desabrocham as flores da liberdade rumo ao doce do algodão celestial...

Eis a Iracema sentada eternamente às margens da Lagoa de Messejana. Desviando os olhos, avistam-se meninotes, com o cabo de piquiá na mão e a capanga cingida no cós do calção, prontinhos para “bofetar” os passarinhos e disputar a posição do melhor de mira com a baladeira. Logo ao lado, bem ali pertinho, pescadores procuram às margens da lagoa alguma piaba ou curimatã para calar a boca do estômago que só vive resmungando.

Acima de seus esverdeados cabelos – Sim! Em Messejana a bela índia não possui os cabelos mais negros que as asas da graúna – está uma bela e emplumada criatura de digna postura, não uma jandaia pousada em seu ombro, como descreve Alencar, agora uma garça de penas brancas desfilando seus encantos. Eis Iracema, de alma sensível e coração selvagem, a índia dos lábios de mel, descritos pela pena alencarina, é agora minha Iracema, é agora minha Messejana!

No calçadão, sinto-me como Bentinho a encarar Capitu com seus olhos de ressaca. Assim talvez se sintam as pessoas que por aqui passam ao fitar a belíssima escultura, quem sabe pelo cheirinho de mel quando se respira o ar da doçura de seu olhar, ou quem sabe quando veem aquela que se banha com a cuia. Vejo que os transeuntes, em sua maioria, é gente simples, todavia são homens e mulheres, crianças e adolescentes com grandes sonhos, pois é esta a marca do povo de Messejana: pequeno, mas sonhador; tem medo, mas não perde a coragem; no pouco, acha o muito. Assim é o povo de Messejana, sangue de índio, alma de branco, Iracema na memória e coração batendo no peito, muito mais que uma simples estátua, é nossa índia, é nossa literatura, é nossa história. Entre a tarde e o olhar, segue o silêncio...

Professor: Jose Alci Távora Medeiros  
Escola: E. M. Demócrito Rocha – Fortaleza (CE)

## História viva

Aluna: Davylla Renally Oliveira de Souza

Aquela não é qualquer árvore. Ela nasceu muito antes de este lugar ser habitado, presenciou todas as mudanças e todos os acontecimentos bons e ruins. Viu a chegada dos índios plantando e colhendo seus alimentos nesta terra fértil e fria; acompanhou a construção da igreja matriz, da praça principal, toda bem arquitetada com um coreto aonde os jovens da época iam para conversar, brincar, namorar; viu chegar o desenvolvimento através da construção de bancos, casas comerciais e a feira livre. Por muitos anos, assistiu de camarote a todas as vaquejadas que se realizaram ali. Torcia pelo vaqueiro que subia em seu cavalo, e comemorava com ele a derrubada do boi. Pessoas de vários lugares estavam presentes. Era um vaivém de carros, motos, e principalmente de gente. Ela balançava as folhas como se aplaudisse a felicidade dos visitantes e as conquistas alcançadas por cada vaqueiro.

Chorou com a destruição da vegetação em seu entorno e sofreu ao ver seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos serem decapitados a machado, foice, enxada. Cada golpe era sentido como em si mesma. Era um pedaço dela indo embora e fagulhas do seu coração sendo quebradas. Sentia um vazio, por ver várias espécies nativas sendo “assassinadas” para que se fosse formado o bairro que hoje está lá, o bairro que é conhecido pelo seu nome, “O Bairro do Tambor”.

Nunca havia observado uma simples árvore dessa forma, mas hoje meu olhar veio de encontro a esse tesouro. Agora, vejo com esmero toda a formosura pertencente a ela. Sua copa grandiosa dispõe de uma sombra bastante agradável e o tronco possui uma circunferência superior às demais que ainda restam. É uma planta extremamente linda, nela posso enxergar a mais pura criação de Deus! Com a mudança das estações as folhas caem e os galhos ficam à mostra, no entanto ela sempre ressurgue como uma fênix, que renasce das cinzas ainda mais forte, mais formosa, mais vibrante e astuta. Comparo-a com “os baobás” citados na obra *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, porém num contexto diferente, pois nossa serra é bem superior ao asteroide B 612 e assim podemos admirá-la, possuí-la e preservá-la por muito tempo.

Todo aquele bairro contempla sua beleza. Cada pessoa que caminha por ali observa seus galhos e suas folhas buscando a todo instante novos detalhes naquela obra perfeita que a natureza nos ofereceu. Passo a imaginar quantas aves construíram ali seus ninhos, acasalaram e multiplicaram a espécie, quantos



casais, que no finzinho da tarde, aproveitam aquela sombra e trocam pequenos carinhos, ardentes beijos e se vão leves como as aves que costumam visitá-la. E a sua sombra convida os passantes a descansar, sentir a brisa fria, e o seu frescor.

Fico alegre por ver que está sendo feito ao seu redor, a construção de uma pequena praça para demarcar a importância dessa árvore “milenar”. Árvore que dá nome ao bairro, que embeleza, purifica o ar e guarda a história do nosso lugar a sete chaves.

Professora: Maria Aparecida Pontes Medeiros de Moura  
Escola: E. E. E. F. Andre Vidal de Negreiros – Cuité (PB)

## A estação das safras

Aluno: Jeferson de Jesus Garcia Viana

Maio, estou em êxtase esperando que meu transporte dê algum sussurro, anunciando sua presença e é neste momento que meu rosto é tomado por uma leve brisa que anuncia a chegada do inverno. Este é o alerta de que uma nova safra de grãos está por vir.

De súbito me dou conta de que o ônibus está chegando e sucedido de sua passagem, avisto, através das janelas largas do transporte coletivo, um grupo de trabalhadores com características nordestinas rumo às lavouras cafeeiras.

Ao chegar na escola ouço rumores preocupantes sobre o preço baixo da saca do café lançado no mercado. Com o passar dos dias o fluxo dos grãos vai aumentando, decorrente desse fato, há um aumento desordenado de veículos nas estradas de chão batido que provocam uma onda de poeira avermelhada.

Os secadores de café voltam a funcionar em alta velocidade, a zoeira das maquininhas que apanham os grãos parece mais um alvoroço de cigarras enlouquecidas; os grandes terreirões, uns de chão batido outros já pavimentados, retornam a sua função primordial.

Pouco a pouco as lavouras vão ficando vazias e seus frutos tornando-se patrimônio material. Como características de seu tempo o frio vai se tornando pobre e o café se transforma em pó para alguns e em capital para outros. A poeira vai baixando, libera-se a vista para os caminhos já deteriorados pelas condições em seu estado débil.

As gírias, tão pronunciadas por aqueles de sotaque nordestino, se vão e levam consigo a esperança de um dia voltarem. Aqui, em minha terra, a pronúncia natural da língua volta a difundir-se livremente. Por mais que tenha diminuído o fluxo de pessoas o trabalho flui normalmente.

Os miseráveis grãos que não tiveram a oportunidade de serem apanhados em seu tempo, agora, sofrem enlouquecidos pela radiação exagerada do sol. Com o decorrer dos dias o café sucumbe ao calor e se joga ao chão o que dá início a um novo processo, o de coletar os grãos depositados no solo.

Agora, ao invés de maquininhas e panos de café, só é possível observar pessoas com rastelos e peneiras, trilhando o seu caminho. O som não é mais o mesmo, ouço somente algo trêmulo não sendo expressos pelos instrumentos, mas pelas pessoas já desgastadas pelo tempo.



Os terreirões também já exaustos não recebem a matéria-prima nova, mas grãos de aparência negra e predominantemente secos, o que faz que sua passagem por ali seja rápida. Após todos os processos, o café, nossa verdadeira riqueza, é levado para ser industrializado.

Para os grandes produtores do fruto vale o investimento em cooperativas, onde eles seguem o preço do mercado, para aqueles cuja informação custa a chegar, a fome pronuncia as primeiras palavras.

Desse modo, para a boa colheita tornar-se um alicerce firme para as bolsas de valores, o café viaja para além dos horizontes, desembarcando em portos internacionais. Ele retorna com sustento e traz a esperança para o meu lugar.

Quando por fim o fruto se esgotou e o ano se foi quase por completo, as pessoas começam a desfrutar de seus ganhos e usufruir de seus bens. Uma das mais notáveis formas de comemoração são as romarias. As pessoas devotas à santa saem em sua homenagem e vão para o centro mais conhecido, o de Aparecida.

O primeiro acontecimento meu, diante de pessoas tão crentes na santa foi de forma majestosa.

Lá estava eu, em uma estrada de terra cercada de ambas as partes por pés de café bem altos, o que fazia que eles abafassem o som. Meu pai está na lavoura a exercer seu trabalho. De repente me distraí com a calma que propunha o ambiente. Sem que percebesse vejo silhuetas vindo em minha direção, cantando de forma suave algo religioso. Pelo fato de já terem me visto não pude me esconder nem sequer disfarçar a timidez. Quando percebi eram mais de setenta pessoas. Vestiam camisetas com estampas da santa e estavam acompanhadas por um caminhão de mantimentos.

Quando realmente passaram estava perplexo, mas maravilhado pelo que meus olhos e ouvidos tinham presenciado.

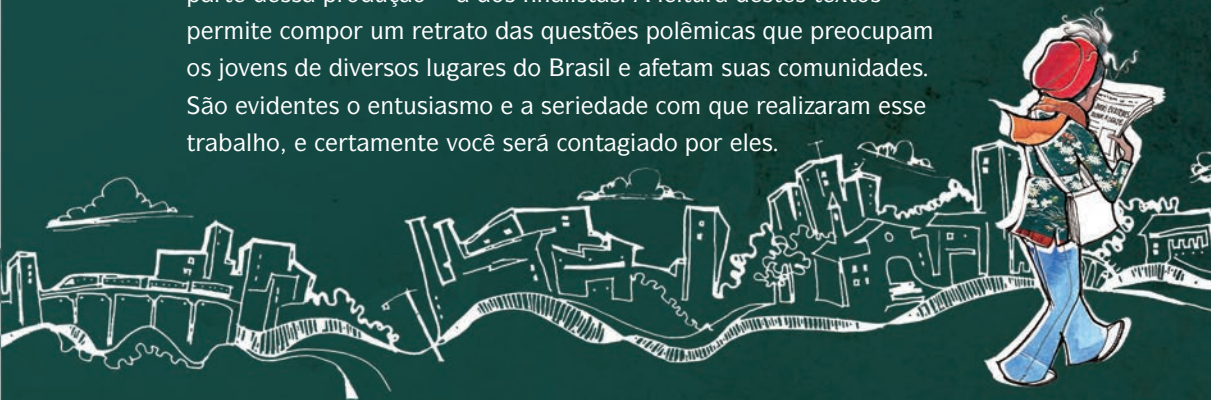
O que me fez refletir foi o fato de tamanho agradecimento apenas pelos singelos grãos oferecidos pelos pés de café, percebi também que o fruto é o responsável pela vida aqui onde moro.

Professora: Marciane Elenice Franco  
Escola: E. E. Rui Barbosa – Campestre (MG)

# Artigo de opinião



Os professores dos dois últimos anos do Ensino Médio puderam proporcionar aos seus alunos uma oportunidade diferenciada de participação na vida pública ao trabalhar com os artigos de opinião. Muitas foram as competências que os alunos-autores desenvolveram no processo de produção desses textos: observar o lugar onde vivem, identificar uma questão polêmica relevante sobre a qual não existe consenso, tomar conhecimento do que já foi dito a respeito dela, pesquisar fontes de informação, reconhecer e usar diferentes tipos de argumento para defender o seu ponto de vista. Perceberam que, para convencer o leitor, mais que empolgação, é preciso buscar os melhores caminhos para negociar com os opositores e escolher as palavras mais adequadas. Dessa forma, construíram a sua posição diante da polêmica, elaborando-a em um artigo de opinião. O estudo desse gênero textual em sala de aula tornou-se um caminho especial para o ensino de língua portuguesa. Muitos foram os textos produzidos pelos estudantes que participaram da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Contudo, o ciclo da produção escrita só se completa quando a voz do autor é ouvida, encontra interlocutores. Nas próximas páginas você conhecerá parte dessa produção – a dos finalistas. A leitura destes textos permite compor um retrato das questões polêmicas que preocupam os jovens de diversos lugares do Brasil e afetam suas comunidades. São evidentes o entusiasmo e a seriedade com que realizaram esse trabalho, e certamente você será contagiado por eles.





# Artigo de opinião

## Índice

- 228 Água pouca, meu poço primeiro  
Aluno: Abraão Filipe Marques de Oliveira
- 230 A proposta de uma vida digna entre o esporte e a moradia  
Aluna: Isabele Tenório Santos
- 232 Metamorfose urbana  
Aluna: Sarah Evelyn Oliveira Borges
- 234 Chega de (in)diferença às necessidades do outro  
Aluno: Leonardo Silva Brito
- 236 Patrimônio histórico: a peça esquecida de um mosaico  
Aluno: Julio Cesar da Silva
- 238 Píñus: o nosso pão de cada dia  
Aluno: Willian Mauricio Sozo
- 240 Um grito de socorro  
Aluna: Sandra Machado Limas
- 242 Herzlich Willkommen in Iracemápolis  
Aluno: Diego Henrique dos Santos
- 244 "Também, olha a roupa dela"  
Aluna: Ana Karolina Alves Amorim
- 246 A falta de água pode voltar  
Aluno: José Romildo Cazé Freire
- 248 Progresso *versus* Araras-Canindés  
Aluno: Cesar Henrique Rodrigues Reis
- 250 Clima quente em Santa Bárbara do Leste. Cadê a água para refrescar?  
Aluno: Sérgio Firmo de Souza Júnior
- 252 Laicidade? História ou desrespeito  
Aluno: Jefferson de Oliveira Ferreira
- 254 Exploração ou tradição?  
Aluno: Mauro Marques Canhão Filho
- 256 Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais?  
Aluna: Bruna Rabuske Limberger
- 258 Poço de incertezas  
Aluno: Antônio Carlos da Silva
- 260 Complexo arqueológico picuiense: um passado ameaçado  
Aluno: Josseane Fátima de Lima
- 262 A necessidade pede carona  
Aluna: Elislaine Patrícia dos Santos
- 264 Um preço a se pagar  
Aluno: Júlio Gonçalves de Sousa

266 Meu lugar: terra de "brancos",  
terra de índios  
Aluna: Maria Lohanna Daniel da Silva

268 Liberdade ou Censura?  
Aluna: Natália Samara Nobre

270 Horto: portas abertas para quem?  
Aluna: Larissa de Moraes Cardoso

272 A semente do ouro  
Aluno: José Augusto Somavilla

274 80%  
Aluna: Denize Brito Silva

276 Os dois lados da moeda em terras  
Guarani Kaiowá  
Aluna: Isabela de Oliveira Marques

278 Faxinal: um futuro em xeque  
Aluna: Crislaine Letícia Vereta

280 Terra: instrumento de inclusão  
ou de exclusão?  
Aluna: Giovana Gomes Porn

282 Intervenção divina nas festas  
dançantes de Itarema?  
Aluno: Luiz Rodrigues de Oliveira Neto

284 Alguma coisa acontece em Sampa  
Aluna: Paula Floriano de Aguiar

286 O amargo sabor da castanha  
Aluno: Jônatas Oliveira de Farias

288 O palco Caldas Country além dos  
shows e águas quentes  
Aluna: Brenda de Souza Soares

290 Como em um conto de fadas!  
Aluno: João Pedro de Souza Silva

292 Teu passado enobrece o teu presente,  
mas não impede o teu futuro  
Aluno: Rafael Ramon Santos Sena da Silva

294 Escola apolítica ou a política na escola?  
Aluno: Erisvaldo Ramalho dos Santos Junior

296 Estrangeiros no comando  
Aluna: Mariani Marques da Silva

298 Qlcracia  
Aluna: Mariana Carolina Rezende

300 Riqueza ameaçada: Açude Orós  
Aluna: Layla Monique Nunes de Lima

302 Por um pouso seguro das andorinhas  
Aluna: Francisca Nágila Soares dos Santos

## Água pouca, meu poço primeiro

Aluno: Abraão Filipe Marques de Oliveira

O lugar onde vivo é o município de São Mateus, situado ao norte do Espírito Santo, com uma população de aproximadamente 125.000 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2015. Apesar de possuir importantes atividades como o comércio, a agropecuária e o turismo, a economia dessa cidade polo está baseada, principalmente, na exploração e produção de petróleo.

Nossa história foi construída às margens do rio Cricaré, local de desembarque de escravos negros africanos comercializados até o século XIX. Além disso, através desse rio, era feito o transporte da produção de farinha, açúcar, café e madeira. Uma paisagem belíssima de nossa cidade é o vale do Rio Cricaré, onde o rio, lentamente, percorre seu caminho, desenhando o “S” e o “M” do nome da cidade.

Assim como grande porção do território brasileiro, nosso município apresenta lençóis freáticos abundantes e inúmeras nascentes. Contudo, desde meados do ano passado, a falta de chuvas tem feito que o nível do Cricaré abaixe, e o mar, em maré alta, invada o estuário do rio, chegando até o ponto de captação do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). Nesses 471 anos de sua fundação, a Rainha do Cricaré – como a cidade é conhecida – nunca passou por uma crise hídrica tão intensa.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o máximo permitido de sal na água para o consumo humano é de 250 ppm, ou seja, até 0,25 gramas de sal por litro de água. Porém, segundo o jornal Tribuna do Cricaré, a “água nas torneiras de São Mateus tem 4 gramas de sal por litro”, o que equivale a 16 vezes mais que o recomendado.

Com isso, eclodiu na cidade um grande caos, marcado pela perfuração de poços artesanais de forma irregular e sem fiscalização por parte da gestão pública local. Sou contrário a essa postura de perfurar poços desenfreadamente, pois seus impactos, a médio e a longo prazo, podem ser irreversíveis.



Os que perfuram poços artesianos em suas casas e empresas – em geral pessoas bem providas financeiramente – defendem que esse tipo de medida é imprescindível para seu sustento. Entretanto, a parte pobre da cidade, isto é, a maioria da população mateense, é forçada a coletar o líquido de bicas e fontes, todos os dias, numa rotina de sofrimento.

Se essa perfuração persistir, um risco muito alarmante, a médio prazo, é a contaminação dos lençóis freáticos; e, a longo prazo, pior: pode ser que até sequem. Um exemplo claro disso é o Estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Conforme um estudo da Universidade da Califórnia, devido à exploração descontrolada dos aquíferos, os rios do Vale Central reduziram seu leito em um terço e há vários anos não é possível beber a água.

A crise em São Mateus desencadeou, ainda, uma discussão sobre a falta de água na região e suas responsabilidades. Segundo Ney Murtha, especialista em recursos hídricos da Agência Nacional de Águas (ANA), “o Espírito Santo precisa construir uma visão estratégica sobre o uso da água”, afinal, os problemas de estiagem do Estado não são castigo divino, mas efeitos da ausência de políticas públicas que garantam uma gestão responsável dos recursos hídricos. Sendo assim, utilizar água com consciência e otimizar seu uso já é imperativo. Porém, é preciso encontrar alternativas para o abastecimento, tendo no planejamento seu principal aspecto. Em primeiro lugar, deve ser feita a transferência do ponto de captação da água para um local a montante do rio, para amenizar, pelo menos por alguns meses, a situação. Outra medida importante é a recuperação da bacia, através do reflorestamento das nascentes e restabelecimento da mata ciliar, além da construção de barragens, açudes e reservatórios que garantam água por mais tempo.

Há um ditado muito comum na região que diz: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”. Tal expressão atende à lógica capitalista que tem a desigualdade como critério de progresso. Além da esperança de ver as torneiras de nossa cidade ricas em água limpa e potável, anseio, ainda mais, ver a Rainha do Cricaré banhada pela justiça social. Como afirma a minha conterrânea Elisa Lucinda: “Sei que não dá para mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dar para mudar o final.”

Professora: Adriana Pin

Escola: Instituto Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus – São Mateus (ES)

## A proposta de uma vida digna entre o esporte e a moradia

Aluna: Isabele Tenório Santos

São Miguel dos Campos, um município do interior do Estado de Alagoas, está apresentando significativo crescimento no que diz respeito à construção de moradias. De acordo com registros da prefeitura, em 2013 foram distribuídas várias casas às pessoas que viviam de aluguel, em casas de parentes, ou mesmo nas ruas. O objetivo era tirar cerca de 810 famílias dessa situação de moradias precárias. Esse tipo de iniciativa conseguiu agradar a toda a população migueleense, não apenas os que estavam sendo beneficiados.

Porém nas últimas semanas do ano, os moradores do bairro Humberto Alves, localizado próximo ao rio que dá nome à cidade, recebeu a notícia de que o espaço utilizado para a prática de esportes, como o tradicional futebol, seria demolido para a construção de casas. Essa informação provocou inquietação entre os moradores e conseguiu dividir as opiniões, não só dos frequentadores do campo de futebol, como da comunidade.

Como era de se esperar, a possibilidade de oferecer condições dignas de moradia para os mais necessitados foi aceita por várias pessoas, pois tirariam muitas famílias do aluguel. Por outro lado, para os frequentadores do campo era uma lástima, pois ao destruir o espaço de lazer esportivo, a prefeitura estaria criando outro problema. Sem o campo, o que os jovens jogadores irão fazer? Para os responsáveis pela obra, as casas são mais importantes que um mero campo de futebol.

Em se tratando de oferecer condições dignas de vida, a prática de exercícios físicos pode ser tão importante quanto a possibilidade de se ter um teto para sobreviver. As leis básicas de proteção ao ser humano asseguram que o homem necessita de algo mais que alimentação, já que, segundo a medicina preventiva, é preciso cuidar do corpo, da mente e das relações sociais e profissionais, ou seja, o lazer faz parte da lista de ingredientes necessários à vida.

Mas como resolver o embate se os financiadores e executores da obra estão tentando resolver outro problema, nesse caso, o abrigo de várias famílias, já que todos têm o direito a um lar, como está consagrado na constituição, artigo 6º? E o que dizer ou fazer se a execução da lei que dita que todos têm direito à moradia e vida digna é “sagrada”. Se as casas que serão construídas, privarão essas mesmas

pessoas do direito à prática de atividades físicas e de lazer, que proporcionam, além da saúde, o bem estar físico e mental?

A discussão se agrava quando nos reportamos aos direitos de adolescentes, crianças como está na Constituição, artigo 217, principalmente ao que se refere à prática do esporte como instrumento de educação integral para cidadãos de um mundo que grita por inclusão em todos os aspectos da vida em sociedade, pois o esporte não só favorece o desenvolvimento físico, como colabora para desenvolver nos jovens a tolerância, o respeito às regras sociais e, principalmente, a valorização de si mesmo enquanto seres excluídos (isso quando nos referimos aos mais necessitados dessas casas a serem construídas). E, parodiando Drummond, “E agora José?”. E agora, você, que está do outro lado do muro? O que deve ter maior importância: moradia ou esporte? O espaço do campo, será utilizado pelas famílias que não possuem um domicílio, será dado a elas uma nova chance de viverem dignamente. Será? O que deve ser levado em consideração para resolver essa questão: ao construir, será negada a chance de estimular o esporte, que ocupa e diverte crianças, jovens e adultos. Talvez signifique deixar mais um se “se perder” no mundo. Mas será justo deixar pessoas tendo que pagar aluguel e morar em espaços subumanos, precários, quando a cidade dispõe de espaços livres?

Particularmente sou contra essa decisão, pelo fato de os jovens não possuírem outro espaço desportivo próximo de suas residências. Uma ótima proposta de solução seria a utilização de outro recinto para a construção das moradias, pois a cidade dispõe de lugares desocupados, e assim as pessoas necessitadas teriam uma vida digna sem tirar a alegria da molecada.

Professora: Camilla da Silva Cruz  
Escola: E. E. Ana Lins – São Miguel dos Campos (AL)

## Metamorfose urbana

Aluna: Sarah Evellyn Oliveira Borges

Há muito Rio Branco deixou de ser um lugar pacato de poucos habitantes. Onde se tinham ruas barrentas rodeadas de pedestres, hoje, temos grandiosas rodovias repletas de carros. Nada comparável às grandes metrópoles, contudo, paulatinamente, minha estimada cidade vem se transformando. A problemática surge no tocante à mobilidade urbana e, conseqüentemente, à degradação do meio ambiente; esses grandes desafios das cidades contemporâneas chegam a Rio Branco sem aviso-prévio. Estaria o Acre preparado para conciliar o crescimento repentino sem afetar a locomoção popular?

Lamentavelmente, tal resposta pode ser facilmente encontrada nos constantes congestionamentos, na superlotação dos coletivos e na falta de estacionamentos. Cenário esse, antes desconhecido pelos rio-branquenses, agora é fator de drásticas mudanças no cotidiano dos mesmos. Segundo o Detran (Departamento de Trânsito), o número de veículos registrados, apenas na capital, aumentou em 122% no curto período de seis anos.

Diante da questão, opiniões divergem sobre as possíveis soluções. Há quem defenda a necessidade de investimento na estrutura da cidade como na criação e ampliação de ruas e estradas, propiciando fluidez ao trânsito, além de agregar características modernas que refletiriam o desenvolvimento iminente de nosso Estado. Em contrapartida, existe o grupo que acredita que tais medidas acabam tornando-se mecanismos incentivadores do automobilismo individual, tendo como consequência o aumento da frota de carros, potenciais agentes da poluição sonora e atmosférica.

Decisões tomadas pelo governo, baseadas na Lei da Mobilidade Urbana (12.587/2012), mostraram claramente esse dualismo popular, por exemplo, a implantação de vias exclusivas para ônibus no centro da cidade, por um lado, alegrou os clientes do sistema coletivo, devido à redução do tempo gasto no percurso; por outro, gerou sentimento de injustiça, uma vez que limitou o espaço de tráfego dos outros condutores.

Dado o exposto, acredito que a mobilidade urbana em Rio Branco não pode ser construída com base em uma única ótica, desse ou daquele grupo, mas deve visar a plena garantia dos direitos em todos os modais, sempre priorizando o meio ambiente. E nesse contexto é inevitável: para que haja a harmonia no trânsito, o acreano terá que abdicar de seu costume individualista e o governo investir para isso, tornando o transporte público ágil e apetecível, além de favorecer outros meios menos poluentes, propiciando conforto aos pedestres e aos ciclistas.

Penso que um desenvolvimento sustentável não é algo utópico. Posso crer num, não muito distante, futuro diferente. Ainda há tempo para que Rio Branco não troque o canto dos pássaros pelo ronco dos motores, nem o ar amazônico por dióxido de carbono e mesmo assim, desenvolver-se e modernizar-se em todas as áreas, até mesmo na mobilidade da população.

Professora: Márcia Rosana de Meneses  
Escola: E. E. M. José Rodrigues Leite – Rio Branco (AC)

# Chega de (in)diferença às necessidades do outro

Aluno: Leonardo Silva Brito

Localizada na região central do Estado de Rondônia, Presidente Médici é uma jovem cidade que tem a economia movida pela indústria de laticínio, pela pecuária e pela fruticultura, produzida em pequenas propriedades rurais. Não obstante, tal município apresenta suas peculiaridades e uma delas diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores para desenvolverem adequadamente um trabalho pedagógico com as turmas que recebem alunos com deficiência. O cerne do problema reside na efetiva inclusão desses alunos por não ser assegurado o atendimento individualizado e assistido por um cuidador.

Aprovada desde 2014 pela Câmara dos Deputados, a emenda ao Art. 58, da Lei nº 9.394, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para assegurar ao educando com deficiência a assistência de cuidador quando necessário, ainda tramita no Senado sem previsão de avanço. Tamanho impasse ocasiona frustração e insatisfação pelo trabalho desenvolvido nas escolas tanto para o corpo docente quanto para as famílias dos alunos, os quais compartilham do posicionamento da educadora Maria Teresa Eglér Mantoan, fundamentado na premissa de que inclusão é mais que viabilizar o ingresso, ter rampas e banheiros adaptados.

Diante desses fatos é comum encontrarmos pais e professores que defendem o retorno desses alunos para as salas especiais, pois compreendem que alocar as crianças deficientes para turmas regulares, sem nenhum recurso ou preparo pedagógico, pode ser segregação e não inclusão, visto que a educação deixa de ser o foco nesse processo. Segundo Rosângela de Souza, pós-graduada em Libras e há seis anos lecionando, as classes recebem mais alunos deficientes do que deveriam, acarretando superlotação e prejuízo ao aprendizado dos alunos. Portanto, o mais aconselhável seria a permanência dessas crianças na escola especial.

Em contrapartida, há os que defendem a permanência dos alunos com deficiência nas classes regulares, pois o problema não é o aluno com deficiência, mas a falta de condições para atendê-los dignamente. De acordo com Ângela Lisot, pós-graduada em Necessidades Educativas Especiais e atuante na área também há seis anos, a realocação de alunos com necessidades especiais para salas regulares é a efetivação dos direitos de igualdade inerentes à pessoa humana e também uma prova de respeito à diversidade, o que representa um valor que deve ser introduzido no ambiente escolar desde os primeiros anos.

É fundamental que nosso país faça jus ao acordo firmado durante a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela ONU em 2006, que dita que os Estados Partes devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino. Como subscritor desse acordo, o Brasil se comprometeu a vigorar uma diretriz nacional capaz de assegurar que toda criança com deficiência, transtorno global de desenvolvimento ou altas habilidades, segmentos antes encaminhados para escolas especiais, seja matriculada na rede regular de ensino e estude em classes comuns.

Enfim, a educação inclusiva é a mais adequada às necessidades do mundo contemporâneo, pois pode ensinar a todos o respeito às diferenças, trabalhar nossa capacidade de entender e reconhecer o outro para que todos possam compreender as riquezas que as diferenças produzem. Ratificando Rodrigo Hübner: “A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la”.

Enquanto a realidade não é a ideal, podemos denunciar ao Ministério Público, órgão que protege os interesses coletivos, de forma a garantir ao educando com deficiência a assistência individualizada imediata e permanente de cuidador nas escolas, quando necessário. Viabilizar meios que beneficiem o desenvolvimento pessoal e a emancipação social de pessoas com deficiência, não só adaptando ambientes físicos, mas também por meio do suporte humano, é estar a favor da diversidade e do direito, que todos têm de aprender.

Professora: Alessandra Cegobia de Andrade  
Escola: E. E. F. M. Carlos Drummond de Andrade – Presidente Médici (RO)

## Patrimônio histórico: a peça esquecida de um mosaico

Aluno: Julio Cesar da Silva

Quixeramobim ostenta a alcunha de “Coração do Ceará”. Porém, esse coração bate cada vez mais monótono ao ver sua força vital desfalecer em favor do progresso. A essa força vital – inerente à identidade do município – dou o nome de “Patrimônio histórico”. Resignada, minha visão constata dia após dia esse diálogo degradante entre o passado e o presente. À margem dele estão as principais vítimas: construções históricas demolidas ou abandonadas e monumentos que, de tão alheios a cuidados, tornaram-se peças esquecidas de um mosaico.

De acordo com a arquiteta Beatriz Kother, da PUC-RS: “A demolição do patrimônio histórico é uma página apagada de nossa história”. Está claro que essa citação concretiza-se paulatinamente no lugar onde vivo. Dessa forma, a fragmentação da memória continua: a precariedade da Capela Circular do Cemitério Municipal, com sua abóbada abrigando ervas invasoras, denuncia o abandono; a demolição quase completa do casarão de José Felício – marco de nossa arquitetura colonial – comprova a leniência com a memória local. Porém, o que poucos sabem é que a Capela de Nossa Senhora do Carmo é considerada uma exceção na arquitetura brasileira, existindo semelhante apenas na Itália.

Como agravante do dilema, ainda existem os que se declaram progressistas. Esses, em parte, defendem que nossos monumentos históricos atrasam o crescimento urbano e econômico da cidade. Particularmente, sou contra qualquer forma de intervenção que fragmente a identidade de um local. Isso seria evitado se esses “progressistas” ficassem atentos ao fato de que nosso passado é o alicerce para o desenvolvimento. Pois, os visitantes, admiradores de nossa história, aquecem o turismo e, conseqüentemente, a economia municipal. Não sou antiprogredista, pelo contrário, acredito que o passado pode ser aliado do progresso. Um bom exemplo disso são algumas construções históricas da Índia e da Europa, hoje utilizadas como hotéis luxuosos.

Por outro lado, o inimigo da preservação da memória está mais perto do que se pensa. Ele está dentro de mim, dentro de você, dentro de cada habitante da minha terra – “Terra do Leite”.



Recentemente, foi lançada nas redes sociais uma campanha intitulada “#ocupeaponte”. Entre os ideais reivindicados estava a reforma da Ponte Metálica – cartão-postal da cidade. A campanha ganhou rapidamente o apoio de jovens e até mesmo de professores. Mas o que me chamou a atenção foi o estopim do movimento: jovens frequentadores da ponte monumental haviam escrito, no quadro destinado a clientes de um restaurante próximo, palavras como: “legaliza” ou “queremos erva”. Não me cabe julgar o que usam ou deixam de usar. Quero apenas que se atente, caro leitor, que a contradição começa na própria ação. Afinal, ao mesmo tempo em que esses ativistas pedem a reforma da ponte, alimentam a ideia de que tal ponto turístico tem uma utilidade nociva: “reduto da maconha”. Assim, o estigma do preconceito permanece no cerne da população, denegrindo a imagem do patrimônio histórico.

É indiscutível que essa cidade vendeu suas tradições pacíficas para a violência. Não quero, porém, que vendam em gabinetes fechados nossa história para o progresso. Do meu ponto de vista, existe uma ineficácia para que o nosso passado se torne atrativo turístico. Assim, o berço de Antônio Conselheiro, do arquiteto Fausto Nilo, do grande poeta Arievaldo Viana, torna-se berço da abstração – e eu não escondo o medo de estar entre os protagonistas desse drama.

Em suma, penso que a cidade é um mosaico composto pelo povo, pela política e por sua memória. Para que a memória do meu lugar não seja apagada, é essencial que o poder público faça investimentos maciços no turismo voltado para os patrimônios históricos, além de uma revitalização nas pontes e nos monumentos. Ademais, cabe a nós, quixeramobinenses, preservar nossa história, nossa força vital. Afinal, Machado de Assis deixa claro que recriar o passado é uma dívida concedida apenas ao narrador de seu livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Desse modo, é prudente preservar nossos artefatos, antes que, assim como o defunto autor, sejamos fadados a lamentar o que se foi, o que não volta mais.

Professora: Ana Virgínia Domingos de Oliveira  
Escola: E. E. de Educação Profissional Dr. José Alves da Silveira – Quixeramobim (CE)

# Pínus: o nosso pão de cada dia

Aluno: Willian Mauricio Sozo

O município de Ponte Alta do Norte possui íntima relação com a madeira. O seu povoamento, por volta de 1924, se deu em virtude das terras baratas e com abundância de madeira que atraíram o interesse de inúmeros imigrantes. E nos dias atuais, a madeira continua sendo a principal matéria-prima do município, responsável pela arrecadação da cidade. No ano de 2014, de acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), 46% dos empregos ativos no município eram originados de setores que possuem ligação direta ou indireta com a madeira. Com relação ao nosso Produto Interno Bruto (PIB), a extração de madeira proveniente do plantio de reflorestamento de pínus é uma das atividades que mais gera receita.

Tais dados demonstram a tamanha importância do setor madeireiro para nossa cidade. Ponte Alta do Norte ocupa atualmente o segundo lugar como município com maior área plantada de pínus – quase 39.000 hectares são ocupados por plantio dessa espécie. O problema é que o pínus é uma espécie exótica e, ao ser plantado, ocupa áreas antes ocupadas pela vegetação nativa da Mata Atlântica. Assim, o consumo excessivo de madeira nas últimas décadas fez que grandes porções da mata nativa fossem derrubadas para dar espaço ao reflorestamento de pínus, que sustenta a indústria madeireira.

Nem todas as pessoas, porém, reconhecem o plantio de pínus como o carro chefe da economia da cidade, muito pelo contrário, é visto como empecilho para o desenvolvimento do município, principalmente pela grande extensão territorial que ocupa. Agricultores são extremamente contrários a manutenção das florestas plantadas, visto que, as áreas destinadas ao cultivo de feijão, milho soja, por exemplo, apresentam menor proporção e são geralmente aquelas que sobram do reflorestamento. Além disso, áreas próximas ou herdadas de plantações de pínus acabam ficando degradadas uma vez que essa cultura absorve os nutrientes do solo, dificultando o cultivo de outras espécies.

Mas, e se não fosse o pínus? O que seria de nossa cidade? Quantos pais de família trazem o sustento para casa trabalhando em serrarias e laminadoras? E se não fossem as laminadoras? E se não fosse as serrarias? O que seria de nós, norte-pontealtenses?

Penso que não podemos ignorar a contribuição do plantio do pínus para o desenvolvimento econômico de Ponte Alta do Norte. Afinal, é desse setor que sai o emprego e a renda de nossa população e consequentemente, o giro do nosso comércio – a mola propulsora do progresso de um município.

Vale destacar ainda, que toda a monocultura causa danos ao solo e ao meio ambiente, não apenas o pínus. A questão aqui, é o planejamento de uma rotatividade de culturas que possibilite a regeneração do solo entre uma cultura e outra, incluindo dessa forma os agricultores que hoje não veem o reflorestamento de pínus em nossa cidade com bons olhos.

Diante da importância do setor madeireiro, acredito, com convicção, que seja necessário buscar novas oportunidades de emprego para os norte-pontealtenses, bem como alternativas viáveis à produtividades da lavoura e ao equilíbrio ambiental. No entanto, de forma alguma podemos ignorar que as florestas plantadas atualmente no município, embora estáticas, sejam o impulso para o nosso desenvolvimento. Só aliando ao potencial madeireiro de nossa região, uma gestão pública comprometida, poderemos almejar uma luz no fim do túnel para um município que é visto por muitos como sem perspectiva de vida.

A realidade é uma só: por mais que não se possa “comer madeira”, é ela que garante o sustento para grande parte das famílias de Ponte Alta do Norte.

Professor: Elizeu Domingos Tomasi  
Escola: E. E. B. Frei Rogério – Ponte Alta do Norte (SC)

## Um grito de socorro

Aluna: Sandra Machado Limas

“Silêncio”, essa palavra é com certeza uma boa definição para este lugar. Com pouco mais de 5.000 habitantes, minha cidadezinha é bem tranquila, de um jeito simples a beleza toma conta daqui, com grandes de arroz e árvores espalhadas por todo lado, tem poucos atrativos além de suas belezas naturais e possui um único hospital. É exatamente esse único hospital que vem quebrando o silêncio dos moradores.

Apesar de ser município pequeno, no sul de Santa Catarina, Timbê do Sul necessita de hospital, e o único que temos ameaça fechar as portas. Ênfase que essa situação não poderia estar acontecendo, pois se isso de fato suceder diversos funcionários ficarão desempregados e a população sem atendimento hospitalar.

Por isso o silêncio que reina por aqui está sendo perturbado e, como nós moradores não podemos ficar de braços cruzados, protestos e até rifas já foram organizados para que o hospital não deixasse de suprir as necessidades da população.

Segundo o prefeito essa seria a única solução, uma vez que nenhum repasse financeiro foi feito para auxiliar nas despesas do hospital, ou seja, ele alega não ter recursos.

Em entrevista para uma emissora de TV que julgou o caso especial, o secretário da Saúde juntamente com o prefeito afirmaram que o município é de baixa renda e que disponibilizariam as ambulâncias para transportar os pacientes em situação mais grave para as cidades vizinhas. E os demais moradores continuariam sendo atendidos no posto de saúde central. Com essa posição, consegue-se mais indignação.

Será que realmente a solução é fechar o hospital?

Há quem alegue que sim, pois a nossa cidade é de fato de baixa renda. Entretanto há quem diga o contrário, que fechar o hospital está fora de cogitação uma vez que a saúde é questão de prioridade. Ainda há aqueles que permanecem em cima do muro, que preferem ficar calados. Muitas vezes o silêncio é uma boa resposta, mas não dessa vez.

Para mim, o fechamento do hospital vai piorar o que já está ruim, e essa opinião vai de encontro a uma pesquisa realizada com os moradores locais, os quais afirmam que o posto de saúde não terá condições de atender a todos e nem todos têm condições para se deslocar para cidades vizinhas, principalmente em caso de emergências e mesmo com a disponibilização de ambulâncias para os casos mais graves elas não darão conta do recado.

É um caso difícil de ser solucionado, gera muitas opiniões, mas acho que não há justificativas suficientes para tal ação. Creio que a solução está nas mãos dos diretores do hospital e dos políticos, que deveriam repensar o caso e buscar soluções, talvez controlando os gastos excessivos da prefeitura, elaborando projetos que busquem ajuda e visem efetivar um acordo entre hospital e prefeitura.

Nem todas as coisas são sempre como queremos, e é certo que nada é perfeito, mas quando o assunto é algo que atinge todos os moradores, não só da minha pequena cidade, mas de todos os lugares, torna-se uma questão de prioridade.

Às vezes, depois de tentarmos todas as opções possíveis, e ainda assim nada resolver, o único meio de impedirmos que os problemas afetem nossa forma de ver o quão bonito é o lugar em que vivemos e do silêncio que é sua definição, retomar seu lugar, por irônico que seja é um grito de socorro!

Porque o barulho que nos atormenta, às vezes é o mesmo que nos liberta.

Professora: Daiane Aparecida Boza Rezin  
Escola: E. E. B. Timbé do Sul – Timbé do Sul (SC)

## Herzlich Willkommen in Iracemápolis

Aluno: Diego Henrique dos Santos

O nome Iracemápolis vem da junção do tupi “Iracema”, que quer dizer “lábios de mel”, e da palavra grega “*polis*”, que significa “cidade”. Seu apelido, “Cidade Lábios de Mel”, também é refletido em sua população doce e acolhedora, e em sua economia, proveniente do cultivo de cana-de-açúcar. A Usina Iracema é a principal empresa do município e está entre as maiores produtoras de cana-de-açúcar do Estado, empregando grande número de pessoas da região, mas isso não é o bastante para suprir a procura pelo emprego local, obrigando trabalhadores a saírem para as cidades vizinhas, por exemplo, Limeira, cidade-irmã, dada sua grande proximidade geográfica.

A hegemonia da agroindústria na economia de Iracemápolis, no entanto, está prestes a ganhar uma forte concorrência: a montadora alemã Mercedes-Benz acaba de abrir as portas de sua nova unidade. Agora, a montadora será a única da indústria automobilística a produzir automóveis, vans, ônibus e caminhões na América Latina. Porém, desde que a escolha por nossa cidade foi anunciada, o fato vem dividindo a opinião dos locais, que se questionam se as consequências serão positivas ou negativas para o município.

Há quem diga que a cidade não possui infraestrutura suficiente para algo tão grandioso, afinal Iracemápolis conserva características de município pacato e, por isso mesmo, melhor para se viver. Os mais pessimistas acreditam também que o dinheiro investido não trará grande retorno ao município.

De fato, podemos dizer que uma cidade com cerca de 25.000 habitantes não tenha boa infraestrutura, e que os seiscentos milhões de reais investidos, divididos entre a empresa alemã e o município, podem não significar um crescimento a curto prazo. Porém, desde o anúncio, em outubro de 2013, a receita total do município vem crescendo em média 9% a cada ano e, neste ano em que a montadora começou a produzir, segundo projeções do Ministério da Fazenda, esses números podem chegar a um crescimento de até 13%. Além disso, investimentos pontuais e diretos foram recebidos do governo estadual, como a mais nova unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), que já firmou parceria com a Mercedes-Benz e contará com cursos profissionalizantes específicos para a indústria automobilística.

A facilidade de escoamento da produção também é fator importante para a empresa, pela proximidade de importantes rodovias, como a Bandeirantes e a Anhanguera, e por um futuro aeroporto regional em Itacemópolis.

Além disso, a vinda de uma grande empresa pode trazer consigo diversos fornecedores e prestadores de serviço, que gerarão ainda mais empregos. Essas empresas podem contribuir muito para a montadora alemã e para firmar a região de Itacemópolis como importante polo industrial no Estado de São Paulo e, quem sabe, no país.

É compreensível que os habitantes mais conservadores estejam preocupados com o que o crescimento quase que repentino pode causar, especialmente um possível aumento da criminalidade, trânsito mais intenso, mais poluição, entre outros fatores que interfeririam nos hábitos de localidade pequena e simples. Contudo, creio que o governo municipal está ciente de tudo que isso pode causar e já toma providências para que esse sonho se torne realidade, com mais patrulhas policiais, campanhas de conscientização no trânsito e para com o meio ambiente, criando mais Áreas de Preservação Permanente (APPs).

Ademais, é preciso que a população se torne ainda mais acolhedora. Se antes um simples “sejam bem-vindos a Itacemópolis” bastaria para acolher os que chegam de fora, agora também já arriscamos o cumprimento na língua alemã: “*Herzlich willkommen in Itacemópolis*”.

De qualquer forma, há muitas expectativas para que a parceria entre alemães e brasileiros torne-se uma realidade e para que aqueles que um dia duvidavam percebiam como a vinda da Mercedes-Benz já trouxe, e deve trazer ainda mais, o desenvolvimento para uma cidade antes desacreditada no cenário econômico.

## “Também, olha a roupa dela”

Aluna: Ana Karolina Alves Amorim

Não existe apenas a cultura do estupro no Brasil. Existe, sobretudo, a cultura do machismo, e o estupro, no que lhe concerne, é uma consequência disso. O que é cultural aqui é o fato de a mulher, na maioria dos casos, levar a culpa por ter sido violentada. Frases como “também, olha a roupa dela” ou “mexia com coisa errada, ela mereceu”, elucidam a tendência da sociedade de idealizar a mulher, seja para transformá-la numa dama “bela, recatada e do lar”, imagem veiculada pela revista *Veja*, seja para sexualizá-la com músicas que dizem “Dei todo amor, tratei como flor, mas no fim era uma trepadeira”, do cantor Emicida. A postura da mulher como justificativa para a violência é expressão de uma cultura machista que deve ser combatida, por meio do resgate da luta pela igualdade de gênero.

O problema é que “o homem é definido como ser humano e a mulher, como fêmea”, a declaração de Simone de Beauvoir abre nossos olhos para o fato de que entre aqueles que escreveram sobre a natureza humana, a maioria eram homens; esses, por sua vez, estabeleceram a masculinidade como padrão, e definiram as mulheres como a diferença de tal padrão. Visão que permanece na sociedade, alimenta o machismo e não só possibilita, como naturaliza a violência contra a mulher.

Realmente, achamos normal uma mulher ser constrangida por uma cantada ou por estar sozinha à noite; ser estuprada por estar bêbada ou usando roupas curtas – “tava pedindo” –; ser forçada a fazer sexo com o companheiro ou intimidada por homens heterossexuais quando é homossexual – “tem que aprender a gostar”. Por outro lado, achamos absurdo os índices de estupro que crescem vertiginosamente, quando são apenas reflexo de nossas próprias atitudes do cotidiano. Até porque é mais fácil disseminar mais um discurso de ódio contra a cultura do estupro que mexer na ferida da herança patriarcal e dos costumes machistas.



Os dados do *Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública* são obscenos. São mais de meio milhão de mulheres violentadas por ano. Mulheres que nunca mais serão as mesmas. Mulheres do nosso país, da nossa cidade, do nosso bairro, da nossa casa; um dia, talvez, nós, eu, você, quem sabe? Brazlândia, nesse contexto, apresenta inúmeros casos de violação dos direitos das mulheres. Na minha escola, uma menina do 1º ano foi abusada pelo avô, engravidou e vai ficar com a criança. Primeiro o abuso familiar, que assombra nossa comunidade. Segundo, a imposição da família, a garota, que tinha o direito de escolha, foi obrigada a continuar com a gravidez. Por fim, o fato de suas amigas terem lhe dado um chá de fraldas, como se isso tudo fosse normal, como se estivesse tudo bem, como se a violência estivesse sendo legitimada.

Não existe apenas a cultura do estupro no Brasil. Existe, principalmente, a cultura do machismo e da negação, que devemos combater veementemente, por meio de uma postura rígida do Judiciário e da mudança na mentalidade social. A primeira será alcançada com uma revisão na aplicabilidade das leis, para acabar com a impunidade dos agressores. A segunda requer o envolvimento de toda a sociedade, e principalmente da mídia pautada na sexualização da mulher. Programas com dançarinas seminuas, novelas em que o machismo é escancarado, propagandas que transformam mulheres em produtos devem buscar outros mecanismos de difusão que respeitem a figura da mulher. A família deve sempre buscar o diálogo já que muitos abusos ocorrem em casa. E se o diálogo em casa não vigorar, cabe também à escola amparar as vítimas de abuso, com a assistência de psicólogos. Assim, será possível diminuir os índices de casos de estupro em poucos anos, e estabelecer a essencial igualdade de gênero.

Professora: Mayssara Reany de Jesus Oliveira  
Escola: Ced 03 de Brazlândia – Brasília (DF)

## A falta de água pode voltar

Aluno: José Romildo Cazé Freire


O Nordeste brasileiro é conhecido principalmente pela escassez de água que vem assolando a região há séculos. Entretanto, nos últimos tempos, o Sertão (onde a seca é mais gritante) vem recebendo um importante programa para reverter esse cenário de desolação e servir como alívio para esse povo sertanejo que tem sofrido tanto com a seca que teima em nos castigar ano a ano. O alento tem vindo por meio dos chamados “poços semiartesianos”, que estão trazendo de volta a esperança aos nativos e matando a sede do povo nordestino, pois estes poços têm a tecnologia de retirar água do subsolo encontrada em grandes profundidades.

Este é um programa que vem atendendo a minha cidade há algum tempo: a pequena Jaçanã, localizada no interior do Rio Grande do Norte, no topo de uma serra árida, onde há crescente procura por essa ferramenta que tem sido de suma importância, sobretudo para a agricultura local. No entanto, há um paradoxo bem relevante que precisa ser levado em consideração em relação a essa questão.

Para a maioria dos jaçanaenses, esse mecanismo de busca de água através de poços profundos traz o otimismo e a esperança dos munícipes, já que eles retiram a água do subsolo e a conduzem a lugares antes inimagináveis, beneficiando principalmente os agricultores, que começaram a produzir mais e melhor, abrindo também espaço para o cultivo de novas culturas, para o desenvolvimento da pecuária e conseqüentemente impulsionando a economia local, principalmente através da irrigação do maracujá e de outras tantas culturas agrícolas.

Entretanto, apesar dos benefícios que tais poços trazem, há quem defenda que o grande número de perfurações feitas no município, sem qualquer critério, e a retirada da água, sem qualquer restrição, têm provocado o rebaixamento do nosso lençol freático, que tem se mostrado mais e mais profundo, levando-o a escassez da água em algumas áreas, à redução da sua vazão e à seca total de alguns deles, tornando-os inoperantes.

De acordo com técnicos da Emater local, esses fatores acima citados se devem principalmente às condições climáticas e geológicas do Estado do Rio Grande do Norte, onde 80% das terras de seu relevo estão sob a rocha cristalina, na qual a água da chuva fica infiltrada em pequenas fraturas e a parte arenosa faz a água evaporar mais rápido, nada tendo a ver, portanto, com a quantidade de poços escavados.



No meu modo muito particular de perceber e analisar essa questão, já que sou filho de agricultores e conheço bem a realidade da minha terra, os poços tubulares são de fato importantes para amenizar os terríveis efeitos da crise hídrica aqui na região; porém, defendo veementemente que suas perfurações só devam ser realizadas em áreas de extrema necessidade e controladas pelos órgãos competentes para fazê-lo. Creio que não podemos mais continuar com essa falsa impressão de que a água é um recurso inesgotável e infinito, daí necessidade de usá-la com respeito e moderação. Se os poços trazem alento para nós sertanejos, isso é ótimo, mas não podemos fazer uso deles desenfreadamente, agindo como se a água que eles puxam do subsolo estará ali abundantemente para sempre.

Nesse sentido, preocupado com essa questão, defendo a criação de campanhas educativas para viabilizar uma efetiva conscientização dos agricultores a respeito da utilização dos poços com racionalidade, já que eles são de extrema importância para a região e pouco se discute sobre o uso racional na nossa comunidade.

A meu ver, outra forma de resolver essa questão seria a proibição da escavação de poços muito próximos uns dos outros. Nesse sentido, seria interessante que um sitiante contemplado com a escavação de um poço em sua propriedade fosse obrigado a dividi-lo com outros agricultores de sítios próximos. Essa obrigação poderia vir com a criação de leis estaduais e municipais específicas para tratar dessas questões, afinal, como dizia o escritor Rubem Alves: “A água é um recurso que não pertence a apenas um indivíduo, mas a todos que vivem ao seu redor, e a sua preservação é o desafio mais importante do momento presente”. Se não tivermos cuidado, a falta de água pode voltar!

Professor: Oton Mário de Araújo Costa

Escola: E. E. F. M. Professora Terezinha Carolino de Souza – Jaçanã (RN)

## Progresso *versus* Araras-Canindés

Aluno: Cesar Henrique Rodrigues Reis

Há um ditado popular que diz “não se conhece um homem sem antes conhecer sua casa”. O que significa dizer que o homem se traduz pelo lugar que habita e por sua relação com ele. O lugar em que vivo pertence à Região do Bolsão em Mato Grosso do Sul. Seu nome origina-se das três lagoas que estão na área urbana, onde asfalto era um luxo.

Nosso município tem sido apontado por revistas especializadas em economia e negócios como um dos mais promissores polos de desenvolvimento do Brasil. Segundo a reportagem da revista *Veja*, edição 2.362, de 22 de fevereiro de 2014, ele tem garantido mais duas décadas de crescimento e geração de empregos. A cidade recebeu bilhões de dólares em investimentos e gera outros bilhões. Um lugar de extensas fazendas de gado que se transformou na metrópole da celulose. Se, de um lado, isso representa progresso, de outro, problemas.

Ao contrário do que alguns defendem, o importante não é apenas ser considerada a capital da celulose ou o celeiro de empregos, já que estes são criados e existem, principalmente, para sustentar os homens e suas proles. O necessário é preservar os ecossistemas e manter as cadeias alimentares de todos, humanos e não humanos.

Ainda que, nos últimos anos, diversas empresas tenham sido grandes colaboradoras para um progresso consciente, Três Lagoas sofre grave processo de agressão: pássaros e outros animais silvestres, entre eles a Arara-Canindé, vêm perdendo território, gramíneas e milhares de árvores frutíferas. No lugar destas, inauguram-se ruas, condomínios; plantam-se eucaliptos; e são estendidos fios de alta tensão, que matam as aves a toda hora. Se esse problema não for solucionado, o azul se apagará do nosso mapa, da nossa visão e do nosso lugar.

Obviamente, progredir é necessário sim, mas sem nos esquecermos do meio ambiente. Não é nem um pouco agradável saber que essas aves, que antes tinham alimento à vontade nas fazendas de gado e conviviam integradas ao meio, hoje morrem sobre o asfalto das avenidas. Precisamos do progresso, do desenvolvimento urbano, mas para que ele ocorra de modo seguro, é importante estarmos atentos para podermos evitar desastres como esses.

Embora pareça ser um impasse difícil de ser resolvido, há soluções simples como estimular projetos voltados para a educação ambiental tanto em escolas quanto em empresas que investem ou queiram investir no município.

Professora: Luciene Lemos de Campos  
Escola: E. E. Dom Aquino Correa – Três Lagoas (MS)

# Clima quente em Santa Bárbara do Leste. Cadê a água para refrescar?

Aluno: Sérgio Firmo de Souza Júnior

Muitos moradores de Santa Bárbara do Leste pensavam que aquecimento global e crise hídrica eram apenas assuntos de telejornal. Mas descobriram recentemente que estavam errados.

Situada na divisa da Zona da Mata mineira com o Vale do Rio Doce, é um município pequeno, tanto em extensão quanto em número de habitantes, que não chega a 8.000. Sua paisagem é contornada pelas montanhas de Mata Atlântica que compõem a Serra dos Turcos, em algumas delas, como a Serra do Peão, temos importantes nascentes.

E as águas que saem dessas nascentes e correm pelo rio tornaram-se fonte de grande polêmica na cidade. Os moradores da zona urbana, cujas casas são abastecidas pela Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa-MG), passaram a enfrentar a falta de água. Para tentar minimizar o problema, diversas providências foram tomadas. Uma dessas medidas atingiu em cheio os moradores da zona rural, que vivem basicamente da produção agrícola do café e dos hortifrúti, uma vez que eles foram proibidos de usar a água dos poços na irrigação, e até motores para o bombeamento chegaram a ser apreendidos, para que a ordem não fosse descumprida.

Esperava-se que, dessa forma, o nível do rio que abastece a cidade se elevasse e o problema fosse minimizado até que as chuvas retornassem. Mas, o que choveu na cidade foram discussões. Afinal, os moradores da cidade têm mais direito sobre a água que os moradores do campo?

Muitos concordam com a atitude tomada pelas autoridades, alegando que a retirada da água para a irrigação agravou o problema; outros, defendem os produtores rurais, lembrando que eles não são os únicos que dependem dos alimentos cultivados, mas toda população e o comércio local. A meu ver, os maiores prejudicados somos nós moradores do campo, que precisamos irrigar nossas pequenas plantações para retirar o sustento da família e nos manter financeiramente. Sem a irrigação e com o intenso calor que assola a região por dias seguidos, as hortas são perdidas rapidamente.

No Informativo do Programa de Proteção de Mananciais, publicado pela Copasa-MG, o presidente da companhia, Carlos Mengale Filho, afirma que medidas proibitivas como estas são bem eficientes pois, segundo ele, quando há a elevação do nível do rio, o rodízio de abastecimento, que causa muitos

problemas não só para os moradores, mas também para os órgãos públicos como escolas e postos de saúde, não precisa ser feito.

Em contrapartida, o diretor de apoio do IGAN (Instituto Mineiro de Gestão das Águas), Werner Silva Aleixo, afirma em documento emitido aos produtores que têm nascentes registradas em suas terras, que a exploração de 0,2 cm<sup>3</sup>/h de água subterrânea é considerado uso insignificante e, de acordo com a deliberação normativa do órgão, a água pode sim, ser armazenada quando não estiver em uso, ou seja, os produtores podem armazená-la durante o período noturno. Respeitando-se estas instruções, não são causados danos ao nível do rio, mostrando assim que não é a irrigação dos pequenos produtores que vem causando o caos no abastecimento.

Diante destes argumentos, penso que os produtores rurais que atendem aos limites estipulados, têm o direito de usufruir da água, ainda mais que ela está sendo usada em benefício de todos que dependem dos alimentos produzidos no campo. Em vez de de coibir os produtores que cuidam de suas nascentes com responsabilidade, as autoridades municipais e ambientais deveriam realizar campanhas mais contundentes para a conscientização e uso sustentável, tanto da população urbana quanto da rural; pois não basta se desesperar e buscar culpados quando a água não cai da torneira, se no cotidiano, ela é usada de forma inconsequente e irresponsável, sem considerar que, mesmo sendo um bem precioso que pode se renovar ao voltar para o lençol freático de onde vem, ela é finita e pertence também às gerações futuras.

Professora: Silvânia Paulina Gomes Teixeira  
Escola: E. E. Monsenhor Rocha – Santa Bárbara do Leste (MG)

# Laicidade? História ou desrespeito

Aluno: Jefferson de Oliveira Ferreira

O lugar onde vivo é palco de diversos conflitos que ferem os valores religiosos de muitos de seus moradores.

Sertãozinho, cidade do interior de São Paulo, foi fundada por Antônio Malaquias Pedroso, descendente de um dos pescadores que encontraram a imagem de Nossa Senhora Aparecida em um rio. Extremamente devoto, trouxe a estátua da santa para consolidar a criação da cidade, tornando-a padroeira do município.

A cidade cresceu. Imigrantes italianos e africanos vieram para alavancar sua produção agrícola e trabalharem nas lavouras. Com a prosperidade econômica da cidade, houve um aumento exacerbado da população vinda de outros Estados. Com esses novos moradores, outras práticas de fé também apareceram, criando uma diversificação de crenças.

José Alberto Gimenez, atual prefeito da cidade, inseriu nos uniformes das escolas públicas municipais o brasão da cidade que contém o símbolo da santa que representa a fé católica, o que gerou descontentamento e desconforto por parte da população, pois fere o ideal religioso de muitos. Alguns alunos não aceitaram usar a camiseta com um símbolo que não condiz com sua religião, por isso pintaram a imagem para que pudessem continuar vestindo o uniforme, uma vez que é cedido pela prefeitura e de uso obrigatório.

O ensino nas nossas escolas públicas brasileiras é laico. O artigo 5º, inciso VI da Constituição Federal Brasileira prega a liberdade de consciência e de crença. Há símbolos de fé em alguns pontos da cidade, como o Cristo Redentor, e bem próximo ao pórtico de entrada da cidade, um símbolo maçônico, entre outros. A tentativa de impor uma religião gera a intolerância religiosa, causando conflitos entre populações e até mesmo entre países.



A prática de fé de cada grupo deve ser respeitada. Não se deve utilizar a imposição de determinada crença. Em um país democrático, a população tem o poder de escolher assistir às Olimpíadas, à Copa do Mundo, à novela do horário nobre ou ler um livro. Por que crianças e adolescentes são obrigados a vestir um uniforme que faz apologia ou até mesmo propaganda de uma religião que não seja a sua?

Os direitos de cada indivíduo devem ser preservados. Assim o poder público deve se manifestar de forma que garanta a liberdade de cada um, da mesma forma que os espíritas não querem impor o busto de Allan Kardec em evidência na entrada da cidade, e os cristãos protestantes uma cruz vazia na praça central, também não querem a imposição de outra religião sobre eles.

Enfim, antes que a intolerância comece a reinar, devemos pensar que há lugar para os espíritas, testemunhas de Jeová, mórmons, candomblecistas e outras tantas manifestações religiosas e de devoção, mas o respeito deve ser maior que tudo isso. Como dizia um sobrevivente do holocausto, Viktor Frankl: “Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida”.

Professora: Francini Verro Carvalho  
Escola: E. E. Professora Edith Silveira Dalmaso – Sertãozinho (SP)

## Exploração ou tradição?

Aluno: Mauro Marques Canhão Filho


Há muitos anos que as charretes, carroças, entre outros veículos de tração animal, são utilizados para transporte de carga e de pessoas, ou seja, há anos animais indefesos são obrigados a trabalhar sob quaisquer condições climáticas, em jornadas de trabalho abusivas, sem os devidos cuidados, e principalmente, sem uma fiscalização efetiva.

Em Poços de Caldas, os passeios de charrete são uma tradição há mais de noventa anos e dividem opiniões entre os moradores e turistas. Segundo a legislação de atividade das charretes, cada charreteiro deve ter no mínimo três cavalos, para que cada um trabalhe um dia e descanse dois. No entanto, uma notícia veiculada na imprensa em 2012, aponta uma realidade um tanto diferente. Um cavalo de doze anos caiu na rua enquanto voltava para casa, após um dia de trabalho. Um laudo veterinário mostrou que a causa era estafa, o diagnóstico clínico da medicina veterinária da PUC-Poços, apontou que de setenta cavalos utilizados nas charretes, 38% não tinham condições de trabalhar, devido à fadiga muscular e esquelética.

Fotos e descrições do acontecido, viralizaram na internet, e a grande repercussão levou o caso ao conhecimento da prefeitura, que estabeleceu novos termos para o uso da tração animal em passeios turísticos. Contudo, isso voltou a ocorrer em 2014, atraindo a atenção da grande imprensa. Esse fato nos faz questionar a eficiência da fiscalização da prefeitura, tendo em vista que os casos noticiados não são os únicos que aconteceram na cidade.

As charretes são a principal fonte de renda de mais de cinquenta famílias, e quem as defende acredita que a proibição deixaria todas essas famílias desamparadas. Os turistas, que defendem a atividade, vêm isso apenas como atração turística e não enxergam a real situação por trás das charretes. Mas, por que não modernizar o transporte turístico?

Esse tipo de transporte move a economia local. Segundo a matéria publicada pelo G1, as charretes levam turistas até as lojas de chocolate, cristais e malharias. Essas paradas fazem parte da fonte de renda dos charreteiros, pois eles recebem uma porcentagem do valor total dos gastos de seu cliente nos devidos estabelecimentos. Mesmo com a indignação de alguns as charretes continuam a rodar sem a devida fiscalização, pois beneficiam pessoas influentes na economia e na política da cidade.



É importante ressaltar que apesar da lei que regulamenta a atividade na cidade limitar o número de passageiros a bordo de cada charrete a quatro pessoas, incluindo o condutor, na maioria das vezes elas estão com 5 ou mais pessoas. O descaso da prefeitura em fiscalizar se mostra ainda mais evidente quando comparamos o número de denúncias ao número de vezes em que os infratores foram punidos.

A cidade deveria modernizar-se e abrir as portas para novos empreendimentos na área de turismo, por exemplo, os *tuk-tuks*, triciclos motorizados. Houve uma tentativa de modernização no fim de 2015, contudo, a falta de apoio da prefeitura e a forte oposição dos charreteiros, tornou o empreendimento inviável.

Podemos concluir que a questão das charretes em Poços de Caldas trata-se na verdade de uma relação de interesses, em que os beneficiados usam de sua influência para que o ciclo do lucro não pare de rodar. Mas, o *tuk-tuk* não poderia participar desse ciclo? As evidências mostram que não. As leis criadas para seu uso na cidade eram tão restritivas e fiscalizadas que os impedia de realizar seus serviços com o lucro necessário para manter-se. Conclusão, a empresa fechou em poucos meses, para que dessa forma, a exploração animal continuasse a ser praticada.

Sendo assim, fica evidente a indignação seletiva praticada na cidade. Em cidades como Rio de Janeiro e Curitiba, a tração animal já é proibida por lei. Por que Poços de Caldas continua investindo no retrocesso? Segundo Maquiavel, em sua obra mais famosa, *O príncipe*, “os fins justificam os meios”, e nesse caso, põe em risco a vida de diversos animais indefesos. Será que vale a pena? Seriam essas as consequências de ter uma cidade onde poucos controlam a maior parte do poder político e financeiro? Seja qual for a explicação para esse insistente erro, cabe à população saber escolher aqueles que a representará na hora de tomar decisões como essa e impedir que mais animais se machuquem nessa busca incessante pelo lucro.

Professora: Larissa Cristina Arruda de Oliveira Benedini  
Escola: Instituto Federal Sul de Minas – Poços de Caldas (MG)

## Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais?

Aluna: Bruna Rabuske Limberger

A cidade em que vivo, Pantano Grande, é o retrato fiel de qualquer obra de Erico Verissimo. Trata-se de um lugar que vivencia a cultura gaúcha enraizada, como em outras cidades do Rio Grande do Sul. Tradição e costumes são passados de geração para geração, como o chimarrão, o churrasco e o rodeio, que retratam o dia a dia do homem do campo que vive nas estâncias.


Os animais possuem grande importância para o âmbito cultural do meu município, é comum ver as pessoas a cavalo pelas ruas pantanenses. Há uma forte relação entre o gaúcho, o cavalo e o gado. No entanto, qual o legado dos Rodeios crioulos: o cultivo da cultura tradicionalista gaúcha ou – nos bastidores – os maus tratos aos animais?

Ocorrem, anualmente, no mínimo três Rodeios crioulos que fomentam a economia local, com o comércio de alimentos, de animais, de roupas típicas e de acessórios para rodeios.

Oportunizam, ainda, o encontro de pessoas que têm nos rodeios uma opção de lazer, sendo os animais seus coadjuvantes.

Sou gaúcha e tenho orgulho da minha cultura, mas não concordo com as provas campeiras, pelos evidentes maus tratos que sofrem os animais. Até porque compartilho da mesma opinião de Charles Darwin: “[...] os animais, como os homens, demonstram sentir prazer, dor, felicidade e sofrimento”. E também da Declaração de Curitiba, a qual infere: “[...] os animais não humanos não são objetos. Eles são seres sencientes. Consequentemente, não devem ser tratados como coisas”. Observo, que as práticas realizadas nos rodeios prejudicam o animal, e todo esse sofrimento serve apenas para demonstrar a coragem do gaúcho ao laçar o animal que acaba subjugado por aquele que deveria protegê-lo: o homem.

Para muitos trabalhadores rurais, entretanto, os Rodeios crioulos são o único meio de diversão, sendo eles laçadores ou espectadores. De acordo com o médico veterinário Claudio Rocha, “os rodeios fazem parte da cultura e da tradição do nosso Estado [...]”. Revela, ainda, que “maus tratos quando ocorrem são muito pontuais e estão relacionados à pequena quantidade de gado que não condiz com o número de laçadores”.



Embora esses maus tratos sejam pontuais para Rocha, foram estes que levaram à proibição de Rodeios Crioulos em algumas cidades do Brasil. Dessas, 28 foram vetadas devido a irregularidades no trato com os animais, como a Lei Municipal de Guarulhos, nº 6.033/2004. Outros 20 municípios restringiram, judicialmente, o uso de instrumentos que possam ferir os animais, como esporas com rosetas pontiagudas. Ademais, em 2011, no Rodeio de Barretos, um bezerro acabou morto, o que apenas comprova o tratamento que muitas vezes os animais recebem.

Similar aos rodeios, há as rinhas de galo e as vaquejadas que ocorrem em outros Estados do Brasil, como manifestação cultural. Além das famosas touradas na Espanha, nas quais se mata o touro como ato de coragem, mas que já estão proibidas na Catalunha, ou seja, alguns espanhóis não concordam com essa crueldade.

Preservar os princípios culturais que ficaram marcados na história do Rio Grande do Sul é indispensável para muitos gaúchos, como para Alcione Barros, organizador de rodeios. Segundo ele, “hoje nós estamos dando seguimento aos nossos antepassados, pois já nas charqueadas se pegava o gado para o abate a laço [...] terra que foi marcada pela pata do cavalo farrapo”.

Acredito, contudo, que algumas tradições devem ser cultivadas, mas é necessário acompanhar a evolução da sociedade, como Barros disse, laçava-se o gado para o abate, e nestes rodeios, os animais são laçados por diversão e pelos prêmios, até porque há quem faça disso uma profissão.

Creio que devêssemos rever certas posturas, pois de acordo com o poeta francês Victor Hugo: “Primeiro foi necessário civilizar o homem em relação ao próprio homem; agora é necessário civilizar o homem em relação à natureza e aos animais”.

Outros costumes, portanto, podem ser incentivados em Pantano Grande, como festivais de canção nativa e rodeios artísticos. Assim, a riqueza dos pampas, seu legado cultural e o orgulho de ser gaúcho continuarão a ser passados através das gerações.

Professora: Caroline Pinto Salgueiro

Escola: E. E. B. Pedro Nunes de Oliveira – Pantano Grande (RS)

## Poço de incertezas

Aluno: Antônio Carlos da Silva

Localizado no noroeste do Espírito Santo, com uma população de aproximadamente 12.000 habitantes, Governador Lindenberg – como qualquer outra cidade do interior – apresenta virtudes e desafios.

A base econômica do município está, em sua grande parte, na monocultura do café conilon que, nos últimos anos, proporcionou melhoria significativa na vida das famílias camponesas e da população em geral. Todavia, um fato tem transformado a vida e a paisagem local. A seca que se abateu sobre a região, há mais de dois anos, tirou a tranquilidade dos agricultores e acarretou enormes prejuízos, tanto para quem cultiva a terra, quanto para todo o município.

A seca não é novidade no país nem tampouco para a nossa região. O problema é que não estávamos preparados para um longo período de estiagem. E como a irrigação das lavouras é fator determinante para a produção, a falta de água provocou angústia e desespero nos trabalhadores rurais que enxergaram na perfuração de poços artesanais para captação de água – feita sem nenhum critério técnico – uma saída para salvar as lavouras e garantir parte da produção.

Segundo um estudo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), muitos casos de câncer de estômago e de esôfago estão associados ao consumo de nitrato proveniente da água de poços artesanais, bem como a presença de coliformes que causam diarreias e até mesmo a hepatite A. É preciso considerar que a precária fiscalização dessas perfurações e a falta de análise da água captada, eventualmente, podem colocar em risco a saúde das pessoas que utilizam essa água.

Sabemos que a perfuração de poços artesanais para o consumo humano e animal é permitido por lei, dentro das normas técnicas. Entretanto, a estiagem que vivemos atualmente, provocou uma corrida desesperada na perfuração de novos poços com o propósito de irrigar as lavouras de café, com o qual não concordo.

De acordo com o agrônomo Jair Toso, do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), qualquer perfuração no solo para captar água causa danos ao lençol freático, sobretudo, num longo período sem chuvas, como temos enfrentado, ressecando ainda mais o solo.

Os agricultores que perfuraram ou que estão perfurando poços argumentam ser a única saída para manter vivas as lavouras, garantir alguma produção e diminuir os prejuízos acumulados. Penso que não se pode resolver um problema criando outro, uma vez que tal atitude tem agravado ainda mais o problema da seca.

Não obstante as consequências advindas desses poços, há uma necessidade constante de aprofundá-los ainda mais para encontrar água. Segundo o mesmo agrônomo, a perfuração de poços profundos carece de estudos para saber os reais impactos. Eles existem e prejudicam, com toda certeza, o ambiente local. Ademais, a perfuração de poços profundos demanda alto custo, o que é inviável para a maioria dos agricultores da região. Se por um lado esses poços beneficiam uma minoria; por outro, aumentam as distâncias sociais. Ao que tudo indica, a crise hídrica e suas consequências que tanto tem prejudicado o nosso povo está longe de se acabar.

Finalmente, a perfuração desenfreada de poços artesianos não resolverá os problemas da nossa agricultura, visto que já se instalou a crise hídrica em nossa região. Assim, a execução de projetos como a recuperação de nascentes, o reflorestamento de encostas, a construção de barragens e a diversificação nas lavouras aliados ao uso racional da água, principalmente nas lavouras de café, poderá amenizar os efeitos da seca. Por certo que também com paciência, sacrifício e trabalho consciente de toda a população, as gerações do presente e do futuro sempre se orgulharão de pertencer a este município – Governador Lindenberg –, que escolhemos para construir nossa história.

Professor: Edson Marianelli Romanha

Escola: E. E. E. F. M. Irineu Morello – Governador Lindenberg (ES)

# Complexo arqueológico picuiense: um passado ameaçado

Aluna: Josseane Fátima de Lima

Picuí é uma típica cidade do interior do Brasil. Pacata, localiza-se no Seridó Paraibano, com a colonização marcada pelo avanço da pecuária sobre os grupos nativos a partir de 1704. Durante o século XX, foi conhecida pela exploração mineral e atualmente como a Terra da Carne de Sol. Contudo, o município possui um complexo arqueológico formado por treze sítios que é uma potência mais forte que as citadas, mas permanece em inatividade, seja pela falta de ações governamentais, seja pela falta de iniciativa e valorização da população, relegando esses sítios à degradação, natural ou antrópica. Por que os picuienses fecham os olhos diante de tão expressivo patrimônio que poderia contribuir para o desenvolvimento turístico da cidade?

Os sítios arqueológicos de Picuí reúnem vestígios de um passado antiquíssimo. Neles, podem ser encontradas inscrições rupestres, ferramentas líticas ou cerâmicas, caracterizando-se como alguns dos mais importantes da Paraíba, aproximando-se à Pedra do Ingá, o sítio arqueológico mais visitado no Estado. Aqui, compõem, portanto, um patrimônio histórico e cultural imensurável, capaz de permitir às atuais e futuras gerações conhecer a história de seus antepassados e, assim, reconhecer-se, explicar sua evolução, contribuindo para a construção da identidade local. Porém, devido à insuficiência de ações de proteção e preservação, a ação antrópica está colocando em risco este acervo através de várias atividades exploratórias, como a atuação de pedreiras de exploração e extração de minérios.

Apesar da existência da Lei Federal nº 3.924/1961 e da Lei Municipal nº 1.545/2013 – ainda sem regulamentação –, que visam à proteção do patrimônio histórico-cultural, no caso dos sítios picuienses, penso que seu alcance tem se mostrado ainda tímido para de fato proteger e conservar os registros de nossos antepassados. Como a identidade de um povo se constrói a partir de sua história, é imprescindível empreender ações mais eficazes que visem à preservação dos sítios arqueológicos de Picuí como forma de identificar a origem de nosso povo e seus traços culturais. Além disso, é uma atitude de





respeito às primeiras comunidades que ocuparam a região do Seridó da Paraíba. Mas se esses sítios continuarem desprotegidos, como garantir que as gerações futuras possam conhecer suas origens?

*A priori*, a preservação não é uma tarefa fácil, ao considerar que parte da comunidade rural vive da exploração das rochas que formam os sítios, enquanto as demais não têm ou têm pouco conhecimento de sua existência. As pedreiras podem gerar empregos temporários, mas causam um prejuízo sócio-histórico-cultural incalculável. Qual seria então uma alternativa capaz de gerar emprego, renda e manter protegido o patrimônio cultural da humanidade em Picuí?

Penso que o turismo arqueológico é uma alternativa viável. Para tanto, a comunidade precisa provocar os órgãos responsáveis, como o Iphan, e, simultaneamente, intensificar a fiscalização para proteger as áreas arqueológicas. Na educação, é preciso definir conteúdos para escolas, bem como formar jovens-guias para atuar na visita aos sítios. Nas comunidades, poderão ser criadas trilhas de visita e reconhecimento dos registros históricos, pequenos museus para receber os visitantes, onde poderão encontrar não só o registro da história ali presente, mas também peças artesanais confeccionadas pelos artesãos locais, gerando assim uma atividade rentável para manutenção dos serviços ali oferecidos. É preciso criar também uma rede de assistência ao turista na cidade, pois o turismo arqueológico ainda poderá movimentar hotéis, restaurantes e o comércio local.

Em suma, é preciso compreender que ter a oportunidade de conhecer de perto a vida dos seus antepassados e reconstruir a história e os costumes dos povos antigos é um privilégio de poucas cidades no mundo moderno. Em contrapartida, manter tal privilégio exige que toda a comunidade local esteja envolvida no propósito de valorizar e preservar seu patrimônio histórico e cultural, pois no momento em que não se preserva um sítio arqueológico, está sendo desconstruída a própria identidade do povo.

Professora: Renata Santos Silva  
Escola: E. E. F. M. Professor Lordão – Picuí (PB)

## A necessidade pede carona

Aluna: Elislaine Patrícia dos Santos

Preguiçosamente esticada sob o sol do Vale do Rio Doce, encontra-se Guanhães, cidade bela e hospitaleira, rodeada por verdes montanhas, premiada com rios, lagos e cachoeiras e dona de natureza preservada, onde ainda se encontram animais selvagens como lobo-guará, tamanduás e jaguatiricas. Com clima ameno, ruas arborizadas e limpas, culinária irresistível e povo simpático e sorridente, Guanhães acabou por merecer o título de Princesinha do Leste Mineiro. Faço parte da população de 31.000 habitantes e nossa maior fonte de renda é o comércio. Entretanto, em meio a tanta beleza, alguns problemas que afetam todo o Brasil também nos afetam, por exemplo, a questão da ineficiência do transporte público.

Atualmente uma grande polêmica vem dividindo a população: a proibição da carona no transporte escolar regularizado pela Lei nº 2.915/2011. Essa é uma questão que afeta principalmente os moradores da zona rural já que eles, por morarem em locais distantes e de difícil acesso, não são atendidos pelo transporte coletivo e acabam usando o transporte escolar não por escolha, mas por necessidade.

A prefeitura recebeu relatos e reclamações envolvendo pessoas que pegam carona nos ônibus escolares e, além de ocuparem os lugares destinados aos estudantes, ainda ocupam outras cadeiras transportando bagagens, compras e até mesmo produtos nocivos à saúde. Mesmo sabendo desse risco e conhecendo a lei, os motoristas ainda levam caroneiros, arriscando-se a perder seu emprego, fazem isso

por saberem que muitos moradores da zona rural são carentes e não possuem outro meio de transporte além do escolar. Como exemplo, cita-se o senhor Geraldo do Zico, pai de doze filhos, mora a 30 quilômetros do centro urbano mais próximo, por se tratar de local de difícil acesso, ele não é atendido pelo transporte coletivo nem possui veículo próprio, sendo assim, precisa do transporte escolar para ir ao médico, fazer compras, receber o benefício do Bolsa Família, entre outras necessidades. Outro bom exemplo é o da senhora Mércia Drumond, moradora na comunidade da Penhora, que fica a 26 quilômetros do distrito onde ela trabalha, ela utiliza o transporte escolar diariamente, pois se fosse pagar um táxi para ir e voltar todos os dias, seu salário seria insuficiente. Como eles, muitos outros moradores da zona rural encontram-se dependentes do transporte escolar como única opção de locomoção.

Ciente da situação, o secretário municipal de Transporte, Luis Cláudio, alega que todo município pode rever a própria lei de transporte escolar, porém, ele é a favor da proibição da carona porque os carros usados no transporte escolar são de uso exclusivo dos alunos, além disso, os caroneiros podem trazer riscos à segurança das crianças, pois nunca se sabe quem está entrando no ônibus. Essa é uma posição questionável, os moradores que usam o transporte escolar são pessoas simples cujo o objetivo não é prejudicar os alunos, mas ajudar a si mesmos.

Creio que a melhor alternativa para resolver o problema seria a criação de um projeto de lei que garantisse transporte coletivo, com qualidade e preços acessíveis, à população rural. Enquanto isso não ocorrer, serei a favor da carona no transporte público escolar, pois, é desumano agir assim em relação à população trabalhadora. Não se pode retirar uma alternativa sem oferecer outra em troca. As pessoas precisam trabalhar, ir ao médico e fazer compras, portanto, é justo que, enquanto a situação não for resolvida, a população rural possa utilizar as cadeiras vazias no transporte escolar. Todos somos eleitores, pagamos impostos, temos nossos direitos e contribuimos para o desenvolvimento da cidade, sendo assim, devemos ser tratados com humanidade.

Professora: Danúbia da Costa Teixeira  
Escola: E. E. Alberto Caldeira – Guanhães (MG)

## Um preço a se pagar

Aluno: Júlio Gonçalves de Sousa


Moro em uma pequena cidade localizada no Estado do Pará, ela é pacata sem grandes repercussões, típica de interior. Sua população há sete anos não passava de 11.000 habitantes. Todavia, no ano de 2009, com a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, tornou-se alvo dos olhares da mídia nacional e internacional, alterando assim suas condições habituais.

Vitória do Xingu ganhou destaque por ser a cidade sede da quarta maior usina hidrelétrica do planeta, a Usina Hidrelétrica (UHE) de Belo Monte. A partir daquele ano esse município passou por grandes transformações, tanto em seu território como em relação à população. Desde então os habitantes desta cidade e dos arredores, dividiram-se entre os que eram favoráveis à construção, pois acreditavam que os benefícios seriam superiores em relação aos danos, e os que, assim como eu éramos e somos contrários, porque entendíamos e entendemos que o impacto socioambiental seria mais negativo que positivo.

A Norte Energia – empresa responsável pela execução e operação da usina –, sempre defendeu a construção como alternativa para amenizar a crise energética pela qual nosso país passa. Porém, vejo que há meios menos degradantes para geração de energia, como a eólica e a solar. Seria a preservação da vida irrelevante comparada ao nosso conforto? Creio que não.

De início, para que o projeto da Usina de Belo Monte fosse aprovado foram apresentadas propostas pela Norte Energia, entre elas a oferta de emprego, que atraiu grande número de trabalhadores. Além disso, essa empresa comprometeu-se em “preparar” a cidade para receber um grande contingente de pessoas vindas de todas as partes do Brasil e proporcionar melhoria de vida para os moradores locais, o que não ocorreu. Por isso, presenciamos, hoje, realidades antes distantes daqui, como prostituição, tráfico, roubos e homicídios.

Entre as promessas feitas estão as consideradas mitigatórias, como construções de escolas, hospitais, saneamento básico e a preservação de identidades culturais por meio das casas de memórias. No entanto, pouco do que se prometeu foi cumprido. A cidade continua pequena para a demanda de pessoas, não houve nenhum projeto de habitação, o que resultou no surgimento de invasões desordenadas às propriedades particulares no entorno da cidade. Mas isso é mínimo diante da destruição ambiental causada pela construção da megaobra. Segundo Dom Erwin Krautler, bispo da prelazia do Xingu,



os responsáveis pela construção da hidrelétrica não cumpriram com as 54 condicionantes instituídas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e pela Fundação Nacional do Índio (Funai), o que para ele é um absurdo, diante dos impactos causados, afirmando que “essa construção foi um monumento à insanidade e um golpe no coração da Amazônia”.

Vivenciamos o que outras cidades que sediaram construções de hidrelétricas já viveram. Um exemplo bem próximo é o da cidade de Tucuruí, também localizada aqui no Estado do Pará, que teve parte da população, incluindo grandes proprietários de terras do vale do Caraiapé e tribos indígenas, como a Parakanã, indenizadas; todavia, a tribo Gavião da Montanha e toda a população jusante, não foram indenizadas.

Atualmente a população vitoriense é de aproximadamente 22.000 pessoas, em grande parte descontente e revoltada, pois não houve investimentos para gerar os empregos e rendas anunciados. Se não bastasse, o rio Xingu foi afetado, prejudicando assim a reprodução dos peixes, quelônios e outros animais que vivem nele, atingindo também diretamente os moradores que dependem da pesca. De acordo com a reportagem exibida no *Jornal Nacional* da rede Globo, toneladas de peixes mortos foram encontradas ao longo do rio Xingu, por causa da contaminação da água, provocando a extinção de espécies que só existiam aqui.

Para mim, as propostas de desenvolvimento e melhoria de vida serviram apenas para ludibriar a população sobre algo grande e maravilhoso, um “el dourado” invertido com “inesperados” impactos, que se tornaram um preço alto a se pagar.

Afirmo, assim, que o desejado progresso foi uma ilusão, e a destruição com a qual convivemos hoje é algo bem mais real.

Professora: Ana Cláudia Fortunato da Silva  
Escola: E. E. M. Padre Eurico – Vitória do Xingu (PA)

## Meu lugar: terra de “brancos”, terra de índios

Aluna: Maria Lohanna Daniel da Silva

O lugar onde vivo é uma cidade localizada no interior do Estado do Acre, com aproximadamente 40.000 habitantes. É conhecida como “Terra do açai” ou “Princesinha do Juruá”, minha querida Feijó. Recentemente vivenciamos um fato inusitado e, ao mesmo tempo, de enorme relevância cultural: após mais de quinhentos anos, índios da fronteira do Brasil com o Peru buscaram contato com aldeias próximas à cidade de Feijó, pedindo, com esse gesto, socorro em virtude das constantes ameaças que estão sofrendo pela ação de madeireiros e de outros exploradores de recursos naturais.

Ao longo da história do Brasil, o contato dos indígenas com o homem branco foi desastroso, pois etnias inteiras foram dizimadas, vítimas de infecções por doenças desconhecidas ou pelo extermínio deliberado. No Acre, as “correrias” – episódios organizados pelos seringalistas que reuniam até cinquenta homens armados para atacar as aldeias, matavam os líderes, escravizavam vários índios e cooptavam as índias para servirem de mulheres no seringal – foram responsáveis pela morte ou fuga de muitos para o interior das florestas para não serem capturados.

O contato feito recentemente em Feijó é de extrema relevância para a política indigenista que, mesmo se equivocando em algumas situações, tem avançado na proteção e defesa dos direitos indígenas, e mobilizou, não somente a Fundação Nacional do Índio (Funai) como a comunidade local e o sertanista Sidney Possuelo, que sustentaram, em torno do ocorrido, posições antagônicas quanto a “manter ou não manter contato com esses índios”.

A Funai, que tem como uma de suas principais ações garantir aos povos isolados o pleno exercício de sua liberdade e atividades tradicionais, ao permitir e manter contato com estes, agiu em desacordo com o disposto no artigo 231 da Constituição Federal que assegura a proteção sem necessidade de contato. Ao submetê-los ao contato com pessoas estranhas ao seu grupo, expondo-os ao risco de contrair doenças como sarampo, gripe, entre outras.

A maioria da população local manifestou certo medo, que já se nutria na cidade, e se posicionou contrária a qualquer possibilidade de contato, ou seja, devem continuar isolados. Por outro lado, Sidney Possuelo se preocupa com a integridade física e cultural dos índios arredios e rechaça qualquer tipo de contato com eles. Segundo ele, provocariam doenças, mais mortes e como consequência disso, a dizimação desse povo ou de qualquer outro sem contato.

Toda essa polêmica em torno desse acontecimento deve-se ao fato de que, em pleno século XXI, ainda existam comunidades sem contato com a “civilização” e isso causa estranheza, pois a sociedade não está preparada para lidar com esse tipo de situação, mesmo existindo um órgão indigenista responsável para intermediar, mas que ainda não tem plenitude de suas ações no trato com questões dessa magnitude.

Penso que se foi decisão manter o isolamento, ela deve ser respeitada. O Estado tem de garantir a segurança e a sobrevivência desses povos, uma vez que estão vulneráveis a ação predatória de grupos madeireiros e garimpeiros, que não medem as consequências de seus atos. Estes não atingem apenas três índios (protagonistas do contato), mas povos resistentes por inteiro. Cabe ao Estado, com o aparato legal, assegurar a demarcação e proteção de territórios por meio de suas instituições protetoras, reguladoras e fiscalizadoras, além de fortalecer o diálogo com os países fronteiriços.

Portanto, embasados no que foi discorrido, como acreanos, por escolha somos brasileiros, independente das consequências políticas, prezamos pela liberdade de expressão, temos o dever de não apenas respeitar, mas assegurar a estes povos o direito à vida em toda sua plenitude, não nos esquecendo que foram eles os primeiros habitantes deste país, e como qualquer outro, são cidadãos. No mais, acolher e nos solidarizar com estes nativos demonstrará, mais uma vez, a grandeza de um povo que sabe reconhecer e valorizar a diversidade étnica e cultural do nossa nação.

Professora: Maria Geane Aguiar dos Santos Fernandes  
Escola: E. F. José Gurgel Rabelo – Feijó (AC)

## Liberdade ou censura?

Aluna: Natália Samara Nobre

Localizada no agreste alagoano, a cidade de Arapiraca, conhecida como “Terra do fumo”, tem mostrado notável desenvolvimento econômico, com destaque para o setor de serviços, chegando, até mesmo, a liderar o *ranking* de saldo positivo de vagas de emprego, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Por apresentar esse progresso econômico, poder-se-ia inferir que a mentalidade do povo seria igualmente progressista, certo? Errado. Uma onda conservadora vem se alastrando pelo Estado de Alagoas e igualmente pelo município.

Trata-se do Projeto de Lei Escola Livre, recentemente aprovado pelos deputados estaduais de Alagoas, que proíbe a prática de doutrinação política e ideológica em sala de aula, propondo a neutralidade dos educadores. O projeto tem sido palco de debate acerca dos rumos da educação alagoana, gerando polarização da população. De um lado, integrantes do Movimento Brasil Livre e de religiosos, que são a favor do projeto e acreditam que a lei levará os professores a falar de várias correntes políticas e religiosas sem favorecimentos. De outro, educadores, estudiosos e alunos temem a censura no ambiente escolar.

Devo confessar, caro leitor, que a proposta do projeto de lei é aparentemente simpática porque a ideia de o docente buscar neutralidade política e ideológica, fomentar o pluralismo de ideias ou até mesmo transmitir conteúdos que não entrem em conflito com as convicções morais das famílias, não demonstra ser maléfica. Por isso, o projeto em discussão agrada a diversos segmentos da sociedade arapiraquense, numa cidade onde o tradicionalismo cristão é predominante. Entretanto, sob o véu da pluralidade e da neutralidade, há a intenção de impossibilitar o exercício pleno da atividade docente.

Ora, como é possível todos os conhecimentos confluírem com os costumes dos alunos? Vamos considerar uma aula de biologia, em que o professor abordará o evolucionismo de Darwin. Essa teoria diverge de muitas doutrinas religiosas, logo não há como assegurar que não entrará em conflito com as convicções religiosas dos responsáveis pelos alunos.



Seria possível neutralidade na educação? Em *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire afirma que é impossível. A educação não vira política por causa de um ou de outro educador. Ela é política. Pensar numa educação neutra pode parecer atraente, mas é preciso considerar que alunos e professores apresentam pluralidade de pensamentos.

A prática do Projeto de Lei Escola Livre impulsionará uma restrição no aprendizado, o que é bastante preocupante, visto que Arapiraca, segundo o IBGE, apresenta péssimos indicadores sociais e a escola é o ambiente mais adequado para a promoção de mudanças na realidade local. Ao discutir questões políticas, os estudantes desenvolverão um pensamento crítico a respeito do cenário político do município, que ainda apresenta resquícios do tradicional coronelismo.

Segundo o projeto de lei, o educando é parte vulnerável na relação ensino-aprendizagem, e o professor não deve abusar “da inexperiência, da falta de conhecimento ou da imaturidade dos alunos”. Ao que tudo indica, o projeto considera os estudantes folhas em branco. Ora, isso é bastante contraditório, especialmente no mundo tecnológico onde a informação é transmitida de forma viral. Assim, a construção da visão de mundo dos educandos arapiraquenses não se resume ao contexto escolar.

Não sou especialista em educação, mas, enquanto estudante, esse projeto de lei me preocupa, pois parece inviabilizar discussões pertinentes ao ambiente escolar, que muito enriquecem minha formação e certamente faltarão às futuras gerações de estudantes de Arapiraca. Dessa forma, o professor tornar-se-á um mero instrutor de conteúdos. Estamos retrocedendo?

Portanto, o propósito é nítido: transformar as escolas em um ambiente similar ao de um tribunal. O que implicará diretamente na redução de críticas contundentes a respeito da conjuntura política do nosso município. Tal ambiente é contraproducente ao papel da educação de formar e transformar os sujeitos, tornando-os autônomos e capazes de utilizar os conhecimentos obtidos nas aulas como instrumento modificador do lugar onde vivemos.

Professora: Sandra Araujo Lima Cavalcante

Escola: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Alagoas – Campus Arapiraca – Arapiraca (AL)

## Horto: portas abertas para quem?

Aluna: Larissa de Moraes Cardoso

No aniversário de Assis, 1º de julho, foi anunciado ao povo assisense, pelo *site* informativo *Assis News*, a pretensão de o governo do Estado de São Paulo fazer a concessão à iniciativa privada do Horto Florestal, acompanhado de mais 24 parques paulistas. De acordo com a Lei nº 16.260/2016, a intenção é a melhoria da infraestrutura, conservação e proteção da biodiversidade das unidades mencionadas. Muitos acham que a medida é positiva. Mas será que realmente o projeto trará benefícios ao Horto e à população?

Há alguns anos, o parque foi fechado com a justificativa de que faltavam meios para receber a população, que o frequentava por lazer e diversão nos dias de folga, como meus familiares, anos atrás. Desde então, tem sido usado apenas para pesquisas e plantio de árvores, com a finalidade de explorar a madeira e extrair a resina, de forma sustentável, conforme nos informa o *site* <[iflorestal.sp.gov.br](http://iflorestal.sp.gov.br)> .

Por muito tempo, desejamos a reabertura do Horto como espaço de entretenimento e, recentemente, foi apresentada ao povo essa notícia, porém com a condição de “privatização”, ou melhor, concessão.

É difícil haver confiança de que, supostamente, parte do lucro arrecadado será revertida para o parque ou que a exploração do meio ambiente não será prejudicial. Devemos confiar em uma lei que, aparentemente, se diz benéfica, num contexto em que outras tantas, mesmo com a promessa de serem cumpridas, demonstram exatamente o contrário? Segundo a coordenadora do projeto Vale do Ribeira, do Instituto Socioambiental (ISA), Raquel Pasinato, o projeto possui vários problemas: “A empresa vai ganhar com o serviço, fazer obras no parque e, ainda, quando sair, vai ter de ser indenizada pelo Estado. Vai ganhar duas vezes”, ressaltou.

Em contrapartida, a mesma Lei nº 16.260/2016, que autoriza a Fazenda do Estado a conceder a exploração de serviços ou o uso, total ou parcial, de áreas em próprios estaduais, possui, teoricamente, objetivos positivos. Conforme o artigo 2º, alguns propósitos nos são indicados, como a conservação da diversidade biológica, proteção das espécies ameaçadas de extinção, exploração do potencial ecoturístico e comercial sustentável. No entanto, até que ponto essa “exploração sustentável” nos assegura que a extração madeireira, por exemplo, não prejudicará o ecossistema da região? E quanto à possibilidade do desgaste do solo? Parece contraditório um investimento com base na conservação, se haverá exploração de madeira e de subprodutos no local. Nessa circunstância, as palavras “conservação” e “exploração” parecem ser antônimas.

Diante da discussão apresentada, penso que a raiz do problema não reside na “privatização”, mas na condução irresponsável de ações que degradem o meio ambiente em prol do lucro de algumas empresas e não asseguram o acesso da população ao local como espaço de lazer. Seria plausível que realmente houvesse responsabilidade no desenvolver do projeto, como reflorestamento, acompanhado de suporte técnico, de maneira a garantir a conservação do espaço e o emprego correto dos recursos financeiros. Além disso, é indispensável garantir que as portas do Horto sejam abertas para todos e não apenas para os que visam benefícios pessoais.

Professora: Telma Aparecida Luciano  
Escola: E. E. Professora Leny Barros da Silva – Assis (SP)

## A semente do ouro

Aluno: José Augusto Somavilla

“Nas encostas do rio, esperança, um novo lugar para se viver”. Assim diz o hino de Jacuizinho, município localizado a Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e banhado pelo rio que o nomeia, cujas águas além da fertilidade, trazem inúmeras histórias. Uma dessas histórias é de luta e foi protagonizada pelos Monges Barbudos, messiânicos que enunciavam a igualdade e a preservação ambiental, alertavam que a vida vale mais que o dinheiro e eram contrários à cultura da soja, chamada por eles de “semente do ouro”, por trazer degradação ambiental e prejuízos à saúde.

Em 1930, os Monges foram exterminados em um triste episódio que ficou conhecido como “Massacre do Fundão”. Seus ensinamentos e alertas foram completamente soterrados e a soja foi tornando-se gradativamente a maior cultura do município, sobretudo, a partir de 1960. Contudo, hoje, transcorrido mais de meio século desde a primeira safra, são visíveis os benefícios trazidos pela semente. Grande percentual do PIB municipal é proveniente dos impostos relativos ao produto, possibilitando a oferta de serviços básicos de qualidade aos munícipes, como saúde, educação, habitação, assistência social e outros.

Isso faz que os prefeitos, até o momento, também produtores de soja, e a população acreditem piamente que o grão é sinônimo de avanços. Porém, a meu ver, certos estavam os Monges: a soja traz rentabilidade, mas os prejuízos são superiores aos lucros obtidos.

Por exigir altos investimentos em infraestrutura, essa cultura tornou-se privilégio dos grandes agricultores, os quais, para aumentar a produtividade, foram expandindo seus domínios. Dessa forma, hoje o maior percentual das terras jacuizinhenses está concentrado nas mãos de um seletivo grupo de latifundiários.

Com pouco incentivo à agricultura familiar e à policultura, os pequenos agricultores, “esmagados” pela monocultura, arrendam ou vendem suas terras, resultando num grave problema que afeta o município: a falta de emprego. Muitas famílias e grande parte dos jovens veem como única alternativa abandonar o interior e migrar para centros urbanos em busca de melhores condições de vida, caracterizando assim um alarmante quadro de êxodo rural.

Aos que decidem continuar no município, restam poucas opções empregatícias. Uma das mais acessíveis é o trabalho para os granjeiros, como são chamados os latifundiários da soja. No entanto, apenas uma minoria desses trabalhadores possui carteira de trabalho assinada, os demais trabalham sem nenhum

registro, apenas com contratos “de boca”, tornando-se reféns dos abusos cometidos por seus empregadores, já que desconhecem seus direitos.

Contudo, as questões socioeconômicas estão longe de serem os únicos problemas potencializados pelo advento da soja. Com o crescimento das áreas de plantio da leguminosa, desequilíbrios ambientais como o desmatamento, até de matas ciliares, vêm se agravando a cada dia. Milhares de árvores são derrubadas sem licenciamento e a poluição das águas por meio do uso exacerbado de agrotóxicos também tem se tornado um fator preocupante, prejudicando a vida humana e animal.

Outro fator que impacta negativamente no que tange aos mananciais é a drenagem dos banhados, uma das alternativas encontradas para ampliar as terras cultiváveis. Somam-se a isso os pivôs de irrigação, que, sobretudo, nos períodos de estiagem, retiram água do rio para irrigar as lavouras e garantir a produtividade.

O rentável grão, portanto, desenha em Jacuizinho um quadro semelhante ao que a mineração desenhou em Minas Gerais: o enriquecimento de um seleto grupo, o empobrecimento da maior parte da população e a degradação ambiental. Tal cenário precisa ser revertido urgentemente através de políticas públicas que primem pelo desenvolvimento socioeconômico, incentivem o pequeno produtor a permanecer no campo e a diversificar sua produção e respeitem o meio ambiente.

Os Monges pagaram com suas próprias vidas o alto preço por lutarem por tais ideais. Enquanto isso, a semente do ouro reina cada vez mais absoluta, na ilusão de que é possível cobrir com dinheiro seu rastro de destruição.

Professora: Gisele da Rocha  
Escola: E. E. M. Menino Jesus – Jacuizinho (RS)

80%

Aluna: Denize Brito Silva

O Brasil é um país privilegiado pela quantidade de água doce que possui. No entanto, em nosso país, não tenho notado, por parte de um número significativo de brasileiros, a valorização desse recurso natural tão precioso. Propagandas diárias relatam, a todo o momento, informações sobre a escassez e a preservação da água, como também do meio ambiente. Mesmo assim, o homem se mostra indiferente a esse contexto.

Em Gandu, município do Baixo Sul da Bahia, às margens da Rodovia BR-101, com população de aproximadamente 32.000 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2015), questões relacionadas à preservação do meio ambiente sempre levantaram polêmicas entre os moradores da pacata cidade interiorana que tem sua economia impulsionada pela cultura do cacau.

Na capital cacauzeira, como é conhecida minha cidade, um projeto de implantação de saneamento básico foi enviado à Câmara de Vereadores da atual gestão, para ser votado. Com a aprovação e implantação desse projeto, na fatura mensal do consumo de água, segundo a Empresa Baiana de Saneamento Básico (Embasa), seria cobrada uma taxa fixa de 80% sobre o valor total consumido.

Em minha pequena Gandu, não se ouvia falar em outro assunto nas emissoras de rádio local, nos *blogs*, nas redes sociais, nos grupos de amigos da escola, nas igrejas, ou seja, em toda a comunidade. Parte dos moradores se manifestou a favor do projeto, alegando que ele traria desenvolvimento para o município principalmente com a implantação de indústrias. Já outros conterrâneos, se posicionaram de forma contrária, usando o argumento de que não teriam condições de pagar pelo serviço.

Dados do IBGE (2015) e do Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento (SNIS) apontam que apenas um em cada quatro municípios baianos, tem esgotamento sanitário instalado. Assim, a metade dos domicílios do Estado descarta dejetos de forma inadequada.

O que chamou minha atenção diante de toda essa polêmica, foi que, com a aprovação do projeto, teríamos a oportunidade de salvar o Rio Gandu, que passa por todo o território ganduense e leva seu nome. Esse afluente, segundo relatos, já foi espaço de diversões para crianças aprenderem a nadar, lavadeiras exibirem suas cantorias e do pescador tarrafeiro. É preciso lembrar, que nesse símbolo histórico, também é despejado grande parte do esgoto das residências. Além do mau cheiro, ele transformou-se

em fonte de doenças transmitidas principalmente por insetos, trazendo grandes riscos para aqueles que residem em suas margens.

Em entrevista, o vereador Wendel Reis, deixou claro que votou pela implantação do projeto de saneamento básico, entendendo que se tratava de questão de exigência ambiental de saúde pública. Para o vereador, de acordo com a Lei Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, é necessário focar na questão ambiental, preservar os mananciais e tratar a água como um bem comum.

Já, segundo o depoimento do vereador Gilvânio Lima Santos, antes de se posicionar contrariamente ao projeto, foi feita uma pesquisa de opinião pública, por meio de questionário, na qual se entrevistou parte dos moradores, e como resultado 80% da população opinou pela rejeição do mesmo, por considerar o percentual abusivo. Gilvânio ressaltou que antes de a proposta ser derrotada na Câmara Municipal, foram realizadas audiências públicas para tentar reduzir a taxa. Não obtendo êxito, grande parte do legislativo, optou por ficar a favor da maioria da população.

Após refletir sobre o discurso dos vereadores e a situação do rio, mantenho a minha posição favorável à minoria que apoiou o projeto, pois, acredito que saneamento básico é sinônimo de qualidade de vida e evolução. Penso que pagar um pouco a mais seria investir em nossa Gandu. Minha amada cidade teria um referencial positivo, evitaríamos a proliferação de doenças, preservaríamos o meio ambiente e, acima de tudo, seria a oportunidade de revitalizar o Rio Gandu. Mantenho a esperança que em breve este ou outros projetos semelhantes possam ser votados para, salvar nosso rio, o qual faz parte da história dos moradores e já foi cenário de grandes alegrias.

Professora: Lindaura Bomfim de Jesus Costa  
Escola: Centro Territorial de Educação Profissional do Baixo Sul – Gandu (BA)

## Os dois lados da moeda em terras Guarani Kaiowá

Aluna: Isabela de Oliveira Marques

Nos últimos dias a cidade de Caarapó, localizada no Estado do Mato Grosso do Sul, tem acompanhado de perto a disputa acirrada de terras entre índios, fazendeiros e sitiantes. Travou-se, uma batalha envolvendo demarcações de terras e derramamento de sangue. De um lado estão os indígenas Guarani Kaiowá, assegurados através da Constituição Federal de 1988 e do Estatuto do Índio (Lei nº 6.001/1973) que concede a eles o direito à terra; do outro, estão os fazendeiros e sitiantes que adquiriram suas terras de forma legítima e com o esforço de seu trabalho e suor.

De acordo com o Decreto-Lei assinado momentos antes do afastamento da presidente do Brasil Dilma Rousseff – “Decreto que institui a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas” –, as terras demarcadas pertencem aos índios. Porém, não houve um estudo aprofundado para que tais terras fossem divididas de forma justa. Contrariando assim, a política da boa vizinhança, ou seja, travou-se um conflito armado: flechas, fuzil, veículos incendiados, barricadas, animais mortos e sangue de inocentes derramado em solos onde outrora pairava a sustentação de sonhos e ideais de vida.

Estamos falando de indígenas que estão lutando pelos seus direitos, passando por cima dos direitos dos fazendeiros e sitiantes da região. O certo é que está constituída por lei a posse das terras indígenas e, segundo a antropóloga Tatiana Klein, do Instituto Socioambiental (ISA) que acompanha o conflito, “a estratégia dos Guarani Kaiowá de realizar retomadas é histórica, porque simplesmente não aguentam mais esperar”. Mas isso não deve ser usado como justificativa para dar início a um conflito, colocando em risco não só a vida dos envolvidos, mas também a dos moradores da região.



Nossos agricultores tiveram suas residências saqueadas, destruídas e incendiadas pelos ataques, suas plantações foram inutilizadas. Os patrimônios conquistados com muito esforço e o lucro advindo da produção de suas terras foram perdidos. E agora: quem irá pagar as contas em seus vencimentos? Como ficarão nossas riquezas que sempre foram exploradas e exportadas gerando renda ao nosso município?

É necessário discutir e repensar a atual conjuntura política, onde o direito à terra está assegurado e o direito à vida faz parte das regras de convivência e é um direito constitucional. Uma iniciativa favorável, que soa como um norte, foi a realização das consultas regionais, envolvendo a Funai, o Ministério do Meio Ambiente e os movimentos indígenas. Estas consultas tiveram como foco debater e apresentar propostas que visem assegurar o uso sustentável dos recursos naturais. No entanto, ao povo, resta aguardar que as autoridades superiores intervenham nessa situação, tendo esperança que de lá venha a verdadeira justiça, de forma que haja harmonia e paz para os dois lados envolvidos no caso apresentado.

Professora: Eucinéia Artheman de Melo Menegatti  
Escola: E. E. Professor Joaquim Alfredo Soares Vianna – Caarapó (MS)

## Faxinal: um futuro em xeque

Aluna: Crislaine Leticia Vereta

“Animais soltos... Atenção na estrada!” Faço parte da pequena Rebouças, cidade com poucos habitantes, e a maioria residente em comunidades rurais. Na passagem que liga cidades vizinhas, mantém-se um dos únicos faxinais em exercício na região. Habitado por pessoas humildes, que apostaram no bem comum e cederam suas áreas de plantio para favorecer a intensa produção de suínos e carneiros, aqui se encontra Salto.

E a questão que vem gerando polêmica entre os moradores é quanto à permanência, ou não, do sistema faxinalesco na comunidade, devido à baixa fonte de renda da maioria dos moradores. Nesse sentido, alguns deles alegam que a intensa criação coletiva de animais restringe áreas de plantio, que gerariam maior renda individual.

Em contrapartida, o faxinal é um lugar histórico e curioso, onde os animais têm infinitas áreas para percorrer, por toda a vizinhança. Para identificá-los, o dono faz uma marca que apenas ele reconhece, sendo furos ou cortes característicos na orelha.

Todo o espaço é demarcado pelos chamados mata-burros – uma ponte com trilhos de madeira para impedir que animais ultrapassem. Pátios cercados, com pequenas ripas de madeira aos redores das casas e belos jardins, demonstram zelo e cuidado com a propriedade, embora não signifique que há incômodo quanto às criações por parte das pessoas.

No entanto, a pouca área restante para plantio que garanta renda para sobreviver vem preocupando os moradores de Salto, pois o lucro adquirido durante o ano provém basicamente das colheitas de batatas, em terrenos de grandes produtores das cidades vizinhas. O esforço é grande, pois saem cedinho, por volta das cinco horas e retornam somente à noite, trabalho que é recompensado, visto que gera uma renda extra na hora de fazer o rancho do mês. Todavia, um entrave surge ao chegar os meses de julho, agosto e setembro, quando os trabalhadores ficam desempregados, ocorrendo pressão por parte dos latifundiários para invadir as terras do faxinal.

Devido a isso, os riscos de ser extinto nosso faxinal aumentam. Além disso, há outros agravantes, como o constante desaparecimento de animais, os prejuízos com as poucas plantações existentes, pois ao mesmo tempo em que as verbas para a construção de cercas não vêm com regularidade, falta organização e dinamismo da Associação de Moradores para sanar o problema, coletivamente.

Por outro lado, há de se pensar o faxinal como um centro histórico, repleto de tradições que merecem ser preservadas. Segundo o professor Jey Marinho de Albuquerque, que estuda a comunidade há tempos, tendo publicado dissertação de mestrado e tese de doutorado sobre o assunto, o faxinal deve continuar existindo, mas reconhece a necessidade de dinamismo, tanto na questão ambiental, com proteção das espécies existentes quanto na parte econômica, com a geração de renda para os moradores, uma alternativa seria os extrativos vegetais, como o adensamento da erva-mate. Um assunto primordial para a valorização do sistema faxinalesco é aquele que consta em lei desde o ano de 1997, a proibição do desmatamento da cobertura vegetal, predominante de araucárias na região e da erva-mate nesta comunidade, pois os faxinais são protegidos por serem Unidades de Conservação.

Enquanto isso, as novas ideias de mudanças e modernização, que motivaram o fim de muitos faxinais da região, rodeiam Salto, contrapondo-se aos moradores mais antigos que almejam a continuidade de suas tradições.

Por fim, o futuro de nossa comunidade está nas mãos dos jovens. Será que este é o começo do fim?

Diante dessa inquietação, faz-se necessária a compreensão de nossa comunidade como centro de pesquisa, que requer investimentos por parte da prefeitura e do Estado, além de boa vontade dos moradores em melhorá-la e torná-la um lugar agradável, de convivência, tradições e expectativas de futuro.

Professora: Maria Silmara Saqueto Hilgemberg  
Escola: Colégio Estadual de Faxinal dos Francos – EFM – Rebouças (PR)

## Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão?

Aluna: Giovana Gomes Porn

A reforma agrária almeja uma distribuição de terras mais justa, na tentativa de reverter as injustiças do passado, praticadas desde a colonização. Porém, ainda há grupos que repudiam esse movimento, dificultando essa mudança. No entanto, a realização da reforma agrária é extremamente necessária por tratar-se de uma maneira eficaz de combate à desigualdade social, principalmente no Brasil, onde esta é imensa.

O Assentamento Oito de Abril, em Jardim Alegre, município paranaense, serve como exemplo nesse sentido. A Fazenda Sete Mil, latifúndio de aproximadamente 14.000 hectares, foi ocupada em 1997 pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Após anos de conflitos e resistência, em 2004, foi liberada a distribuição de lotes, surgindo, assim, o assentamento que possui 555 famílias. O que antes era apenas uma das inúmeras fazendas improdutivas de um grande latifundiário, hoje é meio econômico, social e cultural para essas famílias. Percebemos assim um exemplo de que o acesso à terra pode contribuir para diminuir desigualdades, implantadas historicamente no Brasil.

Vale ressaltar que os integrantes do MST almejam essa mudança social por questionarem essa injustiça histórica. Sabe-se que a raiz desse problema agrário está relacionada ao processo histórico de colonização do Brasil, desde o sistema de capitanias hereditárias, pelo qual poucas pessoas recebiam grande parte das terras, impossibilitando o acesso para a maior parte da população brasileira. A consequência é constatada atualmente, pois, segundo João Pedro Stédile, economista brasileiro, o Brasil ainda se mantém como um dos países de maior concentração de propriedade de terra. Esse fato não pode ser perpetuado.

Apesar do amplo debate sobre o tema, as opiniões divergem. Há quem diga que as manifestações do MST são equivocadas, com violência e destruição de propriedades. Porém, não se pode generalizar. Em todos os lugares, nos movimentos sociais ou em qualquer outro tipo de organização, há pessoas com diferentes ideologias e objetivos. Porém, não é a presença deles que se deve tirar o mérito de um movimento social organizado, que busca a igualdade por meio da luta pela e na terra.

Além disso, acontecimentos, inúmeras vezes, são distorcidos e manipulados pela mídia. Por defenderem os interesses da elite, esses meios de comunicação alimentam boa parte da mentalidade preconceituosa e odiosa em relação aos setores populares, como o MST. Dessa forma a transformação é mais desafiadora, pois lutamos contra forças gigantescas.

Para que a reforma agrária seja efetivada, não basta apenas distribuir terras. São necessárias políticas públicas que proporcionem, aos pequenos produtores, condições de desenvolvimento e de produtividade. É fundamental ter o apoio do governo nos problemas enfrentados pelos assentados, como falta de infraestrutura, estradas intransitáveis, necessidade de assistência técnica, serviços precários de saúde e de educação, com difícil acesso. No Assentamento Oito de Abril, todas essas dificuldades também estão presentes.

Portanto, repito, não basta focar somente nos aspectos quantitativos, como o número de famílias assentadas, é imprescindível ocupar-se também dos aspectos qualitativos, objetivando o desenvolvimento organizado e sustentável do assentamento de forma plena.

Todo projeto de mudança social traz divergências, como ocorre com a reforma agrária. De um lado, milhares de pessoas buscam a inclusão por meio do direito à terra e vida digna. Para isso, necessitam de políticas públicas que efetivem essa possibilidade. Porém, por outro, o poder público falha no que se refere a esse projeto, tendo ainda a pressão de certa parcela da elite que defende o acúmulo de latifúndios, proporcionando, assim, a exclusão de milhares de brasileiros. Afinal, qual é a função social da terra: incluir ou excluir? Apenas dar a terra, sem proporcionar os instrumentos de desenvolvimento nela, é inclusão ou exclusão mascarada?

Professora: Flavia Figueiredo de Paula Casa Grande  
Escola: Colégio Estadual do Campo José Marti – EFM – Jardim Alegre (PR)

## Intervenção divina nas festas dançantes de Itarema?

Aluno: Luiz Rodrigues de Oliveira Neto

No ano de 2014, foi promulgada em minha cidade uma lei proposta pelo então vereador João Silveira na Câmara Municipal, que vinha levantando discussões na esfera política e dividindo opiniões da população. Tal projeto consistia na proibição de festas dançantes de qualquer natureza durante o período dos festejos da santa padroeira da paróquia de Itarema no decurso do mês de outubro. Os citados festejos, contudo, compõem uma tradicional herança itaremense, de modo a atrair turistas e feirantes de todo o Brasil e até do exterior.

Entre o senso popular, é comentada uma suposta redução no número de ocorrências de casos envolvendo mortes e outros tipos de violência na época da festa no último ano (2015), haja vista que antes de a lei ser aprovada, o município apresentava vários acontecimentos violentos, tendo, até, óbitos e acidentes ao final desse período festivo, ao passo que, ultimamente, acredita-se que houve significativa diminuição dos índices criminais.

Todavia, de acordo com dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, em outubro de 2015 (ano em que a lei passou, de fato, a vigorar) foram computados apenas dois óbitos em decorrência de causas externas (a exemplo de acidentes no trânsito e homicídios), somente uma morte a menos que em 2014 e a mesma quantidade de 2013, no mesmo mês, evidenciando que tais números apresentam um relativo equilíbrio mesmo antes da promulgação.

Os frequentadores assíduos dos ritos religiosos de outubro defendem essa medida, alegando melhorias na segurança e maior liberdade para transitar pela cidade enquanto se realizam tais celebrações. Assim, de acordo com a opinião de um membro representante de trabalhos pastorais paroquiais, o referido projeto foi de grande valia, obtendo resultados exitosos e satisfazendo tanto aos fiéis devotos da padroeira, quanto aos aspectos relacionados ao comércio.

Por outro lado, donos de danceterias, seus adeptos e cidadãos não católicos protestaram contra a proposta, evidenciando respectivamente prejuízos em seus empreendimentos, o fim da comemoração no feriado prolongado e parcialidade por parte do poder municipal. Os comerciantes, em geral, também se opuseram, pois eles deixaram de lucrar, e a economia local perdeu muito capital.

O que pouco se comentou, seja na Câmara, seja nas ruas, foi a relação da referida lei municipal com a Constituição Federal. Deveras, tendo em vista que o Brasil é declarado Estado laico (sem religião oficial) desde 1924, tal medida foi, a meu ver, inconstitucional, pois a partir do momento em que se outorga uma lei favorecendo a “sociedade católica”, em detrimento de outrem, ferem-se automaticamente os princípios constitucionais da nação.

Com efeito, é frustrante o fato de que quando um órgão tão dormente como a Câmara de Vereadores de Itarema se põe em ação, resulte nessa afronta ao Artigo 19 da Constituição Federal. Ademais, é lamentável mencionar que foi necessária uma “intervenção divina” (há quem, de fato, creia nisso?) para controlar a fúria da marginalidade presente em um lugar outrora tão pacato.

Coloco-me, pois, contra o outorgamento justamente por sua aparente ilegitimidade e parcialidade, traíndo diretamente o código legislativo brasileiro. Dessa forma, para manutenção e aperfeiçoamento da “segurança” que se instaurou na cidade, penso que a melhor e mais correta opção seria a intensificação do policiamento na área urbana, o que concerne dever das autoridades públicas e direito da população de usufruir do momento, que por sua vez, religiosa e culturalmente realiza-se anualmente, atraindo, visitantes e filhos da cidade, que aproveitam a ocasião para o desfrute do que é considerado “santo e profano”.

Professor: José Ivaldo Bleasby Freires

Escola: E. E. M. Liceu de Itarema Valdo de Vasconcelos Rios – Itarema (CE)

# Alguma coisa acontece em Sampa


Aluna: Paula Floriano de Aguiar

Sempre que ando pelas ruas da minha cidade sou despertada de um sonho por sentimentos contraditórios: o deslumbre e a decepção. Quem nasce na periferia desta célebre metrópole acaba criando uma imagem idealizada do centro, já que São Paulo tornou-se, ao longo das últimas décadas, cenário de novelas de sucesso e de campanhas publicitárias. Por um lado, um perfeito retrato do progresso: edifícios suntuosos, comércio fervilhante, *shoppings* e monumentos históricos. Por outro, desrespeito ao meio ambiente, problemas sociais e dinheiro público sendo empregado, muitas vezes, em obras urbanísticas mal planejadas e executadas.

O Elevado Presidente João Goulart, antigamente batizado como Costa e Silva, é um dos exemplos de grandes construções que provocam divergências a respeito de sua utilização e importância para o deslocamento urbano. Mais conhecido como Minhocão, ele possui 3,4 quilômetros de extensão e foi inaugurado em 1971, durante o mandato de Paulo Maluf (1969-1971), para fazer parte da ligação Leste-Oeste. Suas quatro faixas começam no bairro de Perdizes e terminam na Praça Roosevelt.

Antes mesmo de ser erguida a primeira viga, o projeto não foi bem recebido pela população devido aos impactos negativos à região, principalmente no que se refere à desvalorização imobiliária e comercial. Além disso, a Avenida São João, que tanto inspirou o compositor Caetano Veloso na homenagem a São Paulo na canção “Sampa”, foi praticamente sufocada por tanto concreto suspenso. Nos versos: “... É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi / Da dura poesia concreta de tuas esquinas...”, se revela o desencanto de um baiano recém-chegado, o próprio Caetano, diante da realidade urbana. Isso porque há inúmeras reclamações acerca da poluição sonora e da do ar, visto que, em alguns trechos, as janelas estão a cinco metros de distância da construção, fato que gera danos à saúde e à qualidade de vida dos habitantes dos arredores.





Apesar dos transtornos, o elevado é defendido veementemente por quem o atravessa diariamente de carro em direção ao trabalho. Seguindo a uma velocidade constante e com os vidros fechados, praticamente não é possível reparar em buracos, ruídos, ambulantes, pedestres, usuários de drogas e desabrigados. Todavia, logo abaixo do elevado, esses elementos tomam forma e o descaso ressurge aos olhos de todos. Sem falar nos constantes congestionamentos durante o horário de pico.

O Minhocão representou, durante algum tempo, uma forma de atender às necessidades de mobilidade dos paulistanos. Porém, a crença de que ele é indispensável para atravessar a cidade e de que está intrinsecamente vinculado à mobilidade urbana dos paulistanos não pode ser mantida, considerando-se a tendência das grandes metrópoles de investirem cada vez mais em ciclovias e transporte coletivo visando menor impacto ambiental. Também, de acordo com a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), circulam pela via aproximadamente 6.000 veículos nos horários mais movimentados, o que poderia ser facilmente realocado pelas avenidas do entorno ou por outras regiões.

Haja vista que o fechamento do Minhocão aos domingos, aos sábados a partir das 15 horas e de segunda à sexta-feira depois das 21h30, vem sendo aproveitado de forma totalmente espontânea pela população como um ambiente de lazer e descontração. Com isso, muitos indivíduos defendem a transformação definitiva desse espaço em um parque.

Entendo, portanto, que a readequação do Elevado em um parque é a melhor escolha, pois demolir representaria mais gastos aos cofres públicos e manter a situação como está não seria benéfico aos moradores da região. São Paulo é multifacetada: pode ser cinza ou colorida, triste ou cheia de vida, calma ou dinâmica. Conforme os versos de Caetano: "... Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas / Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços...", nós merecemos uma cidade mais limpa e com paisagem mais agradável.

Professora: Aline Izabel Alves  
Escola: Escola Técnica Estadual Jaraguá – São Paulo (SP)

# O amargo sabor da castanha

Aluno: Jônatas Oliveira de Farias

Jacaraú é um município paraibano, localizado próximo a João Pessoa, capital do Estado, com população de aproximadamente 15.000 habitantes. Nos últimos anos o pequeno município ficou conhecido como “Terra da castanha de caju”, produto que movimenta parte significativa da economia municipal, todavia, a castanha tão saborosa que consumimos esconde um grave problema: a mão de obra infantil que emprega. O trabalho com esse produto, apesar de gerar renda para centenas de famílias jacarauenses, está estimulando o aumento do índice de crianças expostas diariamente ao trabalho braçal, cada vez mais cedo.

Ainda que algumas pessoas possam afirmar que o trabalho precoce seja benéfico para a formação do jovem, fazendo-o valorizar cada conquista, a verdade é que, segundo o Art. 60 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “É proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos, salvo na condição de aprendiz”. Quando autorizado, o plano de trabalho deve ser compatível com os princípios dessa lei e não pode, em hipótese alguma, expor a criança a situações que apresentem perigo, como as encontradas na produção da castanha.

Minha preocupação começou a crescer a partir do momento em que fui pesquisar sobre o assunto para um trabalho escolar. Juntamente com um grupo de amigos, visitamos famílias que trabalham com a produção da castanha nas redondezas da cidade. Na ocasião, não imaginava a real proporção do problema: cinco de oito famílias entrevistadas afirmam utilizar mão de obra infantil, dos seus próprios filhos, e disseram que muitos deles começam a trabalhar com apenas 3 anos.

As condições de trabalho que esses menores enfrentam são um ponto a considerar, visto que muitos colhem, assam e quebram a castanha sem nenhuma proteção. Crua, a castanha solta um tipo de óleo ácido, o Líquido da Castanha de Caju (LCC) que provoca queimaduras, alergias e pode, a longo prazo, apagar as digitais das crianças. Além disso, a queima pode causar acidentes, sobretudo, com crianças pequenas.

É importante destacar, contudo, que a atividade com a castanha de caju, garante a renda familiar mensal de grande parte dos moradores locais, a senhora Maria das Graças, que trabalha quebrando castanha há dez anos, nos disse que sem esse trabalho, não sabe o que fazer para se sustentar. Nesse contexto, apesar dos problemas que envolvem essa atividade indispensável na comunidade, pois, se ela não existisse a taxa de desemprego atingiria boa parcela dos residentes locais envolvidos com a castanha. Constatei também que existem famílias que trabalham com a castanha há vinte anos, sem nenhum benefício, e se por algum motivo fossem impedidos de trabalhar, estariam em total desgraça, pois não possuem nenhuma qualificação profissional.

Posso concluir que o problema é enorme e de difícil solução. No entanto, um grande projeto que envolva os setores da sociedade, desde o cidadão comum até as autoridades constituídas, passando pelas ONGs e associações de toda ordem, pode ser o início da resolução do problema. A implantação de uma fiscalização justa e precisa para evitar que essas crianças trabalhem, seria o fornecimento de transporte, saúde e educação de qualidade. É importante também constituir associações para legalizar o trabalho com a castanha inibindo então o trabalho infantil. Essas atitudes certamente minimizará o problema, afinal, como diz o provérbio português “Os fins não justificam os meios”.

**Professora: Andrezza Soares Espínola de Amorim**  
**Escola: E. E. E. F. M. Alzira Lisboa – Jacaraú (PB)**

## O palco Caldas Country além dos *shows* e águas quentes

Aluna: Brenda de Souza Soares

Pessoas de todas as partes do Brasil lotam a minha cidade durante o ano inteiro. O lugar onde moro é um dos maiores centros turísticos do Centro-Oeste, devido às águas quentes e à infraestrutura de hotelaria. As reservas naturais de águas termais fomentam a economia e favorecem a realização de grandes eventos em Caldas Novas. Porém, esse contexto de entretenimento, alimentado por grandes *shows* do segmento sertanejo universitário, tem causado muitos problemas à população.

O transtorno se deve à festa mais aguardada por aqueles que já se tornaram visitantes assíduos: o Caldas Country. Com mais de 30 horas de música, o evento reúne cerca de 50.000 pessoas por dia, todas ligadas a um só gênero musical. Sua fama teve alcance além das fronteiras da música brasileira e alcançou Estados Unidos, Paraguai, Uruguai e Argentina, o que lhe rendeu o título de maior festival de música sertaneja do mundo.

Além de superlotar os diversos camarotes e pistas de dança, os turistas hedonistas se relaxam nas piscinas de águas quentes. Entretanto, deixam a sujeira, trabalho com carga horária abusiva e a tão temida falta de água: chegamos a ficar dias sem água nas torneiras, porque ela é direcionada para os clubes e parques aquáticos. Outros serviços, como coleta de lixo e limpeza das ruas, ficam comprometidos nos bairros periféricos, e, outro problema, ainda, a dificuldade de locomoção, ir ao banco, à farmácia ou ao mercado no centro da cidade, fica impossível, a cidade fica intransitável, o que de certo modo cerceia o nosso direito de ir e vir.

Levando em consideração a expectativa que muitos ainda têm em relação à nossa região, penso que devemos visar o que a nossa cidade ainda tem a oferecer aos demais. Somos conhecidos pela qualidade dos nossos eventos e acomodações, mas onde está essa qualidade quando o assunto é a vida da nossa população? É possível equilibrar as duas coisas, receber grandes eventos sem causar danos aos moradores?

Aponto que sim. Acredito que devemos discutir, talvez por meio de audiências públicas, os pontos negativos do Caldas Country e propor saídas que visem adequá-lo ao bem-estar social da população.

Ressalto que, no lugar onde vivo ocorrem problemas que não têm perspectiva de serem resolvidos a curto prazo, pois a maioria dos habitantes enfrenta essa realidade com resignação, onde os políticos não apresentam interesse em bastar essa problemática costumando defender as regalias minoritárias de hoteleiros e empresários. Se houver interesse da sociedade civil organizada e da administração pública, podemos buscar juntos, isto é, por um viés democrático, o equilíbrio entre o que se entende por nossa vocação turística e pela garantia dos direitos daqueles que aqui moram e fazem a cidade funcionar – não apenas nos dias de festas –, pois o palco maior, que é nossa cidade, não pode ser ofuscado pela espetacularização da indústria do entretenimento, que beneficia alguns grupos e ignora o bem-estar da população, que é um direito universal.

Professor: Aldenir Chagas Alves

Escola: Centro de Educação de Jovens e Adultos Filostro Machado Carneiro – Caldas Novas (GO)

## Como em um conto de fadas!

Aluno: João Pedro de Souza Silva

Desde pequeno vejo histórias como a da Branca de Neve e me pergunto o quão verdadeira pode ser. Na região onde vivo uma das principais fontes de renda é o cultivo de frutas, e é aqui que começam as semelhanças entre o conto infantil e a nossa realidade. Um fato que chama a atenção é o número de pessoas com câncer em Marinópolis, atualmente com 250 casos da doença, correspondendo a quase 10% de sua população (segundo dados da Unidade Básica de Saúde Municipal) em tratamento em Jales ou Barretos, ambas com hospitais de referência no diagnóstico e tratamento da temível doença. Será que as deliciosas frutas produzidas com grande quantidade de agrotóxicos tem algo a ver com isso?

A resposta para essa pergunta pode ter sido dada por um recente documento divulgado pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca). De acordo com o estudo, entre os efeitos associados à exposição crônica a ingredientes ativos de agrotóxicos podem ser citados: infertilidade, impotência, aborto, malformação, neurotoxicidade, desregulação hormonal, efeitos sobre o sistema imunológico e câncer. Isso vale tanto para produtores, que estão em contato com tais produtos, como para os consumidores das delícias perigosas. Sem falar na contaminação de solo, ar, lençóis freáticos, rios...

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o setor de alimentos contaminados com agrotóxicos cresceu 190% nos últimos dez anos. Isso pode ser explicado tendo em vista as exigências de mercado, que só aceita produtos bonitos e graúdos, sendo assim necessário cada vez mais o aumento na quantidade de hormônios e agrotóxicos.

Na última semana, ocorreu em Palmeira d'Oeste, cidade vizinha a Marinópolis, a tradicional Festa da Uva, onde os produtores das duas cidades expõem suas famosas e grandiosas produções e também concorrem a prêmios. Foram três dias de eventos, que lotaram a cidade, com *shows* de artistas famosos e exposições. A grandiosidade da festa impressiona e atrai multidões. Andando por lá via-se uvas muito bonitas, que só chegaram a esse resultado através do intensivo uso de agrotóxicos. São frutos maravilhosos, conhecidos em todo o Brasil, mas um perigo oculto.

Em um município tão pequeno, mas que tem uma produção tão grande, e é reconhecido por isso, deveria haver mais agrônomos para orientar os produtores para um plantio consciente e saudável, porém

só há um, e atende a todos os agricultores, dificultando o acesso a técnicas mais modernas de produção de frutas que utilizam muito menos agrotóxicos.

O câncer é uma doença terrível que afeta uma quantidade de pessoas muito acima da média em Marinópolis. Isso poderia estar relacionado ao fato de que se localiza em uma região agrícola e que os produtores utilizam muito agrotóxico em suas plantações para obter frutas de boa aparência para a venda. Será que todos serão obrigados a comer frutas como a Branca de Neve, cheias de veneno e, diferentemente do conto infantil, não ter uma segunda chance?!

Assim como na história da princesa que comeu a maçã envenenada, vivemos em um mundo onde a madrasta é o mercado exigente que oferece frutas belas e altamente tóxicas ao mesmo tempo. A culpa não pode ser creditada aos produtores, pois eles não têm escolha, e necessitam se adequar ao modelo de exigência do nosso mercado consumidor.

Existem saídas sustentáveis e saudáveis, por exemplo, os frutos orgânicos, que são comprovadamente a melhor opção para nossa saúde.

A solução seria investir na formação de agricultores conscientes e responsáveis e também em infraestrutura e desenvolvimento tecnológico, o que permitiria alternativas sustentáveis para a produção responsável, pensando no bem comum.

Dessa forma, para que encontremos nosso final feliz e não nos ajoelheemos perante esses terríveis males, iguais ao câncer, devemos nos conscientizar de que nem tudo que é belo por fora é saudável por dentro. Se houver uma mobilização das pessoas (não comeremos com os olhos) e a saúde tornar-se prioridade e não fizermos como a infeliz Branca de Neve, talvez encontremos maior prazer em consumir frutas cultivadas organicamente e, assim, poderíamos viver com mais saúde e por mais tempo.

Professora: Elaine Pomaro  
Escola: E. E. Antônio Marin Cruz – Marinópolis (SP)

# Teu passado enobrece o teu presente, mas não impede o teu futuro

Aluno: Rafael Ramon Santos Sena da Silva

Uma das mais importantes cidades da Chapada Diamantina, Andaraí, situa-se na região central do território. Entre os séculos XIX e XX, o lugar e seus garimpos foram comandados por barões e coronéis. Hoje, só nos restam resquícios da época diamantífera e daqueles que se abrigaram na região. A cidade, em toda sua particularidade, apresenta casarões e praças com uma arquitetura colonial advinda ainda dos tempos de próspera mineração. Porém, nos últimos meses, nada próspera tem sido a concordância entre os moradores quando o assunto é a reestruturação urbana do município.

Parte da população defende o pleno tombamento de toda a cidade de Andaraí, assim como o já ocorrido com a turística Igatu, distrito do município reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2000, como patrimônio histórico nacional. Se contrapondo à ideia de adequar a cidade aos padrões contemporâneos, requalificando e aprimorando a infraestrutura do Centro Histórico, alguns moradores argumentam que qualquer tipo de mudança estrutural na arquitetura e nos monumentos coloniais pode ser vista como um desacato à memória e à identidade popular.

Ademais, a reestruturação das praças executada pela prefeitura, bem como a descaracterização das fachadas de casarões e ruas para a melhoria estética, além da construção de comércios modernos são avaliadas como medidas de ameaça à história do município. Entretanto, esquece-se que toda sociedade precisa de obras de intervenção e mobilidade urbana, haja vista a necessidade de formulação de projetos que visem a acessibilidade nas praças públicas e a requalificação, melhorando não só a aparência, mas a estrutura, já deteriorada com o tempo.



Dessa maneira, penso que não se trata de demolir o Centro Histórico, mas, aprimorá-lo da melhor maneira possível, buscando aliar a qualidade de vida ao contexto contemporâneo. “Quero que vocês saibam que a cada proposta apresentada respeitamos cada espaço e a história deste lugar”, ressaltou Maria Luiza Bicallho, arquiteta responsável pela reforma da Praça Aureliano Gondim. Com base nessa atitude, analiso a questão do tombamento – cogitada por parte dos habitantes – como um dispositivo legal que passou a ser visto, em senso comum, como a maneira mais eficaz e única de se preservar o patrimônio histórico-cultural, o que não passa de um grande equívoco.

A proibição de reestruturar uma fachada ou um casarão ameaça não só a liberdade individual do proprietário e do comerciante, como o desenvolvimento do município em vários aspectos. Acaba-se criando na cidade de Andaraí um “confronto” ideológico e estético entre o antigo e o novo, entre a arquitetura colonial e a contemporânea.

“Teu passado enobrece o teu presente / Construiremos com amor o teu porvir”, exalta orgulhosamente a letra do Hino de Andaraí, o que nos leva a um coerente questionamento: Será que para proteger a tradição municipal é necessário abster a cidade de qualquer forma de progresso? De fato, preservar a história local deve ser uma das principais pautas para o exercício da cidadania. Porém tenho a total convicção de que preservar o Centro Histórico, ultrapassa a ideia de conservar um cenário arquitetônico e monumental, uma vez que este deve ser aprimorado, pois influencia decisivamente na mobilidade urbana, na liberdade individual e na qualidade de vida da população.

Vale ressaltar a necessidade de um diálogo aberto entre os diversos setores da sociedade andaraiense, fazendo com que todos entendam que preservar o patrimônio transcende o sentido de “tombamento”. Além disso, cabe ao poder público promover políticas educativas a respeito da relação do município com sua história evolutiva, visando a requalificação e o desenvolvimento, não o retrocesso do lugar onde vivo.

Professor: João Lima Barbosa Neto  
Escola: Colégio Estadual Edgar Silva – Andaraí (BA)

## Escola apolítica ou a política na escola?

Aluno: Erisvaldo Ramalho dos Santos Junior

Devido à instabilidade política vivida no país recentemente, as instituições federais de ensino têm apresentado elevado grau de discussão com relação ao cenário político/governamental, promovendo eventos para tratar de assuntos que dizem respeito à população. Esse tipo de movimento engloba os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e, mais especificamente, o IFRN, Campus São Gonçalo do Amarante, instituição da qual sou aluno. Em consequência disso, emerge a questão: até que ponto é coerente fomentar esse tipo de evento e discussão? Alguns pais de alunos interpretam esses eventos como doutrinação ideológica, mas será que realmente se trata disso?

O posicionamento de alguns responsáveis por alunos é bem similar ao que se apresenta no projeto de lei que tramita no Senado Federal com a proposta apresentada pelo senador Magno Malta, também denominada “Escola sem partido”. Esse projeto de lei prevê caracterização de crime para aqueles que tratarem de questões polêmicas e políticas de cunho ideológico. Em síntese, pode-se afirmar que a ideia falha em pelo menos dois pontos: quando não expressa corretamente o conceito moderno de ideologia e quando fere a liberdade que deve caracterizar o processo de ensino-aprendizagem.

Inicialmente, pode-se destacar que o conceito atual de ideologia é bem diferente do que pensava Karl Marx ao defini-lo como um conjunto de ideias que têm como função manter a configuração de classe dominante e classe dominada. Atualmente, o termo é bem mais abrangente e pode ser caracterizado como um conjunto de ideias e convicções de um grupo, seja de cunho político, seja de cunho filosófico ou religioso. Assim, qualquer manifestação de ideias vinda de qualquer grupo é ideológica. Logo, é antidemocrático pensar em uma lei que censure esses tipos de manifestações, especialmente na escola, espelho da sociedade. Baseado nisso, o próprio projeto de lei é dotado de postura ideológica nas salas de aula, tendo em vista que prevê e dissemina um ideal de mudança de atitude do professor.

No que se refere ao ensino livre de ideologias, o educador Rubem Alves coloca que não há ciência imparcial, por mais exato que pareça um estatuto científico ele está carregado de ideias pessoais. Não é possível, caro leitor, produzir conhecimento sem refletir sobre a diversidade de vertentes ideológicas. Assim, proibir a reflexão seria o maior salto rumo à ignorância dado desde o golpe militar e a instauração da ditadura em 1964 no Brasil.

Desse modo, cabe pensar a escola como o palco do aprendizado, para o qual se mostram necessárias discussões salutares, sobre política ou qualquer outro assunto pertinente à formação cidadã dos alunos. A escola de que faço parte, diferente do que muitos possam pensar, não é alheia ao que acontece no mundo, o que nos leva a ser agentes de um processo político, não partidário, e não meramente expectadores.

O Grêmio Estudantil do IFRN, Campus São Gonçalo do Amarante, entidade que se origina dos movimentos estudantis e representa os estudantes dessa instituição, pode e deve organizar eventos para refletir o desejo insaciável dos estudantes representados de intervir na estrutura política local e nacional. Nesse sentido, o que se delinea na instituição, em termos de movimentos políticos, é uma necessidade dos estudantes atuarem de modo a proteger o direito a um ensino de excelência.

Portanto, não é correto usar o termo doutrinação ideológica para se referir às discussões políticas no interior da escola, já que ocorre, a bem da verdade, a demonstração mais ampla de liberdade e atuação estudantil. É inaceitável querer taxar a instituição de tendenciosa, uma vez que ela está aberta para que qualquer frente ideológica possa se manifestar. Nesse conflito de ideias, em que a diversidade de posições assume um caráter extremamente formativo, só não podemos negociar com o retrocesso.

Professora: Janaina Tomaz Capistrano  
Escola: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte,  
Campus São Gonçalo do Amarante – São Gonçalo do Amarante (RN)

## Estrangeiros no comando

Aluna: Mariani Marques da Silva

Na região do Alto Solimões, Extremo Oeste do Estado do Amazonas, localiza-se Tabatinga, município distante 1.108 quilômetros da capital, Manaus, que juntamente com as cidades de Santa Rosa, no Peru e Leticia, na Colômbia, compõe a chamada tríplice fronteira. Essa zona fronteiriça proporciona diversidade cultural muito grande, mas também gera muita polêmica, visto que parte do comércio municipal é tomado por peruanos, dividindo opiniões sobre a permanência desses estrangeiros na cidade.

De acordo com o presidente da Comissão de Defesa do Consumidor da Assembleia Legislativa do Amazonas, Marcos Rotta, os produtos peruanos adentram o solo brasileiro sem qualquer tipo de fiscalização, mas nenhum produto nacional sai do país e chega ao Peru ou à Colômbia sem passar por um rigoroso controle. Além disso, segundo Rotta, há suspeitas de que frutas e verduras estejam entrando no município recheadas de drogas. Esse dado nos mostra o perigo à saúde que o consumo desses produtos pode gerar, de modo que o comércio brasileiro torna-se muito mais seguro para os tabatinguenses. Por isso, defendendo que o consumo de mercadorias de tal procedência, deve ser evitado.

Outro dado relevante, apresentado pelo deputado estadual Marcos Rotta, é o de que há ruas com trinta comerciantes e apenas três são brasileiros, o restante de nacionalidade peruana. Essa informação ratifica o pensamento de que estrangeiros estão tomando conta do comércio de Tabatinga, instalando suas lojas e quitandas de forma ilegal, livre de burocracias e sem as devidas contribuições tributárias. Desse modo, é possível observar que os preços baixos ofertados por esses peruanos e sua ocupação desenfreada no mercado brasileiro são consequências da irregularidade e da sonegação de impostos. Com isso, temos disputa desigual, uma vez que os brasileiros são alvo de inspeções fiscais e sanitárias, o que acaba por encarecer nossos produtos. Para que seja possível oferecer preços competitivos é necessária uma diminuição no valor dos impostos e uma priorização por parte da população, estimulando a economia do município e fortalecendo o negócio local.

Muito embora parte da população tabatinguense seja passiva à comercialização dos produtos peruanos vendidos na feira municipal, devido à economicidade e à necessidade, como alegam muitos moradores. Esse é um posicionamento que deve ser repensado, pois prejudica a própria população, enfraquecendo a economia da cidade. A escassez de produtos de procedência nacional como, por exemplo, verduras, frutas e cereais ocorre pela dificuldade de acesso a Manaus e pelas péssimas condições das vias que levam até as áreas de cultivo da zona rural do município. Logo, medidas relacionadas à infraestrutura devem ser tomadas para solucionar os problemas decorrentes dessa realidade e, com isso, haverá diminuição na comercialização de produtos peruanos.

Nós, como tabatinguenses, devemos nos perguntar: “A quem estamos priorizando? Para qual público estamos gerando oportunidades?”. Por isso, o incentivo ao comércio brasileiro deve partir do próprio consumidor ao dar preferência a produtos nacionais e não pensar apenas no dia de hoje e em seu próprio benefício econômico, mas levar em consideração que o estímulo ao comércio peruano gera consequências a longo prazo, como a desvalorização do trabalhador rural tabatinguense e o declínio da nossa economia. Quanto ao comércio estrangeiro em Tabatinga, defendo que deva ser regularizado, para que estes sejam sujeitos às mesmas cobranças feitas aos brasileiros e assim, haja uma concorrência justa. Ademais, cabe ao governo contribuir para o desenvolvimento do município, proporcionando condições adequadas aos trabalhadores e melhorando o acesso às áreas rurais, de modo que haja movimentação na economia e os comerciantes da região tenham seu lugar no mercado.

Professora: Michele Mendes Rocha de Oliveira

Escola: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Tabatinga – Tabatinga (AM)

## Qlcracia

Aluna: Mariana Carolina Rezende

Guaxupé, Minas Gerais, mais especificamente no Sul de Minas. Minha cidade, meu lar, mas mesmo com essa imensidão de mundo e com minha vontade de conhecer cada cantinho dele, é ainda onde me sinto acolhida e em casa. Mas como todas as cidades pequenas, principalmente as que se localizam no interior, temos aqui alguns problemas típicos de municípios como esses. O que mais me intriga e me indigna é o paternalismo, mais conhecido como “coronelismo”.

O paternalismo consiste em relações sociais que são definidas por laços afetivos, como uma maneira de exercer o poder, fazendo desta forma com que uma pessoa seja beneficiada simplesmente por conhecer outra que está em exercício do poder. O oficial coronelismo, inserido no contexto brasileiro da Primeira República, inicialmente, eram alianças feitas entre candidatos a cargos do governo e coronéis, os grandes latifundiários da época. Por conta do poder fisiocrata, os coronéis possuíam o poder também por empregar um grande número de trabalhadores, que dependiam dele para a sobrevivência. Assim, por meio de chantagens e ameaças provenientes dos coronéis sobre o campesinato, um grande número de votos era conseguido; essa prática ficou conhecida como “voto de cabresto”. Além disso, eram feitas trocas de favores, onde o coronel ofertava aos eleitores bens de seu interesse para que votassem no candidato de seu almejo. Essa ação, que é tão comum em pequenas localidades, é o que compreendemos hoje como uma forma de corrupção: a compra e a venda de votos.

Não tão intensamente como antes, o paternalismo ainda é muito visto como uma concepção naturalista, ou seja, acreditavam que a posição de um indivíduo na sociedade já estava determinada desde seu nascimento, levando em conta seus valores religiosos e tradições sociais, além de justificarem divinamente, como se a posição privilegiada fosse uma “bênção” de um ser superior, enquanto os menos favorecidos não foram contemplados. Em decorrência disso, as injustiças sempre foram aceitas de forma banalizada e natural.

No contexto da sociedade moderna, não é tão explícito como antes, porém, ainda há raízes de gerações passadas que executaram tais ações. Em Guaxupé, as famílias, geralmente, possuem ou já possuíam alto poder econômico e influência na sociedade, mas exercem esse “benefício” de outra maneira. O exemplo mais comum da execução do paternalismo em meu município é ver a nomeação para cargos



(inclusive os de prestígio) e prêmios a pessoas que os detentores do poder – atuais coronéis do século XXI – julgam como competentes. Inúmeras vezes deparamo-nos com pessoas mal classificadas e despreparadas ocupando altas posições em grandes empresas por conta desse “mau hábito” que nos acompanha não apenas desde o coronelismo, mas desde a invasão, quando foi feita a divisão injusta do território brasileiro com as capitanias hereditárias.

Por conta dessas práticas, é notória a letargia no desenvolvimento humano de minha cidade. Nota-se também que há um grande impedimento nos investimentos locais por interesses dos poucos que mandam, pensando apenas em si mesmos e nos lucros, sem pensar em como isso beneficiaria a população menos privilegiada, a parte mais prejudicada com todas essas ações. Por isso, acentua-se a estratificação da sociedade, limitando ainda mais a possibilidade de mudança de posição por parte das famílias menos abastadas.

Infelizmente, a prática da Olcracia (regime do “Quem Indica”), não está presente apenas em minha cidade, mas no Brasil todo. Devemos, então, lutar por políticas públicas e privadas que selecionem seus profissionais, por meio de concursos, assim o paternalismo deixará de existir na região, e possamos viver em uma sociedade em que todos possam ter seu devido reconhecimento por seus méritos, conquistas e esforços. Que um dia essa geração de “coronéis disfarçados” acabe e dê espaço a uma nova geração, que seja capaz de reconhecer o melhor, não com avaliações baseadas no afeto, e sim nas capacidades e potencialidades do indivíduo. Utopia ou não, eu acredito.

Parafraseando Chorão: “Eu quero ver meu povo todo evoluir também, [...] eu quero ver meu povo todo prosperar também”.

Professora: Silvânia de Souza Abrantes  
Escola: E. E. Doutor Benedito Leite Ribeiro – Guaxupé (MG)

## Riqueza ameaçada: Açude Orós

Aluna: Layla Monique Nunes de Lima


O lugar onde vivo fica em meio ao sertão semiárido do Ceará, onde a mata seca predomina e o verde só se enxerga caso, por muita reza, a chuva venha molhar a terra. Esse lugar é também cercado por serras e montes, habitado por um povo humilde e alegre, que celebra e zela pela imensidão do açude Orós, o segundo maior do Estado, imagem rara deste árido pedaço de chão.

O nosso açude é ouro para os pobres, sustento para quem não tem o que comer, trabalho para o desempregado, banho para quem está suado, vida renovada para quem perde a esperança, fonte mantenedora da existência de um povo. O Orós traz consigo histórias, desde inundações até pouca água, mas que sempre satisfaz seus filhos pelo orgulho de termos um dos maiores reservatórios de água do Nordeste, suprimindo as necessidades de muitos com a capacidade de 2.100.000.000 de metros cúbicos de água.

Porém, tamanha riqueza está sendo ameaçada por quatro anos de seca e, ultimamente, pela retirada de água para a manutenção de atividades econômicas como a carcinicultura, criação de camarões em viveiros no litoral cearense, beneficiando os grandes empresários. Isso, é inaceitável, pois a população do município deve ser consultada antes de qualquer decisão que coloca em risco a sobrevivência daqueles que dependem diretamente das águas do Orós tanto para o consumo quanto para a economia da região. Por exemplo, o plantio de arroz, no distrito de Lima Campos, irrigado com as águas do açude, mas que hoje está inviabilizado pela falta de água, além da aquicultura, criação de peixes em gaiolas, a qual gera renda, pois emprega muitas pessoas no município. Além disso, as belas águas do açude atraem turistas de diversos lugares, que sustentam em grande parte a economia da cidade.

Infelizmente, sob protestos, a Companhia de Gerenciamento dos Recursos Hídricos do Ceará (COGERH) decidiu retirar sete metros cúbicos de água do açude até fevereiro de 2017, sem consulta popular. Tal decisão causa grande impacto pelo fato de o açude nesta data ficar com a sua capacidade abaixo de 20%, portanto, utilizando o volume morto.





Além disso, é questionável por toda e qualquer população consciente que a maior porcentagem da água retirada do nosso reservatório não seja para o consumo da população do interior e da capital cearense, mas para o processo de irrigação e criatório de peixes, beneficiando apenas as grandes empresas. Caso permaneçamos no ciclo de seca em 2017, sem um bom volume de chuvas, a decisão da COGERH já afirma graves consequências para o povo tão sofrido da região Centro-Sul, que depende das águas do Orós.

O imenso Orós, ainda, é a riqueza refletida no olhar de cada um que aqui vive. Ele simboliza a esperança que resiste à dureza da seca permanente. Nossa gente caminha tentando fazer sua parte para preservar nossa maior riqueza, para que a cidade de Orós seja reconhecida pela sua beleza e sustentabilidade. Desse modo, é inegável a conservação das águas do açude para o desenvolvimento humano.

Para mim, uma alternativa exequível, que deveria ser apoiada pelo governo, é a perfuração de poços artesianos no litoral e no interior, visto que a água do subsolo cearense tem alta taxa de salinidade, o que propicia fortemente a criação do camarão no Estado, para viabilizar tal atividade econômica, priorizando a utilização das águas do nosso açude apenas para o consumo humano. Ademais, outras regiões que necessitam do nosso açude devem procurar outras alternativas, como o racionamento de água, para continuar suas atividades.

Diante disso, além da alegria do carnaval que contagia, da cultura por meio da música popular de Raimundo Fagner, nosso conterrâneo, a cidade de Orós ainda preserva o que um bom lugar deve ter: o ouro das águas do açude com um povo que insiste em conservar suas tradições religiosas e valores éticos. Por isso, lutamos pela qualidade de vida, alertando a todos para o consumo consciente das águas do Orós e pela preservação ambiental deste lugar.

Professora: Maria das Neves Gonçalves de Almeida  
Escola: E. E. M. Epitácio Pessoa – Orós (CE)

## Por um pouso seguro das andorinhas

Aluna: Francisca Nágila Soares dos Santos

O Brasil é conhecido em todo o mundo, principalmente, por suas belezas naturais, que atraem muitos turistas. No entanto, nem todos os municípios desse país possuem belezas desse tipo ou até mesmo feitas pelo homem. É o caso de Regeneração, uma cidade com pouco mais de 20.000 habitantes, situada no Meio Norte do Estado do Piauí. Por esse motivo, qualquer novidade torna-se atração entre os moradores deste lugar.

Recentemente, centenas de andorinhas fizeram morada em uma frondosa árvore ao lado da igreja matriz, na praça central. A explicação, segundo a bióloga Elliana Muller, é que é a época da migração das aves que fogem do Sul para regiões mais quentes, como o Norte e o Nordeste do Brasil e duram pouco mais de um mês.

Quem já presenciou o voo desse tipo de ave, sabe que ele proporciona um espetáculo fabuloso! Para os moradores daqui, então, tornou-se o atrativo de todas as tardes durante o pôr do sol, horário em que elas retornavam do passeio diurno.

Apesar de todo encanto e beleza, as andorinhas começaram a incomodar, devido à grande quantidade de fezes que ficavam espalhadas pelo chão embaixo da árvore onde elas dormiam. Houve muitas reclamações por causa do mau cheiro e da aparência desagradável. Todos esses transtornos levaram o poder público a “cortar o mal pela raiz”, ou seja, foi feito o corte da árvore em que os pássaros se abrigavam.

Diante desse fato, os moradores tiveram opiniões diferentes. Os que se declararam a favor, afirmaram que já estava tornando-se impossível a convivência com todas as aves, pois o mau cheiro das fezes estaria afetando até mesmo os negócios dos vendedores de lanches que ficam próximo ao local. Também disseram ter medo de serem contaminados de alguma forma por esses animais.

Aqueles que se declararam contra, consideraram a medida absurda e desnecessária. Entendem que a população deveria ter sido ouvida. Trata-se de um assunto do interesse de todos, deveriam ter sido buscadas outras soluções que não agredissem o meio ambiente.

O secretário de Desenvolvimento e Meio Ambiente do município, José de Anchieta Moreira Soares, afirma que houve um equívoco na execução da medida, tendo em vista que a mesma previa apenas uma poda, o que permitiria a distribuição das aves, evitando, assim, a aglomeração.

A meu ver, em hipótese alguma, tal medida deveria ter sido tomada. É sabido que outros municípios, que passaram pela mesma situação, obtiveram resultados positivos utilizando produtos específicos para cobrir os excrementos deixados pelos bichos.

Precisamos aprender a conviver pacificamente com os animais; pois, de acordo com pesquisas realizadas, a destruição das florestas tem contribuído para que cada vez mais os bichos procurem os centros urbanos.

Além disso, ninguém precisa ficar preocupado em ser contaminado pelas fezes dessas aves, como explica o médico Stélio Fikaris, especialista em doenças infecto-parasitárias, os fungos e outros micro-organismos nocivos, existentes nas fezes e nos ninhos desse tipo de ave, não prejudicam a população.

Portanto, resta-nos esperar que no novo período de migração, que já está iniciando, autoridades e população tenham um pouquinho de paciência e permitam que as andorinhas possam ter aqui o seu pouso seguro, e nós, um belo espetáculo!

Professora: Leila Pereira de Araújo

Escola: Unidade Escolar Alberto Leal Nunes – Regeneração (PI)



Parceria



Coordenação  
Técnica



Iniciativa



Ministério da  
**Educação**

